

UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

**Oswaldo Moles:
O legado do radialista**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

BRUNO DOMINGUES MICHELETTI

São Paulo

2015

UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

**Oswaldo Moles:
O legado do radialista**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Antonio Adami.

BRUNO DOMINGUES MICHELETTI

**São Paulo
2015**

FICHA CATALOGRÁFICA

Micheletti, Bruno Domingues
Oswaldo Moles: O legado do radialista / Bruno
Domingues Micheletti – São Paulo, 2015.
247 f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Apresentada ao Programa
de Pós Graduação em Comunicação da Universidade
Paulista, São Paulo, 2015.

Área de concentração: Configuração de Linguagens e
Produtos Audiovisuais na Cultura Midiática.
Orientador: Prof. Dr. Antonio Adami.

1. São Paulo. 2. Rádio. 3. Publicidade. 4. História dos
Meios. 5. Cultura Popular. 6. Memória. I. Título. II. Adami,
Antonio (orientador).

BRUNO DOMINGUES MICHELETTI

**Oswaldo Moles:
O legado do radialista**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Adami
Universidade Paulista (UNIP)

Prof. Dr. Antonio Hohlfeldt
Pontifícia universidade Católica (PUC-RS)

Profa. Dra. Barbara Heller
Universidade Paulista (UNIP)

In Memoriam:
Regina Aparecida Barrios
Elza Françaço Domingues
Walter Françaço Domingues
Monique Savonitti
Ao casal Antonieta e Santos,
que se reencontraram em 2014

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à memória de todos aqueles que fizeram Rádio no Brasil, mas que muitas vezes tiveram sua história sub-registrada. Aos acervos que ainda estão nas casas e não catalogados e preservados devidamente nos museus. A memória viva de tantos artistas que carecem ser entrevistados. Dedico este trabalho as histórias do rádio que foram perdidas para sempre e aquelas que ainda deixam rastros e esperam com urgência a presença de pesquisadores da área para serem salvas.

AGRADECIMENTOS

À banca de defesa formada pelos professores: Dr. Antonio Hohlfeldt (PUC-RS), que se dispôs à viagem de Porto Alegre a São Paulo exclusivamente para participar da banca, resultando em grande contribuição para a redação final deste trabalho graças aos apontamentos que fez durante a qualificação e que carrega em seu nome uma importante e significativa parcela da história das Ciências da Comunicação no Brasil; Dra. Barbara Heller (UNIP), que além da admiração que tenho por seu pensamento e trabalho, tornou-me um feminista em suas aulas de gênero e tornou-se uma grande amiga com um enorme ouvido para horas difíceis no caminho da pesquisa; e Dr. Antonio Adami (UNIP), por me apresentar ao mundo da pesquisa em Comunicação e ao mundo do Rádio, com uma brilhante orientação durante esta jornada, que começou com a Iniciação Científica e agora se conclui em mais um ciclo, com o Mestrado. Neste espaço também deixo meus agradecimentos especiais aos professores suplentes que, se eu tivesse opção, também comporiam a mesa na data da defesa, devido à atenção e às contribuições que deram para esta pesquisa: Dr. Eduardo Paiva (UNICAMP) e Dra. Carla Montuori (UNIP).

À CAPES pelo ingresso no Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares (PROSUP), bolsa que permitiu a dedicação integral do meu tempo a esta pesquisa. Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Paulista - UNIP, por fornecer a oportunidade, estrutura e apoio necessários para a conclusão desta dissertação. Em especial, a todos os funcionários da Secretária da Pós Graduação que, de uma maneira muito rara entre os profissionais geralmente ligados a esses departamentos, foram extremamente solícitos e educados em todas as vezes que necessitamos de algum documento ou informação. Estes profissionais tornaram-se amigos no decorrer desta trajetória e deixo aqui registrado meu apreço a Marcelo, Vera, Bruno, Davi, Cristina, Fernanda e demais funcionários, além do Germano e da Andreia do departamento de pesquisa.

Ao Prof. Dr. Manuel Fernández Sande (UCM), grande amigo que me recebeu em sua casa na Espanha e me orientou durante o estágio de pesquisa

realizado na Universidade Complutense de Madrid. E à sua família: a esposa Iolanda e os lindos filhos Sofia e Jorge.

À Beatriz H. R. de Almeida Savonitti, sobrinha neta de Osvaldo Moles, que me concedeu acesso irrestrito ao espólio do radialista, com cartas, fotos, roteiros, recibos, documentos e objetos pessoais do pesquisado. A todos que entrevistei e/ou colaboraram de alguma forma com esta pesquisa, em especial os senhores Laudo Natel, Laerte Natel, Antonio Rizzo Filho, Jerson Ramos, Michael Serra, Zuza Homem de Melo, Thereza Pastore, Maria Isabel, Esterzinha de Souza, Mario Fanucchi, Marcelo Abud e Celso de Campos Jr..

A todos os colegas do PPGCOM-UNIP, em especial a eterna amizade firmada com Áurea Cardoso, Elaine Dias, Claudio Junqueira, Gláucia Jacuk, Sérgio Pinheiro, Lérida Malagueta, Cristiane Hyppolito, Vinicius Souza, Teder Muniz, Maria Isabel G. Franca, Jesuíno e tantos outros, que serei injusto de não registrar o nome neste espaço, mas têm lugar garantido no meu coração.

A todos os Mestres que passaram por minha vida, dentro e fora da academia e que não registro por nomes, pois certamente cometeria injustiças pela falha da memória momentânea.

Aos *Sem Donos Moto Clube*, que muitas vezes compreenderam minha ausência em seus encontros e nas outras em que fui, mas permaneci pesquisando no interior da chácara sede enquanto estes estavam na piscina... Agradeço também à comunidade *Brazil Rider's*, em especial aos amigos Márcio Melo, Vanderlei e Eduardo Ribeiro (Bareta) que me deram grande apoio em viagens para participação nos congressos da INTERCOM, nas cidades de Manaus e Foz do Iguaçu.

Às minhas avós Yolanda Vaz Ferreira Micheletti e Anéris França Domingues, que pacientemente abdicaram da minha presença em diversas ocasiões enquanto, em outras, me contaram histórias da São Paulo antiga que, sem dúvida, me ajudaram a imaginar a São Paulo de antigamente e suas transformações. À minha tia Tônia M. Micheletti Peron, que sempre demonstrou interesse em minha trajetória acadêmica e esteve presente até na minha banca de TCC.

À minha mãe Zulmira Françoza Domingues, que me ouviu pacientemente falar diversas vezes sobre Osvaldo Moles e se empolgou, junto comigo, com cada conquista e etapa vencida.

Ao meu pai, Antonio Orestes Micheletti, que me deu apoio, suporte e "paitrocínio", sem os quais teria sido muito difícil a realização desta etapa de minha vida. Com este eu aprendi a observar, compreender comportamentos de grupos e a perdoar, antes mesmo de entrar para academia.

Em especial a Karen Cristina Cruz de Souza, que contribuiu muitas vezes com ideias, compartilhou leituras e me deu forças para continuar em momentos que eu não tinha, tornando-se uma grande amiga, sendo eu, eterno devedor de sua dedicação e carinho.

A todos, muito obrigado!

"O Campo da Comunicação não é um lugar de freiras beneditinas."

Antonio Adami

RESUMO

Por meio do pioneirismo da obra de Osvaldo Moles, evidenciamos relevantes contribuições deste no rádio, jornalismo, literatura, cinema, publicidade e marketing político. Sua trajetória – que por vezes se mistura com a própria história de alguns meios de comunicação paulista e, mesmo, com o desenvolvimento da cidade de São Paulo ao longo do século XX – mostra como Osvaldo Moles foi um profissional multimeios, integrando seu trabalho às novas tecnologias, conforme estas passam a ser utilizadas. Produzimos um trabalho memorialista, com caráter biográfico, com base na metodologia da história oral e a análise documental, de fontes primárias e secundárias. Considerado sucessor de António de Alcântara Machado na literatura paulista e consagrado na PRB-9 Rádio Record de São Paulo a partir dos anos 1940, Osvaldo Moles logo percebe o potencial cômico de Adoniran Barbosa, criando dezenas de programas, personagens e algumas letras de músicas que fazem sucesso na voz do sambista "ítalo-caipira-paulistano".

Palavras-chave: São Paulo; Rádio; Publicidade; História dos Meios; Cultura Popular; Memória.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Troféus Roquette Pinto e outros prêmios conferidos a Osvaldo Moles	21
Figura 2 - Ilustração de Clóvis Graciano para a crônica “Recordação de Escola”	27
Figura 3 - Foto 3x4 de Osvaldo Moles	29
Figura 4 - Capa do livro <i>Piquenique Classe C</i>	30
Figura 5 - Detalhe da guia da capa e contracapa do livro <i>Piquenique Classe C</i>	30
Figura 6 - Autógrafos para Manezinho Araújo e Jânio (possivelmente Jânio Quadros).....	31
Figura 7 - Capa e Carteira de Identidade.....	32
Figura 8 - Capa e Carteira da PRB-9 Rádio Record	32
Figura 9 - Declaração da <i>A Eclética</i>	49
Figura 10 - Trajetória de Osvaldo Moles, escrita a mão – “Sapo” do <i>Diário Nacional</i>	51
Figura 11 – “Instalação” do Partido Democrático	52
Figura 12 - <i>O Estado de S. Paulo</i> – Desenho de Antonio Prado	54
Figura 13 - <i>Diário Nacional</i> - desenho de Mário de Andrade.....	57
Figura 14 - Linha do tempo década de 30 - <i>Diários Associados: Aquisição do Jornal Estado da Bahia</i>	61
Figura 15 - Capa do jornal <i>Correio Paulistano</i> – 25/01/1936.....	62
Figura 16 - Foto do radialista Osvaldo Moles que ilustra entrevista concedida para a <i>Revista do Rádio</i>	71
Figura 17 - Capa do álbum <i>Os Bichos da Roda</i>	73
Figura 18 - Dedicatória para Moles e Anita	73
Figura 19 - Número de série do álbum e assinatura de José Cláudio	74
Figura 20 - Detalhe dos bichos e seus respectivos números	74
Figura 21 - Xilogravura do Burro.....	74
Figura 22 - Osvaldo Moles com o livro <i>Piquenique Classe C</i>	77
Figura 23 - Osvaldo Moles autografando o livro <i>Piquenique Classe C</i>	81
Figura 24 - Exemplo de categorização: mesma entrada em duas metacategorias.....	82
Figura 25 - Foto de políticos ligados ao PRP, dirigentes e jornalistas do <i>Correio Paulistano</i> , entre estes Osvaldo Moles e Anita Ramos	109
Figura 26 - Paschoalina Moles ao lado de um casal que não reconhecemos	110
Figura 27 - Detalhe dos papeis timbrados da PRG-2 Rádio Tupi e da Assembleia Legislativa de São Paulo	112
Figura 28 – Porta retrato com fotografia do casal Anita Ramos e Osvaldo Moles	113
Figura 29 – Foto de Anita Ramos ainda adolescente.....	114
Figura 30 - Primeira edição da “Página Feminina” no <i>Correio Paulistano</i>	115
Figura 31 - Detalhe de exemplar do livro <i>Urupês</i> dedicado às “Três Ramos”	119
Figura 32 - Quadro de Monteiro Lobato dedicado “Ao Moles”.....	119
Figura 33 – Detalhe da dedicatória “Ao Moles” em quadro de Monteiro Lobato	119
Figura 34 - Detalhe do prêmio da APCA recebido por Anita Ramos em 1982	120
Figura 35 - Fotografia antiga da família Oliveira Ramos	121
Figura 36 - Fotografia antiga da família Oliveira Ramos 2	122
Figura 37 - Máquina de escrever pessoal, da marca <i>Remington</i> , de Osvaldo Moles	125
Figura 38 - À Esquerda o casal Osvaldo Moles e Anita Ramos jogando cartas com amigos	126
Figura 39 - Certificado do curso de “Técnica Letárgica”	129
Figura 40 - Certificado do curso de “Paro-psicologia e filosofia Yoga”	130
Figura 41 - Detalhe da publicidade em que Adoniran Barbosa aparece como um dos três “azes” da PRA-5 Rádio São Paulo.....	138
Figura 42 - Caricatura de Osvaldo Moles e outros diretores do C.P.C.C.....	140
Figura 43 - Roteiro <i>Programa de Natal</i> de Osvaldo Moles para PRG-2	144
Figura 44 - Osvaldo Moles e Adoniran Barbosa.....	146
Figura 45 - O radialista Octávio Gabus Mendes.....	147
Figura 46 - Adoniran Barbosa, Osvaldo Moles e amigos nas ruas de São Paulo.....	153

Figura 47 - Foto autografada de Nat King Cole para Osvaldo Moles	162
Figura 48 - Convite de Cassiano Gabus Mendes para Osvaldo Moles	163
Figura 49 - Reconhecemos o delegado Barros Jr. no microfone e Adoniran Barbosa ao fundo	164
Figura 50 - LP <i>Histórias das Malocas</i>	165
Figura 51 - Esterzinha de Souza junto ao espólio de Ciro Pereira, seu marido e também maestro da Rádio Record	166
Figura 52 - Maria Tereza Fróes, a Terezoca no programa <i>História das Malocas</i>	167
Figura 53 - <i>Prêmio Saci</i> pelo roteiro do filme <i>Simão, o Caolho</i>	180
Figura 54 - Prêmio Governador do Estado pelo roteiro do filme <i>Simão, o Caolho</i>	181
Figura 55 - Mario Nadeu, sócio de Osvaldo Moles na Morumbi Publicidade	183
Figura 56 - Vista aérea do Estádio do Morumbi na década de 1950	184
Figura 57 - Sentado à mesa está Antonio Rizzo e à sua direita está o Dr. Paulo Machado de Carvalho na sede do São Paulo F.C.....	185
Figura 58 – Em destaque temos Laudo Natel e Antonio Rizzo na sede do São Paulo F.C.	186
Figura 59 - LP <i>Bola no Barbante</i>	187
Figura 60 - Publicidade para venda das cadeiras cativas do Estádio do Morumbi (1953) ..	188
Figura 61 - Croqui publicitário original montado por Osvaldo Moles para a campanha de venda das cadeiras cativas do Estádio do Morumbi	189
Figura 62 - Recibo pela comissão da venda de cadeiras cativas assinado por Jerson Ramos	191
Figura 63 - Recibo pela comissão da venda de cadeiras cativas assinado pelo goleiro Poy	191
Figura 64 - Foto utilizada para divulgação na imprensa do jogo entre São Paulo F.C. e S.E. Palmeiras no “Estádio do Morumbi” em 1961	192
Figura 65 - Foto de Osvaldo Moles com terno branco alinhado, ainda jovem, caminhando pelo centro de São Paulo.....	193
Figura 66 - <i>Botton “O Candidato da Bola”</i>	196
Figura 67 - Trindade apoia Laudo Natel.....	196
Figura 68 - <i>Slides</i> de Laudo Natel para a campanha de 1964.....	197
Figura 69 - 1964 – Laudo Natel em campanha contra a poliomielite.....	200
Figura 70 - Carteira funcional de Osvaldo Moles como assessor do Governo do Estado de São Paulo.....	201
Figura 71 - Faleceu Osvaldo Moles: única notícia de sua morte	203
Figura 72 – Anita Ramos	205
Figura 73 - Solicitação para nomear a Rua Osvaldo Moles	206
Figura 74 - Osvaldo Moles em momento descontraído	207

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Registro de entradas da crônica "Piquenique Classe C"	82
Tabela 2 - Lista de músicas compostas por Adoniran Barbosa e/ou Osvaldo Moles gravadas pelos <i>Demônios da Garoa</i>	154
Tabela 3 - Listagem das músicas gravadas no LP <i>História das Malocas</i>	165

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	17
1.1. Metodologia.....	22
2. TRADIÇÃO PAULISTA E A INFLUÊNCIA MODERNISTA	26
2.1. Nasce Osvaldo Moles.....	26
2.2. Influências do rádio e do modernismo brasileiro.....	32
2.2.1. Brasil: uma questão culturalmente identitária.....	34
2.3. Modernismo brasileiro: proximidades políticas com a elite paulista	43
2.4. “Sapo” no <i>Diário Nacional</i> : a voz do Partido Democrático	48
2.4.1. A influência das viagens etnográficas de Mário de Andrade	57
2.4.2. Táxi para Bahia: Osvaldo Moles na cidade de Salvador	64
2.5. Em defesa da crônica como gênero jornalístico: a produção de Osvaldo Moles para mídia impressa	76
2.5.1. Osvaldo Moles no programa <i>Tele-romance</i> da TV Cultura	83
2.6. A estreia do Rádio: mediações do popular na cultura de massa	86
2.6.1. O uso do Rádio para fins ideológicos.....	92
2.6.2. São Paulo versus Getúlio Vargas	96
2.6.3. O rufar de um tambor tribal: PRB-9 Rádio Record e o engajamento da população paulista	102
3. FAMÍLIA RAMOS E A VIDA PESSOAL DE OSVALDO MOLES	107
3.1. Correio Paulistano e o namoro de Osvaldo Moles com Anita Ramos.....	108
3.1.1. “Página Feminina”, “Cinematographia” e demissões em massa no <i>Correio Paulistano</i>	113
3.2. A Família Ramos e Osvaldo Moles.....	120
3.3. Aproximações com a Primeira e a Segunda Guerra Mundial: <i>Tenho fome e A epopeia dos Apeninos</i>	130
4. A MUDANÇA DE MEIO: OSVALDO MOLES FAZ SUA ESTREIA NO RÁDIO PAULISTA	135
4.1. Afinidades carnavalescas entre Osvaldo Moles e Adoniran Barbosa na década de 1930	135
4.2. PRG-2 Rádio Tupi de São Paulo, “a mais poderosa emissora paulista”	140
4.3. PRB-9 Rádio Record de São Paulo, “A Maior”, “A que é porque é”	145
4.3.1. Octávio Gabus Mendes investe no talento de Adoniran Barbosa.....	147
4.3.2. Osvaldo Moles o “pai” de Adoniran Barbosa no rádio	151
4.3.3. Osvaldo Moles na “Maior”.....	158
4.3.4. Programa <i>História das Malocas</i> : uma década no ar.....	163
4.3.5. Moles, Adoniran e o Corinthians	168
4.4. PRH-9 Rádio Bandeirantes – <i>Ritornelo da Rua Paula Souza</i>	170
4.4.1. <i>Terra dos Bandeirantes</i> : uma São Paulo lírica e romântica	171
4.4.2. <i>Museu do Ipiranga</i> : Aulas de história irradiadas de maneira divertida.....	173
4.4.3. <i>História da Literatura Brasileira</i> : versões radiofônicas de clássicos da literatura.....	175
4.4.4. <i>Sistema RB-55</i> : Introdução dos blocos comerciais no Brasil	176
4.5. Osvaldo Moles e a sétima arte	177
4.5.1. <i>Simão, o Caolho e Mulher de Verdade</i> : dois roteiros de Osvaldo Moles e Miroel Silveira filmados por Alberto Cavalcanti.....	179
5. FUTEBOL, POLÍTICA E UM TRÁGICO FIM	182
5.1. A venda das cadeiras cativas do “Estádio do Morumbi”	183
5.2. “O Nome é Laudo Natel”: A eleição do governador caipira	194
5.2.1. “Quem Elege?”: A Campanha de 1964	197

5.3. Osvaldo Moles no hotel São Benedito: Terceira estrela à “direita” de quem vai.....	201
5.3.1. “As três irmãs” se reúnem na casa em Pinheiros.....	204
5.3.1. Virando nome de rua	206
6. CONCLUSÕES.....	208
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	210
ANEXOS.....	217
ANEXO I – Transcrição de carta amorosa de Osvaldo Moles para Anita Ramos 1	217
ANEXO II – Transcrição de carta amorosa de Osvaldo Moles para Anita Ramos 2.....	219
ANEXO III – Transcrição de roteiro: Programa de Natal de Osvaldo Moles para PRG-2 Rádio Tupi	221
ANEXO IV – Transcrição de texto de Blota Jr. elogiando Adoniran Barbosa na Folha da Noite	223
ANEXO V – Transcrição da música “Mormaço” gravada no LP História das Malocas....	225
ANEXO VI – Transcrição nossa de um episódio do programa “Museu do Ipiranga”	227
APÊNDICE	230
APÊNDICE I – Listagem de Prêmios Recebidos por Osvaldo Moles	230
APÊNDICE II – Árvore Genealógica parcial da família Oliveira Ramos.....	231
APÊNDICE III – Catalogação dos programas radiofônicos com roteiros criados por Osvaldo Moles	235

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho traz continuidade à pesquisa de Iniciação Científica realizada em 2012, com orientação do Prof. Dr. Antonio Adami, bolsa Santander Universidades e premiada pela vice-reitoria de pós-graduação e pesquisa da Universidade Paulista (UNIP) (MICHELETTI, 2012a). Em 2012, apresentamos, com os dados coletados dessa pesquisa, um livro-reportagem biográfico sobre Osvaldo Moles, como trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e nos sentimos honrados com o prefácio do Prof. Dr. Manuel Fernández Sande, da Universidad Complutense de Madrid (UCM) (MICHELETTI, 2012b). Inicialmente, nosso problema de pesquisa estava em comprovar o pioneirismo que Osvaldo Moles exerce no rádio, em especial, nos programas e personagens criados por ele, que fizeram sucesso na voz de Adoniran Barbosa. Contudo, nos deparamos com uma vasta obra do pesquisado que, para além do rádio, traz relevantes contribuições no jornalismo, literatura, cinema, televisão, publicidade e marketing político, em uma trajetória que por vezes se mistura com a própria história de alguns meios de comunicação paulista e, mesmo, com a história da cidade de São Paulo, ao longo do século XX. Osvaldo Moles foi um profissional multimeios, integrando seu trabalho às novas tecnologias, conforme estas passam a se popularizar. Seu principal veículo, sem dúvida, foi o rádio, no entanto, não deixa de escrever crônicas para jornais, elaborar campanhas publicitárias e até mesmo escrever roteiros cinematográficos enquanto continua exercendo sua função como radialista.

Como poderemos constatar ao longo desta dissertação, para acompanhar a trajetória de Osvaldo Moles será muitas vezes necessário transpassar a história de diversos meios de comunicação paulistas e, partindo do universo do pesquisado, contextualizarmos acontecimentos históricos, evidenciando como sua obra mostra a chegada do progresso em São Paulo e o conseqüente cenário que aloca grande número de indivíduos às margens da sociedade: são os moradores das malocas, atuais favelas, retratados fielmente com humor, nos personagens que aparecem em suas crônicas e programas radiofônicos, provocando certa simpatia dos leitores/ouvintes, ao mesmo tempo em que produz uma forte crítica social.

Nosso objetivo é desenvolver um trabalho memorialista, no qual, conforme veremos na apresentação da metodologia adotada, a história oral se apresenta

como um recurso valioso para resgatar dados biográficos e passagens marcantes da trajetória pessoal e profissional de Osvaldo Moles. Nossa pesquisa é enriquecida pelo acesso ao espólio preservado por sua sobrinha neta, Beatriz H. R. de Almeida Savonitti, material que possibilitou grande mergulho no universo do pesquisado. Via contato próximo a sua obra, contribuimos para uma apresentação holística de sua produção, evidenciando o legado deixado pelo radialista.

Esclarecemos que quando utilizamos os verbos no presente, fazemos com a intenção de que o texto tenha um caráter de atualidade, uma dimensão que se perpetua, assim como decidimos manter a ortografia da época em todas as citações, mantendo inclusive erros de digitação dos originais, sem acrescentarmos (sic), permitindo assim maior fluidez na leitura deste texto. Optamos também por incluir as referências da maior parte dos jornais e sites da internet consultados como notas de rodapé, de acordo com as normas ABNT, com o objetivo de contribuir para a localização das fontes por parte do leitor.

Recorremos à produção científica de grupos de investigação especializados, tais como: "Mídia, Cultura e Memória"¹ no Brasil, que trabalha com a análise da produção midiática e da configuração histórica dos meios de comunicação durante o século XX e início deste século; "Rádio e Mídias Sonoras" da INTERCOM; "MediaComGroup" sediado na Facultad de Ciencias de la Información de la Universidad Complutense de Madrid-Espanha. Além disso, participamos de congressos científicos para fomentar a troca de conhecimento e nos mantermos atualizados no campo diante do surgimento de novas pesquisas contribuidoras para nosso trabalho. Segundo Manuel Ángel Fernández Sande, estudos relativos à história dos meios tornam possível o desenvolvimento de enfoques, escolas e diferentes metodologias que se integram à literatura científica. Contudo, Sande ressalta que a maioria dos estudos realizados está no campo da imprensa escrita e, em menor medida, em outros meios como o cinema e a televisão, sendo o rádio, um meio quase esquecido entre os pesquisadores.

De todos ellos, la mayor desatención histórica ha recaído sobre la radiodifusión. Este déficit no ha sido consecuencia de la casualidad, sin duda poseen una incidencia directa los múltiples desafíos añadidos a los que está obligado a enfrentarse el historiador de la radio, en especial la imposibilidad de localización de fuentes documentales escritas que le permitan una reconstrucción completa del fenómeno o periodo analizado.

¹ Coordenado pelo Prof. Dr. Antonio Adami e cadastrado no CNPq desde 2002.

Esa dificultad aumenta según nos remontamos a los orígenes del medio y sus primeras décadas de actividad. (SANDE, 2012, p. 16)

Com aparelhos instalados nos lares brasileiros, a radiofonia foi um fenômeno de massa desde que nasceu em 1922, principalmente com a grande expansão nos anos 1930. “O rádio naquele momento é uma verdadeira paixão popular, um mediador da cultura brasileira, particularmente da cultura popular, assim, ideal para atingir as massas” (ADAMI, 2012a, p. 375). Para esta dissertação, diante de inúmeras conceituações que o termo “cultura popular” recebe por pesquisadores de diversas áreas do saber, nos aproximamos do pensamento exposto por Stuart Hall, conforme apresentado por Guilherme Moreira Fernandes:

Hall (2003, p. 232) diz que a cultura popular não pode ser vista em um sentido puro e nem nas tradições populares de resistência. Explica que deve se ver o terreno cultural sobre o qual as transformações são operadas. O autor afirma que “o estudo da cultura popular tem oscilado muito entre esses dois polos da dialética da contenção/resistência” (HALL, 2003, p. 233).

Hall (2003, p. 237) aponta que a cultura popular, por muitas vezes, é vista em âmbito mercadológico, com sentido comercial, vendo o consumo como algo alienante. Também diz que o conceito, às vezes, é contraposto com o de uma “outra” cultura, a “alternativa”, que é integra, sendo a autêntica “cultura popular”, “o estudo da cultura popular fica se deslocando entre esses dois polos inaceitáveis: da ‘autonomia’ pura ou do total encapsulamento” (HALL, 2003, p. 238).

Outra conceituação muito utilizada, segundo Hall (HALL, 2003, p. 239) é que a cultura popular são todas as “coisas” que o povo faz ou fez, “essa se aproxima de uma definição ‘antropológica’ do termo: a cultura, os valores, os costumes e mentalidades do povo. Aquilo que se define seu ‘modo característico de vida’”. (HALL, 2003, pp. 239-240). (FERNANDES, 2010, pp. 6-7)

Com base nas reflexões expostas de Stuart Hall, assumimos que o termo “cultura popular” é utilizado no decorrer desta dissertação para nos referirmos a duas situações:

1) Aos fazeres do povo, seus costumes, trabalho, culinária, gírias etc., nos aproximando de uma definição “antropológica”, conforme Hall nos apresenta, mas também acrescentamos uma ligação com o folclore², mitos e lendas brasileiros.

2) Se a indústria cultural se apropria de elementos característicos de

² Gilmar Rocha (2010) afirma que *Folclore* significa “saber do povo” e, embora existam várias definições para o termo, em geral “o Folclore tem sido considerado o modo de sentir, pensar e agir das camadas populares no interior das sociedades civilizadas e modernas” (ROCHA, 2010, pp. 536-537), tendo como objetos de estudo tradições orais, superstições, crenças populares, festas tradicionais, técnicas profissionais entre outros. Entre os estudiosos do folclore no Brasil destacamos Mário de Andrade (1893-1945), Luis da Câmara Cascudo (1898-1986), Edison Carneiro (1912-1972) e Luis Beltrão (1918-1986), entre outros.

determinada população para disseminar um “produto midiático”, seja este uma música, um programa de rádio, de televisão, ou nos dias atuais um vídeo na internet³ por exemplo, compreendemos que quando estes são veiculados por canais de comunicação, atingindo de forma abrangente um grande número de pessoas, esse produto passa a ser popular já que grande parte da população passa a ter acesso, podendo ou não influenciar novos costumes, que são incorporados à “cultura popular” em determinada época.⁴

Na prática, o termo “cultura popular” pode ser utilizado nesta dissertação em momentos como quando nos referirmos às “viagens etnográficas” de Mário de Andrade ou citarmos um programa radiofônico de sucesso criado por Osvaldo Moles. Lembramos que a construção da identidade brasileira percorre um caminho mitificado (RAMOS JR., 2009) e a formação da “cultura brasileira” recebe influências de povos “multifacetados”.

Nossa cultura nacional foi amalgamada pela conjunção de símbolos oriundos de povos multifacetados. O contingente lusitano trouxe-nos um legado híbrido de tradições euro-latinas, incorporando porém traços civilizatórios assimilados nos territórios africanos e asiáticos onde suas naveas aportaram pioneiramente. Essa matriz hegemônica incorporou traços inconfundíveis das civilizações ameríndias que habitavam o nosso litoral, nos tempos da colonização, e que foram expulsas da faixa atlântica, sobrevivendo isoladamente na selva amazônica e outros focos bravios. A elas se juntaram os costumes e expressões das comunidades africanas, trazidas compulsoriamente nos navios negreiros para desempenhar funções produtivas nas plantações açucareiras, pecuária extensiva ou nos complexos auríferos. (MARQUES DE MELO, 2004, p. 271)

Madalena Oliveira (2011) explica que o rádio, apesar de ser *"esquecido do ponto de vista da investigação, constituindo uma espécie de parente pobre dos estudos midiáticos"* (OLIVEIRA, 2011, p. 3), é um *"meio afectivo, emotivo, do qual os profissionais falam com um certo sentido de paixão"* (idem).

[...] a televisão e os filmes podem expor-nos a novas experiências em detalhe preciso, mas a rádio e a literatura são as únicas a comprometer a nossa imaginação ao ponto de nos permitir criar as nossas próprias imagens. [...] aquilo que se pode imaginar é quase sempre mais assustador,

³ Ressaltamos que, com o advento da internet, embora os canais continuem massivos *Youtube*, *Facebook*, *Google*, entre outros grandes portais, os “produtos midiáticos”, não são mais necessariamente produzidos pela indústria cultural e grande parte dos seus conteúdos são produzidos por pessoas em suas casas.

⁴ Lembramos que essa segunda definição apresentada, aproxima-se de termos como “cultura midiática” ou “cultura popular massiva” utilizada por diversos autores dos estudos culturais. Sobre o processo de apropriação cultural por uma indústria cultural, ressaltamos que a Escola de Frankfurt fez sérias críticas a este processo, porém a Escola Latino-americana dos estudos culturais propõe um contraponto ao incluir o receptor no processo de mediação cultural.

mais real, mais vivo que as imagens explícitas de um vídeo ou de um filme, permitindo mesmo a criação de demónios bem mais terríveis do que aqueles que se podem ver numa sequência fílmica. (POWELL apud. OLIVEIRA, 2011)

Madalena Oliveira (2011) explica que:

Apesar de ser por natureza um meio invisual, a sua força está paradoxalmente vinculada à ligação que mantém com a imaginação, isto é, com a criação de “imagens mentais”. Da informação à publicidade, é esta capacidade de criar uma espécie de “imagens imaginárias” que faz da rádio um meio resistente às transformações tecnológicas que converteram uma civilização fundada em dois milénios de palavra numa civilização da imagem. (OLIVEIRA, 2011, p. 3)

É com este grande afeto que neste trabalho expomos a carreira de Osvaldo Moles, por vezes nos desviando da ordem cronológica de alguns fatos para aprofundamento de temas, sempre identificados com suas respectivas datas, mas seguindo um eixo condutor que nos leva desde sua infância e os primeiros trabalhos como jornalista até o grande sucesso obtido como radialista e em outras áreas nas quais atua. Diante de tantas realizações, acreditamos que Osvaldo Moles fica “esquecido” por todos esses anos devido a sua morte trágica, quando cometeu suicídio, no ano de 1967. Ganhador de dezenas de prêmios (Apêndice I), destacamos que Osvaldo Moles foi agraciado com 11 troféus Roquete Pinto⁵, na época, a maior premiação do rádio e da televisão brasileira.

Figura 1 - Troféus Roquette Pinto e outros prêmios conferidos a Osvaldo Moles



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012. Foto: Bruno Micheletti

⁵ O Troféu Roquette Pinto foi criado em 1950, por iniciativa do radialista Blota Jr. para premiar os destaques do rádio paulista e a partir do ano de 1952, passa também a premiar os artistas da televisão brasileira. Com o total de 26 edições, a premiação ficou conhecida como o “Oscar da televisão brasileira”, tendo a última edição no ano de 1982. Osvaldo Moles entrou para a “Galeria de Ouro” dessa premiação e seu último troféu foi póstumo, recebido como “Preito de saudades” no ano de 1968. Disponível em: <http://www.blotajrsoniaribeiro.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=23:trofeu-roquete-pinto-&catid=2:acontecimentos&Itemid=4>. Acesso em 20 fev. 2015.

1.1. Metodologia

Ressaltamos o caráter biográfico desta pesquisa qualitativa sobre a análise da vida e obra de Osvaldo Moles, entendendo o papel do pesquisador como intérprete da realidade pesquisada, contribuindo de forma relevante teórica/socialmente (LUNA, 2007), neste caso, para o campo da Comunicação. Essa interpretação do pesquisador, regida pela carga simbólica das normas históricas e culturais, influencia a vida do pesquisado, já que os significados não estão estampados nos indivíduos, mas são formados pela interação com as outras pessoas - daí o construtivismo social (BERGER; LUCKMANN, 2004). Segundo Creswell (2010), a composição dos significados subjetivos poderá ser atribuída à pesquisa documental e à metodologia oral para pesquisa histórica, sendo negociada social e historicamente para produção de relatório conclusivo, com os resultados incluídos no texto final desta pesquisa.

Maria Cristina Gobbi (2006, p. 90) relata que é praticamente impossível definir biografia, “*uma vez que sua utilização perpassa por várias ciências e tem nas ciências sociais uma das mais amplas utilizações*”. Outra importante questão é que o trabalho do biógrafo é infinito ao se aprofundar nas questões subjetivas do ser humano biografado, conforme demonstra Felipe Pena, no livro *Teoria da biografia sem fim* (2004). Portanto, no nosso caso, realizamos a coleta de dados necessária para responder aos objetivos específicos propostos, recusando a tarefa de traçar um perfil psicológico do pesquisado, no caso Osvaldo Moles, ainda que, no decorrer da pesquisa, haja contextos em que interpretações de determinados momentos de sua vida sejam necessárias para aprofundamento do tema e melhor entendimento. Por vezes delimitamos o aprofundamento de um tema para não nos desviar de nossos objetivos.

Alberto Dines (2012) biógrafo de Stefan Zweig e persona fundamental para elaboração da tese de doutorado de Sérgio Vilas Boas sobre biografismo, até hoje compila informações sobre o autor de *Brasil, País do Futuro*. Já na quarta edição, Alberto Dines acaba de relançar, em 2013, o livro *Morte no Paraíso: A Tragédia de Stefan Zweig* com 594 páginas (a primeira edição, datada de 1981 tem apenas 475 páginas). Jornalista conceituado, Alberto Dines declarou que “*a biografia é o estágio superior do jornalista*” no programa *Roda Viva* exibido pela TV Cultura em fevereiro de 2012, ao refletir sobre as funções básicas que o biógrafo faz ao entrevistar,

pesquisar, checar as informações e escrever, sempre em profundidade, quando se trata de uma biografia.

Em *Biografismo: Reflexões sobre as escritas da vida*, Sérgio Vilas Boas (2008) transcreve diversas conversas que teve com Alberto Dines, refletindo sobre o fazer biográfico. Entre as conclusões de seus estudos, Boas estabelece quatro elementos da pesquisa biográfica que se referem diretamente à maneira de pesquisar e compreender o biografado (Descendência; Fatalismo; Extraordinariedade; Verdade), que serão avaliados e levados em conta como categorização metodológica para organização dos dados coletados no decorrer da pesquisa e implicitamente na redação do texto final.

Lembramos que partes dos dados utilizados neste trabalho já foram coletados durante nossos trabalhos iniciais (MICHELETTI, 2012a, 2012b), por diferentes métodos de pesquisa.

Los testimonios orales constituyen una metodología muy utilizada en el campo de la antropología que ha sido incorporada a los estudios históricos en general y también a aquellos centrados en el periodismo y la comunicación. Autores como Paul Thomson, Philippe Joutard, Carmen García Nieto o Laura Benadiba han demostrado su gran utilidad. Las entrevistas realizadas a Laudo Natel, Celso Campos JR, Marcelo Abud o Antonio Rizzo Filho y la forma en que sus respuestas están incluidas en el texto son prueba del correcto conocimiento de la técnica de la entrevista por parte del autor. A través de sus recuerdos nos permiten profundizar en la psicología del protagonista del libro y completar datos que de otra forma quedarían en el olvido.

El valor del libro de Bruno Micheletti no es tan solo metodológico, tal vez si cabe resulta más importante la recuperación de un personaje tan excepcional como Moles para comprender el desarrollo de la radio y en general de los medios de comunicación de masas en Brasil durante la primera mitad del siglo XX. Con esta obra se consigue reivindicar el protagonismo de un auténtico pionero de la comunicación brasileña que hasta el momento permanecía en gran parte oculto y desconocido para las actuales generaciones. A través de esta investigación se pone de relieve la importancia histórica de un profesional de la comunicación capaz de innovar en diferentes medios y facetas, convirtiéndose en uno de los primeros profesionales multimedia, de Brasil y de Latinoamérica. (SANDE, 2012, p. 19)

Consideramos que a entrevista é um recurso metodológico primordial para complementar dados não registrados em fontes documentais de primeiro e de segundo grau e que, aplicadas à triangulação de dados, cotejando as informações coletadas com outras fontes, revela-se enriquecedora da pesquisa biográfica em Comunicação. Segundo Jorge Duarte (2006, p. 62), a entrevista em profundidade *“busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter*

informações que se deseja conhecer". Ampliamos, assim, o leque de entrevistados para composição do texto final, selecionando novas fontes por conveniência (de acordo com a viabilidade, desde que relevantes aos objetivos da pesquisa) ou de maneira intencional (de acordo com o "*conhecimento do tema ou representatividade subjetiva*") (DUARTE, 2006, p. 69). São novos depoimentos vivos, que ampliam e/ou completam uma importante lacuna do saber acordante com os objetivos desta pesquisa, seguindo a linha da metodologia da história oral, apresentada por Jean Poupart (2008).

Desde os anos de 1960 a 1970, que os historiadores orais debatem questões referentes à memória. Os depoimentos orais não eram considerados pelas ciências humanas por não haver, segundo alguns pesquisadores, um critério científico comprovado capaz de validar seus resultados. Apenas recentemente é que uma parte dos historiadores documentalistas entendeu que a história oral se mostra eficaz e prática na busca do descobrimento do que ocorreu, com métodos de natureza científica para recuperar a história e a cultura. (ADAMI et al., 2004, p. 3)

Outro recurso utilizado como metodologia para compor a base de dados necessária à realização desta pesquisa encontra-se na análise documental que, no campo da Comunicação, difere-se da tradição de outras áreas (MOREIRA, 2006).

O uso da análise documental pelos estudiosos do campo da Comunicação no Brasil não apresenta a mesma tradição observada nas áreas mencionadas. Em parte por constituir um recorte mais recente do campo científico, em constante e mutante processo de delimitação, o recurso da análise documental costuma ser utilizado no resgate da história de meios de comunicação, personagens ou períodos. As fontes mais comuns são os acervos de impressos (jornais, revistas, catálogos, almanaques). Mas também serve como expediente a consulta a documentos oficiais, técnicos ou pessoais (arquivos particulares reunindo originais), sendo esta última categoria mais rara e realizada apenas quando o acesso é permitido ao pesquisador. (MOREIRA, 2006, pp. 269-270)

Os dados a serem coletados e os já obtidos nas pesquisas anteriores citadas, servem para diferentes fins, seja para checar ou rebater a informação de uma fonte entrevistada, referenciar determinada data, contextualizar um período histórico, constatar a relevância de determinado acontecimento, descobrir novos fatos relevantes à pesquisa, entre outros. Consultamos e voltaremos a consultar acervos de jornais em geral, já digitalizados e disponibilizados *online* para consulta, como é o caso da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (*Correio Paulistano*, *Diário Nacional*, *Revista do Rádio*, *Cine Repórter*, etc.), do acervo digital da *Folha de S. Paulo* e do acervo digital do *O Estado de S. Paulo*. Também consultamos acervos de instituições privadas e públicas, como o Acervo Histórico do Estádio do Morumbi,

no qual obtivemos croquis originais de campanhas publicitárias produzidas por Osvaldo Moles, além de revisitarmos o espólio do radialista preservado por sua sobrinha neta, Beatriz H. R. de Almeida Savonitti (um rico acervo de acesso privilegiado a esta pesquisa, com prêmios, roteiros originais de programas de rádio, materiais de campanha publicitária, fotos, cartas e documentos pessoais, livros, discos e até móveis no estilo colonial, que formavam o escritório pessoal de Osvaldo Moles).

A escolha bibliográfica se revela outra importante fonte de dados para nossa pesquisa e, muitas vezes, precisamos sair da literatura acadêmica tradicional, publicada em livros e periódicos especializados ou em anais de congressos, para a literatura produzida pelo mercado editorial, em especial, de outros biógrafos que retrataram personagens da época contemporânea a Osvaldo Moles. Sempre com um olhar crítico, destacamos o livro *Adoniran: Uma Biografia*, de Celso Campos Jr. (2009), em que o autor resgata a importância que Osvaldo Moles teve na trajetória profissional e pessoal de Adoniran Barbosa. Partindo dessa obra, foi possível montar uma tabela cronológica da carreira de Osvaldo Moles que norteou nossa pesquisa. O livro de Campos Jr. (2009) foi fundamental para este trabalho, pois estabelecemos sua obra como um fio condutor dos caminhos percorridos por Osvaldo Moles, assim como os programas e personagens por ele criados. Gentilmente, Campos Jr. (2012) nos recebeu para uma entrevista e através dele conseguimos o contato com a família da esposa de Osvaldo Moles e conseqüentemente ao seu acervo.

2. TRADIÇÃO PAULISTA E A INFLUÊNCIA MODERNISTA

As primeiras décadas do século XIX são marcadas por grandes transformações na cidade de São Paulo. Temos conflitos armados na cidade nos anos de 1924, 1930 e 1932. No período entre guerras eclode o movimento modernista e também surgem as primeiras rádios. A política ganha novos contornos, a economia passa por um processo de industrialização. Os imigrantes acrescentam novos costumes à vida cotidiana e influenciam a língua local com sotaques de diferentes etnias. É neste cenário de transformações sócio-político-culturais que Osvaldo Moles cresce. Neste capítulo, procuramos apresentar uma síntese do desenvolvimento da capital paulista, acompanhando um pouco do que sabemos sobre os primeiros anos de vida do Osvaldo Moles, até este ingressar na carreira de jornalista, formando uma espécie de percurso intelectual do autor.

2.1. Nasce Osvaldo Moles

Osvaldo Moles nasce na cidade de Santos, no dia 14 de março de 1913. Filho de Antonio Moles e Emilia Prisco, teve uma irmã, Pascoalina Moles, apelidada de Lina, "costureira de mão cheia" (PASTORE et al., 2012), mas sobre sua família e infância, pouco se sabe. Supostamente descendente de italianos, Osvaldo Moles, ainda criança, muda-se com a família para São Paulo e, a partir desse momento, algumas informações que encontramos se tornam divergentes. Segundo relato de Maria Isabel⁶ (2012), ele cresceu no bairro da Mooca, porém Moura e Nigri (2002) afirmam que seus pais eram operários, que Moles veio para São Paulo ainda no colo de sua mãe e que foram morar no bairro do Pari. As duas fontes, porém, apontam para uma infância pobre e afirmam a veracidade de uma história relatada na crônica "Recordação de Escola" do livro *Piquenique Classe C* (MOLES, 1962):

A GENTE ia, então, para a escola com um pé calçado e outro descalço. Sempre com um pé calçado e outro descalço e com o dedão amarrado num pano para fingir que estava machucado. As professoras já nem se desesperavam mais e o fato era tido como natural, bondosamente aceito. É que tôdas sabiam que criança pobre divide o par de sapatos com o irmão. De sorte que ali no Grupo do Pari, todo mundo andava sempre com um pé de fora. Só o Peixotinho é que exhibia sapatos duplos, de côres marrom, amarelo, branco e azul. Mas nós, filhos de gente que não podia ter filhos,

⁶ Maria Isabel é sobrinha de Osvaldo Moles, filha de Vicente de Oliveira Ramos, irmão de Anita Ramos, esposa de Osvaldo Moles, conforme descreveremos com detalhes no próximo capítulo.

era sempre de dedão à mostra. Muitos eram tão pobres que não podiam sequer trocar o pano do fingimento. (MOLES, 1962, p. 97)

Figura 2 - Ilustração de Clóvis Graciano para a crônica “Recordação de Escola”



Fonte: MOLES (1962, p. 98).

Moura e Nigri (2002) ainda afirmam que Osvaldo Moles foi matriculado em um colégio de Padres no Pari, já Maria Isabel (20120) relata ter ouvido histórias de que Moles nunca frequentou a escola, sendo autodidata e que inclusive era faxineiro da PRB-9 Rádio Record de São Paulo, tendo a oportunidade de escrever um programa radiofônico na ocasião em que um roteirista faltou, ganhando assim sua fama. Dessa vez, sabemos que a versão narrada por Maria Isabel é falsa⁷, Osvaldo Moles entra para a PRB-9 Rádio Record já com um bom salário, a convite do radialista Octávio Gabus Mendes (CAMPOS JR., 2009), conforme descreveremos com detalhes adiante. Moles frequentou a escola e a comprovação vem do ano de 1927⁸.

Terminaram hontem os exames de promoção da "Escola de Commercio D. Pedro II", patrocinada pela Associação dos Empregados no Commercio de

⁷ O que não afeta a credibilidade de seu depoimento, já que essas informações foram-lhe contadas por outros familiares e não experiências vividas pela entrevistada. Utilizamos técnicas de metodologia da história oral, com entrevista semiestruturada, em profundidade, checando sempre os dados coletados antes desta publicação.

⁸ Esta informação também pode ser encontrada em: “Exames, resultados obtidos e festas de encerramento do anno lectivo”. *Diário Nacional*. São Paulo, 18 dez. 1927, p.7. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=213829&PagFis=1125>>. Acesso em: 03 ago. 2014.

S. Paulo, tendo os seguintes resultados finais:
Curso anexo: - Aprovados com distinção: [...] Oswaldo Moles [...] ⁹

Aos 14 anos de idade, Oswaldo Moles conclui com distinção o "Curso Anexo" e segue na "Escola de Comercio D. Pedro II" ¹⁰, com boas notas, conforme registro que encontramos na página 12, do jornal *Correio Paulistano* ¹¹, datado de 07 de janeiro de 1930, em que Oswaldo Moles passa para o terceiro e último ano do curso com a nota 7,8. Ainda em 1930, Oswaldo Moles compõe a diretoria do grêmio estudantil ¹² da escola, exercendo o cargo de primeiro secretário, no entanto, em suas crônicas, Moles se descreve como retardatário e fala sobre algumas paixões da infância. Nessas matérias, também encontramos o nome Mario S. Peixoto, registrado com a nota 7,4, que provavelmente inspirou a criação do personagem "Peixotinho" descrito nas crônicas de Oswaldo Moles como um garoto rico e "*primeiro aluno perpétuo*" (MOLES, 1962, p. 115). Nas crônicas que falam sobre o tempo de escola, quem ministra as aulas é sempre um padre, o que reforça a hipótese de ele ter mesmo estudado em um colégio de padres no bairro do Pari, como afirma Moura e Nigri (2002). Na crônica "O Mundo Pulava Corda", Moles escreve que é nesta época de escola que "*menino gosta de embasbacar adulto*" e "*já não diz mais pedra em casa. É quartzo, feldspato e mica*" (MOLES, 1962, p. 113). Sua concepção de mundo não tinha nada de "*ptolomaica*", na infância, o mundo imaginado por Moles "*pulava corda*":

- Molles! Diga se o mundo girava, segundo a concepção ptolomaica! - pedia Padre Simão.

Que mundo? Que Ptolomeu? O mundo dêle estava ancorado no espaço como um navio abandonado criando ostras no casco, enquanto que o "meu mundo" andava lá fora pulando corda. E era um pular tão gracioso, naqueles cabelos vermelhos que esvoaçavam, que lá me ia eu em espírito, todo atraído pelo brinquedo, naquele hipnotismo de menino prêsso que vê menina solta. [...]

- Como é, Molles? O mundo de Ptolomeu girava ou não? Responda!

Era uma volta brusca e semi-sonolenta à realidade em que, creio, eu respondia:

- O mundo pula corda...!

⁹ Pelo Ensino: Escola de Comercio "D. Pedro II". *Folha da Manhã*. São Paulo, 18 dez. 1927, p.5. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fdm/1927/12/18/1//4543374>>. Acesso em: 03 ago. 2014.

¹⁰ Esta informação pode ser encontrada no jornal *Folha da Manhã*, datado de 07 de janeiro de 1930, p. 4. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fdm/1930/01/07/1//4520915>>. Acesso em: 08 ago. 2014, e no jornal *Diário Nacional*, datado de 07 de janeiro de 1930, p. 10. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=213829&PagFis=8864>>. Acesso em: 08 ago. 2014.

¹¹ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_08&PagFis=92>. Acesso em: 25 mai. 2012.

¹² Conforme noticiado na página 4 do jornal *Folha da Manhã*, datado de 09 de fevereiro de 1930. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fdm/1930/02/09/1//4523081>>. Acesso em: 08 ago. 2014.

Só meio despertava com a classe tôda rindo e acabava com a palmatória cantando dez "bolos" em cada palma de mão.
 Mas que é que ia fazer se "meu mundo" estava pulando corda mesmo e tinha um rosto de sardas tão suaves que são, decerto o "it" de todos êsses mundos de cabelos vermelhos que andam por aí. (MOLES, 1962, p. 113-114)

No desfecho da crônica, Padre Simão diz que "*Molles nunca será nada na vida...*" e Moles ironicamente escreve que ser alguma coisa era para o Peixotinho, o garoto rico.

E eu lá queria ser alguma coisa? Ser alguma coisa era para o Peixotinho que andava sempre bem vestido, filho de dono de empório e que aplicou tôda sua extraordinária capacidade de primeiro aluno perpétuo num depósito de bananas que hoje floresce no Pari.
 Eu, não. Eu não queria "ser". O que eu queria era "estar". Estar lá fora, perto do meu mundo que pulava corda, meu mundo de todos os sonhos, meu mundo de segunda época. (MOLES, 1962, p. 115)

Figura 3 - Foto 3x4 de Osvaldo Moles

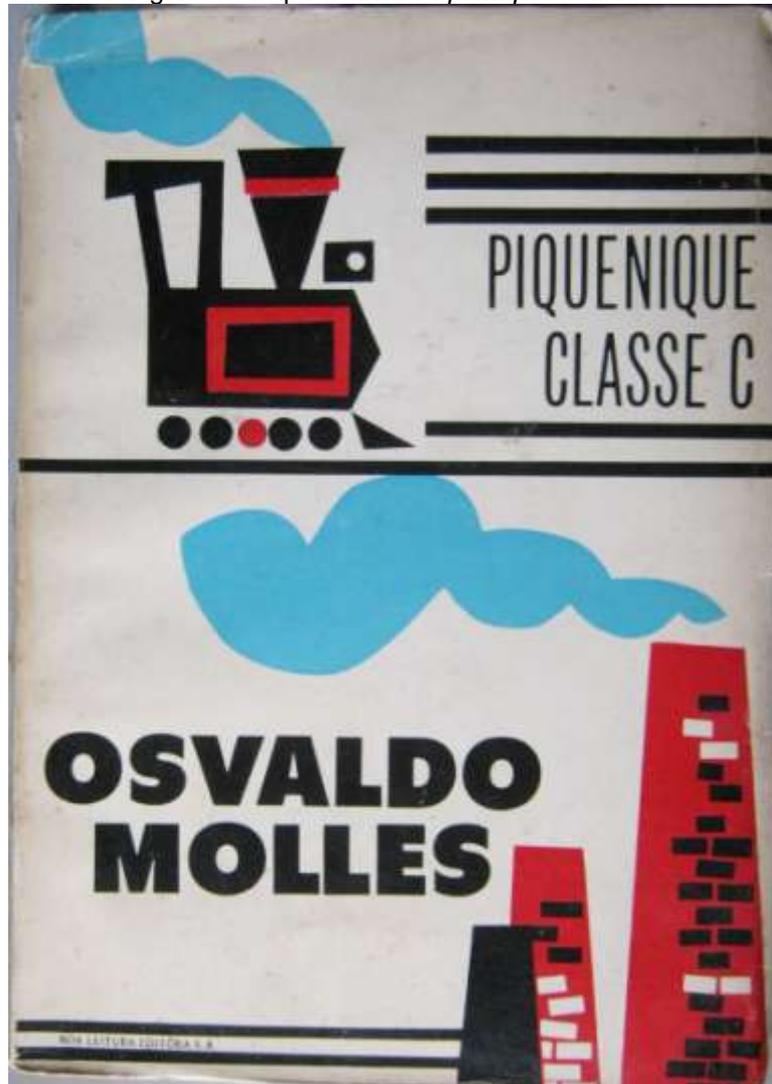


Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Outra divergência que encontramos está na grafia do nome Osvaldo Moles que, no decorrer da pesquisa, aparece escrito de diversas maneiras: Osvaldo pode também ser escrito com "W" e Moles com "LL". Fato que fez com que todas as nossas buscas em bases de dados digitais fossem refeitas com todas as possibilidades de grafia existentes: "Osvaldo Moles", "Oswaldo Moles", "Osvaldo Molles", "Oswaldo Molles". Mesmo no livro "*Piquenique Classe C*" (1962) encontramos esse curioso fenômeno, seu nome é redigido de diversas maneiras: na capa do livro, Osvaldo Moles está escrito com "V" e "LL" (Osvaldo Molles), assim como na guia dessa capa e em algumas crônicas, como "O Mundo Pula Corda" que citamos acima, porém na guia da contracapa seu nome aparece escrito com "W" e

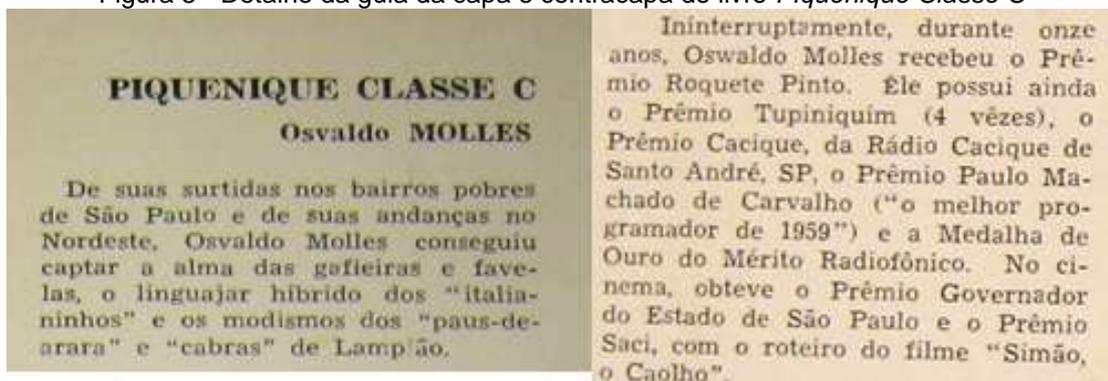
"LL" (Oswaldo Molles), já nos exemplares autografados, a assinatura de próprio punho vem com "V" e apenas um "L" (Oswaldo Moles) conforme demonstramos nas figuras abaixo:

Figura 4 - Capa do livro *Piquenique Classe C*



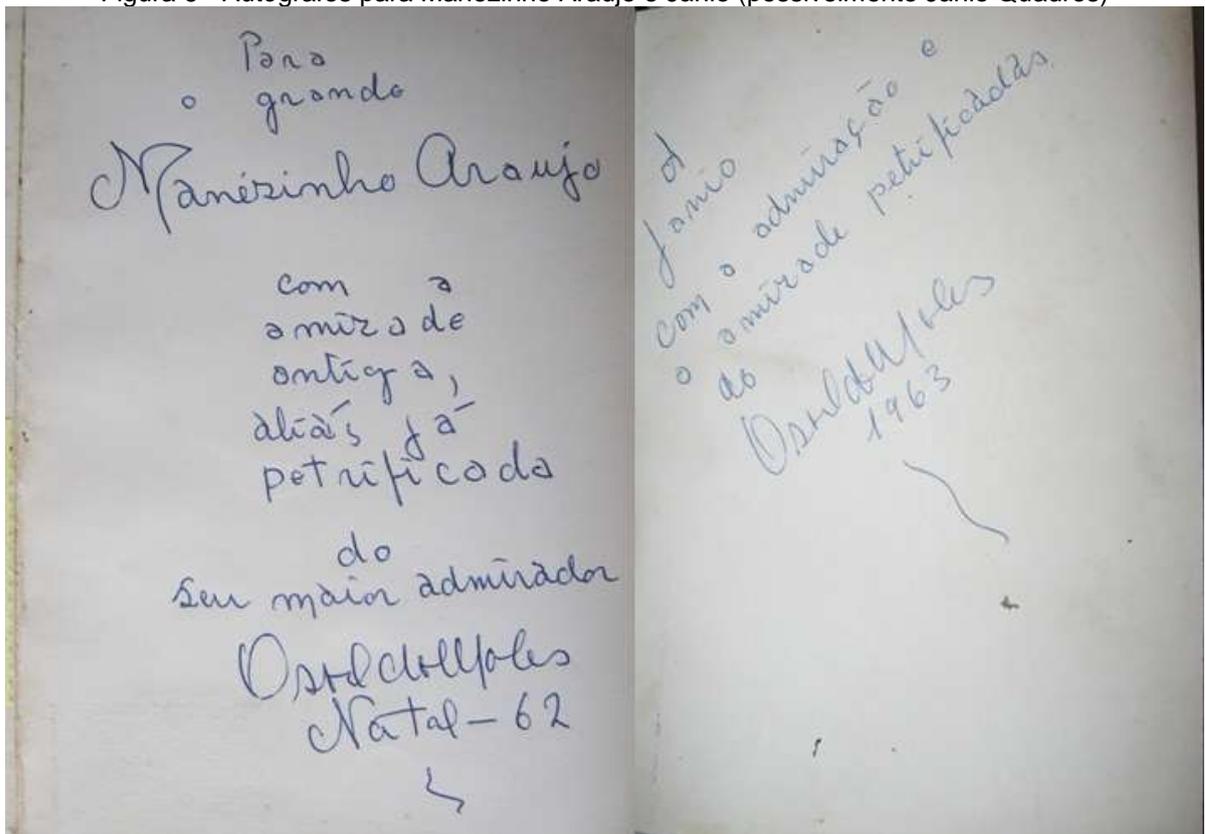
Fonte: MOLES (1962).

Figura 5 - Detalhe da guia da capa e contracapa do livro *Piquenique Classe C*



Fonte: MOLES (1962).

Figura 6 - Autógrafos para Manezinho Araújo e Jânio (possivelmente Jânio Quadros)



Fonte: MOLES (1962). Acervo Pessoal de Bruno Micheletti.

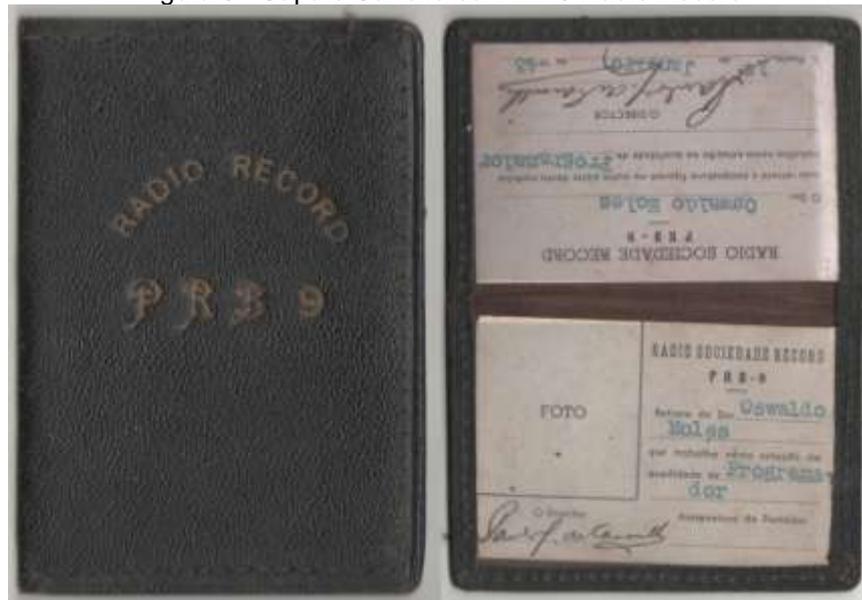
Para finalizar a questão, recorreremos à sua Carteira de Identidade, registro geral Nº 998.621, série: v. 133, secção: v. 2242, que comprova sua data de nascimento, filiação, naturalidade e características físicas, registrando a cútiis branca e os olhos e cabelos castanhos, ainda que em outros documentos a grafia apareça diferente, como é o caso da carteira funcional da PRB-9 Rádio Record de São Paulo que registra "Oswaldo Moles" (com "W") como programador da emissora. Sua assinatura de próprio punho também comprova "Oswaldo Moles" com "V" e apenas um "L" como a grafia correta de seu nome.

Figura 7 - Capa e Carteira de Identidade



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Figura 8 - Capa e Carteira da PRB-9 Rádio Record



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

2.2. Influências do rádio e do modernismo brasileiro

Os primeiros passos para atualizar as vanguardas artísticas junto ao modernismo no Brasil ocorrem no ano de 1913, mesmo ano do nascimento de Osvaldo Moles¹³, quando Lasar Segall¹⁴ realiza suas primeiras exposições no país,

¹³ Recorremos a esta nota para deixar claro ao leitor que, pelo menos nesse ponto, não caímos no conceito de “fatalismo” descrito por Sérgio Vilas Boas (2008) e que não existe relação entre o nascimento de Osvaldo Moles e a primeira exposição de Lasar Segall no Brasil. Nossa intenção no

nas cidades de São Paulo e Campinas. No ano seguinte, em 1914, era a vez de Anita Malfatti¹⁵ - recém-chegada da Europa - fazer sua estreia, com uma exposição realizada no *Mappin Stores*, localizado no centro da cidade de São Paulo, mas é sua exposição de 1917 que causa grande polêmica, sendo fortemente criticada por Monteiro Lobato no artigo "A Propósito da Exposição Malfatti"¹⁶ que mesmo reconhecendo o talento da artista compara suas pinturas à arte "*anormal*", fruto da paranoia produzida nos manicômios que "*há muito que a estudam os psiquiatras em seus tratados*" (LOBATO, 1917).

[...] Estas considerações são provocadas pela exposição da sra. Malfatti, onde se notam acentuadíssimas tendências para uma atitude estética forçada no sentido das extravagâncias de Picasso & Cia.

Essa artista possui um talento vigoroso, fora do comum. Poucas vezes, através de uma obra torcida em má direção, se notam tantas e tão preciosas qualidades latentes. Percebe-se, de qualquer daqueles quadrinhos, como a sua autora é independente, como é original, como é inventiva, em que alto grau possui umas tantas qualidades inatas, das mais fecundas na construção duma sólida individualidade artística.

Entretanto, seduzida pelas teorias do que ela chama arte moderna, penetrou nos domínios de um impressionismo discutibilíssimo, e pôs todo o seu talento a serviço duma nova espécie de caricatura. (LOBATO, 1917)

Lembramos que nas duas primeiras décadas do século XX, São Paulo ainda é tradicional e provinciana, comandada pela oligarquia cafeeira do PRP¹⁷ (Partido Republicano Paulista), responsável pelos acordos que comandaram o Brasil pela

texto é tornar a leitura mais fluida e contextualizar importantes acontecimentos da época de seu nascimento.

¹⁴ Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=2419>. Acesso em: 12 mai. 2014.

¹⁵ Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=323&lst_palavras=&cd_idioma=28555&cd_item=1>. Acesso em: 12 mai. 2014.

¹⁶ Segundo as fontes pesquisadas, originalmente a crítica "A Propósito da Exposição Malfatti" foi publicada no dia 20 de dezembro de 1917, no jornal *O Estado de S. Paulo*, porém ao pesquisar a referida edição no acervo digitalizado do jornal, constatamos que a crítica não foi publicada na mesma, contrariando inclusive as páginas destinadas a Anita Malfatti ("Anita Malfatti") e Monteiro Lobato ("Monteiro Lobato"), na seção "Personalidades" do referido jornal, o que nos deixa em dúvida sobre a exata data de publicação do artigo e até mesmo o jornal em que este foi publicado originalmente. Posteriormente, essa crítica também foi publicada no livro *Idéias de Jeca Tatu* (1920) com o título alterado para *Paranóia ou Mistificação?*. A edição datada de 20 de dezembro de 1917, do jornal *O Estado de S. Paulo* está disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19171220-14238-nac-0001-999-1-not/tela/fullscreen>>. Acesso em: 12 mai. 2014.

¹⁷ O PRP foi o braço forte do Partido Republicano e sua composição política dominou São Paulo desde a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889 até a Revolução de 30. Durante os 41 anos em que esteve no poder, o PRP elegeu 14 governantes ligados à elite cafeeira e quatro presidentes da República: Prudente José de Moraes Barros (1894-1898), Manuel Ferraz de Campos Sales (1898-1902), Francisco de Paula Rodrigues Alves (1902-1906) e Washington Luís Pereira de Souza (1926-1930).

política do “Café com Leite” durante todo o período da “República Velha”¹⁸ (CASALECCHI, 1987). Com isso, o Brasil encontra-se atrasado frente às vanguardas artísticas europeias, até que o movimento modernista brasileiro surge, com um grupo de amigos determinados a atualizar não apenas São Paulo, como também o Brasil no campo das artes, promovendo em sua primeira fase uma ruptura estética e academicista, que ganhou notoriedade e é lembrada até hoje pela realização da *Semana de Arte Moderna*, no ano de 1922 (LAFETÁ, 1974; GONÇALVES, 2012). Houve uma preocupação com a questão da identidade nacional¹⁹ e, pela primeira vez, uma valorização da cultura popular e do folclore como elementos dessa identidade. Ressaltamos que, apoiados nos estudos de Ramos Jr. (2006, 2009), descrevemos a evolução mítica da construção da identidade nacional e evidenciamos a partir dos acontecimentos do ano de 1922 – *Centenário da Independência do Brasil* com a estreia do rádio no país e a realização da *Semana de Arte Moderna* – um “*novo momento*” de construção dessa identidade brasileira e os desdobramentos para um novo momento da identidade paulistana nos artigos apresentados durante o XI LUSOCOM (MICHELETTI, 2014a) na Universidade do Vigo, Campus Pontevedra, na Espanha e no XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (MICHELETTI, 2014b), na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), na cidade de Foz do Iguaçu no Estado do Paraná, Brasil.

2.2.1. Brasil: uma questão culturalmente identitária

Para explicar a formação da “cultura popular” no país, Marques de Melo (2004) escreve que a cultura brasileira torna-se paradigmática ao receber primeiramente a influência e símbolos de povos multifacetados, em um processo de hibridação entre uma matriz hegemônica dos portugueses com suas experiências civilizatórias anteriores - realizadas nos continentes africanos e asiáticos - somadas à cultura dos índios habitantes da mata atlântica e posteriormente à influência dos negros que aportaram como mão de obra escravagista em diferentes áreas produtivas. Na história mais recente, ao longo do século XX, a cultura brasileira ainda recebe a “*penetração de padrões consentâneos com a fisionomia polifacética*”

¹⁸ Também chamada de “Primeira República”.

¹⁹ Segundo Stuart Hall (2011, p. 47) “identidade nacional” é também um tipo de “identidade cultural”.

da emergente ‘cultura de massas’”, inicialmente de matrizes europeias e depois das “indústrias simbólicas norte-americanas” (MARQUES DE MELO, 2004, p. 272), sendo o rádio o primeiro veículo de massa no país.

Dessa imbricação simbólica resultou uma pujante "cultura popular" responsável em grande parte pela natureza da identidade nacional brasileira, que se reproduziu heterogeneamente durante cinco séculos em todos os quadrantes da nossa geografia. Contudo, os traços explicitamente homogêneos da chamada "cultura brasileira" são aqueles herdados da "cultura erudita" euro-latina, disseminados sistematicamente pela rede escolar, igreja católica e outras instituições respaldadas pelo aparato estatal. (MARQUES DE MELO, 2004, p. 271)

Segundo Stuart Hall (2011), uma identidade nacional é uma das identidades culturais de uma nação, de um país e, na modernidade, destacamos que as culturas nacionais “se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural” (HALL, 2011, p. 47). Assim, quando nos definimos como “brasileiros” ou “italianos” ou “portugueses” estamos nos identificando de maneira metafórica. “Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial” (HALL, 2011, p. 47-48).

[...] na verdade, as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser “inglês” devido ao modo como a “inglesidade” (Englishness) veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. (HALL, 2011, p. 49)

Consideramos destacar neste momento, uma breve contextualização dos acontecimentos políticos²⁰ que buscam por uma nova identidade nacional com a Independência do país, que acontece em 07 de setembro de 1822, principalmente até o período da Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, com enfoque na participação paulista, com a criação do Partido Republicano Paulista (PRP). Nossa intenção não está em relatar todos os fatos históricos e registrar todos os nomes, datas e acontecimentos desse processo, mas sim, demonstrar quais são os ideais políticos nesse momento da identidade brasileira que influenciarão a política do país no início do século XX. Ressaltamos ainda que Osvaldo Moles

²⁰ Outro importante fato histórico desse período, relacionado à construção da nossa identidade, está no processo de abolição da escravatura, com a *Lei do Ventre-Livre* (1871), *Lei dos Sexagenários* (1885) e a *Lei Áurea* (1888).

começa sua carreira jornalística no *Diário Nacional*, periódico que se torna a voz oficial do Partido Democrático (PD), formado por dissidentes do PRP, e anos depois trabalha no *Correio Paulistano*, que se constitui como a voz oficial do PRP.

No ano de 1824, dois anos após a Independência do Brasil, surge a primeira constituição do país, documento que possibilita a transição do regime monárquico para um regime republicano, porém uma posição evolucionista de grande parte dos políticos, ao negar uma revolução para esta transição, fez com que o regime republicano ocorresse apenas no ano de 1889. A edição número 1 do jornal *A Republica*, de propriedade do *Club Republicano*, publica no dia 03 de dezembro de 1870, o seguinte manifesto:

Aos nossos concidadãos.

E a voz de um partido a que se alça hoje para fallar ao paiz. E esse partido não carece demonstrar a sua legitimidade. Desde que a reforma, alteração ou revogação da carta outhorgada em 1824, está por ella mesma prevista e autorizada, é legitima a aspiração que hoje se manifesta para buscar em melhor origem o fundamento dos inuferiveis direitos da nação.

Só á opinião nacional cumpre acolher ou repudiar essa aspiração. Não reconhecendo nós outra soberania mais do que a soberania do povo, para Ella appellamos. Nenhum outro tribunal pôde julgar-nos: nenhuma outra autoridade pôde interpôr-se entre ella e nós.

Como homens livres e essencialmente subordinados aos interesses da nossa patria, não é nossa intenção convulcionar a sociedade em que vivemos. Nosso intuito é esclarecê-la.

Em um regimen de compressão e de violencia, conspirar seria o nosso direito. Mas no regimen das ficções e da corrupção, em que vivemos, discutir é o nosso dever.

As armas da discussão, os instrumentos pacificos da liberdade, a revolução moral, os amplos meios do direito, postos ao serviço de uma convicção sincera, bastam, no nosso entender, para a victoria da nossa causa, que é a causa do progresso e da grandeza da nossa patria.

A bandeira da democracia, que abriga todos os direitos, não repelle, por erros ou convicções passadas, as adhesões sinceras que se lhe manifestem. A nossa obra é uma obra de patriotismo e não de exclusivismo, e acceitando a com participação de todo o concurso leal, repudiamos a solidariedade de todos os interesses illegitimos.²¹

Um texto com o título homônimo ao jornal citado, assinado por “D...”, traz na edição de número 02, uma visão iluminista²², exaltando a França como berço da democracia e os Estados Unidos como símbolo do progresso.

A historia, pharol, que nos illumina as trevas do passado, é a mesma do porvir: ella nos demonstra que a liberdade dos povos é a primeira garantia

²¹ Manifesto. *A Republica*. Rio de Janeiro, 03 dez. 1870, p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=138916&PagFis=1>>. Acesso em: 18 mai. 2014.

²² Lembramos que, antes da modernidade, uma das concepções de identidade de um indivíduo, era a do “*Sujeito do Iluminismo*”, em que a razão, consciência e ação estavam centradas no próprio sujeito. Para saber mais, leia *A Identidade Cultural na Pós Modernidade* (HALL, 2011, p. 10-11).

do progresso das ações.

As sciencias e a razão consolidam mais e mais em nosso espirito a crença nessa verdade. Pariz foi o ponto do globo donde primeiro partio o grito de alarma que reboou pelo orbe, amedrontando os reis e doutrinando os povos. E Pariz, a cidade dos triumphos democraticos, ha quasi um seculo, só, e sem apoio, braço a braço, e corpo a corpo, vencida e vencedora nos choques com a tyrannia, pleiteia sem descanso em prol da liberdade.

Salve, oh! Pariz!... salve, oh! berço da democracia moderna!...

A liberdade é a condição do progresso, como a igualdade é a da dignidade humana.

[...]

Venha a Republica, - a época da monarchia passou, - o porvir não é mais o desconhecido, - é o progresso dos Estados Unidos da America do Norte, - é a Republica Argentina que dentro de dez annos disputar-nos-ha a supremacia do sul.

.....
Salve, oh! valentes lidadores da democracia!... salve, oh! mocidade brasileira!...²³

Lembramos que o nome oficial do país era “*Império do Brasil*” e após a Independência, o nome oficial muda para “*Estados Unidos do Brasil*”²⁴. No campo político, a identidade nacional brasileira sofre influências culturais francesas, que principalmente na moda²⁵, terão uma presença muito forte, tendo como ideal de exemplo democrático os Estados Unidos, país que parecemos querer copiar desde então e que até os dias atuais exerce forte influência política, econômica e cultural com o “*american way of life*”.

Segundo Carla Reis Longhi (2003, pp. 54-71), até a tradicional família Prado que em São Paulo foi um expoente da economia, com imensa produção cafeeira e grande influência política, entra agora no cerne dos debates culturais. Eduardo Paulo da Silva Prado, “*um intelectual em essência*”, estudou e escreveu sobre a história do Brasil, influenciado pelas ideias do historiador Capistrano de Abreu. Amante da tradição, Eduardo Prado torna-se um monarquista convicto em pleno auge do pensamento republicano, “*considerando a República ainda mais autoritária que a própria monarquia*”. Formado na Faculdade de Direito de São Paulo, escreveu críticas literárias e artigos sobre política internacional para o jornal *Correio Paulistano*. Esteve entre os fundadores da Academia Brasileira de Letras, na qual ocupou a Cadeira nº 40, cujo patrono é o Visconde do Rio Branco (*Eduardo Prado: Biografia*). Mesmo assim, aparentemente viveu financiado por sua mãe, Dona

²³ D. A Republica. *A Republica*. Rio de Janeiro, 06 dez. 1870, p.4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=138916&PagFis=8>>. Acesso em 18 mai. 2014.

²⁴ Atualmente o nome oficial do país é República Federativa do Brasil.

²⁵ Sobre a influência francesa na moda, retomaremos o assunto ao analisarmos a “Página Feminina” do jornal *Correio Paulistano*, que inaugura a imprensa feminina no Estado de São Paulo, nas mãos da jornalista Anita Ramos, esposa de Osvaldo Moles.

Veridiana Prado, quase a levando à falência "*tamanho era seu despreendimento e despreocupação com as questões financeiras*" (LONGHI, 2003, p. 58).

Eduardo Prado passa muitos anos de sua vida na Europa e em Paris, torna-se amigo de Eça de Queiroz, que escreve *A Cidade e as Serras* inspirado nos conflitos de Eduardo em "*abraçar o progresso e perder as raízes ou manter as tradições*" (idem); em ter preferência pelas cidades que sofrem as influências da cultura europeia ou ao "*apego a terra natal*" de quem nasce e é criado nas serras. Contudo, ao voltar ao Brasil e morar na fazenda, onde forma uma vasta biblioteca, Eduardo Prado amplia o questionamento sobre a influência europeia e salienta a necessidade de o Brasil buscar suas próprias raízes em ideias retomadas por diversos modernistas, sobretudo com seu sobrinho Paulo Prado e em Mário de Andrade.

"Assim, não é estranho notar que o próprio Eduardo, apesar de ter vivido quase mais tempo na Europa do que no Brasil, com o tempo, passou a questionar a influência européia, ponderando sobre a necessidade de o Brasil buscar suas próprias raízes, pois, para ele, '*Copiemos, copiemos, pensaram os insensatos, copiemos e seremos grandes! Deveríamos antes dizer: Sejamos nós mesmos, sejamos o que somos e só assim seremos alguma cousa*.'" (LONGHI, 2003, p. 60)

A forte influência americana que se inicia com o fim do século XIX e ascende no decorrer de todo o século XX no Brasil era mal vista por Eduardo Prado, que encontra em dois primos, formados em Direito nos Estados Unidos, uma "*formação cultural frágil, comprovando a sua tese de que faltava aprofundamento na cultura norte-americana*" (LONGHI, 2003, p. 58). No livro *A Ilusão Americana*, Eduardo Prado escreve:

Pensamos que é tempo de reagir contra a insanidade da absoluta confraternização que se pretende impor entre o Brasil e a grande república anglo-saxônica, de que nos achamos separados, não só pela grande distância, como pela raça, pela religião, pela índole, pela língua, pela história e pelas tradições do nosso povo.

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico ao qual seria pueril atribuir uma exagerada importância.

Onde é que se foi descobrir na história que todas as nações de um mesmo continente devem ter o mesmo governo? E onde é que a história nos mostrou que essas nações têm por força de ser irmãs? Em plena Europa monárquica não existem a França e a Suíça republicanas? Que fraternidade há entre a França e a Alemanha, entre a Rússia e a Áustria, entre a Dinamarca e a Prússia? Não pertencem estas nações ao mesmo continente, não são próximas vizinhas, e deixam, porventura, de ser inimigas figadais? Pretender identificar o Brasil com os Estados Unidos, pela razão de serem do mesmo continente, é o mesmo que querer dar a Portugal as instituições da Suíça, porque ambos os países estão na Europa.

[...]

Vejamos na história: Que auxílio prestou o governo americano à independência das colônias ibéricas da América - Qual tem sido a atitude dos Estados Unidos quando estes países têm sido atacados pelos governos europeus - Como os tem tratado o governo de Washington - Qual tem sido o papel dos Estados nas lutas internacionais e civis da América latina - Qual a sua influência política, moral e econômica sobre estes países. (PRADO)

Outra questão que merece nossa atenção durante o século XIX está na espécie de “*profecia*” sobre uma possível guerra com a Argentina na disputa pelo Sul do Brasil. No ano de 1870, havíamos vencido a Guerra do Paraguai²⁶, apoiados pela Triplice Aliança, formada pelo Brasil, Uruguai e a própria Argentina. Mas antes do final da guerra, o Uruguai e a Argentina saíram do conflito que durou seis anos e dizimou 80% da população paraguaia. O Brasil²⁷ saiu vitorioso desse conflito configurando-se como uma potência bélica dentro da América Latina.

Retomando a ideia de evolucionismo, para a transição da Monarquia para República, é interessante notar as diferenças de interesse entre Rio de Janeiro e São Paulo. Enquanto no Rio de Janeiro os republicanos queriam um regime que atendesse os “*direitos e liberdades individuais, à soberania do povo, à verdade democrática*” (CASALECCHI, 1987, p. 45), São Paulo pretendia um regime federalista com foco na “*autonomia provincial*”, para atender os interesses dos grandes proprietários de terras.

O movimento separatista na província paulista confirmava essa tendência. Dos republicanos paulistas, em 1878, mais de 30% eram proprietários rurais; na província do Rio eles representavam menos de 2%, enquanto profissionais liberais (advogados, jornalistas, professores, médicos, engenheiros, etc.) representavam mais de 60%. É possível vincular as diferenças ideológicas diante do ideário republicano à composição social dos dois núcleos republicanos. Diferenças que certamente caminhavam em desfavor da unidade partidária no plano nacional. (CASALECCHI, 1987, pp. 45-46)

Quintino Bocayuva, um dos principais líderes da ala evolucionista do partido, declara em janeiro de 1872: “*No desenvolvimento de todas as reformas políticas há sempre dois termos rigorosos – o da revolução, que equivale à imposição da reforma pela autoridade da força, e da evolução*” (BOCAYUVA, 1872 apud. CASALECCHI, 1987, p. 40). O Partido Republicano Paulista (PRP) nasce no ano

²⁶ Para saber mais leia: <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/guerra-do-paraguai-triplice-alianca-entre-argentina-brasil-e-uruguai.htm>. Acesso em 18 mai. 2014

²⁷ Lembrando que antes da Guerra do Paraguai, o Brasil já havia passado pela Guerra da Cisplatina lutando contra a Argentina pelo território uruguaio que, mediado pela Inglaterra, declara sua Independência no ano de 1828 e a Guerra do Uruguai, também conhecida como Guerra contra Aguirre, em 1864-1865, em que o Brasil também sai vitorioso reincorporando território invadido no atual Estado do Rio Grande do Sul (“Guerra contra Aguirre”, “Guerra do Uruguai”).

seguinte a essa declaração, em ocasião da histórica Convenção de Itu, realizada em 18 de abril de 1873. Após a Proclamação da República, o PRP comandou o Estado de São Paulo e influenciou o país até a *Revolução de 30*. Nesse período elegeram todos os 14 governadores²⁸ do Estado de São Paulo e os presidentes: Prudente de Moraes, Campos Salles, Rodrigues Alves e Washington Luís.

No campo da literatura, no primeiro período do romantismo brasileiro, buscava-se a identidade nacional, o momento de nascimento dos legítimos brasileiros, sob um olhar mítico que “mata” todos aqueles que não sejam filhos da mistura do índio com o português, ou do português com escravo (RAMOS JR., 2009); no campo político-ideológico temos uma influência cultural francesa, um ideal “americanizado” e um partido que promove a *Proclamação da República*, com uma visão evolucionista²⁹, com posições divergentes entre identidades culturais regionais, principalmente entre os filiados do Partido Republicano do Rio de Janeiro e de São Paulo. A historiadora Carla Reis Longhi (2003, pp. 59-60) descreve duas correntes, entre os intelectuais da época, que refletem a discussão sobre a questão da identidade brasileira, que surge com a virada do século. Um grupo acreditava no futuro do país “seremos uma nação grandiosa”, esquecendo-se do passado e colocando as esperanças no futuro, enquanto outros intelectuais buscavam no passado as nossas origens “perguntando que personagens traduziam o homem brasileiro”.

O segundo grupo procurou vasculhar nosso passado, buscando nossas origens e nossa cara, se perguntando que personagens traduziam o homem brasileiro. Algumas obras tornaram-se célebres. Basta citar, em 1902, a publicação de *Canaã* por Graça Aranha, que discutia a questão da imigração e a viabilidade do Brasil como país autônomo (para ele não havia um personagem com características tipicamente brasileiras), e *Os Sertões* de Euclides da Cunha, que numa visão menos pessimista, via no sertanejo as características nacionais. (LONGHI, 2003, p. 60)

Já no século XX, a busca pela “construção” da identidade brasileira encontra-se no modernismo, especificamente na obra *Macunaíma* (1928), escrita por Mário de Andrade (RAMOS JR., 2006, 2009). O autor, que se inspirou na leitura do antropólogo alemão Koch-Grünberg, desenvolve um livro mitificado escrito em

²⁸ Nesse período os governadores eram nomeados presidentes do estado.

²⁹ José Ênio Casalecchi (1987) em seu texto trabalha com a hipótese de que a posição evolucionista teve grande adesão por parte dos republicanos, por acreditarem que uma revolução não teria adesão suficiente da população para proporcionar a reforma política desejada.

formato de rapsódia³⁰ conforme escreve António de Alcântara Machado³¹ em crítica publicada na *Revista de Antropofagia*: “*Rapsódia nacional (com o r bem rolado) de lendas, de anedotas, de cheiros, de tudo*” e reconhece a proximidade que o texto tem com a nossa tradição oral “*A língua então é a mais poética possível. Parece uma música. O violão sempre acompanhando*”. A proximidade com o povo brasileiro, com a nossa identidade também aparece na crítica e António Alcântara Machado acredita que só um brasileiro poderia escrever com tanta propriedade do Brasil.

Há que tempo Machado de Assis dizia por outras palavras que ser escritor brasileiro não é tão simplesmente cantar o índio e botar numa paisagem ipês em flor. O Brasil não é isso só. Ou melhor: o Brasil não é isso. Qualquer estrangeiro é capaz de fazer um romance muito bem feitinho com personagens desta terra movendo-se nesta terra. Agora o romance da terra só um brasileiro pode escrever. E há de escrever passando além do visível e do palpável. Não se contentar com aquilo que a terra oferece e mete pelos olhos da gente a dentro. Mas sofrer o sofrimento da terra, gozar o gôzo da terra, rir o riso da terra, viver a vida da terra.

Só êste refrão de Macunaíma - Ai! que preguiça!... - vale como brasilidade mais do que todas as ruazinhas de arrabalde, todos os tutus de feijão, morenas de chita e tal que enchem os versos dos nossos curumins contemporâneos. (ALCÂNTARA MACHADO apud. RAMOS JR., 2006, p. 32)

Após viajar pelo norte e nordeste brasileiro³², Mário de Andrade se inspira em um mito da Amazônia para desenvolver o personagem protagonista que dá nome ao livro *Macunaíma* (1928), uma metáfora da visão que o autor tem sobre o povo brasileiro. Macunaíma é o “*herói sem caráter*”, mas a questão não está exclusivamente na imoralidade por uma suposta falta de caráter, saímos da discussão moral para entrar na discussão das características do povo brasileiro e estas, conforme demonstra a análise do livro elaborada por Ramos Jr. (2006, 2009), são excessivas e ambíguas. Macunaíma tem características demais, sendo

³⁰ As rapsódias são epopeias ligadas à tradição oral, a antigos cantos populares. O próprio Mário de Andrade assume posteriormente *Macunaíma* como uma rapsódia.

³¹ António de Alcântara Machado nasce em 25 de maio de 1901 e desde criança prefere ler clássicos da literatura a assistir jogos de futebol com o primo, Paulo Machado de Carvalho, futuro proprietário da Rádio e TV Record. Descendente da tradicional família paulista dos "Alcântara Machado de Oliveira", seus antepassados levam até o nobre sangue de um cavaleiro fidalgo da Casa Real Portuguesa, o António de Oliveira que chegou ao Brasil no ano de 1532, com os primeiros portugueses que fundam a Capitania de São Vicente, chefiada por Martim Afonso de Souza, então governador da Província. Fato que seu pai, José de Alcântara Machado de Oliveira, immortaliza com a frase "um paulista há quatrocentos anos", quando empossado na Academia Brasileira de Letras, no ano de 1931.

³² Dessas viagens, Mário de Andrade escreve dois diários que foram publicados postumamente no livro *O Turista Aprendiz* (1976b): “Viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia por Marajó até dizer chega” sobre a região norte e “Viagem Etnográfica” sobre o nordeste brasileiro. Ressaltamos que cronologicamente a Semana de Arte Moderna acontece no ano de 1922 e Mário de Andrade só realiza suas viagens anos depois, partindo para o norte no ano de 1927 e para o nordeste no ano de 1928, mesmo ano em que lança o livro *Macunaíma*.

“corajoso e valente”, “verdadeiro e mentiroso”, etc., um herói que contraditoriamente também é “anti-herói”. Segundo Ramos Jr. (2009), Mário de Andrade decide escrever sobre este e outros mitos, mas os “transforma” e os “mistura com vários outros mitos, contos, do folclore, das mais variadas procedências étnicas, do negro, do índio, do branco europeu”.

Então Mário de Andrade fez esse grande coquetel, essa grande mistura pra contar a história de um herói que nasce no meio da selva amazônica, dentro de uma narrativa que tem tudo haver com as narrativas míticas. Ele inicia o relato assim: “No fundo do mato-virgem, nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto, retino e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança chamaram de Macunaíma”.

No fundo do mato-virgem, linguagem de lenda, linguagem de mito. É ou não é? Nasceu Macunaíma. Filho do medo da noite. Muita gente, diz que Macunaíma não teve pai, só teve mãe. Não, ele teve pai, é o "medo da noite". É o pai dele! Portanto, um ente sobrenatural e a mãe, uma índia tapanhumas. (RAMOS JR., 2009 – Transcrição nossa)

Mas o Brasil não se restringe ao norte e seu folclore, nossa identidade percorre o vasto território brasileiro, respeitando suas regionalidades, contos, folclore e culturas locais. Mário de Andrade acredita que o Brasil deve ser visto como um todo e não separadamente, pensando junto com Luis da Câmara Cascudo que os regionalismos, propostos inclusive por Gilberto Freyre, podem ser “perigosos”, conforme nos apresenta Marta Amoroso (2012) em resenha sobre o livro *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944*.

As cartas nos mostram o making of dessa construção que foi o Brasil dos modernistas, efeito calculado de duas atitudes compartilhadas por Mário e Cascudo, mas não só por eles, na condução das pesquisas. A primeira delas foi a fuga do exotismo e dos regionalismos, identificados por Mário como “um perigo” (p. 38) a seduzir os autores do Nordeste, entre eles Gilberto Freyre: “Em tese sou contrário ao regionalismo. Acho desintegrante da ideia da nação e sobre este ponto muito prejudicial pro Brasil já tão separado”. O regionalismo insistiria na diferenciação, salientando não o “caráter individual psicológico de uma raça, mas seus lados exóticos” (p. 64). (AMOROSO, 2012, p. 179)

Neste sentido, até a descrição física do personagem Macunaíma, apresentada por Ramos Jr. (2009), pode ser traduzida em uma metáfora do mapa do Brasil, com o corpo “troncudo” no norte, uma cabeça “pequeninha”, localizada na ilha de Marajó e apenas uma perna no sul.

Agora ele já está metamorfoseado em homem, também magicamente. Ele era uma criança quando ele foi abandonado pela mãe no cerrado pra não crescer, aí ele engana um Curupira e conta essa história dando risada para Dona Cotia que era feiticeira, que tava fazendo uma água mágica e a Cotia

depois de ouvir falou: Bom, essa história que você contou não é coisa de criança, vou te igualar o corpo com o bestunto, o corpo com a cabeça que é de adulto, aí ela joga essa água mágica e ele cresce, fica com corpo de homem, bem truncado, bem parrudo, bem forte, mas com a cabeça pequenininha de criança. No fim Macunaíma vai perder uma perna. E nós podemos ver aqui uma imagem sugerida do próprio mapa do Brasil. Troncudão no norte, com uma cabecinha pequenininha ali na ilha de Marajó, e com uma perna só ali no Sul, se apoiando. (RAMOS JR., 2009 – Transcrição nossa)

Na verdade, a preocupação em “*encontrar*” a identidade brasileira está além de Mário de Andrade, permanecendo presente em grande parte dos modernistas brasileiros. Lafetá (1974) fala de dois projetos modernistas: o estético, que propunha uma ruptura com a linguagem tradicional, passadista e o ideológico, que buscava a “*consciência do país, desejo e busca de uma expressão artística nacional, caráter de classe de suas atitudes e produções*” (LAFETÁ, 1974, p. 12).

Com a entrada do rádio, acrescenta-se a “cultura de massa” a esse processo de identificação, que na concepção de Stuart Hall (2011) propõe falar da identidade não como “*uma coisa acabada*”, mas sim, como um processo de “*identificação, e vê-la como um processo em andamento*” (HALL, 2011, p. 39). Lembramos ainda

do processo que “liga” o rádio com uma longa e vasta tradição de expressões da cultura popular. No país “literário” por excelência da América Latina, o desprezo dos escritores pelo rádio iria durar muitos anos, marcará “o desencontro entre um meio pleno de possibilidades e uma estrutura cultural atravessada por paradoxos surpreendentes”. E sua inscrição, assim, na esfera do popular, ou seja, do *oral*: a dos *payadores* e do circo *criollo*³³, fazendo a ponte entre o folhetim gauchesco e os atores ambulantes com o rádio. O rádio será desde o princípio assim: música popular, declamadores, partidas de futebol e, a partir de 1931, por excelência, o radioteatro. (MARTÍN-BARBERO, 2009, pp. 238-239)

Com aparelhos instalados em quase todos os lares brasileiros, a radiofonia torna-se um fenômeno de massa, sendo amplamente disseminado, principalmente a partir dos anos de 1930. O rádio, como meio de comunicação de massas foi o primeiro grande mediador da cultura brasileira (NAPOLITANO, 2008; ADAMI, 2012b).

2.3. Modernismo brasileiro: proximidades políticas com a elite paulista

Na década de 1920, a oligarquia paulista ainda se encontra no poder

³³ Segundo Martín-Barbero (2009, p. 323), o termo *criollo* refere-se a pessoas ou práticas de origem europeia que nasceram ou se estabeleceram na América, ou a costumes próprios dos americanos.

político, porém, esta assiste uma burguesia em franca ascensão e o crescimento da classe média ganhar força (LAFETÁ, 1974). A transformação socioeconômica do Brasil, nesse momento está impulsionada pelo entre guerras e o processo de imigração configura um novo país e, principalmente, uma nova São Paulo, comparada aos grandes centros europeus. Os modernistas se aproximam da efervescente sociedade industrial, incentivando, com a arte, o desenvolvimento da modernidade daquele século.

Voltamos assim, ao velho tema da luta entre a cidade e o campo, entre o interesse urbano e o agrário, que tão poderosamente configurou a história latino-americana, a partir da segunda metade do século XIX. Como fenômeno cultural e estético ligado aos problemas da vida urbana, o Modernismo em São Paulo aliava-se aos interesses da cidade, trazendo uma nova concepção de vida, a despeito de incorporar, de maneira diferenciada, uma literatura também regionalista, ora visando à fixação de aspectos da vida e da linguagem caboclas (*Os Caboclos*, de Waldomiro Silveira), ora com o sentido de denúncia social (*Urupês*, de Monteiro Lobato) e também como derradeira exaltação do sertanejo paulista (*Juca Mulato*, de Menotti del Picchia) (MACHADO, 1970, p. 58)

Contudo, os modernistas foram patrocinados pela burguesia rural, condição que Lafetá (1974, p. 14) explica "*parcialmente*" escrevendo que "*importante fração da burguesia industrial, provém da burguesia rural, bem como grande parte dos capitais que permitiram o processo de industrialização*". O "estado de espírito" dos modernistas é de insatisfação diante da "*realidade brasileira*" da época e, com isto, buscam a resposta para "*três grandes mitos contemporâneos: o do progresso rápido, o da liberdade social e o do nacionalismo*" (MACHADO, 1970, p. 22).

A deformação do natural como fator construtivo, o popular e o grotesco como contrapeso ao falso refinamento academicista, a cotidianidade como recusa à idealização do real, o fluxo da consciência como processo desmascarado da linguagem tradicional.

Como no Brasil sofremos influencia negra e ameríndia nas artes, o modernismo aqui, de um só passo, rompia com a ideologia que segregava o popular - distorcendo assim nossa realidade - e instalava uma linguagem conforme à modernidade do século. (LAFETÁ, 1974, p. 13)

O grande mecenas dos modernistas brasileiros é filho da tradicional família Prado. Paulo Prado, sobrinho de Eduardo Prado, seguiu os passos do tio, ao estudar a história do Brasil, influenciado pelo historiador Capistrano de Abreu. Com uma visão crítica, escreve diversos livros, dos quais destacamos *História de São Paulo* e *Retrato do Brasil*, em que ele demonstra como a "*deformação brasileira*" começa com a colonização portuguesa, indo de encontro com o processo de europeização e segue até o começo da influência norte-americana (LONGHI, 2003,

p. 61). Paulo Prado foi amigo e incentivador dos principais expoentes do modernismo brasileiro, através dele se articularam os patrocínios necessários para realização da *Semana de Arte Moderna* e o espaço no *Theatro Municipal de São Paulo* para sediar o evento (GONÇALVES, 2012). Na década de 1920, São Paulo configura-se como metrópole, uma cidade cosmopolita, “*agitada pelo comércio e ocupada pelos ícones da modernidade (eletricidade, maquinários, carros)*” (LONGHI, 2003, p. 56), além de abrigar culturas diversas, com a entrada de imigrantes alterando os costumes da cidade. No campo político, dissidentes do Partido Republicano Paulista (PRP) fundam o Partido Democrático (PD), em 1926, presidido por Antonio Prado³⁴, pai de Paulo Prado. Logo o novo partido teria no *Diário Nacional*, sua voz oficial veiculada, fazendo frente ao *Correio Paulistano* e abrigando em sua redação, modernistas como Mário de Andrade.

A história econômica e social brasileira está a indicar o sentido dessa revolução que, simultaneamente com a conquista de maior consciência de nosso destino como Nação, consiste na translação do status agrário para o urbano. Não tendo sido rigorosamente a preparadora ou criadora do estado de espírito revolucionário dominante na década de 20, mas tão-somente uma expressão desse estado de espírito revolucionário, a *Semana de Arte Moderna* provocou a identificação entre a nova Inteligência brasileira e as forças sociais e políticas, particularmente o "tenentismo", suporte das crises armadas, que iriam confluír para a Revolução de 30. (MACHADO, 1970, p. 22)

Em 15 de maio de 1922, a primeira edição da revista modernista *Klaxon* traz no editorial intitulado “Significação” o estilo debochado dos modernistas e a preocupação destes com a identidade brasileira.

A luta começou de verdade em princípios de 1921 pelas columnas do “Jornal do Commercio” e do “Correio Paulistano”. Primeiro resultado: “Semana de Arte Moderna” – espécie de Conselho Internacional de Versalhes. Como este, a Semana teve sua razão de ser. Como elle: nem desastre, nem triumpho. Como elle: deu fructos verdes. Houve erros proclamados em voz alta. Pregaram-se idéias inadmissíveis. E’ preciso reflectir. E’ preciso esclarecer. E’ preciso construir. D’ahi, KLAXON.

E KLAXON não se queixará jamais de ser incomprehendido pelo Brasil. O Brasil é que deverá se esforçar para comprehender KLAXON.

[...]

Seculo 19 – Romantismo, Torre de Marfim, Symbolismo. Em seguida o fogo de artifício internacional de 1914. Ha perto de 130 annos que a humanidade está fazendo manha. A revolta é justíssima. Queremos construir a alegria. A própria farça, o burlesco não nos repugna, como não repugnou a Dante, a

³⁴ Apelidado de “Antonico”, Antonio da Silva Prado (1840-1929) é filho de Martinho da Silva Prado e da Dona Veridiana Valéria da Silva Prado, o que o faz neto e homônimo do Barão de Iguape, que também se chamava Antonio da Silva Prado, sendo necessários cuidados e atenções especiais para não confundir os feitos das duas personalidades, como ocorre em diversos relatos disponíveis na internet.

Shakespeare, a Cervantes. Molhados, resfriados, reumatisados por uma tradição de lágrimas artísticas, decidimo-nos. Operação cirúrgica. Extirpação das glândulas lacrimaes. Era dos 8 Batutas, do Jazz-Band, de Chicharrão, de Carlito, de Mutt & Jeff. Era do riso e da sinceridade. Era de construção. Era de KLAXON. (KLAXON EM REVISTA, 2013)

Outra questão é que boa parte dos modernistas brasileiros – participantes ou não da *Semana de Arte Moderna* – trabalharam na imprensa escrita e no rádio. Alguns exemplos estão na participação de Guilherme de Almeida, Menotti Del Picchia e António de Alcântara Machado na PRB-9 Rádio Record de São Paulo, durante os conflitos da Revolução de 1932. Mário de Andrade, enquanto esteve à frente do Departamento Municipal de Cultura da cidade de São Paulo, funda uma Rádio-Escola no ano de 1935, que dá origem à atual discoteca Oneyda Alvarenga do Centro Cultural São Paulo. Com a orientação de Mario da Silva Brito, o modernista Oswald de Andrade, Sérgio Milliet e Jamil Almansur Haddad fazem supervisão dos roteiros de Osvaldo Moles para o programa *História da Literatura Brasileira*³⁵, patrocinado pela Caixa Econômica Estadual, que estreou na segunda-feira, 11 de agosto de 1952, na PRH-9 Rádio Bandeirantes. Guilherme de Almeida e Menotti Del Picchia também se encontram na Rádio Cruzeiro do Sul. Lembrando que, em geral, os modernistas brasileiros, assim como os pioneiros das rádios sociedades e rádio clubes, eram financeiramente abonados, descendentes muitas vezes de famílias tradicionais da época. Vejamos o depoimento de Ariovaldo Pires, o Capitão Furtado, sobre sua entrada na Rádio Cruzeiro do Sul em São Paulo:

Em 29 quando foi registrado o nascimento da rádio cruzeiro do sul, que era PRA-O, depois ficou PRB-6, mais tarde emissora de Piratininga... basta ver que um dos redatores era Guilherme de Almeida, outro era Menotti Del Pichia, compositores eram Marcelo Tupinambá que era um engenheiro, Doutor Fernando Louco, um dos locutores era um médico, Doutor Mario Fra Sampaio. Enfim, o nível do rádio naquele tempo! Eu até nem sei como é que eu entrei, porque era um pessoal tão de elite que a minha entrada foi uma zebra. (ARIOVALDO PIRES apud. OLIVEIRA, 2009 – Transcrição nossa)

Contudo, apesar de uma busca sincera pelo valor do popular e do folclore brasileiro que representasse a “verdadeira” identidade nacional, a produção dos modernistas fica restrita ao meio intelectual. Sabemos que os jornais que escoavam grande parte da produção dos modernistas brasileiros eram elitizados (como até hoje são) e, mesmo seus livros, restringiam-se a pequenas tiragens, quase sempre

³⁵ As informações sobre a estreia do programa *História da Literatura Brasileira* e seu elenco foram extraídas da coluna “Notinhas do Eter”, publicada na página 06 do jornal *Folha da Noite*, veiculado em 08 de agosto de 1952. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fdn/1952/08/08/1//4706650>>. Acesso em: 17 set. 2012.

financiadas pelo próprio autor. Assim, apesar da “boa intenção”, tanto os programas educativos idealizados por Roquette Pinto e outros pioneiros do rádio, como os programas de rádio produzidos por modernistas pouco alcançaram as camadas populares, que necessitavam de uma linguagem própria, com expressões, gírias e situações cotidianas às suas experiências de vida. Só com o processo de massificação das décadas seguintes o rádio alcançaria o popular. Quanto aos livros, com exceção da literatura de cordel, que não encontramos nas livrarias, poucos autores conseguem atingir o popular. Osvaldo Moles apesar de não configurar entre o grupo modernista recebe deste grande influência e seus textos conseguem grande adesão do público considerado popular, assim como o faz nos programas radiofônicos, principalmente na parceria de grande sucesso com João Rubinato, conhecido pelo nome artístico de Adoniran Barbosa. Hermínio Sacchetta escreve no prefácio do livro *Piquenique Classe C* (1962) a diferença entre a obra de Osvaldo Moles e outros modernistas:

Na verdade, Osvaldo Molles reata o fio da literatura popular, que se insinua em Antonio de Alcantara Machado e busca “racionalizar-se” no intelectualismo do valoroso Mario de Andrade para, logo, romper-se num populacheirismo primitivo de semiletrados, que se esbardam nas liberalidades pioneiras dêsses dois escritores.

Em “Piquenique Classe C” legitima-se a literatura “popular”, em suas expressões formais e de conteúdo. Com indiscutível vantagem do autor, em certos aspectos, sobre seus notáveis predecessores. O ofuscante cronista de “Brás, Bexiga e Barra Funda” era um jovem “bem”, em busca louvável originalidade; fêz-se “diferente” garimpando, de luvas de pelica e polainas, nos bairros proletários, de onde extraiu temática e modismos, mas não a essência da alma da classe C. E, por isso, sua literatura, supostamente popular, soa sempre em falsete, não obstante que representou como contribuição.

Mestre Mario de Andrade, por seu turno, nunca chegara a “mistificar”, convincentemente, seu aristocracismo de espírito, preocupado, a todo instante, e de cima, com pesquisas formais de renovação linguística. E a despeito de seu cálido e boníssimo coração, quando faz literatura “popular”, como Antonio de Alcantara Machado, não consegue ocultar os punhos de renda do escritor para elites.

Em outro plano – no da coerência com a natureza do gênero – cabe nos, de igual modo, situar em posição singular o autor de “Piquenique Classe C”. A história de nossa literatura registra cronistas autênticos como João do Rio (Paulo Barreto) e Humberto de Campos. Mas a êstes, importava mais a interpretação emocional dos fatos da vida corrente do que os próprios fatos pelo que pudessem conter e expressar. Osvaldo Molles, quando cuida do fato, faz com que êste se revele, em sua plenitude, através das próprias personagens. Porém se, não poucas vêzes, foge, aparentemente, das solicitações do dia-a-dia, é para reconstruí-lo em quarta dimensão, num plano ideal que é a condenação do real. E, então, o faz com humorismo doloroso, transmitindo, também a êsse respeito, mais do que os seus, os sentimentos dos deserdados das gafieiras e favelas, onde, na realidade, a escassez do pão, embora pareça estranhável, ainda é “compensada” por um incoercível lirismo, que se externa pelas escolas-de-samba e batucadas.

(SACCHETTA apud. MOLES, 1962, p. 14-15)

2.4. “Sapo” no *Diário Nacional*: a voz do Partido Democrático

Em 1929, acreditamos que acontece o primeiro contato pessoal de Osvaldo Moles com os modernistas, quando ele conhece Mário de Andrade e Sérgio Milliet na redação do *Diário Nacional*. É do ano anterior, 1928, o registro que encontramos do seu primeiro emprego. Enquanto ainda estuda na "Escola de Comercio D. Pedro II", Osvaldo Moles começa a trabalhar como auxiliar de escritório em uma agência que vende assinaturas e publicidade de diversos jornais e revistas, *A Eclética – Leunroth & Cosi Ltda.*³⁶, sediada na cidade de São Paulo, com sucursal no Rio de Janeiro³⁷. Nessa empresa encontramos a primeira ligação de Osvaldo Moles com o futebol, sendo ele um dos fundadores da sociedade “Eclectica F.C.”³⁸. Na diretoria³⁹ Osvaldo Moles ocupa a posição de secretário, sendo escalado já no primeiro jogo do time, que aconteceu no dia 16 de setembro de 1928, contra o Tupy F.C. no campo situado na Alameda Lorena, esquina com a Alameda Casa Branca⁴⁰. Sua passagem na *A Eclectica* dura apenas oito meses, quando então, no ano de 1929, ele inicia a carreira de jornalista e passa a trabalhar na redação do *Diário Nacional*.

³⁶ A Eclectica. *Correio Paulistano*. São Paulo, 06 jul. 1929, p.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_07&PagFis=36392>. Acesso em: 03 ago. 2014.

³⁷ *A Eclectica* ficou situada primeiramente na rua Boa Vista, nº 8, depois, na rua Três de Dezembro, nº 12, onde a partir de setembro de 1929, passa a ocupar o segundo andar inteiro do mesmo prédio em que o piso térreo abrigava o Banco do Café, na cidade de São Paulo, além de uma sucursal situada na Praça Floriano, nº 30, localizada na cidade do Rio de Janeiro.

³⁸ Eclectica F. C.. *Correio Paulistano*. São Paulo, 16 set. 1928, p.11. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_07&PagFis=32283>. Acesso em: 14 mai. 2012.

³⁹ A primeira diretoria do clube foi composta pelos seguintes nomes: Presidente Honorário, Sr. Julio Cosi; Presidente, Salvador Pintaudi; Vice-Presidente, Armando Andreotti; Diretor esportivo, Domingos de Grossi; Secretário, Osvaldo Moles; Tesoureiro, Gastão Novaes; Cobrador, Salvador Doria.

⁴⁰ Fundou-se o Eclectica F. C.. *Diário Nacional*. São Paulo, 15 set. 1928, p.9. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=213829&PagFis=3598>>. Acesso em: 08 ago. 2014.

Figura 9 - Declaração da A Eclética

MATRIZ:
Rua Boa Vista, 8-Sob.
PHONES 2-0370 e 2-6132
CAIXAS POSTAIS, 529 e 518
Eml. Telogr.: "ELECTICA"
CODIGOS - RIBEIRO E BENTLEY'S
SAO PAULO - BRASIL

A Eclética
LEUENROTH & COSI, LTD.
PUBLICIDADE NA IMPRENSA E ASSIGNATURAS
DE JORNAES E REVISTAS

SUCCURSAL:
Praça Floriano, 30
Caixa Postal, 5592
Phone Cent. - 9246
RIO DE JANEIRO - BRASIL
Agentes nos principais centros do país
Representantes no exterior

CAPITAL REALISADO 200:000\$000

S. Paulo, 2 de Fevereiro de 1929

Declaramos que o Sr. Oswaldo Moles trabalhou durante oito meses como auxiliar de nosso escriptorio, demonstrando-se diligente e cumpridor de suas obrigações.

Leuenroth & Cosi, Ltd.

Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

O *Diário Nacional*⁴¹ circulou entre os anos de 1927 e 1932. Em suas páginas podemos encontrar uma ampla cobertura dos acontecimentos ligados a literatura, artes plásticas e música do Brasil no período. Osvaldo Moles entra para redação do *Diário Nacional* com apenas 16 anos e encontramos, junto ao seu espólio, o termo “sapo”, escrito “a mão”⁴² (FIGURA 10) em um pedaço de papel, para referenciar sua atuação nesse periódico, que acreditamos ser equivalente ao termo “foca” utilizado nos dias atuais para indicar novos jornalistas. Desse período, encontramos um pequeno texto escrito por Osvaldo Moles para *Revista do Rádio* com o título “Quem sou?”. Neste, o autor escreve poeticamente sobre sua carreira referenciando uma série de reportagens que fez para o *Diário Nacional* e para o *São Paulo Jornal*⁴³.

De repente, me vi na necessidade de ser escriba de jornal. Guardei no porão do inconsciente os velhos cacos dos sonhos antigos. E me vi tudo isso, empinador de papagaio, marinheiro, menino de circo, naquela série de reportagens que de primeiro fiz para o “Diário Nacional” e para o “São Paulo Jornal”⁴⁴

⁴¹ Os diretores do *Diário Nacional*, na época da sua fundação foram os jornalistas Marrey Jr. e Paulo Nogueira Filho. A partir do ano de 1931, a direção do jornal fica a cargo de Paulo Duarte. A Redação era composta por nomes reconhecidos na época como Antônio Carlos Couto de Barros, Amadeu Amaral, Sérgio Milliet, Mario de Andrade e outros, além da contribuição esporádica de expoentes das artes como Manuel Bandeira e Lasar Segall (LOPEZ, 1976a; CAMPOS JR., 2009).

⁴² Apesar de não encontrarmos quem produziu esse documento, o levamos em conta como uma “pista” dos caminhos percorridos por Osvaldo Moles e os ofícios exercidos em cada empresa em que ele atuou. A partir desse papel, por exemplo, pudemos encontrar no acervo digital da *Folha de S. Paulo* as publicações da coluna “Coisinhas da Cidade Grande”, que Osvaldo Moles escreveu para publicação no jornal *Folha da Noite*.

⁴³ Em pesquisa realizada em 2012, para a Iniciação Científica *Osvaldo Moles: pioneiro do rádio paulista* (MICHELETTI, 2012a), acessamos exemplares microfilmados do *Diário Nacional*, em posse da Biblioteca Municipal Mário de Andrade. Nos anos seguintes, em 2013 e 2014, consultamos edições desse mesmo jornal, digitalizadas e disponibilizadas para livre acesso pela hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, de onde extraímos principalmente detalhes sobre a participação de Osvaldo Moles na *A Eclética*. Ressaltamos que não encontramos a produção de Osvaldo Moles nesse periódico, pois as matérias em geral não eram assinadas, com exceção de crônicas e artigos de nomes conhecidos na época como aconteceu com Mário de Andrade, cuja parte da sua produção nesse jornal foi reunida e publicada no livro *Taxi e Crônicas no Diário Nacional* (1976a). Informamos que até o presente momento não encontramos disponível o acervo do *São Paulo Jornal*, periódico em que Osvaldo Moles também trabalha no final da década de 1920 e/ou primeiros anos da década de 1930.

⁴⁴ Quem Sou?. *Revista do Rádio*. Rio de Janeiro, 05 jun. 1954, p.38. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&PagFis=12614>>. Acesso em: 04 fev. 2015.

Figura 10 - Trajetória de Osvaldo Moles, escrita a mão – "Sapo" do *Diário Nacional*

Sapo do Diário Nacional
 Cronista do S Paulo jornal.
 Repórter do Santos jornal.
 Voluntário em 32.
 Foi para a Bahia - como secretário. do
 jornal O Estado da Bahia - que se
 fundura, então.
 Cronista Paulistano - Repórter - Repórter de
 Polícia - Sub-Secretário - cronista
 Parlamentar -
 Fundador da Rádio Tupi (Redator chefe)
 Ganhou o "Prêmio Cinquentenário R.
 Monteiro" - do qual competiu - todas
 as estações de S. Paulo.
 Rádio Record.
 Folha de hoje - Cronista "Crisi -
 blas da cidade grande".
 Diário de hoje - Por favor, me leve -
 crônica.
 O Tempo - Detachado R. a Sorbus.
 Rádio Bandeirantes -
 Rádio Record.

Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012

Numa época em que não existem cursos superiores de jornalismo, Osvaldo Moles faz escola nas redações do *Diário Nacional* e acreditamos que é nesse período que ele conhece grande parte dos modernistas pessoalmente, assim como passa a compreender melhor a política, sendo o jornal ligado ao Partido Democrático, o que lhe dará base para anos mais tarde a sátira política, criando personagens como o "Dotô Vardemá, o promessinha" para referir-se a Adhemar de Barros e "Janho Quadros", referindo-se a Jânio Quadros, entre outros, para programas como *Dose das Doze* que foi ao ar na hora do almoço através dos potentes transmissores da PRB-9 Rádio Record de São Paulo, além, é claro, de esta

experiência contribuir para o êxito da campanha política e assessoria prestada a Laudo Natel, quando este é eleito vice-governador do Estado de São Paulo e depois, quando assume o cargo majoritário.

A criação do Partido Democrático de São Paulo (PD) nasce em oposição ao oligárquico Partido Republicano Paulista, em um domingo, no dia 21 de março de 1926, em assembleia que contou com discursos de Marrey Junior:

"O Partido Democrático pretende ser a escola de divulgação da cultura almejada começando pela cultura cívica, social e política, para que um dia - que nos não supomos muito próximo nem muito remoto - possa divulgá-la integralmente, batendo-se pela observância dos princípios liberais"; do Dr. Luiz de Queiroz Aranha: "Dahi a legitimidade da representação e o fundamento democrático dos poderes públicos. A política actual do Brasil, sem partidos, é, portanto, a falência da democracia"⁴⁵

Do Dr. Paulo de Moraes Barros: *"A urna aviltou-se até a mais despidorada prostituição. Não havendo voto livre e eficaz, ha, como é lógico, revoltas frequentes..."⁴⁶*; e do presidente do partido, o Conselheiro Antonio Prado:

"Quando penetrei neste recinto para assistir a instalação solenne do Partido Democrático, senti que os meus 36 annos de afastamento da politica não tinham arrefecido o ardor com que nos meus 30 annos anteriores (annos da minha mocidade) eu havia pugnado na vida publica, em defesa sempre dos interesses da patria."⁴⁷

Figura 11 – "Instalação" do Partido Democrático



Fonte: *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 22 mar. 1926, p.2. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19260322-17191-nac-0002-999-2-not>. Acesso em: 03 ago. 2014.

⁴⁵Instalação do Partido Democrático. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 22 mar. 1926, p.2. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19260322-17191-nac-0002-999-2-not>. Acesso em: 03 ago. 2014.

⁴⁶Instalação do Partido Democrático. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 22 mar. 1926, p.2. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19260322-17191-nac-0002-999-2-not>. Acesso em: 03 ago. 2014.

⁴⁷Instalação do Partido Democrático. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 22 mar. 1926, p.2. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19260322-17191-nac-0002-999-2-not>. Acesso em: 03 ago. 2014.

Cássia Adduci (2001), ao citar Maria Lígia Prado, escreve que o Partido Democrático considerou fundamental a criação de um jornal oficial. Apesar do jornal *O Estado de S. Paulo* apoiar o partido, este jamais se subordinaria a ser seu órgão oficial, daí a criação do *Diário Nacional* que “na prática, procurou ser um jornal mais adequado às classes médias, mais simples, mais acessível aos paulistas de ‘cultura mínima’” (PRADO apud. ADDUCI, 2001, pp. 1–2). O partido, de certa forma, queria aproximar-se do popular, da nova classe média que surgia com o crescimento da cidade, mas “a presença do próprio Antonio Prado e a composição da diretoria do partido indicava que eram os velhos membros da vida política que conduziriam esse novo partido, em nome da classe média” (LONGHI, 2003, p. 67). O conselheiro Antonio Prado preservou a tradição cafeicultora e política da família. Monarquista convicto, recebeu o título de “Conselheiro” durante o período imperial. Ocupou diversos cargos públicos, como vereador, ministro, deputado e até senador, além de ter sido o primeiro a receber o título de prefeito na cidade de São Paulo, permanecendo no cargo por mais de uma década. Seu mandato começa em 07 de janeiro de 1899 e termina em 15 de janeiro de 1911⁴⁸. Durante sua gestão, preocupado com a cultura e influenciado pela experiência europeia, Antonio Prado ordena ao “engenheiro-arquiteto” Francisco de Paula Ramos de Azevedo a construção do “Theatro Municipal de São Paulo”⁴⁹. As obras começam em 1903, de acordo com o projeto de Cláudio Rossi e desenho de Domiziano Rossi, mas só são concluídas oito anos depois, no dia 12 de setembro de 1911, com a apresentação da ópera *Hamelet*, de Shakespeare, dirigida por Ambroise Thomas. Como a elite cafeeira dizia na época, as viagens à Europa eram necessárias para “tomar banho de civilização” ou “despir o jequismo” e Antonio Prado viveu muitos anos em Paris, inclusive tendo feito especialização na Sorbonne. “Paris, o resto é paisagem!”, dizia ele, mas considerava algumas questões levantadas pelos escritos de Eduardo Prado e Paulo Prado: “como progredir e, ao mesmo tempo, conservar as tradições brasileiras legítimas?” (HOMEM, 1998, p. 3)

Contudo, embora abominasse o provincianismo e acanhamento de São Paulo, Antônio, a exemplo de todos os Prados, se colocaria para sempre a

⁴⁸ Os prefeitos de São Paulo. Site oficial da Prefeitura de São Paulo. Disponível em: <http://ww1.prefeitura.sp.gov.br/portal/a_cidade/organogramas/index.php?p=574>. Acesso em: 03 ago.2014.

⁴⁹ GALVÃO, A. L.. Theatro Municipal. Sítio “Cidade de São Paulo”. Disponível em: <<http://www.cidadedesapaulo.com/sp/br/o-que-visitar/atrativos/pontos-turisticos/226-teatro-municipal>>. Acesso em: 04 ago. 2014

questão: como progredir e, ao mesmo tempo, conservar as tradições brasileiras legítimas? Darrell Levi transcreve algumas cartas que Prado enviou a familiares, onde discorre sobre suas impressões de viagem a países europeus menos favorecidos ou que souberam conservar sua originalidade, apesar das grandes transformações que ocorriam nas nações consideradas mais “civilizadas”. O trecho mais significativo pareceu-nos o que dedicou à Espanha, em carta escrita de Paris para D. Veridiana, de 23 de outubro de 1863:

“Não quero dizer que simpatisei com os países pouco adiantados em civilização, nem que menosprezo os mais civilizados, porém aprecio os países que sabem conservar o seu caráter de originalidade nessa grande transformação das idéias e dos costumes que eles recebem dos mais civilizados; infelizmente, nós devemos ser contados no número daqueles que renegam com facilidade os costumes de seus avós, para cobrir-nos do ridículo de uma imitação servil aos caprichos da moda parisiense.” (HOMEM, 1998, p. 3)

Figura 12 - O Estado de S. Paulo – Desenho de Antonio Prado
Conselheiro Antonio Prado



Fonte: O Estado de S. Paulo. São Paulo, 22 mar. 1926, p.2. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19260322-17191-nac-0002-999-2-not>. Acesso em: 03 ago. 2014.

Proprietário de fazendas de café, Antonio Prado se posiciona a favor da abolição dos escravos e incentiva a chegada de imigrantes para trabalhar na lavoura, fundando a *Sociedade Auxiliadora do Fornecimento de Braços à Lavoura*, motivo pelo qual se desentende com o presidente em exercício, Washington Luís, que não apoia patrocinar a imigração italiana promovida pela entidade. “A ruptura que distanciou Antonio Prado do governismo foi o início de uma marcha irreversível que o levou ao Partido Democrático” (CASALECCHI, 1987, p. 158). Ainda segundo Casalecchi (1987), houve três questões principais que geraram os conflitos entre a entidade fundada por Antonio Prado e o governo:

a do ensino da língua italiana aos filhos dos imigrantes, a da inviolabilidade da casa do colono e do ingresso dos cônsules nas fazendas para verificação do cumprimento do contrato. Ao se colocar contra a entrada dos cônsules nas fazendas, Washington Luís carregava simpatias que, seguramente, não superavam o descontentamento que provocava a parca abastecimento de braços. O debate ganha amplitude ao trazer à luz as condições de trabalho dos colonos e as denúncias de recrutamentos e transportes. Nesse aspecto também as baterias se voltam contra o governo. O *Fanfula*, em irado editorial, expõe as precárias condições de existência dos colonos italianos e provoca a fundação da Liga Defensiva Nacional (que se enquadrava em movimento de maior amplitude da Liga Nacionalista) para não permitir os insultos e achincalhamento aos nacionais, em especial aos fazendeiros de café. (CASALECCHI, 1987, pp. 158–159)

O manifesto de fundação do Partido Democrático⁵⁰ tem apenas seis itens⁵¹ e as principais reivindicações do grupo giram em torno da instauração do voto secreto e a autonomia do poder judiciário. Em 1928 a entidade disputa as eleições municipais, mas perde com grande diferença para o candidato apresentado pelo Partido Republicano Paulista. No ano seguinte, em 1929, o partido sofre com o falecimento do conselheiro Antonio Prado, mas mantendo oposição ao PRP, apoia em 1930 a Aliança Liberal que leva, com o golpe - Revolução de 1930 -, Getúlio Vargas ao poder. Depois, diante dos abusos do ditador, divulga um manifesto em fevereiro de 1932 e rompe definitivamente com o governo. Em março do mesmo ano, os democratas superam as diferenças com os republicanos e unem-se para a criação da Frente Única Paulista (FUP), com o objetivo de defender a volta do regime constitucional do país e a autonomia do Estado, já que Getúlio Vargas começa um processo de centralização do poder exercida no Palácio do Catete, sede do governo federal, no Rio de Janeiro. Passada a Revolução de 1932, o *Diário Nacional* encerra suas atividades em setembro e dois anos depois, em 1934, o Partido Democrático é extinto ao ser incorporado ao Partido Constitucionalista, criado por iniciativa de Armando Sales.

Por vezes, Mário de Andrade escreve no *Diário Nacional* de maneira bem humorada como na crônica “Táxi: Democráticos”:

O vício da gente se esquecer das suas próprias faculdades de pensar é bastante comum. Mesmo entre os que pensam. Alguém faz uma afirmativa crítica e nós deitamos nessa jangadinha e vamos de rodada mansamente rio abaixo, sem interrogarmos mais se as cabeceiras do rio são puras nem se a jangada é legítima.

⁵⁰ Destacamos que Mário de Andrade está entre os nomes que assinam o manifesto de fundação do Partido Democrático em 21 de março de 1926.

⁵¹ Manifesto a Nação. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 22 mar. 1926, p.3. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19260322-17191-nac-0003-999-3-not>>. Acesso em: 03 ago. 2014.

E fiz bem mesmo a equiparar o pensamento crítico à jangada. Canoa pode afundar pra sempre mas os pensamentos críticos, por mais tontos que sejam, são que nem as jangadas: viram, reviram de lado mas inafundáveis. Alguém um dia os há de retomar. (ANDRADE, 1976a, p. 159)

A crônica continua falando sobre a ligação do Partido Democrático com os modernistas e demonstra certa preocupação do autor com a questão estética levantada na chamada “primeira fase” do movimento modernista brasileiro:

O que me parece é que todos esses espíritos de jangada estão mais preocupados em nos verem dentro da jangada deles, que servindo às idéias sociais, filosóficas, científicas, estéticas, econômicas, debatidas no tempo nosso.

Faz uns poucos de dias que Antônio de Alcântara Machado verificava entre os moços uma simpatia muito decidida pelo Comunismo, Essa simpatia vai mesmo além dos platônicos namoros escolares, e vários dentre os "modernos" do Brasil membros de partido.

Ninguém poderá dizer que o *Retrato do Brasil* seja uma obra de especulações estéticas, nestes últimos tempos, que livro causou impressão mais profunda no Brasil que o do Paulo Prado?

Olhando São Paulo é mesmo que a Injustiça carioca inda ressalta mais. Seja ou não originado da Isidora, o certo é que o movimento democrático causou muito menos perturbação econômica e muito profunda revolução política na vida brasileira.

É o único partido político aparecido no país depois da oligarquia republicana. Bom ou ruim, o que importa verificar aqui é que se trata mesmo dum partido político.

Ora no foco originador do Partido Democrático, nas primeiras e sonhadoras reuniões em casa de Paulo Nogueira, muitos modernistas estavam.

E continuaram tomando parte viva no Partido. Muitos abandonaram mesmo por completo as preocupações estéticas, em favor desse movimento político. E o Diário Nacional que é a expressão do Partido Democrático, reuniu e reúne ainda muitos dos chamados "modernistas" da terra.

Mas a preguiça que a gente bota em rever os juízos antigos fará com que essa jangada falsa continue rodando muito tempo. Jangada tão mais falsíssima que basta a gente lembrar que o simples fenômeno de pesquisa nacional, parte básica do movimento moderno brasileiro, já escapa ao que propriamente a gente chama de "especulação estética"... (ANDRADE, 1976a, p. 160)

Figura 13 - *Diário Nacional* - desenho de Mário de Andrade



Fonte: *Diário Nacional*. São Paulo, 20 ago. 1927, p.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=213829&PagFis=260>. Acesso em: 05 ago. 2014

2.4.1. A influência das viagens etnográficas de Mário de Andrade

Preocupado em conhecer o Brasil, pouco antes de trabalhar no *Diário Nacional*, Mário de Andrade realiza, entre maio e agosto de 1927, a primeira das suas “*viagens etnográficas*”. Segundo Telê Porto Ancona Lopez (1976a, p. 17), nesse momento o autor está empenhado em “*definir-se dentro do nacionalismo crítico*”, com sua poesia e textos de ficção. Interessado na cultura popular, ele parte para o Norte e no ano seguinte para o Nordeste brasileiro com o intuito de conhecer não apenas o Brasil, mas também o povo brasileiro.

Entre maio e agosto de 1927 realiza a primeira destas, percorrendo o Norte e detendo-se particularmente na Amazônia. Na ocasião, estuda as festas populares do meio do ano e escreve um diário de viagem, “O turista aprendiz: Viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia e por Marajó até dizer chega.” Não o publica imediatamente, preparando edição definitiva apenas em 1943 e deixando-o inédito. (LOPEZ, 1976a, p. 17)

A viagem foi patrocinada “por iniciativa de um dos mais distintos elementos da sociedade culta e elegante de São Paulo, a exma, senhora d. Olivia Guedes

Penteado", que junto as "senhoritas dd." Margarida Guedes Nogueira e Dulce Amaral acompanharam o jovem modernista na viagem. No dia 20 de agosto de 1927, o *Diário Nacional* publica uma entrevista com Mário de Andrade, em que ele relata suas impressões sobre o rio, a fauna, a flora, o calor e os homens locais. Sobre o Rio Amazonas ele fala:

- Desejavamos saber, senhor Andrade, o que é o Amazonas...
 - Ora, meu caro amigo, o Amazonas é um rio e nada mais...
 - Sim, mas a água, a extensão, a grandiosidade?...
 - Bem. Isto é outra cousa. O Amazonas é coalhado de ilhas, que o estreitam, permitindo á gente observar as margens. São ilhas, por assim dizer, anti-patrioticas, invejosas, que impedem que o rio mostre toda a sua verdadeira grandeza. Criam, pra o Amazonas, uma especie de estado de sitio geografico... Quanto á foz, move muito mais "assumptada" no mappa que na realidade.
 - Pois, então até o senhor!
 - Espere a minha conclusão. A foz é grandiosa, grandiosissima, mas isto a gente não vê propriamente: os nossos sentidos pobres demais e as nossas sensações analyticas não permitem a percepção dessa realidade synthetica e total. Não se abarca o fim. Só a bahia de Marajó, em certos pontos, chega a fazer horizonte, ou, quando não, mostra apenas ao longe a faixinha estreita do matto.
- De quando em quando, trechos de sublime beleza: a bahia de Guajará, onde está Belém, a do Rio Negro, os estreitos de Breves, certos "furos" e paranãs, as praias de arribação, mudando sempre de logar, as barrancas das terras cahidas...⁵²

Nessa mesma entrevista, ao falar sobre a população local, Mário de Andrade descreve alguns costumes como a ciranda e o "boi-bumba", valoriza o folclore local e critica a obra *Choque das raças*, de Monteiro Lobato, relatando o trabalho pesado e mal remunerado "dessa gente":

- Mas, sob essa atmosphaera, como é possível trabalhar? Lá os homens devem ser preguiçosos como o diabo!
 - E´ um engano lamentavel: O tapuio trabalha muito, trabalha bem e é alegrissimo. Para ganhar uma ninharia, quasi degradante, a tapuiada passa uma noite inteira, carregando lenha pura dentro dos navios. Tudo isso no meio de ditos e gargalhadas... De onze ás quatorze horas não se trabalha em geral. Agora que está na moda imaginar besteiras, depois que o Monteiro Lobato escreveu o Choque das Raças, andei imaginando uma vida amazonica principiada ás 18 e acabada ás seis, de sol claro.
- Psychologicamente, o homem amazonico, truncado, com rastro fresco de indio na face e na côr, me pareceu bem brasileiro, palavra commodista com que a gente cataloga uma entidade ethnica ainda não definida. Mas como a gente se acha como dentro de casa, quando está no meio delles, creio que a palavra "brasileiro" explica bem o que quero dizer.⁵³

⁵² Uma excursão ao rio Amazonas: O escriptor Mario de Andrade concedeu-nos uma entrevista. *Diário Nacional*. São Paulo, 20 ago. 1927, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=213829&PagFis=260>>. Acesso em: 05 ago. 2014.

⁵³ Uma excursão ao rio Amazonas: O escriptor Mario de Andrade concedeu-nos uma entrevista. *Diário Nacional*. São Paulo, 20 ago. 1927, p.4. Disponível em:

Em dezembro do mesmo ano, já trabalhando no *Diário Nacional*, Mário de Andrade publica a crônica “A ciranda”, revelando dados e impressões do autor sobre o “*bailado amazônico*” e, em 20 de janeiro de 1928, podemos ler um trecho do seu diário, com relatos de sua passagem por Belém em crônica homônima ao seu póstumo livro *O turista Aprendiz* (LOPEZ, 1976a).

Mesmo lá, na sombra de todas as árvores etiquetadas da Amazonia o calor inda aumentou. Porém me avisam que embora faça mesmo calor em Belem o dia de hoje está excepcional... No entanto é pleno inverno! Neva tanta garça branca junto do laguinho artificial que a agua gelada endurece o jacaré de sete metros. Não se mexe. A friagem matou todos os passarinhos e borboletas e foram todos guardados lá dentro da casa limpa, na ceramica de Marajó. Os outros mostradores vendem peles caras de macacos-de-cheiro, de jaguarunas, de acanguçús e jaquetas emplumadas de ararunas e anacas sarapintadas. Que calor!...

Mas depois da janta, rapazes, ir tomar a fresca assentado na terras se do Grande Hotel mordendo os sorvetes de copuassú ou bacurí, rapazes, me digam si tem coisa melhor neste mundo! Não tem não! Belem é sublime! Belem é mil vezes mais gostosa que a Côte!⁵⁴

Quanto a Osvaldo Moles, sabemos que sua passagem pelo *Diário Nacional* é curta, ele logo passa a trabalhar no *São Paulo Jornal*. Desse período de sua vida resta a dúvida: Osvaldo Moles participa da Revolução Constitucionalista de 1932 em São Paulo? Essa participação é incerta, pois coincide com o período aproximado em que este reside na cidade de Salvador, na Bahia, onde trabalha⁵⁵ no jornal *O Estado da Bahia*⁵⁶. Viagem que acreditamos ter sido motivada pela experiência de Mário de

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=213829&PagFis=260>>. Acesso em: 05 ago. 2014.

⁵⁴ O Turista Aprendiz: Belem, 21 de maio. *Diário Nacional*. São Paulo, 22 jan. 1928, p.9. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=213829&PagFis=1399>>. Acesso em: 05 ago. 2014.

⁵⁵ Em alguns relatos que encontramos, Osvaldo Moles teria participado do grupo fundador do jornal *O Estado da Bahia*, como descrito nas guias do livro *Piquenique Classe C* (MOLES, 1962). Em outros, a informação é que o autor alcançou o posto de secretário no periódico baiano, como na *Biografia de Osvaldo Molles, para o Museu da Televisão Brasileira*. Disponível em: <<http://www.museudatv.com.br/biografias/Oswaldo%20Molles.htm>>. Recentemente acessado em 21 ago. 2014.

⁵⁶ O jornal *O Estado da Bahia* é citado em algumas obras do escritor Jorge Amado e seu acervo encontra-se no departamento de “Periódicos Raros”, da Biblioteca Central do Estado da Bahia, conforme contato telefônico realizado em 22 de agosto de 2012 com o técnico administrativo Luiz José de Carvalho, que nos informou ter exemplares entre os anos de 1933 e 1969, anos de circulação do jornal, na época, disponíveis para consulta pública, embora, segundo um trabalho de Vinicius Clay, produzido junto ao Departamento de Jornalismo da Universidade Federal da Bahia (UFBA) sobre a representação afrodescendente e a atuação de Edison Carneiro, nesse jornal, os exemplares infelizmente encontram-se “*em franco processo de deterioração e ainda sem registros em microfilmes*” (CLAY, 2006, p. 5). Segundo Vinicius Clay, no final da década de 1930, uma série de reportagens e entrevistas promovidas por Edison Carneiro foram veiculadas no jornal *O Estado da Bahia* com o intuito de “*transformação social*”, consistindo em importante registro histórico para a resistência do negro e da livre expressão religiosa, em especial das religiões afrodescendentes, frente à repressão política, social e religiosa daquela época, apesar de encontrarmos ainda hoje

Andrade em sua segunda “viagem etnográfica”, quando este parte para o nordeste brasileiro no ano de 1928. No entanto, não sabemos a data certa da viagem de Osvaldo Moles. O último registro que dele encontramos na cidade de São Paulo data de 31 de janeiro de 1932, em matéria publicada na *Folha da Manhã* quando escreve um “Repto de Honra”⁵⁷ em defesa de Paulo Duarte, dirigente do *Diário Nacional*, enquanto ataca com uma série de denúncias o magnata da comunicação brasileira, Assis Chateaubriand, e seu irmão, Oswaldo Chateaubriand.

Todos nós vimos de como foi desenvolvido o combate ao "Dario Nacional", quando sob a direcção do dr. Paulo Duarte, de cuja integridade de caracter ninguem póde duvidar a não serem os srs. Oswaldo e Assis Chateaubriand que, com o seu prisma furtador de encarar homens e idéas, vêem em cada director de jornal concorrente dos "Diarios Associados" um "desbriado" e um "achacador", para nos utilizarmos das mesmas palavras com que aquelles illustres jornalistas costumam mimosear os seus adversarios. (MOLES, 1932, p. 11)

De volta a São Paulo, sabemos que Moles trabalha no *Correio Paulistano*, entre 1934 e 1937, quando finalmente inicia sua carreira radifônica. Participa da inauguração da PRG-2, Rádio Tupi⁵⁸ de São Paulo, de propriedade de quem outrora havia denunciado: Assis Chateaubriand. Aliás, o próprio jornal *O Estado da Bahia* chegou a pertencer a Chateaubriand na década de 1930, segundo consta na “linha do tempo” disponível no site do grupo, que até hoje detém concessões de rádio e televisão no país, além de ser proprietário de diversos meios de comunicação, empresas e até uma fundação⁵⁹.

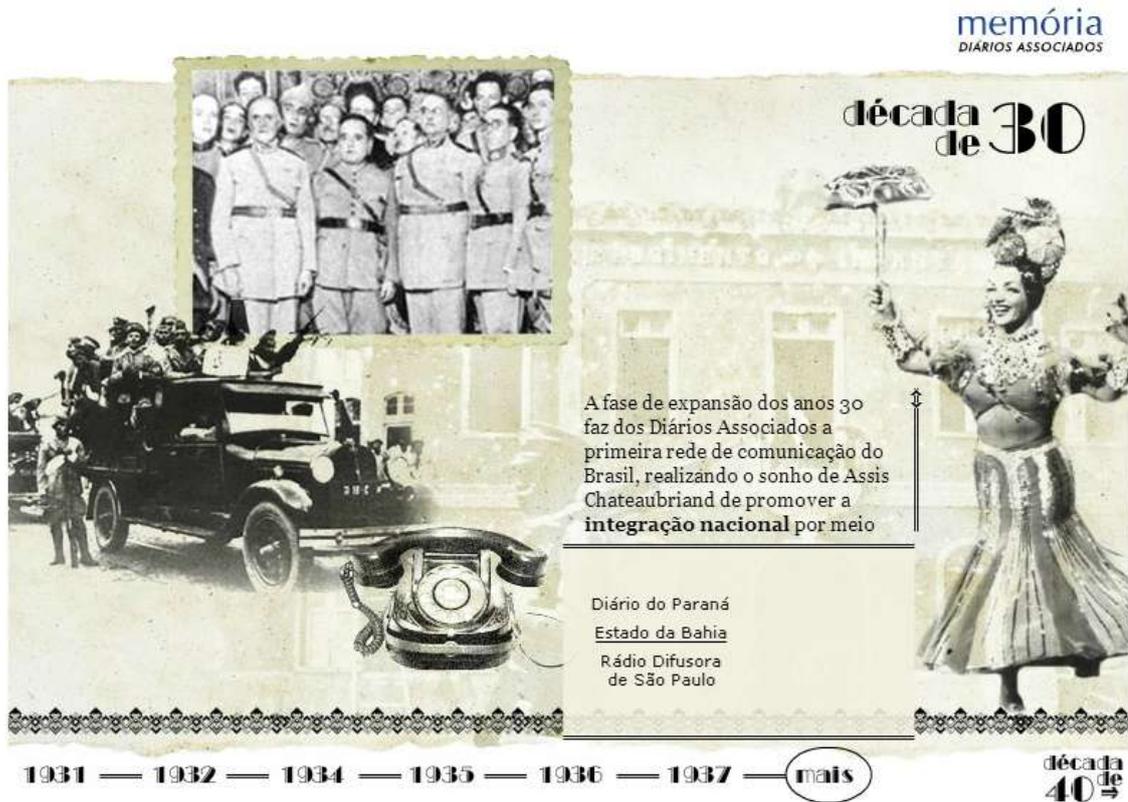
resquírios desses preconceitos (CLAY, 2006).

⁵⁷ Entre parênteses lê-se a mensagem de que esse “Repto de Honra” foi amplamente divulgado nas cidades do interior de São Paulo e de Minas Gerais.

⁵⁸ A emissora foi registrada oficialmente como rádio Tupy, com “y”, na “Relação das Estações Brasileiras de Radiodifusão”, listagem do Ministério da Viação e Obras Públicas, órgão responsável na época pela radiodifusão, que mais tarde seria o Ministério das Comunicações.

⁵⁹ Mais informações sobre o grupo *Diários Associados* podem ser encontradas no site oficial do grupo. Disponível em: www.diariosassociados.com.br. Acesso em 13 ago. 2014.

Figura 14 - Linha do tempo década de 30 - *Diários Associados*: Aquisição do Jornal *Estado da Bahia*



Fonte: *Diários Associados*. Disponível em:
<http://www.diariosassociados.com.br/linhadotempo/decada30.html>. Acesso em: 25 abr. 2013

Reconhecemos, por sua produção, que Osvaldo Moles tem forte ligação com a cidade de São Paulo, conhecendo muito bem sua história. Moles inclusive prepara uma capa especial com os principais Bandeirantes e reprodução de retrato pintado do Padre Anchieta, para edição do jornal *Correio Paulistano* de 25 de janeiro de 1936, data do aniversário da cidade. Nossa hipótese é que Osvaldo Moles não tenha participado ativamente da Revolução de 1932 em São Paulo, no entanto, não descartamos por completo essa possibilidade.

Devido à ausência de documentos pessoais, como cartas entre Osvaldo Moles e outros intelectuais, prática comum na época, assim como de depoimentos orais que afirmem a relação de proximidade entre Osvaldo Moles e Mário de Andrade ou outros modernistas, encontramos o registro feito por pesquisadores do Centro Cultural São Paulo (CCSP), no livro *O Rádio Paulista no Centenário de Roquette Pinto* (1984) que Osvaldo Moles e Mário de Andrade foram parceiros de boêmia:

Outros nomes que devem ser mencionados são os de Oswaldo Molles, Thalma de Oliveira e Tulio de Lemos. O primeiro foi um produtor de profunda identificação com sua cidade, como o escritor Mário de Andrade, seu companheiro de boemia. Seu trabalho de crítica social e através de programas célebres como “História das Malocas”, ele retratava a vida e as personagens de São Paulo, nas vozes de Adoniran Barbosa, Maria Amélia e José Rubens. (CENTRO CULTURAL SÃO PAULO, 1984, p. 44)

Na crônica “Despedida de Bôca Aberta”, publicada no livro *Piquenique Classe C* (1962), Osvaldo Moles revela que, dessa convivência com os modernistas, nasce em sua juventude a vontade de ser poeta, prática que, apesar de incentivada por Mário de Andrade, é criticada por Oswald de Andrade que o manda “*plantar batatas*”:

Você sabe, poesia é como sarampo : pega. Eu me lembro agora do meu tempinho de moço em que a juventude andava de álbum no romântico sovaco. Era uma epidemia. Era como coqueluche: passava adiante só no falar. Mas naquele tempo não havia antibióticos e Fleming ainda não tinha inventado a penicilina. Naquele então, nunca ninguém foi vacinado contra a poesia contagiante. E todos trocavam sonetos, colecionavam sonetos, como hoje se colecionam figurinhas. A juventude estava atacada de sonetite aguda.

Foi naquele tempo que eu me candidatei a poeta e até hoje não me descandidatei. Claro que não consegui jamais fazer ma carreira brilhante, creio que por causa da anemia dos meus versos que morriam no primeiro alento. Outros eram poetas mesmo : Mário da Silva Brito, Afrânio Zucolotto, Péricles Eugênio da Silva Ramos... mas eu – ai de mim – não pegava carreira, qual matungo na raia do lirismo. Bem que Mário de Andrade me dizia que “poetar e coçar... é só começar”. Mas eu não conseguia uma coceira razoável. Era um caçador sem convicção. Até que Oswald de Andrade me leu. E me mandou plantar batatas.

Até hoje estou plantando batatas. No cimento. Nem as batatas do lirismo conseguiram medrar em minha horta. Mas eu continuo, senhores, candidato a poeta. Faço minhas poesias às terças, quintas e sábados, das 2 às 4 da madrugada. (MOLES, 1962, pp. 289–290)

2.4.2. Táxi para Bahia: Osvaldo Moles na cidade de Salvador

Segundo alguns relatos biográficos sobre Osvaldo Moles ⁶⁰, que encontramos ainda durante a pesquisa realizada para Iniciação Científica (MICHELETTI, 2012a), Moles percorre todo o nordeste brasileiro e sua carreira estabelece a seguinte sequência de empregos: *A Eclética*, *Diário Nacional*, *São Paulo Jornal*, *Correio Paulistano*, *O Estado da Bahia*, PRG-2 Rádio Tupy de São Paulo, PRB-9 Rádio Record de São Paulo, PRH-9 Rádio Bandeirantes e retorno à PRB-9 Rádio Record, além das passagens como cronista em diferentes jornais e revistas, assessoria prestada a Laudo Natel e ao São Paulo Futebol Clube (SPFC). Ou seja, todos descrevem que Osvaldo Moles retorna da Bahia para ingressar no meio pelo qual ficou mais conhecido: o rádio. Encontramos essa sequência até nas guias do livro *Piquenique Classe C* (MOLES, 1962):

Osvaldo Molles nasceu em Santos e, aos 16 anos de idade, iniciou sua carreira no jornalismo, trabalhando na redação do “Diário Nacional” e, em seguida, no “São Paulo Jornal” e no “Correio Paulistano”.

Após longa viagem pelo interior do Brasil, escrevendo reportagens sobre os nordestinos, morou durante algum tempo em Salvador, quando se juntou ao grupo fundador de “O Estado da Bahia”.

Ao regressar a São Paulo, participou do lançamento da Rádio Tupi, e então começou a fulgurante carreira radiofônica, pontilhada de láureas que vêm coroando suas notáveis criações artísticas. Tanto na Tupi, como na Record ou na Bandeirantes, Molles firmou-se como um dos mais altos valores do rádio. (MOLES, 1962)

Esse discurso também foi reproduzido em livros biográficos dedicados a Adoniran Barbosa. Celso de Campos Jr. (2009) ⁶¹, por exemplo, após citar a participação de Osvaldo Moles junto a jornalistas renomados no *Diário Nacional* escreve:

Moles aproveitou a experiência adquirida no contato com as feras e pegou carona na profissão. Depois do Diário Nacional, trabalhou no São Paulo Jornal e no Correio Paulistano, transferindo-se posteriormente para o jornal O Estado da Bahia, em Salvador.

⁶⁰ Alguns deles disponíveis nos sites:

http://www.releituras.com/omolles_menu.asp;

<http://cifrantiga2.blogspot.com.br/2008/02/osvaldo-molles.html>;

http://mpbantiga.blogspot.com.br/2008_01_18_archive.html;

http://piqueniqueclasseC.blogspot.com.br/2009_02_01_archive.html;

Acessados em 13 ago. 2014.

⁶¹ Apesar do descuido de ordem cronológica, de todos os relatos biográficos que encontramos sobre Osvaldo Moles, consideramos o trabalho de Celso Campos Jr., no livro *Adoniran: uma biografia*, o mais completo deles, sendo, desde o início dos nossos trabalhos, um norte para análise da vida e obra de Osvaldo Moles que seguimos desenvolvendo desde o projeto de Iniciação Científica, elaborado em 2010.

Na volta à capital paulista, atraído por uma proposta de Assis Chateaubriand, resolveu mudar de veículo, fechando contrato para participar da fundação da nova Rádio Tupi de São Paulo, PRG-2, versão paulista da emissora inaugurada um ano antes no Rio de Janeiro pelo magnata da comunicação. (CAMPOS JR., 2009, p. 116)

Esses relatos nos levaram à hipótese inicial de que Osvaldo Moles teria viajado para a cidade de Salvador a convite de Assis Chateaubriand já que, como citamos, este foi dono do jornal *O Estado da Bahia*, retornando para São Paulo apenas em 1937, para participar da fundação da PRG-2 Rádio Tupi de São Paulo, ainda como funcionário dos *Diários Associados*. Esse erro reproduzimos no relatório final da Iniciação Científica (MICHELETTI, 2012a), mas corrigimos no mesmo ano, no livro-reportagem *Osvaldo Moles: O intelectual que falou com o povo* (MICHELETTI, 2012b), escrito como trabalho de conclusão de curso para a graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, na Universidade Paulista-UNIP. Nossa pesquisa comprova que Osvaldo Moles retorna da cidade de Salvador no ano de 1934 e trabalha no jornal *Correio Paulistano* até o ano de 1937 quando, finalmente, ingressa no rádio, na emissora PRG-2 Rádio Tupi de São Paulo. Seguindo os relatos sobre sua vida, Osvaldo Moles teve seu trabalho na Bahia reconhecido por prêmios, no entanto, algumas fontes citam que ele ganhou o prêmio *Cidade de Salvador*, enquanto outras citam o prêmio *Castro Alves*, mas não sabemos o ano, assim como detalhes dessas premiações⁶². Sua produção sobre a vida dos nordestinos pode ser encontrada, em partes, nas crônicas do livro *Piquenique Classe C* (MOLES, 1962) e também, segundo Moura e Nigri (2002), no jornal *O Estado da Bahia*.

Mesmo com a falta de dados complementares à passagem de Osvaldo Moles pelo nordeste brasileiro, acreditamos que este viaja influenciado pelo espírito modernista e pelas “*viagens etnográficas*” realizadas por Mário de Andrade que, apesar de não passar pelo Estado da Bahia, registra costumes locais, além das “*condições de vida e de trabalho do povo*” nordestino. O itinerário de Mário de Andrade ao nordeste compreende os Estados de Pernambuco, Alagoas, Rio Grande do Norte e Paraíba.

Livre de protocolos e dono de seu tempo, visitará Pernambuco, Alagoas, Rio Grande do Norte e Paraíba, convivendo com seus amigos Ascenso Ferreira, Cícero Dias, Antônio Bento de Araújo Lima, Ademar Vidal. É

⁶² No “Apêndice I” divulgamos a listagem com todos os prêmios que encontramos dedicados a Osvaldo Moles.

hospede de Câmara Cascudo em Natal, firmando com ele e com o poeta Jorge de Lima, então em Maceió, amizade que seria profunda e duradoura. Trabalha arduamente, sobretudo na Paraíba e no Rio Grande do Norte, recolhendo documentos musicais de intérpretes convocados por seus amigos, ou assistindo a ensaios e representações de danças dramáticas. Estuda a religiosidade popular, o Catimbó, a música de feitiçaria, tem seu corpo "fechado" e passa o Carnaval no Recife. Na Paraíba encontra o cantador Chico Antônio, acompanhado de seu instrumento, o ganzá, ficando muito impressionado com sua capacidade de criador e de intérprete. Pretenderá mais tarde fazer dele personagem de seu romance *Café* e, quando abandona esse projeto, transforma-o o protagonista de "Vida do Cantador".

Durante a viagem ao Nordeste escreve também seu diário, onde, além da pesquisa musical, registra seu interesse pela arquitetura e pela imaginária sacra e sua preocupação com as condições de vida e de trabalho do povo. (LOPEZ, 1976b, p. 20)

Oswaldo Moles escreve sobre a vida dos nordestinos, por meio de crônicas publicadas em diversos jornais e revistas ao longo de sua carreira, algumas delas publicadas no livro *Piquenique Classe C* (1962). Moles escreve sobre eventos do cotidiano, criando histórias e personagens típicos daquela região do país. Mas sua obra não se limita ao nordeste, Oswaldo Moles se mostra um profundo conhecedor dos mais variados tipos brasileiros. Na crônica "A última voz do violão", Moles retrata um episódio na vida do violeiro "Mirigido", que depois da "revolução de 24" era da "Fôrça" e "lembrava-se, agora, de Ponta-Porã⁶³ em que acompanhou aquela paraguaia que tinha vaivens de palmeira no corpo e saci nos olhos" (MOLES, 1962, p. 110). Esse primeiro exemplo, apesar de não vir do nordeste, demonstra o conhecimento e a sensibilidade de Oswaldo Moles para retratar populares, oriundos das diversas regiões do país. Embora não esteja explícito, essa crônica parece retratar um episódio que acontece na cidade de São Paulo com um migrante do Estado do Mato Grosso, região do Centro-Oeste brasileiro.

No conflito, ninguém morreu e nem ninguém se feriu. Só um violão estava machucado e sozinho no cotovelo da sarjeta, enquanto os homens ainda mascavam uns restos de "num acha que eu tenho razão?". É que a turma do "deixa disso" entrou muito depressa na contenda e as navalhas não conseguiram abrir avenidas em cara de gente.

Mas, daí a pouco, o Mirigido começou a olhar o violão esquecido, que tinha o rastilho da discussão. O cantor pedia "sol menor". Vai êle e põe um "maior" no traste. O cantor desafina e há vaia. Vai daí, começa aquela discussão erudita de música pobre.

Não houve nada. Mas aquêle violão do Mirigido, na sarjeta, todo com as cordas despenteadas, tinha sido vazado bem na barriga. Violão, sem barriga, não canta. E o Mirigido foi tendo saudade. (MOLES, 1962, p. 109)

Além de citar a Revolução de 1924, Oswaldo Moles finaliza a crônica com a

⁶³ Cidade que faz fronteira com o Paraguay, localizada no Estado do Mato Grosso.

seguinte frase: “*Miriguido foi sumindo, difuso, no fundo da garoa, caminhando dramaticamente assim como quem vai sepultar um sonho*”. Lembramos que São Paulo fica conhecida por ser a “*terra da garoa*”.

Osvaldo Moles também escreve sobre a vida no Estado de Minas Gerais. Um prato típico da culinária local, uma sobremesa chamada “mineiro com botas” dá nome à sua crônica. No texto, Osvaldo Moles faz seu pedido para o garçom:

“Se eu mandar fazer uma fritada de camarões, o garçom vai dizer na certa: “camarão tem, mas não está muito bom”. Êle é meu “liga”, me conhece de outras refeições e outras gorjetas. E se eu comece “Mineiro com botas”? Conhecem “Mineiro com botas”? Decerto, não. (MOLES, 1962, p. 63)

Osvaldo Moles então segue descrevendo o prato com todo seu encanto regional:

“Mineiro com botas” tem espetáculo. É um pitéu próprio para “tecnicolor”. Mas a receita não é de Natalie Kalmus, nem de Brillat de Savarin. Não vem assinada por nenhum figurão dos mundos artísticos. É assim, para resumir: - ovo com banana e queijo. Mas a galinha tem de ser artista para botar o ovo com que se vai fazer “Mineiro com botas”. Em primeiro lugar, é preciso que o galináceo saiba de antemão que se vai preparar, com seu ovo, o prato mais delicado da cozinha brasileira. Depois, o queijo. Não é uma vaca qualquer que pode servir de leite para o que vamos fazer. É preciso que essa vaca tenha, pelo menos, um bom entendimento de poesia bucólica, para fornecer um leite vergiliano com que se vai fabricar o requeijão deste manjar. E se não houver bananas maduras, douradas, sem tristeza de manchas pretas, como é que se vai dar genialidade ao “Mineiro com botas”? (MOLES, 1962, p. 63)

Na sequência revela o preparo, mas por fim, desiludido, desiste do saudoso pedido e se contenta com o “*clássico bife com fritas*”, provavelmente servido em algum boteco paulista:

Pronto. Está feito o “Mineiro com botas”. Mas o garçom não entende a minha linguagem. Não, positivamente, vamos deixar de lirismos brasileiros à Magalhães, em matéria de comida! Vamos mesmo ao clássico bife com fritas, prato que tem gosto de cartório de protestos e cuja lembrança não dá trabalho à imaginação. (MOLES, 1962, p. 64)

Em outra crônica, onde o autor manifesta a vontade de voltar à Bahia, dessa vez de táxi⁶⁴, ele escreve que quer ir pelo Estado de Minas Gerais e passar pelo Estado do Espírito Santo:

Quero ir por Minas. Vou ver o que é que estão fazendo os bois e as vacas naquela ondulação permanente onde se criam mal bois e vacas. Depois, decerto, hei de passar pela Vitória do Espírito Santo. Vitória é aquêla panoraminha sem pretensão, que parece miniatura, que se alguém disser

⁶⁴ Essa crônica foi intitulada como “Táxi para Bahia”.

que é Watteau eu fico inimigo, porque isso seria muito desgraçadamente conseqüente. Não. É apenas miniatura. Mas não estou interessado em brigas de arte neste momento. Porque Vitória é a cidade que tem uma rua só. Uma rua comprida por onde passa um bonde cheio de tristeza e vazio. Eu já estou entrando agora no Salvador. (MOLES, 1962, p. 106)

E como se voltasse a pôr os pés no nordeste, na cidade de Salvador, no Estado da Bahia, Osvaldo Moles escreve:

Vou lá na Praça Castro Alves que é mais poética do que o próprio poeta. E, quando o Janjão do Côco me vir chegando, assim, de táxi com chapa paulista, vai "subir parede lisa de tamanco", como êle diz. E vai chamar a mulher, a Proserpina, tôda encantadora de branco naquele camisu de alma de virgem. E vai perguntar o que veio, um cara de São Paulo, fazer na Bahia de táxi?

Aí, vou ser obrigado a dizer tudo. Que São Paulo e Rio são as duas cidades mais inválidas do mundo para quem quer poetar sôbre saveiros. Que São Paulo e Ria são duas cidades do Brasil assassinadas pelas caixas registradoras. E, então, bebendo água de côco que Janjão vai oferecendo, serei capaz de escrever um poema grande, todo com rima em "eiro" para aproveitar a igualdade daqueles saveiros em que a gente vai pela barra afora pescando liberdade e infinito. (MOLES, 1962, p. 106)

Publicado no ano de 1962, as poucas crônicas do livro *Piquenique Classe C* (MOLES, 1962) que se referem ao nordeste⁶⁵ em parte são saudosistas e nelas Osvaldo Moles imagina seu retorno, sempre de maneira criativa, mas sem deixar de significar os lugares por onde supostamente passou. Lembramos que os nordestinos também ocupam a cidade de São Paulo, formando uma grande comunidade de migrantes, muitas vezes pobres, presentes nas crônicas de Osvaldo Moles. Na crônica "Ângulo de porta de boteco" encontramos dois desses possíveis indivíduos:

Os dois estavam fazendo bico de frio, entalados na porta do boteco, sem ter dinheiro nem pra entrar e nem pra sair. Então, encostaram, cada qual num batente, e ficaram "esquentando o frio". É quase noite na Barra Funda, uma noite exatamente igual à da Casa Verde ou à de Macuco, lá em Santos. Sômente que quando vai chegando a noitinha, todo mundo tem o que comentar: a briga do Getúlio com o Adhemar, a vitória do Gualicho, o Flamengo que levou de seis a zero. Mas quem não tem dinheiro pra comprar jornal, e mesmo que tivesse não adiantava nada porque os dois não sabem ler, tem de ficar, mesmo, servindo de tabuleta à porta de boteco da Barra Funda.

Vai daí, a falta de assunto ganha ausência. É que lá ao longe vem vindo uma "criança". Pelo jeito de jogar as cadeiras naquêle "fricote de nêga" que, quando samba, anda, e, quando anda, samba, era a Risoleta sem dúvida. Veio crescendo na direção do boteco. De repente, entrou no quadrado de luz que a lâmpada de cima projetava no meio da calçada.

Foi ai que Mormaço tentou a abordagem: — A colega dá lecenca?

Risoleta botou um ar destemido assim de quem dá a licença, mas quer

⁶⁵ Lembramos que o nome completo do livro é *Piquenique Classe C - Crônicas e flagrantes de São Paulo* e na grande maioria os textos referem-se a divagações do autor, com atenção especial para a "vida nas malocas", para a cultura dos marginalizados, compondo relações com o cotidiano da cidade.

saber logo de que é que se tratava:

- É que nós dois... num é?...

- Num é o que?

- Temos percisando de uma gaitolina aí, pra tomá uma corage... (MOLES, 1962, pp. 119–120)

O texto continua com Risoleta “*doméstica por condição e com muita honra*” dando uma bronca nos dois “*vagolinos*” e termina com uma crítica social:

E o português do boteco começou a fechar a porta, lentamente, falando até baixinho:

-U cavalheiro dá licença de fechar?...

Sim, os “cavalheiros” davam licença. Começaram a grimpar, firmes no passo, o chão úmido da ladeira que conduz diretamente para debaixo da ponte do Tamanduateí, albergue noturno muito frequentado nesta época do extraordinário progresso das ciências e das artes. (MOLES, 1962, p. 121)

Na crônica “No céu tem botequim?”, Osvaldo Moles volta à Bahia, mas dessa vez vai de “cachaça”:

Boteco deveria ter orgulho de ser o que é. Porque ou é boteco ou é estação rodoviária. E eu detesto viajar de ônibus, de avião, de trem... Eu viajo mesmo é de cachaça.

Não precisa tomar ônibus. A gente toma cachaça e vai para onde quer. Na outra noite, tomei uma cachaça e fui para a Bahia. E me surpreendi chegando lá, na Praça Castro Alves. De um lado tem a água do mar, do outro lado tem água de côco. Vê lá se eu sou desses camaradas que viajam para beber água! Tem gente tão imoral que vai a São Lourenço, a Caxambu para beber água. Confesso que já estive em Lindóia, cheio de vergonha. Fui por causa de uma valsa antiga que me dizia que nas tardes silenciosas de Lindóia o sol morre tristonho. Se eu pudesse, enforcaria o sol na tripa da lua!... Mas quando cheguei a Lindóia e me disseram que ali havia água... virei no pé. Virei no pé e não me voltei para trás, porque eu já tinha lido qualquer coisa sobre Sodoma e Gomorra. Uma cidade em que só se bebe água é positivamente cachorra! (MOLES, 1962, pp. 163–164)

Na mesma crônica, a descrição do destilado genuinamente brasileiro aparece romanceada:

Não há nada que melhor se desenhe em femininas curvas que aquelas filas de garrafas alinhadas em prateleiras de botequim. Parecem “girls” de um espetáculo em que o maestro se esqueceu de atacar a música e o coreógrafo fez greve do movimento. É o “show” estático que ganhou majestade na paralisia das estátuas. Garrafas são mulheres, são Evas no Paraíso, apenas com as partes pudendas vestidas. Vestidas de rótulos que são as roupas de Dior e de Balenciaga para vestir birinaites.

Certo dia, tive a ambição de ser escritor de rótulos. Sabe? Eu queria botar, assim, embaixo de cada marca de uca um poema informando que “Se você quiser ouvir fontes cantando como mulheres árabes e passarinhos cantarinos em tocatas de Bach em violoncelos, tome apenas onzes destas”. Gostaria, em meu devaneio de escritor de rótulos, de botar nomes vadios em “tapas de onça”, mas que êsses nomes fossem bem sugestivos, que envolvessem os bêbados, que imantassem o consumidor. Achei várias marcas: “Sinal Vermelho para dor de cotovelo” – “Bandeira contra a máquina de calcular” – “Conversa noturna com Brigitte Bardot” – “Uma banana para realidade”. E mais outros. Eu até já havia feito um “slogan”

para uma pinga de classe que era assim: - “Beba e passe pela porteira do sonho”. (MOLES, 1962, pp. 163–164)

Contudo, Osvaldo Moles também promove uma crítica às indústrias, evidenciando o caráter capitalista e cruel do processo:

Mas, positivamente, os homens que fabricam cachaça não são poetas. São sinistros industriais que substituíram o cérebro e o coração por máquinas registradoras. Não só não aceitaram nenhum dos meus rótulos, como nem sequer me deram o indefectível litro amostra-grátis para a inspiração do escritor. E botaram nomes pascácios nas calibrinas: “Pirassununga” – “Piracicaba” – “Pirapora” e outros “piras” próprios de caipiras. (MOLES, 1962, p. 164)

Ainda na mesma crônica, Osvaldo Moles relata como a cachaça faz parte do cotidiano de muitos marginalizados e demonstra a fuga da realidade que ela representa.

Não sei se já esclareci que moro nos botecos. Que é que tem? Diógenes, não morava num tonel seco? Eu moro num tonel molhado. E de boteco tem uma vantagem: cobra a dose líquida mas não cobra aluguel de encôsto no balcão. Na outra noite eu esqueci de mim num “bote” da Barra Funda. Quando acordei me vi rodeado de elefantes passistas de samba e tocadores de tamborim. Aí eu gritei a ordem:

— Embrulha os elefantes que é pras crianças! E levei o pacote, com todo cuidado, para distribuir elefantes entre as crianças que brincam nas manhãs de minha rua. Mas quando abri o embrulho, as crianças deram risada, porque já estava vazio. Quem foi lá na Barra Funda que roubou meus elefantes?

Tudo isso, porque aprendi a amar as curvas femininas das garrafas e sou escritor. Sou homem de letras. Homem de letras garrafais. O senhor pode não acreditar, mas garrafas têm alma, mais do que gente, viu? Se eu tiver que voltar, na outra encarnação, quero ser rótulo. Quero andar vestindo garrafas do biquini de rótulo. Alguém já sugeriu que é bom voltar na outra vida como “chão de boteco” para receber os “goles prô santo” que todos os bebedores derramam no chão... (MOLES, 1962, p. 165)

O tema alcoólico nos faz comentar outra falsa hipótese com a qual nos deparamos no começo de nossa pesquisa: a de que Osvaldo Moles foi alcoólatra, sofrendo sérias consequências por problemas com a bebida. Porém, essa informação foi comprovadamente falsa, inclusive pelo depoimento oral de parentes de Osvaldo Moles, por parte de sua esposa, Anita Ramos (PASTORE et al., 2012). Talvez os boatos tenham surgido pelo uso do tema de maneira recorrente como brincadeira em suas crônicas e programas radiofônicos, já que a bebida alcoólica está no imaginário popular, muitas vezes associada ao samba e à malandragem. Em uma entrevista concedida para a *Revista do Rádio*, Osvaldo Moles aparece em quatro fotos, sendo três ao lado de personalidades da época, inclusive o sambista Popó e, na quarta foto, o radialista aparece com a boca em uma garrafa, como se

estivesse bebendo algo⁶⁶. Em especial a foto de Osvaldo Moles com o sambista Popó e a dele com a garrafa na boca lembram, de maneira estereotipada, um estilo de vida ligado à boêmia, à malandragem dos sujeitos marginalizados, que viviam principalmente nas favelas das cidades de São Paulo. Contudo, no trabalho de Osvaldo Moles não encontramos os preconceitos geralmente associados a esse estilo de vida, ao contrário, em seus programas e crônicas existe simpatia pelos moradores das favelas que provocam a empatia dos radio-ouvintes.

Figura 16 - Foto do radialista Osvaldo Moles que ilustra entrevista concedida para a *Revista do Rádio*



Fonte: O rádio é um campeonato de torcidas. *Revista do Rádio*. São Paulo, 26 fev. 1955, p.41. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&PagFis=14737>. Acesso em: 04 fev. 2015.

Ao longo do livro *Piquenique Classe C* (MOLES, 1962) encontramos ilustrações assinadas por Clovis Graciano⁶⁷, artista plástico paulista que se dedicou

⁶⁶ A entrevista concedida no ano de 1955, em tom bem humorado, fala dos problemas com o ruído das plateias que os programas de auditório trouxeram para o ouvinte e cita exemplos de como os novos programas, sem auditório estão fazendo sucesso. Para Osvaldo Moles, “a gritaria, o movimento, o barulho, a torcida, já é coisa superada em rádio e que o público que está do outro lado do microfone prefere receber mensagens musicais e faladas, mais puras e mais discretas”. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&PagFis=14737>. Acesso em: 04 fev. 2015.

⁶⁷ Clovis Graciano participou do Grupo Santa Helena, do qual Candido Portinari também fez parte, estudou arte em Paris e chegou a ser presidente da Pinacoteca de São Paulo. Recentemente, entre 27 de julho e 24 de agosto de 2014, a Fundação Pinacoteca Benedito Calixto, em Santos, expôs trabalhos de diferentes fases do artista, conhecido em Santos pelo *Mural de pastilhas*, instalado na fachada do Mercado do Marapé. Segundo o site da Pinacoteca de Santos, Clovis Graciano está entre os mais importantes muralistas do século XX. Disponível em: <http://pinacotecadesantos.org.br/Interna.aspx?Id=49#>>. Acesso em 22 ago. 2014. Mais sobre sua

à cenografia e à ilustração de livros. Também nos chama atenção no espólio de Osvaldo Moles, preservado por Beatriz Savonitti, o exemplar número 445 de *Os bichos da Roda: album de 25 xilogravuras e texto de José Cláudio*⁶⁸ (CLAUDIO, 1966) que fala do popular, mas proibido, “*jogo do bicho*” de forma ilustrativa. No texto que antecede as xilogravuras, após explicar a dinâmica do jogo, com o subtítulo “Palpite” encontramos o seguinte relato:

Em Ipojuca quando aparecia um boi desgarrado alarmando o comércio, o jôgo no grupo 21 era pesado. O banqueiro então nesses casos pode "fechar" o bicho: quer dizer, fica proibido o jôgo naquele bicho porque se êle der o banqueiro afunda. Aqui no Recife, há poucos dias, um caminhão bateu no outro na esquina onde trabalho e as bancas da vizinhança (por acaso duas das quatro esquinas são bancas) fecharam a milhar da placa dos caminhões. Quando o presidente Dutra extinguiu o jôgo do bicho, a milhar do número do decreto teve de ser fechada, tal a insistência com que passou a ser jogada. Algumas milhares são "cotadas", isto é, ganha-se menos jogando nelas. São milhares muito freqüentadas, em face das quais é mister se tomar providência. Por exemplo: 0000. Dia de N.S. do Carmo, padroeira do Recife, é fechado a milhar da fachada da Basílica do Carmo. Quem sonha com mulher joga borboleta; quem sonha com briga ou soldado, cachorro; com padre ou defunto, urso; com ladrão, gato; com navio ou água, jacaré, e assim cada qual pode estudar o seu sonho e ver qual bicho está nêle. Uma caixa de papelão no ar, pegando fôgo: águia. Bom é ver no sonho o próprio bicho, como o velho Santiago, de "O Velho e o Mar", que sonhava com os leões, ou o número pronto para ser jogado. Tia Dona, uma tia do escultor Liêdo Maranhão, botava o café no pires, riscava um fósforo e jogava dentro, para ver o bicho na mancha que se formava na superfície do líquido. Minha tia Edith fêz promessa para não jogar, mas dava o palpite à empregada e deixava o dinheiro na ponta da mesa. Um quase-cego, Chié, um velho de Ipojuca cego de um olho e enxergando mal pelo outro, cada manhã aparecia na loja do meu pai e pedia um talão virgem. Abria e olhava a milhar, encostando o talão na cara, chorando as letras uma a uma. As vêzes terminava a operação pedindo doistões para jogar. Alguns buscam palpite nas nuvens, nas poças d'água, ou como Leonardo da Vinci, nas manchas das paredes. Muitos jogam o primeiro número que viu no dia. Meu tio J. jogava a milhar

vida e obra está disponível em: <http://www.mercadoarte.com.br/artigos/artistas/clovis-graciano/clovis-graciano/>. Acesso em 22 ago. 2014.

⁶⁸ José Cláudio da Silva nasceu em 27/08/1932 na cidade de Ipojuca, no Estado de Pernambuco. Desistiu da Faculdade de Direito, em Recife para dedicar-se às artes. Na Bahia, passa pelo ateliê de Mário Cravo e Caribe e, em São Paulo, trabalha com Lívio Abhramo e Di Cavalcanti, depois segue para estudar na Academia de Belas Artes de Roma, contemplado por uma bolsa. Além do desenho e pintura, José Cláudio estreia na literatura em 1965. Uma década depois, em 1975, segue em uma das viagens da "Expedição Permanente ao Amazonas" com cientistas liderados pelo zoólogo e músico Paulo Vanzolini, que resulta no livro *José Cláudio da Silva: 100 Telas, 60 dias e um diário de viagem*, publicado pela Imprensa Oficial em 2009. Entre suas obras, *O pacto maldito e outras histórias de morte* e *Pai, posso dar um soco nele?* são de domínio público e estão disponíveis em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&co_autor=69901>. Acesso em 22 ago. 2014.

No ano de 2012, durante o Carnaval, seus desenhos ganharam vida nas ruas de Recife, além de ser homenageado junto a Alceu Valença na exposição *Carnaval Multicultural 2012*, coordenada pelo produtor cultural Ticiano Arraes. Mais informações sobre José Cláudio podem ser encontradas em: <http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Jos%E9+C1%E1udio<r=j&id_perso=340>. Acesso em: 22 ago. 2014.

do primeiro carro que via. Quando se descuidava e o carro passava êle saía correndo atrás até a ponta da rua para ver se ainda via a milhar salvadora. As vêzes voltava eufórico: "Ô milhar bonita danada!" Eu ficava admirado da ciência do meu tio que sabia quando uma milhar era bonita. Mas êle nunca me explicou. Agora depois de grande eu também às vêzes vejo uma milhar que é como uma deusa, mas também não saberia dizer ao certo por quê. Talvez pelo desenho das letras, ou pela sonoridade do número, ou pelo bicho que a gente vê pular de dentro. Uma milhar bonita:

4244

Parecia que eu estava vendo dois cavalos empinados, rinchando, olhos arregalados, a darem coices um no outro.
Há quem faça promessa a santo e pacto com o diabo para tirar no bicho. Empurrado para o beco sem saída da pobreza, zé-povo espera na vaca, no jacaré, no gato. (CLAUDIO, 1966)

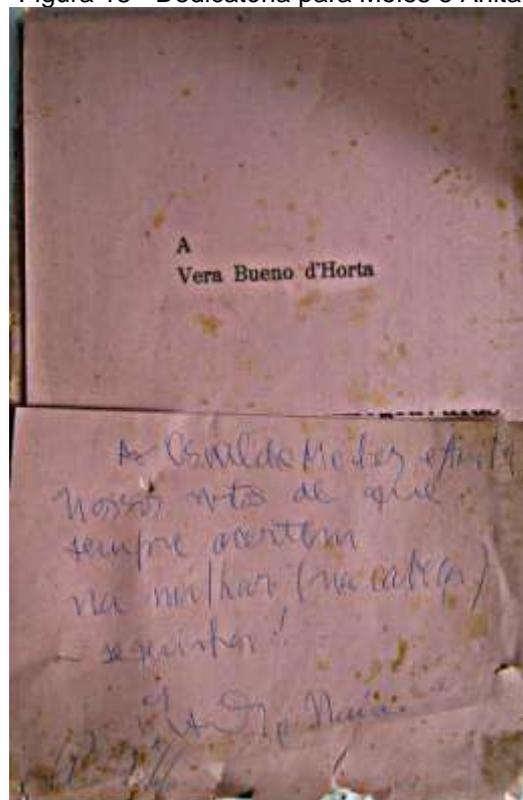
Na guia do encarte que guarda as xilogravuras originais, encontramos uma dedicatória datada de julho de 1966 para Osvaldo Moles e sua esposa Anita, com assinaturas ilegíveis, exceto por um último nome escrito "Naia": *"Ao Osvaldo Moles e Anita nossos votos de que sempre acertem na milhar (na cabeça) - sequinha!"*, conforme mostramos na Figura 17.

Figura 17 - Capa do álbum *Os Bichos da Roda*



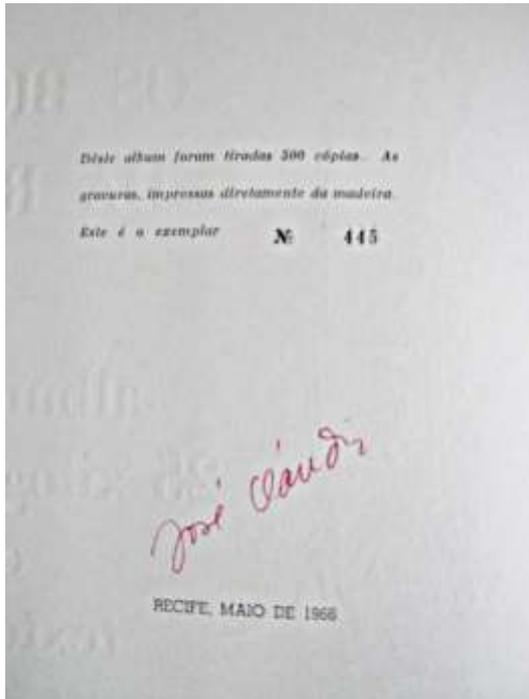
Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Figura 18 - Dedicatória para Moles e Anita



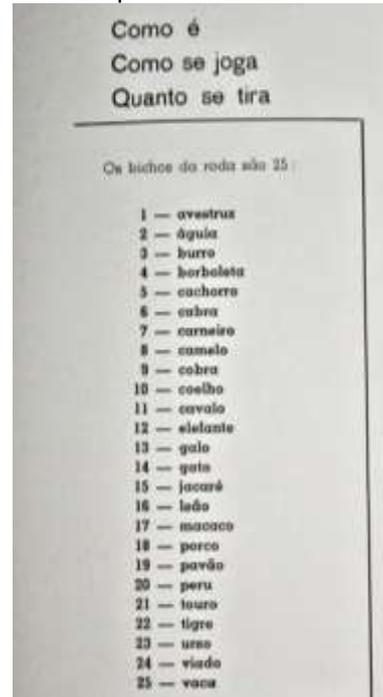
Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Figura 19 - Número de série do álbum e assinatura de José Cláudio



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Figura 20 - Detalhe dos bichos e seus respectivos números



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Figura 21 - Xilogravura do Burro



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Oswaldo Moles, em sua viagem pelo interior do Brasil e no nordeste, realiza de certa forma, uma pesquisa de campo etnográfica, sendo grande observador dos tipos populares por onde passa. Moles, que veio de família pobre, se identifica com as pessoas simples que encontra em seu caminho, tanto no nordeste como, posteriormente, nas periferias de São Paulo. Desse reconhecimento nasce o processo de identificação, lembrando que Oswaldo Moles transita também pelo meio intelectual e pela elite de sua época, sendo capaz de encontrar detalhes que passariam despercebidos a pesquisadores experientes, para então produzir crônicas e programas radiofônicos, a partir do material coletado, passíveis de profundas análises no campo da sociologia, literatura e da comunicação.

Como último exemplo do livro *Piquenique Classe C* com relação ao nordeste, reproduzimos um trecho da crônica “Já vou indo Janaína” em que Oswaldo Moles descreve seu encontro com lemanjá e finaliza com uma crítica ao processo de urbanização da cidade de São Paulo:

Mas eu estava dizendo que vi lemanjá. Ela tinha cinco olhos verdes e cinco seios morenos, redondos e lindos como céus. E o cabelo enfeitado de algas tinha a chama do farol da Barra. A bôca era tôda feita de cachaça de cabeça de engenho. E de repente, Janaina cantou.

"Seu" doutor, o melado é doce, não é? Doce de côco é uma doçura, não é? Reza de criança também é doce, pois não? O senhor me misture reza de criança, doce de côco, murmúrio de asa de beija-flôr, cantiga de ninar de mãe-preta, beijo de jabuticaba, olheiras de noite de núpcias... e não dá nem um oitavo da doçura daquêle canto.

O Pedro puxou o amuleto do pescoço. Era um patuá com figa de Guiné, estrêla de Davi, pemba e tudo. O Lindoro puxou suas contas de Oxalá e ficou na reza. O Sarampo estendeu a mão e tocou figa de mão em cima de figa de Guiné e disse tudo pra nós, sem dizer nada do que estava orando. E eu que não tinha, nem pátria, nem Guiné, nem contas brancas protetoras da banda de Oxalá? lemanjá lá cantando, como mulher árabe de oásis chamando os caminheiros para o descanso da água. E o fogo no cabelo dela parecendo uma coleção de estrêlas feitas de encomenda pela Caramuru. Então, puxei a cúia de pôpa e bebi uma cuiada de água do mar. Quem bebe água de mar, na hora do banho de lemanjá, fica rezando...

Que é que um marinheiro jurado vai ficar fazendo aqui nas filas do Paissandu, comendo salsicha com batata nos chamados “Morre em Pé” da Avenida São João? Se eu sou marinheiro jurado, vou pra Castro Alves de onde vejo a mais bela enseada do mundo e onde a moça traz água de côco que eu não bebo. Mas também tem uma cachaça que, quem bebe devagar, começa a ouvir o canto de Janaína. É um canto tão doce, meu irmão, que as cocadas dos tabuleiros fogem de vergonha.

Sou marinheiro jurado e até logo para quem fica.

Vou perguntar à minha madrinha das águas porque que é que eu, com diploma de marujo, hei de continuar tanto tempo na esquina, plantado como um pé de abacaxi, esperando o bonde das Perdizes. Já viu marinheiro ancorado em ponto de bonde? E já fui informado de que na rua Cardoso de Almeida⁶⁹ não passa navio. (MOLES, 1962, pp. 324–325)

⁶⁹ Oswaldo Moles morou com os sogros em uma casa localizada na Rua Cardoso de Almeida, no

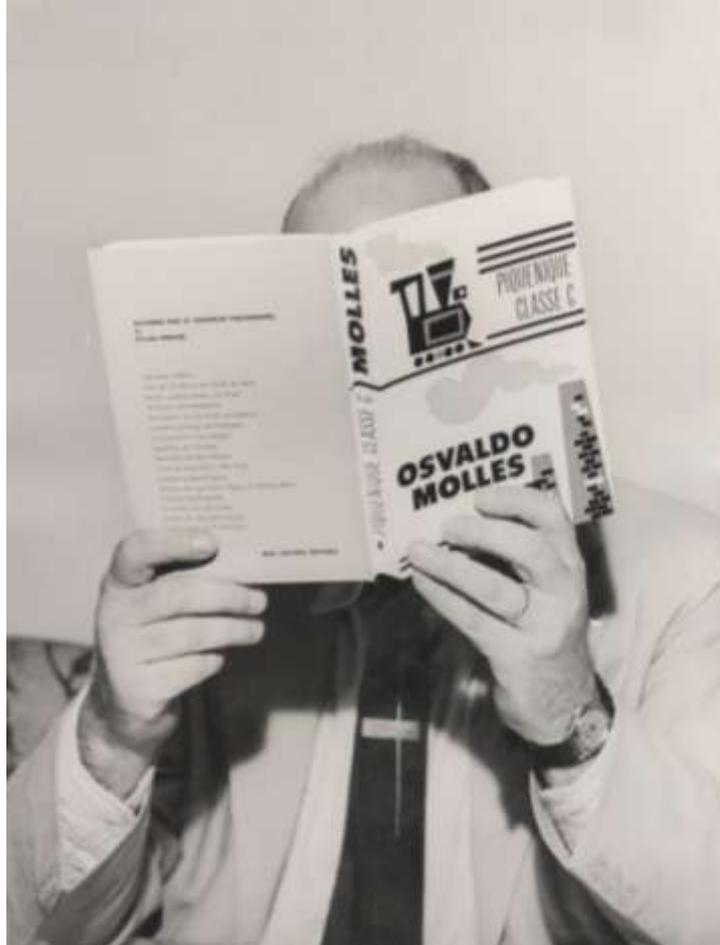
2.5. Em defesa da crônica como gênero jornalístico: a produção de Osvaldo Moles para mídia impressa

Como vimos, a introdução do regime republicano em detrimento do regime monárquico produz transformações políticas, econômicas, identitárias e culturais na sociedade brasileira, no final do século XIX, início do século XX. A autonomia dos Estados (na época chamados de Províncias) é fortalecida pelo governo republicano e a industrialização se desenvolve em ritmo acelerado. Algumas cidades, como São Paulo, passam por um progressista plano de urbanização. Surge a classe operária e, com ela, uma classe média advinda da pequena burguesia. *“Tudo isso se combina com a imigração estrangeira e a incorporação à nossa sociedade de contingentes populacionais dotados de comportamento tipicamente urbano e de padrões culturais mais avançados.”* (MARQUES DE MELO, 2006, p. 83). Esse cenário permite que a imprensa brasileira deixe de ser um *“canal de comunicação utilizado exclusivamente pela classe dominante”* (MARQUES DE MELO, 2006, p. 83) dando voz à classe trabalhadora, através do surgimento de periódicos publicados por sindicatos e associações. Nasce as primeiras empresas jornalísticas com interesses que deixam de ser estritamente políticos (panfletários) e, a exemplo de experiências bem sucedidas na Europa e Estados Unidos, visam lucro. *“São organizações que se mantêm com recursos provenientes da publicidade, mas que, diante das limitações do capitalismo periférico, não podem se dar ao luxo de dispensar os subsídios estatais”* (MARQUES DE MELO, 2006, p. 84).

Osvaldo Moles, enquanto jornalista, descreve o cotidiano da cidade de São Paulo, retirando “matéria-prima” das andanças que faz pelas ruas do centro e das periferias. É a observação em campo, com “olhar de repórter” que permite a construção de suas crônicas e a relação tão próxima com a cidade. Logo foi considerado sucessor de Antônio de Alcântara Machado, conforme registro que o jornalista Daniel Linguanotto e o anarquista Hermínio Sacchetta fazem no começo do livro *Piquenique Classe C* (MOLES, 1962). Discurso também reproduzido pela imprensa da época, como no relato da página 84 do *Anuário de Rádio* (Ano XXI), datado de outubro de 1952, reproduzido no livro *O Centenário do Rádio Paulista*:

“... gosta de andar pelas ruas de São Paulo, por suas vielas, seus cantinhos escuros onde meninas suburbanas namoram às escondidas e de cujos botequins escapa o cheiro da pizza fresca. Por onde andou Alcântara Machado, naqueles recantos onde ele foi descobrir os personagens de suas histórias, no Brás, Bexiga e Barra Funda - lá também andou Molles colhendo o material de seus programas. E aí está seu valor.” (CENTRO CULTURAL SÃO PAULO, 1984, p. 44)

Figura 22 - Osvaldo Moles com o livro *Piquenique Classe C*



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Só que, para além dos imigrantes italianos – que não poderiam deixar de estar presentes em sua obra –, Osvaldo Moles insere os novos personagens típicos de uma São Paulo que não para de crescer. Assim, encontramos forte presença do migrante nordestino, do negro e outros imigrantes como os japoneses da Liberdade, os espanhóis anarquistas, etc..

Como poucos, o antigo repórter Osvaldo Molles, em precipitadas surtidas nos bairros pobres de São Paulo ou em suas andanças pelo interior do Brasil, tanto logrou captar a alma das gafieiras e favelas como o linguajar híbrido dos “italianinhos” e os modismos dos “paus-de-arara” e cabras de Lampião. (SACCHETTA apud. MOLES, 1962, p. 12)

Para Nilson Lage (1990, p. 35), a produção de um texto, sempre segue

“restrições do código lingüístico” com “regras operacionais” e “itens léxicos (palavras, expressões)”, que permitem um controle pré-estabelecido da qualidade estética dos gêneros literários (romances, poesias, odes, etc.). Já no gênero jornalístico, essa preocupação estética “desloca-se” para a carga de informação transmitida pelo texto.

O jornalismo não é, porém, um gênero literário a mais. Enquanto, na literatura, a forma é compreendida como portadora, em si, de informação estética, em jornalismo a ênfase desloca-se para os conteúdos, para o que é informado. O jornalismo se propõe processar informação em escala industrial e para consumo imediato. As variáveis formais devem ser reduzidas, portanto, mais radicalmente do que na literatura. (LAGE, 1990, p. 35)

No entanto, a crônica se apresenta como um gênero híbrido, entre a literatura e o jornalismo. Vejamos como Osvaldo Moles pode se colocar como personagem ativo de sua crônica para privilegiar uma situação, por vezes, inventada. O trecho a seguir é da crônica “Preconceito de côr local, na gafieira”:

CAVAIÊROS sóses pagam vinte cruzas” – diz o porteiro apurando a linguagem porque está falando com branco. – “Agora, se vié cumpanhado de duas dama, paga só deiz cruza”, Sou, positivamente “sóses”, embora não muito cavalheiro. E pago meus vinte. Isso tudo, para entrar no “Inferninho”, assim chamado porque é o baile em que as damas têm que mostrar suas cardenetas de domésticas. (MOLES, 1962, p. 217)

Marques de Melo defende que *“a crônica representa um gênero tipicamente brasileiro, distinguindo-se daquelas manifestações jornalísticas, similarmente rotuladas, que se praticam em outros países”* (2006, p. 208) e elabora o conceito que define esse gênero como sendo um *“relato poético do real”*. Temos a *“crônica de costume”*, na qual fatos do dia a dia inspiram um *“relato poético ou uma descrição literária”* e a *“crônica moderna”*, que se torna matéria ligada ao *“espírito da edição noticiosa”*.

É Antônio Cândido quem sugere seu marco histórico: “Acho que foi no decênio de 1930 que a crônica moderna se definiu e consolidou no Brasil, como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas, com os seus rotineiros e os seus mestres. Nos anos 30 se afirmara Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, e apareceu aquele que de certo modo seria ‘o’ cronista, voltado de maneira praticamente exclusiva para este gênero: Rubem Braga”. (MARQUES DE MELO, 2006, p. 203)

A crônica, como podemos perceber, tem proximidades com a literatura, mas nesse campo recebe *status* inferior. Antônio Cândido chega a dizer que a crônica é a

literatura ao "rés-do-chão", um "gênero literário menor". Marques de Melo sai em defesa do gênero, ressaltado que isso não significa desvalorizar a crônica, mas sim, identificar um "perfil singular" nela contido, "que se caracteriza pela ligeireza, pela superficialidade, pela simplicidade, pelo coloquialismo. E também pela efemeridade" (MARQUES DE MELO, 2006, p. 205). Para alguns modernistas, o gênero chega a ser desprezado, conforme declara Sérgio Milliet ao dizer que o gênero é "revelador de certa pobreza intelectual", porém, Hermínio Sacchetta, parece compreender que as críticas ao gênero são generalizadas, devido à invasão delas no jornal e defende o gênero utilizado por Osvaldo Moles:

Sabemos como o emprego abusivo da epígrafe "crônica" propicia, hoje, toda a sorte de frustrações literárias. Sob esse rótulo, passa o contrabando, em letra de fôrma, do ficcionista malgrado, que esgota, no gênero complacente, anseios de contista, novelista, romancista e, algumas vezes, de poeta. Demais, a suspeita popularidade atual da crônica revela uma das diáteses intelectuais de nossos dias: o escapismo, forma de recusa neoromântica de o escritor enfeudado ao "big-business", aceitar, passivamente, os males sociais. A crônica que devera constituir, dados os generosos meios de difusão de que desfruta, a fixação objetiva ou denúncia da realidade, através das características do gênero, deriva para a fantasia poética ou para o comentário gratuito, sem compromissos. Daí, espocarem, por toda imprensa, os chamados cronistas, que, quando não abastardam o gênero, o substituem, o mais das vezes, por fragmentos de malgradadas ambições literárias: o espaço destinado à crônica é tomado por um pedaço de qualquer coisa que deveria ter sido outra coisa...

Não deixa de ter parcela de razão o arguto e desprezencioso Sergio Milliet ao considerar "a crônica, gênero infeliz porque revelador de certa pobreza intelectual..." Sem dúvida, o ensaísta de "Roteiro do Café" quer referir-se à crônica de nossos dias cujo conceito, de modo geral, por curioso fenômeno semântico, se desvincula do que se entendia pelo gênero em tempos já bem distantes. Maior ainda é o desapreço de Tristão de Ataíde por essa manifestação literária "que só se torna legível quando no seu meio natural – a fôlha cotidiana e efêmera... Uma crônica num livro é como um passarinho afogado. Tira a respiração e não interessa", Ambos devem sentir a gratuidade desses pequenos escritos de evasão, que, ao invés de reter o momento fugaz, mas expressivo, o eludem.

Não é o caso de Osvaldo Moles, como, facilmente perceberá o leitor. "Piquenique Classe C" não apenas repõe o gênero sobre suas bases, como lhe empresta novo relevo, ainda quando o autor – também poeta e romancista, com livros inéditos – se entrega a aparentes devaneios, que só fazem vincar, mais fundamente, o quadro de uma realidade incontornável, desafiando-lhe a sensibilidade. (SACCHETTA apud. MOLES, 1962, pp. 13–14)

Sacchetta também critica a "crônica social", aquela em que a alta sociedade aparece como centro da atenção e apresenta *Piquenique Classe C: Crônicas e Flagrantes de São Paulo* como um livro que dá voz ao "favela-society", aos pobres, à "gente" da cidade:

Não encontraremos, pois, neste livro, as cortezanices nauseantes da

chamada “crônica social”, promoção, não raro, remunerada por linha impressa, de pretensa gente “bem”. Nada disso, O “café-society” é arredado, sem azedume, mas entre risos desdenhosos, pelo “favela-society” e “pés-de-chinelo”, que suprem a galeria de personagens de “Piquenique Classe C”. É toda uma gente sem-eira-nem-beira, que não figurará na história oficial senão pelo grotesco ou como fator de perturbação da ordem pública. Disto, ressuma o calor de maior autenticidade de Osvaldo Moles, cujas crônicas irradiam, em atmosfera de admirável espontaneidade, a candura dos cronistas antigos, mesmo quando envoltas em toques maliciosos e desajeitados. Dona Fifi, do Higienópolis, cede lugar à Risoleta da Barra Funda e o Dr. Jorgito é afastado pelo Cibide, da Favela do Vergueiro, humilhados e ofendidos que os fraldiqueiros do colonismo social do “grand-monde” miram de lenço ao nariz. (SACCHETTA apud. MOLES, 1962, pp. 12–13)

Sobre o livro *Piquenique Classe C*, Hermínio Sacchetta termina seu prefácio dizendo que a literatura popular de Osvaldo Moles não é redigida com palavras de baixo calão ou erros gramaticais, comparando suas crônicas a um quadro no movimento expressionista:

“Por fim, apenas algumas palavras sobre a linguagem de O.M. Logo verá o leitor que literatura popular em “Piquenique Classe C” não se traduz pelo uso de vocábulos pornográficos e, muito menos, por erros gramaticais. A forma de Osvaldo Molles é a rigorosa expressão extrínseca do conteúdo de suas crônicas, sem maneirismos ou truques estilísticos. Causa-nos o mesmo efeito de um bom quadro de pintor expressionista. Neste, as distorções necessárias não obscurecem, antes, acentuam a pureza das linhas anatômicas que as sustentam; no cronista, que se vai ler, as imagens imprevistas e audaciosas, de surpreendente modernidade, os volteios de estilo se amparam na mais pura tradição vernácula. Mas, quando fala o favelado, o malandro da gafeira, o “pau-de-arara” ou o “italianinho”... bem, isso é por conta deles. (SACCHETTA apud. MOLES, 1962, pp. 15–16)

A crônica “Piquenique Classe C”, que dá nome ao livro de Osvaldo Moles, descreve a realização de um piquenique na praia por operários de uma típica fábrica de São Paulo.

A idéia do piquenique em Santos acabou tomando conta da Tecelagem da Virgem S.A. (Os homens dizem: “Virge, Sá???” e dão umas risadas maliciosas). Neste momento, o assunto zumbe mais que turbina:

— Qui dia vai sê mesmo?

— Dia 29 do mês que vêm!

—Puxa vida!... Como está longe!...

Quem inventou tudo isso foi o Nicolino, verdadeiro cérebro de organizador, que começou querendo fundar uma cooperativa. Depois, o plano se diluiu para a fundação de um grêmio. O pessoal brincou com a estranha palavra:

— Ma que grêmio? Isso daí é sorvete? Sorvete de grêmio?

Por fim, o Nicolino acabou fundando mesmo um piquenique. (MOLES, 1962, p. 19)

O texto trabalha com os sonhos das pessoas, retrata uma São Paulo que cresce, se desenvolve, mas com isso amplia as diferenças sociais. Uns podem, outros não. A maioria dos operários de uma fábrica nunca tinha visto o mar e um

simples piquenique na praia torna-se o acontecimento do ano, quiçá de uma vida.

Figura 23 - Osvaldo Moles autografando o livro *Piquenique Classe C*



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Ao depurar essa crônica, considerando cada parágrafo como uma entrada de dados a ser analisada, tratamos estes inspirados na proposta de Gil Flores (1994) para análise do conteúdo textual, que, neste caso, resultou na criação de três metacategorias⁷⁰: "Personagens", incluindo parágrafos relativos a etnias, classe social, profissões, características físicas e psicológicas; "Modernização e Progresso", onde encontramos a relação direta com a cidade de São Paulo e seu desenvolvimento; "Humor, Figuras de Linguagem e Sotaques", onde geralmente encontramos a crítica através da sátira e da ironia, além das características textuais marcantes dos dois autores. Esse processo de categorização foi indutivo, levando à criação dessas metacategorias.

El proceso de codificación puesto em práctica há sido de tipo abierto e inductivo, según el cual, el sistema de categorías no está preestablecido

⁷⁰ Como nossa intenção não é fazer uma análise literária, mas de conteúdo, não prosseguimos para além das metacategorias, que já dão conta do nosso objetivo proposto. No entanto, esta metodologia permite a ampliação para novos estudos, que podem envolver a adição de outras metacategorias e afinamento no tratamento dos dados, gerando diversas categorias e possíveis sub-categorias para posterior análise que envolva, por exemplo, padrões de pontuações, rimas, métricas, etc..

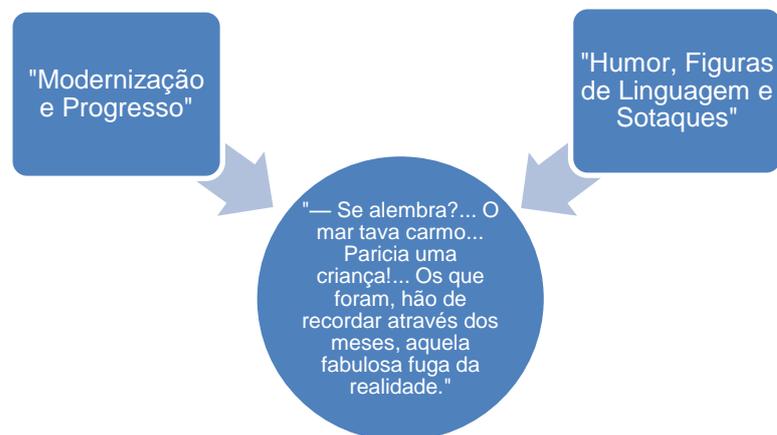
sino que surge como consecuencia del próprio proceso de codificación. A partir de uma leitura inicial del primer discurso es posible ir identificando temas o tópicos que aparecen en el mismo. La pregunta que constantemente nos hacemos em relación a lós datos es:

“¿Sobre qué habla este fragmento?. En particular, respecto a la reforma, ¿qué actitudes, opiniones, sentimientos, etc. refleja?”.

De este modo, emerge um conjunto de categorías que es constantemente modificado, redefinido, readaptado em función de lós nuevos pasajes que van siendo objeto de categorización. (FLORES, 1994, p. 76)

No total categorizamos os 96 parágrafos da crônica e ressaltamos que uma mesma entrada pode ser alocada em mais de uma categoria. No exemplo apontamos um parágrafo que descreve o piquenique como uma *“fabulosa fuga da realidade”*.

Figura 24 - Exemplo de categorização: mesma entrada em duas metacategorias



Fonte: MICHELETTI (2014d).

Os resultados podem ser observados no seguinte quadro:

Tabela 1 - Registro de entradas da crônica "Piquenique Classe C"

	Osvaldo Moles - Piquenique Classe C	
	Parágrafos	%
TOTAL	96	100%
Personagens	53	55,2%
Modernização e Progresso	24	25,0%
Humor, Figuras de Linguagem e Sotaques	63	65,6%

Fonte: MICHELETTI (2014d).

Constatamos que nos dois textos, a metacategoria “Humor, Figuras de Linguagem e Sotaques” é a que contém mais entradas, seguida por “Personagens” e depois, com uma sensível diferença percentual, vem “Modernização e Progresso”. Essa configuração revela a preocupação do autor em promover uma forte crítica

social através do cômico, que em sentido mais amplo compreende:

a ironia, o chiste, o humor a sátira, a paródia, enfim, as formas mais comuns que tendem a produzir o riso. Tanto a ironia como o humor são formas do cômico de palavras e se baseiam, portanto, numa transposição entre o real e o ideal. Para Quintiliano, a ironia (em latim *illusio* e, em grego, *eirôneia*, palavra que significa "ação de interrogar fingindo ignorância") compreende o sarcasmo, o asteísmo, a antífrase, o eufemismo e a pemia. O paradoxo e a perífrase pitoresca servem, do mesmo modo, ao cômico. (MACHADO, 1970, p. 102)

Oswaldo Moles privilegia as pessoas da cidade, os personagens ganham força, atraem a simpatia do leitor. Os personagens são o retrato social de uma época em que São Paulo não para de crescer, representam a sociedade paulistana que está em fase de formação, recebendo migrantes e imigrantes, acolhidos pela cidade. Pessoas com sonhos simples de conquistar um futuro melhor, de conseguir um bom trabalho e viver dignamente. Por último, a metacategoria “Modernização e Progresso” diz sobre a construção dos prédios altos, dos automóveis que invadem as ruas, dos problemas de infraestrutura: “- *Se lembra quando o Tamanduateí fez a enchente do 45? Era outro que mar!..* .” (MOLES, 1962, p. 21)

Além do universo dos imigrantes italianos, Oswaldo Moles descreve, nessa crônica, personagens caipiras, nordestinos, espanhóis, japoneses, etc.. Embora não tenhamos a data em que essa crônica foi escrita, o livro *Piquenique Classe C* só entra em circulação no ano de 1962, período em que a cidade de São Paulo já deixou de ser um universo dominado exclusivamente por italianos para incorporar novas nacionalidades e pessoas de outras regiões do país. Os filhos dos italianos também vão se “abrasileirando”, São Paulo se transforma e Oswaldo Moles, ao longo de sua obra, acompanha esse desenvolvimento.

2.5.1. Oswaldo Moles no programa *Tele-romance* da TV Cultura

Ângela Conversani e Altamir Botoso consideram que as minisséries televisivas têm origem nas novelas inicialmente veiculadas pelo rádio e depois pela televisão, que “*eram curtas, com cerca de vinte capítulos e, inicialmente, apresentadas durante alguns dias da semana até se tornarem diárias*” (2009, p. 1). Os autores relatam a supremacia das minisséries produzidas pela Rede Globo de Televisão, que até hoje conseguem “*obter maior respaldo junto aos telespectadores e também obtiveram maiores índices de audiência*” (CONVERSANI, 2009, p. 9). No

começo da década de 1980, a TV Cultura, pertencente à Fundação Padre Anchieta, produz uma série de adaptações literárias exibidas em um programa chamado *Tele-romance*. São produtos que a emissora denomina como "*telenovelas*", mas que na verdade estão muito próximas do formato das minisséries.

A TV Cultura produziu entre os anos de 1981 e 1982 um programa chamado "tele-romance", exibindo adaptações de livros de escritores brasileiros, com cerca de vinte capítulos, num formato que pode ser aproximado ao das minisséries. Como ilustração, enumeramos alguns títulos: *Vento do mar aberto* (1981), *Floradas na serra* (1981), *O fiel e a pedra* (1981), *O pátio das donzelas* (1982), *Nem rebeldes nem fiéis* (1982), *Pic nic classe C* (1982), *Casa de pensão* (1982), *O coronel e o lobisomem* (1982), *Iaiá Garcia* (1982). No entanto, tais produções, apesar da curta duração, são consideradas como telenovelas (REIMÃO, 2004, p. 126-128), possivelmente pelo baixo investimento. (CONVERSANI, 2009, p. 8)

Em 5 de fevereiro de 1982, na matéria "*Cultura continua firme na velha briga pelo Ibope*", veiculada no Caderno "Ilustrada" do jornal *Folha de S. Paulo*, encontramos o lançamento das telenovelas *Nem rebeldes, nem Fiéis*⁷¹ e *O Pátio das Donzelas*⁷², aliado à proposta da emissora em "*seguir na linha de uma programação mais 'popular', que lhe traz alguns cobiçados pontos a mais no Ibope*" (R.R., 1982, p. 38). Na matéria, o coordenador de programação Carlos Queiroz Teles e a chefe do Departamento Cultural da emissora Nydia Licia, explicam o investimento no programa *Tele-romance* para aumentar o Ibope e a estratégia utilizada pela TV Cultura em sua grade de programação noturna:

Não é outro o motivo das alterações que acontecerão a partir de março. O tele-romance apresentado até então às 21 horas irá para o horário das 22 horas e, em seu lugar, entram os programas normalmente apresentados mais tarde, acrescidos de algumas estréias. A "idéia fundamental", garante Carlos Queiroz Teles, coordenador de programação da Cultura, é criar uma alternativa para a faixa das 21 horas, evitando que fique uma novela em cima da outra.

Essa alternativa se pautará fundamentalmente em programas de auditório. Aí estarão "Quem Sabe, Sabe", uma competição entre universitários comandada por Walmor Chagas; os documentários de "Câmera Aberta". "De Olho na Notícia", que atualmente está fora, mas voltará reformulado e ao vivo. Além disso, haverá um novo musical e uma grande série que está sendo negociada por todas as televisões educativas - "A Era da Incerteza", do economista americano Galbrath - que também será apresentada semanalmente. "Essa é uma programação dirigida ao público em geral, para conservarmos o público masculino que conquistamos como o telejornal", explica Queiroz Teles.

Por outro lado, será mantida a "faixa feminina", que começa às 18 horas com o programa "Palavra de Mulher", já que ela "conseguiu um público

⁷¹ *Nem rebeldes, nem fiéis* foi veiculado no horário das 19h30 e os programas mostravam "*a vida de uma funcionária pública às vésperas da aposentadoria*" (R.R., 1982, p. 38).

⁷² *O Pátio das Donzelas* foi veiculado no horário das 21h e os programas contavam os "*problemas de cinco moças que moram juntas em uma velha mansão de Higienópolis*" (R.R., 1982, p. 38).

estável, apesar de pequeno". Quanto à mudança da telenovela para as 22 horas, a intenção é tratar de temas "mais adultos". E embora se conserve o sistema de adaptação de romances, haverá maior liberdade no número do capítulos, porque "cada obra permite ampliações ou diminuições".

Nydia Licia, chefe do Departamento Cultural da emissora, também acredita que o novo horário permitirá que se aborde outros tipos de questões nos teleromances. Mas ressalva: "Nós nunca fugimos dos temas, apenas cuidamos do tratamento. Muitos temas fortes podem ser abordados um pouco mais cedo, sem chocar ninguém." (R.R., 1982, p. 38)

Na época, o *Tele-romance* atingiu 6% do Ibope, o que significa três milhões de pessoas como espectadores do programa, mas esses são números tímidos para televisão aberta. Desde aquela época (década de 1980) Nydia Licia aponta para "um certo preconceito" das pessoas em assistir à TV Cultura, talvez por ser um canal com proposta educativa/cultural, além de também duvidar dos números do Ibope.

Ela também não concorda com os que taxam as telenovelas da Cultura de "chatas", se comparadas com as de outras emissoras:

- Para quem diz isso, aconselho que assista ao 'Pátio das Donzelas', para ver se é chato. Ou pergunto se acompanharam 'Maria Stuart', 'O Resto é Silêncio' e 'O Vento do Mar Aberto'. São romances com temas tão interessantes quanto qualquer outro. O que falta é vencer um certo preconceito que realmente existe.

De qualquer forma, ela considera que os índices de audiência alcançados, cerca de 6%, são "bastante bons", porque "significam quase três milhões de pessoas". Nada de espantoso, é verdade, mas Nydia Licia lembra que "nada é espantoso aqui" e, além do mais, ela não acredita no Ibope. "Nunca ouvi falar de ninguém que foi consultado pelo órgão. O Ibope só pesquisa algumas faixas do público." (R.R., 1982, p. 38)

Entre os autores selecionados para as adaptações da TV Cultura estava Osvaldo Moles com a crônica "Piquenique Classe C"⁷³, adaptada por Walter Negrão para o horário das 19h e Antônio de Alcântara Machado com *As Cinco Panelas de Ouro*, adaptado por Sérgio Jockman para o segundo horário da grade de programação. Ressaltamos que, apesar de Osvaldo Moles ter acompanhado o surgimento da televisão no Brasil, trabalhando inclusive em alguns programas do Canal 7, TV Record, a emissora de Paulo Machado de Carvalho, a adaptação para a TV Cultura foi póstuma. A crônica "Piquenique Classe C" foi dividida em 20 capítulos e estreou às 19h30 do dia 1 de março de 1982⁷⁴. A página 27 do Caderno "Ilustrada", do jornal *Folha de S. Paulo* desse dia, traz a seguinte sinopse da adaptação:

⁷³ A adaptação televisiva para a TV Cultura do conto "Piquenique Classe C" de Osvaldo Moles, também aparece em nossas pesquisas em artigos científicos e jornais com a grafia "Pic Nic Classe C".

⁷⁴ Destaques: PIQUENIQUE CLASSE C. Caderno Ilustrada - *Folha de S. Paulo*. São Paulo. 1 mar. 1982, p.27. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/1982/03/01/21//4306393>>. Acesso em: 11 mai. 2014.

A trama se desenvolve entre os empregados de uma tecelagem, moradores da mesma vila, que organizam um grande piquenique na Praia Grande, fato bastante comum hoje em dia (quem não conhece os "farofeiros"?). Mas o tal do piquenique acaba se transformando em um marco na vida dos operários da Tecelagem Virgem S/A, quase todos descendentes de migrantes italianos.⁷⁵

Com a direção de Sérgio Galvão e Herson Capri⁷⁶, o elenco foi composto por Denise Del Vecchio (Marieta), Henrique César (Ferreri), Mário Benvenuti (Vacário), Maria Célia Camargo (Concheta), Alceu Nunes (Nicolino), Cinira Camargo (Zelinda), Nair Cristina (Loreta), Míriam Lins (Mocinha), Ruthinéia de Moraes (Olga), Cazarré (Pascal), Alberto Baruque (Vavá), Wálter Santos (Mauro), Paco Sanches, Miguel Maimoni, Rúbens Moral, Vininha de Moraes, Marcelo Buru, Sandra Sargentelli e Cássia Lima⁷⁷.

2.6. A estreia do Rádio: mediações do popular na cultura de massa

No campo da história dos meios, muitos pesquisadores consideram que a estreia oficial do Rádio no Brasil acontece no dia 7 de setembro de 1922, com as comemorações do primeiro Centenário da Independência do país e que a primeira estação de rádio oficial foi fundada no ano seguinte, quando em abril de 1923, Edgard Roquette Pinto e Henrique Morize fundam a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. No entanto, o padre gaúcho Roberto Landel de Moura, em seus experimentos, já havia realizado a transmissão da voz humana em aparelhos sem fio desde o final do século XIX e a Rádio Clube de Pernambuco reivindica o lugar de pioneira do rádio com documentos datados de 1919, conforme explica, em depoimento à BBC, o radialista e pesquisador Luis Carlos Saroldi:

Antes do discurso do presidente Epitácio Pessoa inaugurado no dia 7 de setembro de 1922, na exposição do centenário, na Esplanada do Castelo, muita gente mais se interessou pelo rádio, tentando implantar o rádio no Brasil, ou até inventá-lo. Mas há um homem que não podemos esquecer entre esses. Do padre Roberto Landel de Moura, um padre gaúcho que estudou na escola politécnica do Rio de Janeiro e se formou em Roma, em ciências físicas e químicas. Era um inventor nato. Em 1893, em Campinas, ele já construía aparelhos que assustavam seus paroquianos. Seus inventos foram patenteados em São Paulo em 1900 e nos Estados Unidos em 1904. Era o telegrapho sem fio, o telephone sem fio e um transmissor de ondas sonoras. Para nós o Padre Landel de Moura pode ser comparado a

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ Herson Capri também interpretou o personagem Franco.

⁷⁷ PIC NIC CLASSE C. TELE Dramaturgia. Disponível em:

<<http://www.teledramaturgia.com.br/tele/picnicq.asp>>. Acesso em: 13 nov. 2012.

Santos Dumont: um inventou o avião, o outro teria inventado o rádio. Nenhum dos dois levou a primazia desses inventos. Por que outros apareceram apoiados por forças poderosas e de alcance muito maior, internacional. Quanto a primeira emissora a ser fundada entre nós, menciona-se também a reivindicação do título de pioneira para o Rádio Club de Pernambuco, que tem um registro datado de quatro anos antes da rádio de Roquette Pinto, 06 de abril de 1919. Acontece, porém, que as experiências de transmissão dos jovens pernambucanos foram feitas, mas se tratavam ainda de experiências de recepção radiotelefônicas e não radiofônicas. Embora a partir de fins de 1922 os rapazes de Pernambuco viessem a conseguir transformar um transmissor radiotelegráfico em transmissor radiofônico, no fundo, Roquette Pinto, realmente tem a primazia de ter fundado e ter posto para funcionar a primeira emissora de rádio do Brasil: a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. (SAROLDI apud. OLIVEIRA, 2009 - Transcrição nossa)

Considerado o pai do rádio no Brasil, Roquette Pinto é autor de uma classificação antropológica do povo brasileiro. No livro *Seixos Rolados* ele define que as raças “*distinguem-se por caracteres somáticos: são unidades biológicas*” e que os povos “*caracterizam-se por elementos sociológicos*”, explicando que “*por isso, um povo pode ser formado de raças mui diversas, sem maior perigo para o seu futuro, desde que os fundamentos de sua sociedade (língua, forma de governo, família, história, etc.) forem mantidos no ambiente comum*” (CENTRO CULTURAL SÃO PAULO, 1984, p. 11). Roquette Pinto alertava para a definição desses dois conceitos para que as mazelas do Brasil não caíssem no “*conformismo, diante das situações de precariedade em que o povo brasileiro sempre permaneceu*”. Sua preocupação em comprovar a capacidade do povo brasileiro pode ser encontrada em suas teorias: “*o brasileiro não é uma raça inferior; o nordestino não é indolente e preguiçoso; a terra é áspera mas o homem é teimoso e forte; a miscigenação das raças no Brasil não enfraquece o povo*” (CENTRO CULTURAL SÃO PAULO, 1984, p. 11). Sua obra mais conhecida é *Rondônia*, livro que dá início às políticas de proteção indígena no país, no qual o autor escreve que o Brasil deve proteger seus índios, sustentando-os se preciso: “*a questão indígena deve ser escriturada, unicamente, nos livros da ‘Despesa’... E, assim, dará lucro.*” (Roquette Pinto apud. CENTRO CULTURAL SÃO PAULO, 1984, p. 12). Da viagem que gerou o livro, Roquette Pinto traz, além de vasta documentação e fotografias, gravações de músicas indígenas em cilindros de cera que, anos depois foram orquestradas pelo maestro Villa-Lobos, um dos convidados a participar da *Semana de Arte Moderna*, em 1922, fato que nos interessa nesta pesquisa, servindo neste momento como primeira pista para as estreitas relações entre o rádio e o modernismo na composição de um novo momento da identidade brasileira.

Roquette Pinto acreditava que era necessário transmitir educação e cultura para todas as regiões do Brasil, percebendo no rádio, uma incrível possibilidade para este fim. Por isso, mobilizou-se para que uma das duas estações que funcionaram em 1922, não fosse desmontada e retornasse para os Estados Unidos. Unindo-se a Henrique Morize, Roquette Pinto funda, em 20 de abril de 1923, a primeira rádio do Brasil, a PRA-A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, atual Rádio MEC (CENTRO CULTURAL SÃO PAULO, 1984; MOREIRA, 2000; OLIVEIRA, 2009).

No começo de 1923, desmontava-se a estação do corcovado e a da Praia Vermelha ia seguir o mesmo destino, se o governo não a comprasse. O Brasil ia ficar sem rádio! Ora, eu vivia angustiado com essa história por que já tinha convicção profunda, do valor informativo e cultural do sistema, desde que eu ouvira as transmissões do Corcovado alguns meses antes, conforme já narrei mais de uma vez. Mas uma andorinha não faz verão. Resolvi interessar no problema a Academia de Ciências, que era presidente o nosso querido mestre Henrique Morize. Eu era secretário e foi assim que nasceu a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a 20 de abril de 1923. (ROQUETTE PINTO apud. OLIVEIRA, 2009- Transcrição Nossa)

O rádio no Brasil surge com propósito educador, tendo em sua programação inicial conferências, palestras e aulas com lições de português, italiano, francês, geografia e outras, além de cursos como o de literatura francesa e inglesa. As músicas irradiadas eram óperas ou clássicas. Dados que, aliados ao alto custo dos primeiros aparelhos de rádio, tornam o meio acessível apenas para a elite da época, apesar do ideal de Roquette Pinto que pretendia uma rádio *“educativa popular, de fácil acesso à maioria da população e com o rádio ajudando a resolver o problema educacional do país”* (MOREIRA, 2000, p. 23). De fato não é isso que acontece no início e as demais emissoras que surgem nesse período também são rádios Clubes ou rádios Sociedades mantidas com capital de seus fundadores, um grupo de amigos que contribuem financeiramente para manutenção da rádio e por empresas, ainda que a publicidade não fosse legalizada. O depoimento de Paulo Tapajós à BBC confirma que os *“speakers”* da época, diante dos microfones da emissora anunciavam uma lista de nomes de empresas que contribuía de alguma forma para a emissora permanecer no ar, sendo, em geral, casas de discos que emprestavam um ou outro vinil para tocar na rádio ou casas de eletrônicos, ou seja, que vendiam aparelhos de rádio (PAULO TAPAJÓS apud. OLIVEIRA, 2009). Seguindo o exemplo da imprensa escrita, o rádio nasce no Brasil como uma mídia elitista, disseminando valores da cultura erudita. Nos anos 1920, o rádio no Brasil se

configura como replicador da ideologia dominante, com uma visão elitista que descarta o popular e pretende disseminar a cultura erudita, aceita como detentora de grande valor. Somente aos poucos é que a programação foi se adaptando para irradiar programas populares, proporcionando espaço para “*cantores e compositores de sucesso na época, além de incluir programas para públicos distintos como, por exemplo, o infantil*” (MOREIRA, 2000, p. 22).

O Brasil perfilava-se como uma sociedade marcada pela vigência de uma mídia elitista, ancorada nos valores da cultura erudita. Donde a necessidade de decodificação das suas mensagens para serem assimiladas pelas camadas populares da nossa sociedade. (MARQUES DE MELO, 2008, p. 44)

Com isso, o fenômeno do “*folclore do homem industrial*”, proposto por Marshall McLuhan, em 1951, no livro *A Noiva Mecânica (The Mechanical Bride: Folklore of Industrial Man)* é postergado no Brasil. No livro, o autor demonstra como a mídia obteve os sentidos da sociedade estadunidense, dando início à cultura de massas naquele país pelo “*arsenal simbólico das comunidades rurais edificadas pelos antigos colonizadores ingleses ou no legado cultural introduzido pelos contingentes de imigrantes*” (MARQUES DE MELO, 2008, pp. 43–44). O “*homem industrial*” que McLuhan descreve vive nas periferias das grandes cidades e insere-se “*numa cultura de massa enraizada nas tradições populares*” (MARQUES DE MELO, 2008, p. 43). No Brasil esse fenômeno acontece primeiramente no rádio, por exemplo, em programas como *História das Malocas*, criado por Osvaldo Moles para a PRB-9 Rádio Record de São Paulo e protagonizado por Adoniran Barbosa, que interpretava o personagem “Charutinho”, um jovem mulato, morador do “Morro do Piolho”, uma favela imaginada por Moles na cidade de São Paulo. O rádio consegue então transmitir seu conteúdo com maior abrangência do que a mídia impressa, pois, além de reproduzir artistas populares, ele fala de maneira muito mais próxima com os ouvintes, muitas vezes de maneira informal, além de não precisar da compreensão da linguagem escrita pelos ouvintes.

O ideal de popularização do rádio no Brasil acontece apenas na década de 1930 em parte devido à legislação vigente. Diferente do que acontece nos Estados Unidos, onde o rádio já nasce com diretrizes comerciais com a intervenção do Estado para regulação posterior, no Brasil, a primeira lei sobre o rádio data de antes da sua estreia. Aplicada à radiotelegrafia e à radiotelephonia, o decreto nº 3.296, de 10 de Julho de 1917, restringia a prática da radiodifusão ao governo federal, sob o

controle do Ministério das Viações e Obras Públicas. Somente em 5 de novembro de 1924 o decreto nº 16.657 permitiu a prática da TSF (telefonia sem fio) por sociedades civis, desde que sem fins lucrativos e com proibição da veiculação de publicidades (TOTA, 1990). Dependendo do financiamento exclusivo de seus sócios-ouvintes e dos proprietários das emissoras, o crescimento do rádio ficava limitado.

Demorou quase uma década e o fim da República Velha com a chegada de Getúlio Vargas ao poder na Revolução de 1930, para que a legislação fosse novamente alterada e o rádio pudesse ser capitalizado com a veiculação de anúncios publicitários. Com uma diretriz populista e ditatorial, Getúlio Vargas tem interesse que o meio se desenvolva para divulgar ideologicamente as ações de seu governo. Com isso, o decreto nº 21.111, datado de 1 de março de 1932, regulamenta a veiculação das publicidades, já permitidas desde o ano anterior, abrindo caminho para futura criação do programa *Hora do Brasil*, até hoje no ar, com o nome de *A Voz do Brasil*⁷⁸ para divulgar notícias no âmbito federal.

Em 1936 surge a PRE-8 Rádio Nacional do Rio de Janeiro, até hoje considerada a mais famosa emissora que o Brasil já conheceu com alcance em quase todo território brasileiro: exceto em São Paulo. Os paulistas simplesmente não conseguiam sintonizar as rádios do Rio de Janeiro. A Serra do Mar formava uma barreira natural para as ondas emitidas em amplitude modulada (AM) pelas emissoras da então capital brasileira e as potentes emissoras paulistas formavam uma barreira eletromagnética que terminava por impedir que essas irradiações chegassem aos lares paulistanos. Esse fato, no decorrer dos anos, beneficiou o desenvolvimento do rádio em São Paulo, já que as agências de publicidade internacionais localizadas no Brasil, como *JW Thompson* e a *N.W. Ayer & Son*,

⁷⁸O programa *A Voz do Brasil* com duração de uma hora divulga notícias do âmbito federal com objetivo de informar os cidadãos brasileiros. Os primeiros 25 minutos de programação são produzidos pela Empresa Brasil de Comunicação S/A (EBC Serviços) referentes a notícias sobre o poder executivo e os 35 minutos restantes são divididos entre produções radiofônicas dos poderes Judiciário e Legislativo. No momento, a Medida Provisória MP 648/14 propõe a flexibilização do horário de veiculação do programa que atualmente está fixado às 19h para todas as emissoras, dividindo opiniões e interesses entre entidades do setor, políticos e pesquisadores da área. O programa pode ser ouvido *online* através do endereço disponível em: <<http://conteudo.ebcservicos.com.br/programas/a-voz-do-brasil>>. Acesso em 19 Jul. 2014.

Ressaltamos que a regulamentação de todo setor de radiodifusão brasileira, baseada em um sistema de concessões públicas, levanta muitas críticas de pesquisadores e entidades do setor, por ter historicamente beneficiado grandes grupos econômicos e pessoas influentes no meio político brasileiro, prejudicando a construção de uma mídia plural e democrática. As rádios comunitárias que, no Brasil, são um importante canal de comunicação e informação para comunidades carentes e/ou isoladas sofrem com a atual legislação, irradiando muitas vezes de maneira ilegal, marginalizada e seus responsáveis muitas vezes são criminalizados (DETONI; PIOVESAN, 2013).

dividiam as verbas publicitárias entre as emissoras do Rio de Janeiro para divulgação nacional e para as rádios de São Paulo que compunham um poderoso nicho de mercado para os anunciantes. Empresas como *GM, Ford, Siemens* e *Palmolive* fizeram parte desses primeiros anunciantes de porte internacional (CAMPOS JR., 2009).

O rádio passa a fazer parte do dia a dia das pessoas e torna-se, até o final dos anos 1950, *“peça obrigatória em quase todos os lares, dos mais ricos aos mais pobres”* (NAPOLITANO, 2008, p. 13). Com o passar dos anos, perde as raízes iniciadas por *“moralistas e educadores mais sisudos, por um rádio educativo, veiculador tanto de uma cultura superior europeizada quanto da cultura nacionalista folclorizada”* (NAPOLITANO, 2008, p. 14). A entrada da publicidade permite o pagamento de cachês aos artistas, por parte das emissoras, e os programas passam a ser produzidos conforme o interesse da área comercial.

Fenômeno de massa desde os anos 1930, base da expansão da rica cultura musical brasileira, a radiodifusão sofreu um grande processo de massificação a partir do final da Segunda Guerra Mundial. Na segunda metade dos anos 1940, o rádio se consolidou como fenômeno cotidiano, ligado à cultura popular urbana, veiculando principalmente melodramas (novelas) e canções. A partir de 1945, a Rádio Nacional massifica os chamados programas de auditório, um gênero que trazia para o rádio a participação direta das massas e que consolidou a vocação popular desse meio de comunicação, potencializando ainda mais a paixão em torno do veículo. Definitivamente, a batalha iniciada nos anos 1930 pelos moralistas e educadores mais sisudos, por um rádio educativo, veiculador tanto de uma cultura superior europeizada quanto da cultura nacionalista folclorizada, estava perdida. As paixões populares, o gosto musical mais simples e a busca por lazer por parte da maioria da população haviam triunfado, até porque coincidiam com os interesses dos empresários por trás desse meio de comunicação. Daí, compreende-se por que, em torno de 1948, consagrou-se entre as vozes mais preconceituosas da imprensa a expressão de *“macacas de auditório”*, para qualificar o novo público radiofônico das empregadas domésticas, negras e pobres, que se manifestavam ruidosamente diante de seus ídolos. (NAPOLITANO, 2008, pp. 13–14)

Segundo depoimento de Paulo Tapajós para radiodocumentário produzido pela BBC (OLIVEIRA, 2009), o primeiro programa popular de sucesso no Brasil foi o *Esplendido Programa*, do radialista Waldo Abreu, que foi ao ar na PRA-9 Rádio Sociedade Mayrink Veiga no Rio de Janeiro. Tapajós relata que Waldo Abreu improvisava no microfone e já fazia na época um programa no estilo *“Silvio Santos”*, começando pela manhã e terminando só à noite, sem hora certa para acabar. Por seus microfones passaram os maiores cantores da época: Francisco Alves, Silvio Caldas, Carmen Miranda, Ary Barroso, entre outros. Ainda no Rio de Janeiro, o

radialista pernambucano Ademar Casé colocou no ar o *Programa Casé*, de enorme sucesso na PRA-X Rádio Philips do Brasil⁷⁹, e depois na rádio Mayrink Veiga que, segundo Tapajós, “desbancou” o programa do Waldo Abreu. Em São Paulo, a primeira rádio nasce no dia 23 de novembro de 1923, a SQIG Sociedade Rádio Educadora Paulista, que realiza suas demonstrações públicas com irradiações somente no ano seguinte, em fevereiro de 1924. Entre seus fundadores havia muitos engenheiros, como foi o caso de Edgard de Souza, formado na Bélgica e funcionário do alto escalão da *Light* (TOTA, 1990, p. 27). A emissora que se auto proclama como a “Rádio Bandeirante”, foi uma potência na cidade e, em junho de 1924, o governo do Estado autorizou que sua sede fosse instalada no imponente “Palácio das Indústrias”⁸⁰, atual “Catavento Cultural”. Mas a missão de popularizar o rádio na cidade de São Paulo ficou com a PRB-9 Rádio Record de São Paulo, de Paulo Machado de Carvalho, emissora que tem profunda ligação com a cidade ao apoiar a Revolução Constitucionalista de 1932. A Record já nasce popular e logo no início dos anos 1930, ela desbanca a Educadora Paulista, como podemos constatar no depoimento do radialista Raul Duarte:

(...) a Educadora era muito respeitosa, muito formal, muito solene (...) E a Record veio mais irreverente, com muito mais intimidade com o ouvinte (...) A Educadora só faltava chamar de Vossa excelência (...) E a Record veio com uma linguagem mais coloquial (...) de amigo ouvinte (...) E para que a linguagem radiofônica ficasse também de maneira mais coloquial, muito mais simples, a Record teve a sorte de contar com elementos como Antônio de Alcântara Machado, Genulino Amado, Origenes Lessa, Marcelino de Carvalho e depois Rubem Braga que estabeleceram um tipo de linguagem muito comunicativa e simples. (DUARTE apud. TOTA, 1990, pp. 80–81)

2.6.1. O uso do Rádio para fins ideológicos

Com a Revolução de 1930, Getúlio Vargas assume a presidência e utiliza a imprensa, em especial do rádio, para promover as ações do seu governo ditatorial e populista. Vargas chega a presentear todos os jornalistas credenciados pelo governo com uma caneta de ouro, além de distribuir, pelo DIP⁸¹, verbas para jornais e

⁷⁹ A PRA-X Rádio Philips do Brasil, fundada em 1930, passa a ser PRE-8 Rádio Nacional do Rio de Janeiro a partir de setembro de 1936.

⁸⁰ “A Radiotelephonia em S. Paulo: Instalação de uma grande estação emissora, no Palacio das Industrias”. *O Estado de S. Paulo*, 19 jun. 1924, p. 5. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19240619-16576-nac-0005-999-5-not/>>. Acesso em: 19 jul. 2014.

⁸¹ DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda.

emissoras (HAUSSEN, 2001, pp. 45–46). Sua visão para a implementação de um governo nacional-populista pode ser encontrada já no discurso que fez como orador da turma de Direito, da Faculdade de Direito de Porto Alegre, onde se formou em 1907:

“[...] o Brasil ainda não é uma nação. Está longe de sê-lo. Vivemos absorvendo a cultura estrangeira e, economicamente, dependemos das nações estrangeiras que manufaturam a matéria-prima de nossas indústrias. Imitamos a literatura feita pelos europeus, estudamos a ciência que eles elaboram e vulgarizamos a filosofia que eles pensam.” (SILVA apud. HAUSSEN, 2001, p. 37)

Considerado o “pai dos pobres”, Getúlio Vargas promoveu uma política protecionista de desenvolvimento da indústria nacional e uma série de melhorias sociais que resultou, por exemplo, na consolidação das leis trabalhistas que instituiu, entre outros benefícios, o salário mínimo. Vargas também teve a classe artística aliada à sua causa, graças à época em que ainda era deputado estadual pelo Rio Grande do Sul e foi autor do Decreto Legislativo 5.492, de 16 de julho de 1928, que obrigava as empresas que trabalhassem com músicas a pagar direitos autorais aos artistas.

“A música também serviu aos fins ideológicos do Estado Novo. Villa-Lobos foi o compositor oficial do regime, encarregando-se de organizar as apresentações musicais nas grandes comemorações cívicas promovidas pelo governo (...) foi também o elemento de contato com os músicos populares, convidando-os a participar de espetáculos organizados com o intuito de enfatizar as realizações do regime.” (GARCIA apud. HAUSSEN, 2001, p. 47)

Aproveitando-se desta proximidade com os artistas, Getúlio Vargas conseguiu *“influenciar determinados autores para que modificassem o enfoque de suas letras que enfatizavam a malandragem, direcionando-as para uma elegia ao trabalho”* (HAUSSEN, 2001, p. 47), enquanto sua própria imagem aproximava-se da figura do “malandro carioca”.

“Acariocaram a imagem de Getúlio, e ele passou a ser apresentado como um grande malandro, o que ia passando todo mundo para trás, o que sempre tinha um golpe escondido no bolso do colete, para derrotar a inimigalhada. Era o Velho, o boa-praça, tudo podia ficar por conta dele, que no fim dava certo.” (LAGO apud. HAUSSEN, 2001, p. 48)

Controlando a imprensa e ganhando popularidade junto à classe artística e trabalhadora, Getúlio Vargas utiliza-se do rádio para fins ideológicos, com destaque primeiramente para a PRA-9 Rádio Sociedade Mayrink Veiga e depois para a PRF-4

Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que era:

No início propriedade do grupo jornalístico A Noite e posteriormente em 1940, durante a vigência do Estado Novo, encampada pelo governo federal e transformada no chamariz da propaganda varguista, não apenas no Brasil, mas irradiando com seus potentes transmissores para os cinco continentes. Getúlio Vargas tem um verdadeiro deslumbramento pelo rádio que vem desde o início dos anos 1920, provavelmente reflexo dos problemas ocasionados pela Record durante a revolta paulista em 1932, o sucesso da anti propaganda revolucionária transmitida por rádios do lado da ditadura e a lição que vinha da Alemanha nazista, de Portugal, da Espanha e da Itália. Logo após assumir o poder em 1933, Hitler nomeia como ministro da propaganda Joseph Goebbels: todo alemão deve ter um rádio em casa. (ADAMI, 2012a, p. 378)

Segundo Martín-Barbero (2009), no registro da “História dos meios”, geralmente encontramos trabalhos dedicados a estudar a “*estrutura econômica*” ou o “*conteúdo ideológico*” dos meios, excluindo o “*espaço cultural*” e nas poucas vezes em que este é lembrado, fica restrito ao registro erudito, da arte e da literatura, aceitas como detentoras de grande valor. Compreendendo o valor da cultura popular, nossa pesquisa busca construir a história do rádio, “*a partir dos processos culturais enquanto articuladores das práticas de comunicação – hegemônicas e subalternas*” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 233). A apropriação do meio rádio como forma de campanha ideológica do nacional-populismo é um fenômeno recorrente em toda a América Latina. A tese de doutoramento da Profa. Doris Fagundes Haussen, publicada no livro *Rádio e Política: Tempos de Vargas e Perón* (2001) demonstra como, em períodos muito próximos, os governos, tanto do Brasil liderado por Getúlio Vargas como da Argentina comandada por Juan Domingo Perón, utilizaram o rádio, seguindo o exemplo de Hitler na Alemanha e Mussolini na Itália, para propaganda de seus projetos políticos. O populismo na América Latina dos anos 1930 acontece simultaneamente ao processo de migração de pessoas do campo para as cidades, levando muitos governos “*a buscar nas massas populares sua legitimação nacional*” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 224), apoiando as plataformas de governo na ascensão das aspirações populares que geram um “compromisso” entre massas e Estado resultante, muitas vezes, numa falsa impressão de eficácia desses governos (MARTÍN-BARBERO, 2009) como é o caso do governo varguista no Brasil.

“*O rádio naquele momento é uma verdadeira paixão popular, um mediador da cultura brasileira, particularmente da cultura popular, assim, ideal para atingir as massas*” (ADAMI, 2012a, p. 375) e no ano de 1932 acontece a Revolução Constitucionalista. “*Getúlio se utiliza de campanhas difamatórias, informações*

desencontradas etc., em todas as rádios do país, menos de São Paulo e Mato Grosso e desencadeia uma verdadeira máquina de anti propaganda contra os paulistas” (ADAMI, 2012a, p. 371). A PRB-9 Rádio Record de São Paulo colocou seus estúdios a favor da causa paulista fazendo a fama do locutor Cesar Ladeira que, acunhado de “a voz da revolução”, declamava “*frases que eram escritas por Antonio de Alcântara Machado, que trabalhava conosco gratuitamente na revolução, que passava-se a noite inteira quase que lá, fazendo, ajudando, para que aquele movimento valesse*” (CARVALHO apud. ADAMI, 2012a, p. 377). A PRB-9 Rádio Record de São Paulo irradia então uma “nova” identidade paulistana repleta de tradição, recorrendo à memória dos primeiros bandeirantes que saíram de São Paulo para demarcar e conquistar a vasta extensão do território brasileiro. Pode parecer contraditório falar de elite e popular quando se trata da PRB-9 Rádio Record de São Paulo, no entanto, o fato é que Paulo Machado de Carvalho e alguns colaboradores da emissora, como seu primo Antônio de Alcântara Machado, pertenceram a famílias tradicionais, compondo parte da elite paulista que, de maneira ufanista, orgulhava-se do importante papel que São Paulo teve no desenvolvimento do Brasil. Então a programação da emissora, nos seus primeiros anos de atividade, era feita por essa elite, no entanto, pensada para agradar a todos e, com isso, seus microfones abrem espaço para o popular. Muitos cantores populares, inclusive o “rei do baião” Luiz Gonzaga fizeram sucesso na Record. Compreendemos que esse processo da rádio Record serve de exemplo para evidenciar a importância que Mário de Andrade atribui à música, principalmente nos anos 1930, e o dualismo nas contradições que existem entre o popular e o massivo de acordo com o pensamento de Jesús Martín-Barbero:

“Estabilizar uma expressão musical de base popular, como forma de conquistar uma linguagem que concilie o país na horizontalidade do território e na verticalidade das classes.” Pode-se resumir assim o lugar atribuído por Mário de Andrade à música no projeto nacionalizador dos anos 1930. E talvez em nenhum outro país da América Latina como no Brasil a música tenha permitido expressar de modo tão forte o *ethos* integrador com o *pathos*, o universo do sentir. E que a torna por isso especialmente apta para usos populistas. O que aconteceu no Brasil com a música negra, o modo desviado, aberrante, com que ela obteve sua legitimação social e cultural, põe em evidência os limites tanto da corrente intelectualista quanto do populismo, na hora de compreender a trama de contradições e seduções que compõe a relação entre o popular e o massivo, a emergência urbana do popular.

No Brasil, o caminho que leva à música, da roda de samba – e seu espaço ritual: o terreiro de candomblé – ao rádio e ao disco, passa por uma multiplicidade de avatares que podem ser organizados ao redor de dois

momentos: o da incorporação social do gesto produtivo negro e o da legitimação cultural do ritmo que aquele gesto continha. O populismo nacionalista acompanhará, e de certa forma possibilitará, o trânsito de um momento para outro, mas perpassado por um processo que não cabe em seu esquema político, porque implode tanto o pedagogismo ilustrado quanto o purismo romântico. (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 242)

Nessa emissora, a Rádio Record, na década seguinte, Osvaldo Moles cria programas e personagens, com grande sucesso, na voz do saudoso sambista “*italo-paulistano-caipira*” (MATOS, 2001, p. 51), Adoniran Barbosa. São irradiados configurando-se num importante registro histórico do desenvolvimento da cidade de São Paulo, evidenciando inclusive a importante participação dos imigrantes - principalmente italianos -, além dos problemas sociais que surgem com as mudanças urbanas dos governos desenvolvimentistas dos prefeitos Fabio Prado⁸² (1934-1938) e Prestes Maia (1938-1945).

2.6.2. São Paulo versus Getúlio Vargas

Durante a Revolução de 1932⁸³, Mário de Andrade colabora com a causa paulista, não pegando em armas, mas fazendo jus à figura de intelectual que representa. Nesse período, sua produção no *Diário Nacional* gera uma série de escritos denominados de “Folclore da Constituição”, que divulga “*o material popular que vai surgindo com respeito à luta*” (LOPEZ, 1976a, p. 20). Mário humaniza a

⁸² Sobrinho do conselheiro Antonio Prado, antes de assumir a Prefeitura da cidade de São Paulo, Fabio Prado estuda engenharia na Bélgica e dirige diversas companhias, entre estas, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e o Banco Mercantil. Assumindo a Prefeitura pouco depois da derrota dos insurrectos, seu governo tenta retomar o prestígio político paulista, que as elites sentiam ter perdido no fim da Revolução de 1932. Tomado pelo orgulho paulista, Fabio Prado considerava a ideia de uma “civilização paulista”, partindo desta a “civilização brasileira” e com este pensamento acreditava que os “interesses de São Paulo” deveriam ser sobrepostos aos “interesses nacionais”. Sua justificativa era que os jesuítas e os bandeirantes através do “desbravamento da terra e do desbravamento do espírito” deixaram um legado “conquistador”, constituindo “duas forças civilizadoras” do povo paulista e concluía que “não há um ponto do Brasil em que se não veja um nome paulista deixando no solo o rastro indelével”. Para Fabio Prado a “civilização paulista” manteve seu papel conquistador e declarava como prova disto a riqueza gerada pelo café e suas plantações que tomaram lugar das matas fechadas; a industrialização com a instalação das fábricas, que substituíram as antigas aventuras dos bandeirantes pelas fábricas; e a recém-inaugurada Universidade São Paulo (USP) pelo governo de Armando Sales, que segundo Fabio Prado, dava continuidade à missão jesuítica de “cinzelar as consciências e lapidar as almas”. O prefeito propunha uma “nova fase” dessa “civilização paulista” que, com a modernização e progresso de São Paulo, deveria servir de exemplo para todo o Brasil. Junto com Paulo Duarte, nome forte do seu governo, Fabio Prado cria em 1935 o primeiro “Departamento Municipal de Cultura e de Recreação de São Paulo”, que ficou sob responsabilidade do modernista Mário de Andrade.

⁸³ A Revolução Constitucionalista de 1932 também é conhecida apenas como “Revolução Constitucionalista” ou “Revolução de 1932”. Usaremos os dois termos no decorrer do texto.

participação popular no conflito armado e descreve, com humor e/ou ironia, cenas do dia a dia:

DEFINIÇÃO

Na rua das Palmeiras três homens pobremente vestidos, seguem num passo decidido. Dois carregam consigo fardas e botões de soldado. Um deles é rapaz ainda. De repente interrompe a parolagem, perguntando:

- Mas o que é, direito, a Constituição?

Se percebe uma certa atrapalhação nos outros dois, o passo decidido em que vêm, meio que tonteia. Coisa de resto, muito justa, não tem nada mais difícil do que definir. Afinal o mais velho, bem velho, que na leva farda, toma a palavra:

- A Constituição... é o livro cheio das leis... é um livro que faz a gente... que faz a gente ser gente! Desabafa por último, meio irritado. (ANDRADE, 1976a, p. 551)

Pró-revolução, em outra crônica intitulada “PRAR”⁸⁴, e publicada em meio à série *Folclore da Constituição*, Mário de Andrade critica a obrigatoriedade que foi imposta à Rádio Record de irradiar os discursos do “Radio-Jornal”, *“tirando o direito de escolha ao público, que prefere com visível prazer, a paixão, a alegria, a sabedoria da propaganda constitucionalista da Record”* e presta seu depoimento sobre a importante atuação da emissora durante a Revolução de 32:

Desde o início da revolução, a Rádio Sociedade Record tomou atitude em favor da causa constitucionalista. E nessa atitude ela persevera com firmeza incomparável. Rádio que sempre se valorizara pela vivacidade e originalidade de sua orientação artística, parece que agora a P.R.A.R. ainda aguçou mais esses caracteres que a distinguiam entre suas congêneres. Possuída e dirigida por moços, ela se salienta, no seu trabalho revolucionário, pelos caracteres efusivos da mocidade. Ela não esperou, para tomar decisão, que se definissem os caminhos do destino e da opinião pública. Antes, cooperou desde o primeiro dia na conquista da vitória; da mesma forma com que, compreendendo o seu papel de publicidade, formou a opinião pública, em vez de deixar-se formar por esta.

[...] Ela se tornou, na mais legítima significação da palavra, uma entidade social. Está representando com uma integridade sem vacilações, o seu papel de socializadora. Creio que este é o maior elogio que a gente lhe pode fazer.

[...]

Mas prá mim, a orientação mais importante que a Record deu a sua oratória, está nos trololós de todas as noites. Pequenos comentários à situação geral do país, aos fatos do dia, à função histórica dos paulistas, feitos com um brilho, com uma incisividade excepcionais, com uma compreensão inteligentíssima da psicologia popular. E, valha a verdade, ditos com uma noção do fraseado e uma vibração de sentimento inexcelsíveis.

Não deve esquecer ainda o trabalho de socialização musical. De todas as formas, habilmente, a P.R.A.R. condicionou a música ao momento, encomendando hinos patrióticos, lhes facilitando divulgação, ou escolhendo peças de pathos marcial ou alegre, que mantenham nos ouvintes o ânimo resoluto e o bom-humor. As irradiações da P.R.A.R. são o melhor antídoto

⁸⁴ A Rádio Record de São Paulo nasce com o prefixo “PRA-R”, mas logo após a Revolução Constitucionalista de 1932, seu prefixo muda para “PRB-9”.

ao derrotismo. Percebe-se em tudo isso o ardor apaixonado pela causa, a saúde moral daquela gente moça, sem a preocupação de condecorações ou recompensas. Ultimamente então, a Record vai lançando paródias musicais ou peças novas, metendo a ridículo a ditadura. (ANDRADE, 1976a, pp. 593–594)

O Partido Democrático e o *Diário Nacional* contribuem para fortalecer a “Mística Paulista” (ADDUCI, 2001) que buscava uma nova identidade para São Paulo e acabou chegando às massas pelos microfones da PRB-9 Rádio Record de São Paulo durante a Revolução de 1932.

Na emissora de Paulo Machado de Carvalho, a PRB-9 Rádio Record de São Paulo⁸⁵, Antônio de Alcântara Machado⁸⁶ e Osvaldo Moles, em distintos períodos, exercem importante contribuição para o sucesso da “Maior”. O primeiro a atuar nessa rádio foi Antônio de Alcântara Machado durante a Revolução Constitucionalista no momento em que a PRB-9 apoia o movimento dos revoltosos.

O engajamento de Paulo Machado reaproximou-o de um velho amigo de infância e juventude, o primo Antonio Alcântara Machado. Libertos da carreira de advogado, os dois tinham tomado caminhos diferentes. Paulo Machado era o proprietário da maior emissora de rádio de São Paulo e Antonio Alcântara, um dos maiores escritores da geração modernista — nem mal chegara aos trinta anos, já havia publicado obras importantes, como o livro de contos *Brás, Bexiga e Barra Funda*, de 1927. Distante das agitações políticas, Alcântara Machado acabou convencido pela mulher, Lolita, que costurava fardas para os voluntários, a se alistar como civil nas tropas revolucionárias. Mudou de idéia quando o amigo Mário de Andrade disse que ele seria muito mais útil e combativo escrevendo manifestos para a Rádio Record do que com um capacete na cabeça. (CARDOSO; ROCKMANN, 2005, p. 41)

Mas como se deu essa Revolução? Mesmo antes do início da Revolução Constitucionalista, a rádio Record apoia a causa paulista. No domingo, 22 de maio de 1932, Osvaldo Aranha, recém-nomeado Ministro da Fazenda pelo ditador Getúlio

⁸⁵ A emissora comprada por Paulo Machado de Carvalho, Pipa Amaral e Jorge Alves Lima está listada entre as primeiras rádios de São Paulo. Nasceu com o prefixo “PRA-R”, mas logo mudou para “PRB-9” e ficou marcada por implementar uma série de inovações no rádio brasileiro. Desde 1931, a rádio já adotava o “modelo americano” de radiodifusão, com programas de temas variados e duração máxima de 15 minutos. Os locutores tratavam os ouvintes por “você” ou “amigo”, criando uma relação de proximidade sem o formalismo das outras emissoras. A rádio deu oportunidade para artistas populares, investiu em jornalismo, cobertura esportiva e ficou famosa com os seguintes *slogans*: “A voz de São Paulo”, “A Maior” e “A que é por que é”.

⁸⁶ Osvaldo Moles é considerado o sucessor de Antônio de Alcântara Machado na literatura paulista conforme o trabalho *Piquenique Classe C y Brás, Bexiga e Barra Funda: Osvaldo Moles como sucesor de Antônio de Alcântara Machado* (MICHELETTI, 2014d), que apresentamos no XV CILEC, realizado na Universidad Complutense de Madrid. Destacamos ainda que provavelmente os dois tenham se conhecido em vida, pois no ano de 1929, Antônio de Alcântara Machado também trabalha no *Diário Nacional*, embora não tenhamos os meses exatos em que este permanece na redação do jornal, sabemos pelos trabalhos de Luís Toledo Machado (1970) e Eduardo Benzatti do Carmo (2004) que, em outubro do mesmo ano, o autor modernista está em viagem na Europa.

Vargas, é recebido em São Paulo com grande ato público pró-constituente, com manifestações organizadas por estudantes da Faculdade de Direito do Largo São Francisco e partidários da Frente Única Paulista⁸⁷. Nesse dia, por volta das 17 horas, estudantes liderados por José Branco Lefèvre entram nos estúdios da rádio Record com a intenção de ler um manifesto contra o governo de Vargas e pró-constituição. Estava nas mãos de Paulo Machado de Carvalho a decisão de irradiar o manifesto que poderia lhe custar a concessão da rádio, porém, solidário à causa paulista, decide assumir o risco com uma condição: o jovem Lefèvre deveria falar no manifesto e assinar um documento assumindo a invasão da rádio “à valentona”. Condição aceita, Lefèvre fala ao microfone:

Paulistas, mais uma vez o ministro Osvaldo Aranha, como enviado especial do ditador, vem a São Paulo com a intenção de arrebatara do povo paulista o sagrado direito de escolher seus governantes... (CARDOSO; ROCKMANN, 2005, p. 36).

No dia seguinte, um novo comício na Praça Patriarca é agendado pela Frente Única Paulista (FUP) que cobrava do interventor Pedro de Toledo⁸⁸ a troca do secretariado, já que este ainda tinha nomes ligados a Getúlio Vargas. Mais uma vez, a Record torna-se protagonista da Revolução de 32 e o líder político Francisco Mourato, anuncia pela emissora:

Paulistas! Tenho o prazer de anunciar que se acha constituído o novo governo do estado em torno do interventor Pedro de Toledo e São Paulo restituído das prerrogativas e autonomia de que por tanto tempo se viu privado. O novo governo é genuinamente paulista! (CARDOSO; ROCKMANN, 2005, p. 37).

O pronunciamento inflama os ânimos dos militantes que acabam depredando as redações dos jornais *A Razão* e *Correio da Tarde*, seguindo para sede da Legião Revolucionária⁸⁹, onde são recebidos com granadas. Na tentativa de tomada do edifício, alguns estudantes usam escadas e quatro jovens são violentamente mortos com tiros de metralhadora. Os estudantes Mario Martins de

⁸⁷ A Frente Única Paulista é formada pela aliança do velho Partido Republicano Paulista (PRP) com o recém criado Partido Democrático (PD), formado por líderes dissidentes do antigo partido.

⁸⁸ Ao assumir o poder com a Revolução Tenentista de 1930, Getúlio Vargas nomeia o pernambucano João Alberto Lins de Barros como interventor do Estado de São Paulo, mas pressionado pelas lideranças locais, nomeia o paulista Pedro de Toledo para o cargo em março de 1932.

⁸⁹ Dirigido pelo general Miguel da Costa, que comanda as milícias de Vargas em São Paulo, a Legião Revolucionária, que já fora uma entidade tenentista, nesse momento representa o Partido Popular Progressista (PPP).

Almeida, Dráusio Marcondes de Souza, Euclides Miragaia e Antônio Américo de Camargo, tornam-se mártires da Revolução de 32, dando origem à sociedade secreta M.M.D.C.. Na mesma noite, Paulo Machado de Carvalho, ao tomar conhecimento do ocorrido, dá ordem para Cesar Ladeira anunciar a morte dos estudantes e avisar que *“a Rádio Record estará ao lado de São Paulo até o fim da batalha”* (CARDOSO; ROCKMANN, 2005, p. 37).

Ainda sobre a inserção da Record na Revolução e o papel que exerce na articulação e liderança das massas, Paulo Machado conta que a revolução traz grande prestígio para a Record, de tal forma que, por exemplo, a música que se torna símbolo da guerra civil Paris Belfort, é também um símbolo muito bem guardado nos arquivos da rádio como número 3. De certa forma quando a banda da Força Pública executa este hino, e faz isso nas principais solenidades de São Paulo, é também uma homenagem à rádio, que eterniza o hino. Sobre o período, Paulo Machado fala:

Na revolução as coisas passavam-se daquele jeito: nós fazíamos o que era possível, tínhamos surpresas extraordinárias porque o alcance da estação que talvez fosse de 100 km, as vezes era ouvida na Bahia, e nós ouvíamos notícias da Bahia, que tinha ouvido lá um trecho... não sei do que. Nessa ocasião apareceu o seu César Ladeira, com uma voz linda, mas que deve também muito, muito, o seu sucesso, o que não o desmerece absolutamente, aos artigos, aos lembretes, às frases que eram escritas por Antonio de Alcântara Machado, que trabalhava conosco gratuitamente na revolução, que passava-se a noite inteira quase que lá, fazendo, ajudando, para que aquele movimento valesse. De Antonio Alcântara Machado eu tenho uma coisa interessante: foi o primeiro, o primeiro homem de rádio que fez um anúncio fora do comum, inteligente e que marcou época, naquele tempo [...] (ADAMI, 2012a, pp. 376–377)

Dentre os anúncios de rádio criados por Antônio de Alcântara Machado, destacamos a criação para o remédio de calvície “Jabu”. Sem poder rimar com o nome do produto, a propaganda foi ao ar com a seguinte frase: *“Passe Jabu na careca e chame o cabeleireiro”*, quebrando o padrão das propagandas em versos veiculadas na época. Porém, durante a Revolução de 32, que teve início efetivo em 9 de julho de 1932, Paulo Machado de Carvalho extinguiu todas as publicidades da grade de programação da emissora e irradia nove horas diárias dedicadas exclusivamente à causa paulista. Nesse período, Antônio de Alcântara Machado

Fazia de tudo um pouco: organizava programas, ajudava os sonoplastas, recebia convidados, escrevia textos de manifestos e discursos. De vez em quando contava com a ajuda de Guilherme de Almeida e Menotti del Picchia, mas normalmente era ele quem assinava a maioria dos pronunciamentos, lidos com orgulho por César Ladeira: “Quarenta anos de erros, de fraquezas, de hesitações e incongruências culminaram na mais nefasta das tiranias. Só a mentalidade nova, objetiva e realizadora conseguirá arrancar o Brasil do atoleiro das competições pequeninas, esmagando o espírito da tirania”.

Quando o clima nos estúdios ficava menos tenso, Antonio Alcântara aproveitava para encarnar personagens históricos da época. Imitador nato,

era capaz de enganar o mais atento dos ouvintes ao reproduzir com perfeição o sotaque gaúcho do político João Neves da Fontoura, aliado da revolução, ou a voz de Edu Chaves, o famoso aviador. Os locutores adoravam quando o escritor deixava o ar solene dos textos e manifestos e improvisava alguma imitação. Aquele era o espírito da Rádio Record. (CARDOSO; ROCKMANN, 2005, p. 42)

O conflito chega ao fim em outubro de 1932, com as tropas de Getúlio Vargas vitoriosas, porém o principal objetivo dos paulistas é alcançado e Vargas promete uma nova constituição federal, que de fato é promulgada dois anos depois, em 1934. Nesse momento, a PRB-9 Rádio Record de São Paulo está endividada, pois, durante os meses de conflito promove diversas campanhas para ajudar os soldados, fazendo encomendas para todas as fábricas da cidade.

Segundo depoimento de Paulo Machado de Carvalho, a emissora não deixa faltar cobertores e agasalhos e tudo de que precisam aqueles que entram na Revolução. Tudo isso é fornecido por empresas, com boa vontade e cumplicidade com uma rádio que representa os anseios da sociedade paulista. Da entrevista já citada, deixa o Dr. Paulo gravado:

Quando acabou a revolução de São Paulo, com o Governador Pedro de Toledo, nós não tínhamos um tostão em caixa e devíamos o diabo porque... para todas as fábricas de São Paulo. E aí São Paulo é grande; e aí São Paulo demonstrou que é São Paulo... Para todas as fábricas a quem nós solicitávamos cobertores, nós solicitamos lençóis, nós solicitamos tudo o que era possível mandar para as tropas que estavam na frente, todas as fábricas, todas... acabada a Revolução, se recusaram a receber. Mesmo porque nós íamos com a mesma calma e dizíamos:... não temos como pagar... Tudo o que nós tínhamos nós pusemos na Revolução constitucionalista. Mas valeu, valeu. O Brasil tá de pé até hoje por causa disso. O Brasil está de pé até hoje por causa de seus homens. (ADAMI, 2012a, p. 392)

Antônio de Alcântara Machado testemunha o fim da Revolução de 1932 e registra os bastidores desse momento que inclui uma perigosa viagem ao Rio de Janeiro em um texto infelizmente inacabado, que se torna público décadas depois, quando é reproduzido por Luís Toledo Machado (1970). No trecho a seguir, podemos perceber o nítido impasse de seu pai, o professor José de Alcântara Machado nos últimos momentos do conflito:

O convite punha meu pai diante de um caso de consciência, Na perturbação causada pelo convite queria enxergar o seu dever de paulista. Integrado no movimento de 9 de Julho, participando da revolta dos voluntários civis diante da situação humilhante criada pela proposta de armistício, repugnava-lhe entrar em qualquer entendimento com os vencedores, sobretudo a convite de quem era apontado como traidor da causa. Por outro lado, havia a necessidade de atenuar os males da derrota, evitar o derramamento de sangue nas ruas de São Paulo, contribuir para a tranquilidade pública, obter para o Estado um governo civil. Sentia bem que a simples anuência do convite do Coronel Herculano era suficiente para colocá-lo em atitude antipática, tornando-o odioso ou ao menos suspeito

aos olhos dos paulistas. Como decidir? Já mandara chamar Mário Tavares, a quem queria pedir conselho, e desejava a opinião de seus filhos. Dei a minha. Desde 28 de setembro eu sabia São Paulo sem governo. E achava imprescindível a constituição de uma junta para na direção do Estado tentar a Paz honrosa que ainda fôsse possível. O que me parecia sobretudo premente era evitar o sacrifício, numa resistência inútil, dos voluntários civis, a maior riqueza de São Paulo no momento, e que deveriam ser, com a experiência adquirida no movimento, os chefes da luta inevitável de amanhã, pacífica ou não. Em todo caso, compreendia a hesitação de meu pai. (ALCÂNTARA MACHADO apud. MACHADO, 1970, p. 127)

2.6.3. O rufar de um tambor tribal: PRB-9 Rádio Record e o engajamento da população paulista

Vimos que os microfones da Rádio Record estiveram integralmente disponíveis pró causa paulista durante todo o período da Revolução de 1932, mas, de fato, qual foi a importância dessa emissora junto aos moradores da cidade de São Paulo? Sabemos que houve grande adesão da população paulista no levante contra Getúlio Vargas, formando forte resistência ao poderio bélico militar do governo federal. Civis pegaram em armas e foram para a batalha. Antonio Adami (2012a) escreve que a revolução na verdade foi uma guerra civil e esclarece a relação da Rádio Record com a população paulista:

O rádio naquele momento é uma verdadeira paixão popular, um mediador da cultura brasileira, particularmente da cultura popular, assim, ideal para atingir as massas, e, nesse sentido, a Record realmente cumpre o papel de aglutinação e manipulação das massas. (ADAMI, 2012a, p. 375)

Para compreender a força que o rádio exerce naquele momento de “*aglutinação*” e “*manipulação das massas*”, recorreremos ao pensamento de Marshall McLuhan (1996) no livro *Understanding Media*⁹⁰, em especial o capítulo 30, “Rádio: O Tambor Tribal” em que o autor canadense explica como o rádio “*afeta as pessoas, digamos, como que pessoalmente, oferecendo um mundo de comunicação não expressa entre o escritor-locutor e o ouvinte*” (MCLUHAN, 1996, p. 336), que nos remete às origens de uma sociedade primitiva, como um chamado tribal. McLuhan propõe uma reflexão para compreender a história a partir das mudanças que os meios de comunicação causam na sociedade escrevendo que os meios eletrônicos (rádio, televisão, cinema, etc.) criam uma ambiência para os seres humanos,

⁹⁰ O livro *Understanding Media: The Extensions of Man* foi traduzido para o português por Décio Pignatari com título *Os meios de comunicação como extensões do Homem*.

fazendo com que o nosso sistema nervoso central compreenda o meio como uma extensão do homem. Nélia Del Bianco explica que:

Em Rádio, o Tambor Tribal, McLuhan explica a natureza tecnológica do rádio e seus efeitos sociais por meio de conceitos que permeiam Understanding Media, como “o meio é a mensagem” e “os meios são extensões do homem”. Duas premissas presidem a epistemologia dos meios eletrônicos elaborada por McLuhan: “nos convertemos no que contemplamos” e “criamos nossas ferramentas e logo estas nos modelam”. É com base nessas premissas que McLuhan examina duas grandes revoluções tecnológicas que impulsionaram mudanças estéticas, culturais e sociais: a invenção da imprensa no século XV e as novas aplicações da eletricidade (telegráfo, telefone, televisão, rádio e computador). (BIANCO, DEL, 2005, pp. 1–2)

No livro, o uso do rádio por Hitler é citado como exemplo para falar do efeito “sonambólico” que o meio exerce naquele momento histórico junto à população ouvinte, no entanto, suas reflexões seguem no tempo diferenciando os efeitos do rádio diante do surgimento de outro meio: a televisão. Seu pensamento continua atual, se ampliarmos a reflexão para o surgimento da internet e os atuais dispositivos tecnológicos. Antonio Hohlfeldt escreve:

Num livro de 1964, intitulado Understanding media, o então professor canadense de Literatura Marshall McLuhan discutia, entre tantos outros pontos, o papel e a importância do rádio. Naquele artigo, ele discutia o papel de aproximação e coletivização em que aquele mídia se constituía. Não esquecia, mesmo, o seu amplo uso, ainda recente, pelo nazismo alemão, mas ainda aqui, McLuhan destacava o efeito sonambólico produzido pelo rádio, certa situação de transe que o rádio produziria junto a sua audiência, graças a seu poder de evocação, friccionando o imaginário das pessoas e, neste sentido, aproximando-as virtualmente – esta expressão, agora, é minha – umas das outras e reconstituindo a característica tribal das sociedades contemporâneas. Recriava-se, assim, a velha realidade tribal de as pessoas se reunirem para ouvirem seu líder: aqui, as pessoas tornavam-se uma comunidade, mesmo que distanciadas fisicamente, graças à audiência comum daquela emissão. O polêmico pesquisador indicava, inclusive, o quanto o rádio resistia e continuava mais efetivo junto aos jovens, que se reuniam para, embora individualmente, ouvirem coletivamente a sua música, coisa que a televisão era incapaz de fazer. Claro, esta perspectiva pode ser hoje atualizada e largamente redimensionada com os novos equipamentos disponíveis como os iphones, mas fique claro, para quem leia aquele texto de Marshall McLuhan, que exatamente a imagem que seu texto sugere, naquele momento, é a realidade hoje encontrável junto, não só mãos jovens, quanto a todas as pessoas que andam por aí desfilando com seus headphones dependurados no pescoço... (HOHLFELDT, 2013, pp. 1–2)

Vejamos o exemplo nazista nas palavras do próprio McLuhan:

Num discurso pronunciado no rádio de Munique em 14-3-1936, Hitler declarou: "Sigo o meu caminho com a segurança de um sonâmbulo." Suas vítimas e seus críticos também apresentavam sintomas sonambólicos. Dançavam como que em transe, ao som do tambor tribal do rádio, que

produzia a extensão de seu sistema nervoso central para criar um envolvimento em profundidade que atingia a todos. "Quando ouço rádio, parece que vivo dentro dele. Eu me abandono mais facilmente ao ouvir rádio do que ao ler um livro" — declarou uma pessoa consultada, por ocasião de uma pesquisa de opinião sobre o rádio. O poder que tem o rádio de envolver as pessoas em profundidade se manifesta no uso que os adolescentes fazem do aparelho de rádio, durante seus trabalhos de casa, bem como as pessoas que levam consigo seus transistores, que lhes propiciam um mundo particular próprio em meio as multidões. (MCLUHAN, 1996, p. 335)

Lembramos que a Revolução de 1932 é anterior à ascensão de Hitler na Alemanha, no entanto, esse mesmo efeito sonambúlico causado pelo rádio aconteceu aqui. Adami (2012a) explica que a grande massa e a classe média aderem à causa paulista e acredita que, no início, desde as primeiras movimentações dos estudantes, Paulo Machado de Carvalho apoia a revolução abrindo os microfones da Rádio Record, com certa ingenuidade, sem saber o tamanho do conflito e as consequências possíveis, no entanto, o dono da emissora aposta tudo que tem:

não temos dúvida que Dr. Paulo não tem noção do terreno em que está pisando, assim como a grande massa e a classe média que abraça a revolução. Acreditamos que por um pouco de ingenuidade, mas também levado pelo sentimento anti Getúlio Vargas, Paulo Machado penetra o mais fundo que pode na revolução. Também por interesse comercial (sentindo a oportunidade de transformar a Record em uma emissora maior, com mais poder, que tinha como espelho a aristocrática Rádio Educadora Paulista), mas posteriormente, já envolvido pelo próprio discurso e a evolução dos fatos, se mostra ideologicamente comprometido com a revolução, acreditando que pode realmente ter um país mais justo, sem a tirania ditatorial de Getúlio Vargas e também sem ter que se prostrar aos desígnios incertos dos tenentes. (ADAMI, 2012a, p. 375)

“A Record demonstra assim como previu Getúlio Vargas, o poder do meio para mover as massas como um grande e ágil instrumento de comunicação” (ADAMI, 2012a, p. 382). A emissora de Paulo Machado de Carvalho entra para a história de São Paulo com *“o papel de porta-voz do movimento e pelas vozes de três locutores: César Ladeira, Nicolau Tuma e Renato Macedo”* (ADAMI, 2012a, p. 382). A emissora articula diversas campanhas e assume o compromisso de *“proteger”* os soldados fornecendo agasalho, cobertores e cobrindo outras necessidades daqueles que estão na frente de batalha. *“Tudo isso é fornecido por empresas, com boa vontade e cumplicidade com uma rádio que representa os anseios da sociedade paulista.”* (ADAMI, 2012a, p. 392). Além das iniciativas próprias da emissora, a Rádio Record apoia outras campanhas como a *“campanha do ouro para o bem de São Paulo”*, que segundo Antonio Adami, foi um esforço geral de guerra com grande

adesão popular e da indústria paulista diante a demanda por armamentos. *“Pela primeira vez busca-se iniciativas não apenas militares para romper o isolamento a que o Estado é submetido”* (ADAMI, 2012a, p. 379). Sobre essa campanha, é pelos microfones da Rádio Record que Cesar Ladeira declama:

O paulista não mudou! Há três séculos, quando a epopéia das bandeiras subia brilhando ao delírio da riqueza e Anhanguera, O Diabo Velho, o ciclo de paulistas, surpreendido amava no sertão escuro. A tribo goias dançava ao luar, nua, suntuosa, e os cabelos emboados de ouro e arcas abarrotadas abriam-se como estojos e maravilhas despejando-se todas aos pés do monarca português, nessa idade do ouro de nossa história. Conta-se que os caçadores, à falta de chumbo, carregavam as espingardas com bolotas de ouro puro. O paulista não mudou. A campanha do ouro para a vitória reedita a proeza luxuosa dos nenrodesda mineração. Enquanto o paulista faz recuar a ferro e a fogo e cada vez mais afastar-se, à força de bravuras épicas, as fronteiras do Brasil Constitucionalista, como antigamente fez retrair seu Meridiano de Tordesilhas, aqui, nas terras firmes da retaguarda, como aqueles caçadores do século XVII, outros paulistas, velhos, mulheres, crianças, carregam de ouro a arma certa, que vai alcançar no seu vôo alto e claro, a vitória de asas brancas. O paulista não mudou ! O Senhor deu, O Senhor tirou ! Seja bem-vindo o nome do Senhor! Sem se lamentar, sem maldizer um instante a vontade superior que tudo lhe tirava, Jô transformava em riqueza a pobreza que a tinha aceitado e bem-dizia. Um divino desígnio exigiu também de São Paulo a entrega de seus filhos e seus bens. O paulista, orgulhoso do martírio, abençoou o sacrifício. Largamente abriu a porta de seus lares e o fecho de suas bolsas. E toda a sua mocidade, a sua inteligência, a sua beleza, a sua força, escorre a vai na confusão cávida fardas, purificar-se toda, pureza inabalável no heroísmo esplêndido das trincheiras. E o seu ouro se derrama todo, puro e instantâneo os guichês dos bancos para formar o tesouro de guerra, o alicerce precioso sobre o qual atentará o monumento eterno da honra paulista. Todo paulista sabe dizer como Jô: São Paulo me deu, São Paulo me tirou, seja Bendito o nome de São Paulo. Todo paulista sabe ser pobre como Jô, para com esta pobreza, alcançar a riqueza maior, a riqueza melhor, a riqueza gloriosa, a riqueza suprema, a única riqueza que São Paulo quer: a vitória, a vitória, a vitória. (LADEIRA apud. ADAMI, 2012a, pp. 379–381)

A campanha teve grande adesão dos paulistas que, ao doar ouro, recebiam um anel com a inscrição “Dei ouro para o bem de São Paulo”. Diante o episódio da Revolução de 32 e o uso posterior do rádio feito por Getúlio Vargas, acreditamos que sem o meio o ditador não teria conquistado com tanta força a adesão popular, sendo até hoje aclamado como “pai dos pobres” na memória popular. Do mesmo modo⁹¹, McLuhan escreve que Hitler não teria existência política se não fosse o rádio e *“aos sistemas de dirigir-se ao público”*. Lembramos ainda que, no Brasil, assim como em geral acontece na América Latina, conforme demonstra Paul

⁹¹ Reforçamos que não estamos aqui realizando uma comparação entre Adolf Hitler e Getúlio Vargas, mas apenas demonstrando como os dois ditadores se utilizaram do rádio como poderoso meio de divulgação das ações do governo e de manipulação das massas.

Zumthor (1997), passamos da tradição oral direto para uma tradição audiovisual, já que a alfabetização de grande parte da população só ocorreu após a entrada do cinema e do rádio no país. Esse fato deixa mais clara a compreensão distinta que McLuhan faz do poder do rádio frente a países de cultura letrada e os de cultura oral, ou seja, provavelmente o rádio teve inicialmente maior penetração no Brasil do que na Alemanha.

Hitler só teve existência política graças ao rádio e aos sistemas de dirigir-se ao público. Isto não significa que estes meios tenham retransmitido de fato seus pensamentos ao povo alemão. Seus pensamentos eram de curto alcance. O rádio propiciou a primeira experiência maciça de implosão eletrônica, a reversão da direção e do sentido da civilização ocidental letrada. Para os povos tribais, para aqueles cuja existência social constitui uma extensão da vida familiar, o rádio continuará a ser uma experiência violenta. As sociedades altamente letradas, que há muito subordinaram a Vida familiar à ênfase individualista nos negócios e na política, têm conseguido absorver e neutralizar a implosão do rádio sem revolução. Mas o mesmo não acontece com as comunidades que ainda não possuem senão uma breve e superficial experiência de cultura letrada. Para estes, o rádio é absolutamente explosivo. (MCLUHAN, 1996, p. 337)

No Brasil, o rádio exerce um poder de “retribalização” tão forte sobre os paulistas que houve até preconceito da própria sociedade para aqueles que na época não se alistaram para o combate. Segundo Cardoso e Rockmann (2005), Paulo Machado de Carvalho conseguiu braceletes especiais que identificavam os que aderiram à causa paulista para alguns de seus locutores que se queixaram de estarem sendo discriminados pelas moças como covardes, por não estarem com armas na frente de batalha. Nélia Del Bianco esclarece com maestria a metáfora utilizada por McLuhan sobre o poder do “tambor tribal” que o rádio exerce:

O mérito da reflexão de McLuhan sobre o rádio na obra *Understanding Media: The Extensions of Man*, publicada em 1964, está em trazer à tona algo que passava despercebido: o poder do rádio em retribalizar. Para explicar a inconsciência diante desses efeitos, McLuhan recorreu ao simbolismo do tambor tribal para condensar a imagem do que desejava comunicar: o rádio como uma tecnologia que fortalece a conexão do homem com o grupo, com a comunidade, que foi capaz de reverter rapidamente o individualismo do homem tipográfico para o coletivismo. O meio resgata virtudes perdidas que, na sua opinião, deveriam ser encaradas com satisfação e apreciação. (BIANCO, DEL, 2005, p. 4)

3. FAMÍLIA RAMOS E A VIDA PESSOAL DE OSVALDO MOLES

Com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, a partir de 1930, o governo toma diversas providências para controlar a imprensa como a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e o fechamento de diversas redações, em um processo que ficou conhecido como o empastelamento dos jornais. Entre estes, estava o *Correio Paulistano* que teve suas oficinas incorporadas ao patrimônio do Estado no mesmo ano em que Vargas torna-se presidente. Depois, vendido para uma “Sociedade Anônima”, o jornal retoma suas atividades no ano de 1934, permanecendo ligado ao PRP. Nesse mesmo ano, a família Prado elege mais um prefeito para a cidade de São Paulo. Fábio Prado encontra uma cidade que cresceu sem a infraestrutura necessária, que ele denominou “*sem sistema*”, como um “*organismo sem coluna vertebral*” (MICHELETTI, 2012b). O novo prefeito dá início aos planos de intervenção urbana para São Paulo e permanece no comando até o ano de 1938. Seu sucessor foi Prestes Maia que até o ano de 1945 continuou com o projeto desenvolvimentista. Juntos, Fábio Prado e Prestes Maia, contribuem para a verticalização da cidade, remodelam São Paulo por meio dos projetos da *Companhia City*. Convivia-se com muitas novidades e a cidade crescia sem parar, formando novas periferias que reconstruíam intensamente a relação centro-periferia: Mercado Novo, Avenida 9 de Julho, novo Viaduto do Chá e Estádio Municipal do Pacaembu (MATOS, 2001).

Depois de sua passagem sem data exata pela Bahia, podemos seguir a trajetória de Osvaldo Moles de volta a São Paulo, a partir do ano de 1934, trabalhando no *Correio Paulistano*, construindo novas relações de aproximação com a cidade. Nesse jornal ele conhece Maria de Lourdes Oliveira Ramos, pioneira crítica de cinema e da imprensa feminina paulista, conhecida como Anita Ramos, que se torna sua esposa (MICHELETTI, 2014c). O contato com a família Oliveira Ramos nos permitiu acesso a histórias pessoais de Osvaldo Moles. É também na década de 1930, que Osvaldo Moles troca de meio, passando a atuar no rádio, veículo que o consagrou. No “Apêndice II”, apresentamos uma árvore genealógica parcial da família Oliveira Ramos para maior compreensão dos familiares citados no decorrer do texto. Neste capítulo, por vezes interrompemos a linha cronológica do desenvolvimento da cidade de São Paulo em paralelo à história dos meios de comunicação paulista e à trajetória profissional de Osvaldo Moles, em prol da

apresentação de depoimentos de seus familiares sobre a vida pessoal do radialista em diferentes décadas.

3.1. Correio Paulistano e o namoro de Osvaldo Moles com Anita Ramos

Ganhando vida no dia 26 de junho de 1854, o *Correio Paulistano*, foi um importante jornal paulista fundado por Joaquim Roberto Azevedo Marques⁹² (1824-1892). Circulando por pouco mais de um século, foi pioneiro em diversos aspectos e sua última edição foi publicada em 31 de julho de 1963.

À época de sua fundação, ele foi o primeiro jornal independente não atrelado a um partido político ou uma escola literária; o primeiro a ser publicado diariamente em São Paulo e por longo período de tempo; o primeiro a ser impresso em máquina de aço (abandonando o sistema de prelo manual à mão escrava capaz de rodar apenas 25 jornais por hora); o primeiro que montou oficinas a vapor; o primeiro que saiu as segundas-feiras; o primeiro a ser impresso numa máquina rotativa e o primeiro a sair em grande formato. Foi ainda o primeiro jornal matutino a estampar clichês e a contratar fotógrafos para seu corpo de redação, num momento em que notícias ilustradas eram privativas dos "vespertinos escandalosos" [...]. Foi o segundo a usar linotipos e o terceiro a completar um centenário em plena circulação no Brasil. (THALASSA, 2007, p. 2)

Apesar de nascer independente, “a partir de junho de 1890, o *Correio Paulistano* foi adquirido por um seletivo grupo de republicanos históricos” (THALASSA, 2007, p. 37), tornando-se o órgão oficial do PRP, permanecendo nessa posição até o ano de 1955.

Na edição de 27 de novembro de 1934, encontramos na matéria “*Missa em acção de graças pelo reaparecimento do Correio Paulistano e instalação de suas oficinas*”⁹³ o primeiro registro de Osvaldo Moles e Anita Ramos em um evento desse jornal. Em 1935, os dois aparecem na foto de capa do jornal com a manchete “O 81º aniversário do 'Correio Paulistano'”⁹⁴, com outros profissionais do veículo e políticos

⁹² Joaquim Roberto de Azevedo Marques foi sobrinho de Antonio Mariano de Azevedo Marques, vulgo Mestrinho, que fundou *O Paulista*, no ano de 1823. Este foi o primeiro jornal da Província de São Paulo, que era manuscrito, obrigando seus leitores a se revezarem na posse do exemplar e, para circular, precisou de uma autorização da Junta Governativa da época (THALASSA, 2000).

⁹³ *Missa em acção de graças pelo reaparecimento do Correio Paulistano e instalação de suas oficinas. Correio Paulistano. São Paulo, 27 nov. 1934, p.3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_08&PagFis=5902>. Acesso em: 23 jul. 2014.*

⁹⁴ O 81º aniversário do 'Correio Paulistano'. *Correio Paulistano. São Paulo, 27 jun. 1935, p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_08&PagFis=8228>. Acesso em: 23 jul. 2014.*

da época⁹⁵. Ressaltamos a presença de Adhemar de Barros que, antes de ser interventor, governador do Estado de São Paulo, prefeito da capital paulista foi deputado estadual, participando no ano de 1935 da elaboração da Constituição de São Paulo⁹⁶.

Figura 25 - Foto de políticos ligados ao PRP, dirigentes e jornalistas do *Correio Paulistano*, entre estes Osvaldo Moles e Anita Ramos



Fonte: O 81º aniversário do 'Correio Paulistano'. *Correio Paulistano*. São Paulo, 27 jun. 1935, p.1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_08&PagFis=8228. Acesso em: 23 jul. 2014.

Acreditamos, assim como os familiares da Anita Ramos que entrevistamos ao longo de nossas pesquisas (ISABEL, 2012; PASTORE et al., 2012), que Osvaldo Moles e Anita Ramos se conheceram no *Correio Paulistano* e se casaram após poucos anos de namoro. Embora não tenhamos encontrado registro da data do casamento, o depoimento de Thereza Pastore (PASTORE et al., 2012), sobrinha de Anita Ramos, revela que foi realizado na Paróquia São Geraldo das Perdizes e

⁹⁵ Na foto encontramos a seguinte legenda estampada na capa do jornal: "Um aspecto das pessoas amigas que nos visitaram ontem á noite, vendo-se, sentados, os srs. drs. Mario Tavares, Raphael Corrêa ampaio, Cesar Lacerda de Vergueiro, Cyrillo Junior, Adhemar de Barros, Luis Silveira, José Carlos Pereira, Carvalhal Filho, Mello Nogueira, senhorita Annita Ramos, Gastão Moreira e Thereza Chacon. Dentre as demis pessoas presentes, vemos os srs. drs. Alberto Americano, Mario Tavares Filho, Ernani Coelho, Bento de Camargo, Almeida Sampaio, Maximiliano Ximenes, Evaristo Silva, Jeronymo Monteiro, Mario Silva B. Camargo Filho, O. Lopes, Osvaldo Moles, M. Tulmann, A. Piccinini, J. Serpa, Paulo Voce, Francisco Florence, A. Helon, Bias Bueno Filho, A. Campagnole, J. Davidoff e outros." Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_08&PagFis=8228>. Acesso em: 23 jul. 2014.

⁹⁶ Adhemar de Barros. CPDOC FGV. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/ademar_de_barros>. Acesso em: 23 ago. 2014.

lembra-se de uma situação engraçada entre Osvaldo Moles e o padre, que insistia em pronunciar seu nome errado:

Claro que ocasião importante como esta também precisava de humor. Com a fala lenta e calma, o padre que consagrava o matrimônio na Paróquia São Geraldo das Perdizes, teimava em chamar Moles - qual a pronúncia é Mólés - de Molês! Um Molêsss arrastado que beirava a soar como "Moleza" para alguns ouvidos convidados. Falou uma, duas, três vezes, até que Osvaldo trajado com um alinhado traje a rigor interrompeu o padre e disse:

- É MÓLES! Meu nome é Mólés, Não MOLÊS!

O padre continuou a cerimônia, mas quem estava presente achou graça e levou a história na memória, como conta Thereza de Castro Lima Pastore, sobrinha de Moles por parte da Anita, que anos mais tarde, em 1962, levou o casal novamente para a igreja, desta vez como padrinhos de seu casamento com o propagandista e vendedor de produtos da indústria farmacêutica José Pastore.

Recém casados, Moles e sua Maravilhasinha - apelido que chamava carinhosamente Anita - foram morar na rua Cardoso de Almeida, número 872, no último quarto do andar de baixo, logo depois da biblioteca, na casa do patriarca Oscar Oliveira Ramos, dentista apaixonado por medicina e fotografia. O pai de Anita. (MICHELETTI, 2012b, p. 43)

Thereza conta que Paschoalina Moles, irmã de Osvaldo Moles, morou com o casal na casa da Rua Cardoso de Almeida, sendo ela quem costurou seu vestido de casamento, em 1962. O nome de casada de Anita Ramos passa de Maria de Lourdes de Oliveira Ramos para Maria de Lourdes Ramos Ferri Moles e, segundo Thereza, o sobrenome "Ferri" foi incluído para evitar o trocadilho "Ramos Moles", pondo fim às brincadeiras entre os familiares.

Figura 26 - Paschoalina Moles ao lado de um casal que não reconhecemos



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Os relatos dos familiares revelam que Osvaldo Moles e Anita Ramos aparentemente sempre foram muito apaixonados. No espólio de Osvaldo Moles preservado por Beatriz Savonitti encontramos algumas cartas de amor em que Moles chama Anita de “Minha Maravilhasinha”. A seguir evidenciamos um trecho de uma dessas cartas, enviada em papel timbrado da PRG2 Rádio Tupi de São Paulo, em uma viagem que Osvaldo Moles fez à cidade de São Lourenço, sul do Estado de Minas Gerais. Não sabemos se a viagem foi a lazer ou a trabalho. O antigo Hotel Jina, em que ele esteve hospedado, permanece no mesmo endereço⁹⁷ funcionando hoje como um condomínio residencial.

Minha maravilhasinha

Tudo que ha de bom aqui, não paga o preço de estar um minuto longe de você. É verdade que eu ando te vendo nas cordilheiras da serra da Mantieueira, na brisa que sopra do lado dos descampados, nos silencias das tardes que se deitam tranquillamente e nas manhãs de sol que são bem typicas da terra mineira. Poderia repetir outra vez que eu te ando vendo vestida de estrellas nas noites mornas. E, até nas pastagens de uma verdura sem socio em todo o Brasil, eu te vejo sempre. Isto, no dicionario da lingua portugueza, tem um nome que se encontra sempre na letra S: SAUDADE. E na verdade, Anita, não posso pintar a saudade que ando sentindo de você neste São Lourenço das Aguas Virtuosas - a cidade das conversinhas molles e sem consequencia, onde se bebe agua, se dorme e se come queijadinha e cangica.⁹⁸

Em trecho de carta que encontramos apenas parte, datilografada em pedaço rasgado de papel pautado, temos a seguinte declaração de amor:

A sua carta me trouxe um pouquinho das suas mãos e dos seus olhos. Não me canso de olhar, nas horas mortas, os retratos que você me mandou e em que você aparece aos meus olhos como sempre apareceu. Estou tendo, aqui, a confirmação de que foi você a unica pessoa que eu amei tão profunda e sentidamente. Nos meus vinte e trez annos incompletos plenos de angustias diarias e de tragedias vulgares só uma, luz me traça o caminho para a vida melhor: - você. Não sei o que seria de mim, agora, se não fosse essa grande esperança que nutro. E, no momento, estou vivendo com aquella calma robusta e confiante de homem que desviou, para caminho iluminado, a rota que lhe norteava o destino.⁹⁹

Como toda relação amorosa, é claro que o casal também teve suas desavenças, mas, mesmo assim, Osvaldo Moles continuava romântico em suas respostas para Anita, como podemos ver na carta transcrita na íntegra no “Anexo II”, provavelmente escrita já na década de 1960, pois foi datilografada em papel

⁹⁷ O local permanece sendo um prédio de esquina com quatro andares, situado na Avenida Getúlio Vargas, 555. Ao que parece, atualmente funciona como uma espécie de *Apart Hotel (Flat)*, explorado comercialmente por imobiliárias da cidade.

⁹⁸ A transcrição completa da carta encontra-se no Anexo I desta dissertação.

⁹⁹ Fonte: Acervo pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

timbrado da Assembleia Legislativa de São Paulo:

Minha querida Maravilhazinha, Gatinha, Preciosidadezinha, Gardeniazinha e Orchidiazinha.

Prezada senhora (é mais serio)

Saudações affectuosas.

Recebi hontem a sua carta pejada de pensamentos sérios e de coisas muito serias. Você não se deve preocupar (repare como o pronome esta bem collocado) com essas nossas briguinhas sem a mais minima significação nem importancia. O grande amor que eu sinto por você não morreris mesmo que você passasse as vinte e quatro horas do sia me insultando. É rochoso, monolytico, alicerçado em rocha e em granito, mais poderosamente indemolivel do que a muralha da China e mais seguro do que a mais segura das pyramides do deserto egypcio.

Estou com uma saudade immensuravel de você, das suas mãos, dos seus pulsos, dos seus olhos e dos seuscabellos manchados e onde já começam a florecer alguns determinantes de falso funcionamento das glandulas de pigmentação. Amo tudo isso com uma força extraordinaria e viva, muito mais viva do que um desenho animado do marinheiro Poppey. Estou com você em tudo que me disse na carta menos no que é concernente á separação. Somos duas pessoas degenio... brando e podemos perfeitamente viver harmoniozamente. Não precisaos de separações. Amamo-nos e basta.¹⁰⁰

Figura 27 - Detalhe dos papeis timbrados da PRG-2 Rádio Tupi e da Assembleia Legislativa de São Paulo



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

No *Correio Paulistano*, acreditamos que Osvaldo Moles tenha exercido funções de repórter, repórter policial, cronista parlamentar e subsecretário (FIGURA 10). Já Anita Ramos, foi responsável pela “Página Feminina” e pela seção “Cinematographia”, exercendo um trabalho pioneiro, conforme mostramos no artigo “Anita Ramos e a página feminina do Correio Paulistano – Uma pioneira jornalista do

¹⁰⁰ A transcrição completa da carta encontra-se no Anexo II desta dissertação.

cinema e da imprensa feminina paulista”, publicado na *Revista Comtempo* da Faculdade Cásper Libero (MICHELETTI, 2014c).

Figura 28 – Porta retrato com fotografia do casal Anita Ramos e Osvaldo Moles



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

3.1.1. “Página Feminina”, “Cinematographia” e demissões em massa no *Correio Paulistano*

Recém-chegada à cidade de São Paulo e com vontade de ser jornalista, Anita Ramos conquista seu espaço no *Correio Paulistano* e fica responsável pelas páginas “Cinematographia” e “Página Feminina”, na década de 1930, sendo esta a primeira página dedicada à mulher em um jornal de grande circulação no Estado de São Paulo, conforme depoimento da própria Anita Ramos, em entrevista publicada no *O Estado de S. Paulo*:

Na época, o *Correio Paulistano* havia sido reaberto, depois dos acontecimentos de 1930¹⁰¹, quando vários jornais da situação foram invadidos, depredados e incendiados. E para lá Anita foi, com uma condição: “A senhora fica em experiência por 20 dias, se servir, fica; se não, rua”, sentenciou o redator-chefe, Machado Florence. A incumbência que lhe deu foi a de fazer a página feminina, que na época somente era publicada em *O Jornal*, do Rio de Janeiro. “Era a primeira página de um jornal paulista dedicada à mulher e eu só tinha como referência *O Jornal*. Nova, sem experiência jornalística, fui fazendo por minha conta e risco”. (FERNANDES, 1983)

Apesar de a entrevista indicar que Anita Ramos começou a trabalhar no *Correio Paulistano* para produzir a “Página Feminina”, acreditamos que ela prestasse serviços de maneira comissionada ao jornal meses antes de sua efetivação, já que a primeira crítica de cinema da página “Cinematographia”, assinada por Anita Ramos, data de 05 de Julho de 1934, com o título “Ramon

¹⁰¹ Referência ao empastelamento dos jornais que manteve o *Correio Paulistano* fora de circulação entre os anos de 1930 e 1934.

Novarro e a realidade da vida"; a primeira "Página Feminina" que encontramos no acervo do periódico é datada de 13 de setembro de 1934. Anita Ramos, em entrevista para o *O Estado de S. Paulo* declara que:

Além da página [Feminina], fazia o "espelho", espaço pago pelos exibidores interessados em divulgar os filmes em cartaz em seus cinemas. E ela lembra que percorria a rua Aurora e a rua do Triunfo, em busca de anúncios, sobre os quais tinha uma comissão. Daí para a crítica foi um passo. Muito observadora e "com uma memória excelente", sempre dava destaque para o melhor trabalho, ressaltava detalhes importantes do filme, despercebidos pelo público, falava do enredo e comentava as melhores atuações. "Eu não tinha um método de análise, era muito intuitiva. Dificilmente errava quando dizia que um filme seria premiado", relembra Anita. (FERNANDES, 1983)

Segundo Thereza Pastore (2012), Anita Ramos na época usava vestido, luvas que subiam até próximo do cotovelo e um pequeno chapéu e assim frequentava os cinemas do centro da cidade sozinha, o que era considerado um "escândalo", pois "naquele tempo, as mulheres só 'podiam' ir ao cinema se fossem acompanhadas dos pais ou do marido".

Figura 29 – Foto de Anita Ramos ainda adolescente



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Para página "Cinematographia", Anita Ramos escreve críticas com apelo ao romântico, à moda e à vida das estrelas de cinema, como podemos constatar desde sua estreia no *Correio Paulistano*.

Deve andar pela cabeça de todas as mulheres o nome de Ramon Novarro! Principalmente para as "Jeunes Filles", elle representa o typo ideal - tem para isto belleza physica, mocidade, romantismo. Toda cabecinha, loira ou castanha, deve andar sonhando com o interprete arrojado de "Ben-Hur", com o romantico apaixonado de "Sevilha de meus amores", ou com o homem que caminhou pelas areias quentes do deserto e beijou Myrna Loy.¹⁰²

¹⁰² RAMOS, A. Ramon Novarro e a realidade da vida. *Correio Paulistano*. São Paulo, 05 jul. 1934. Cinematographia p. 7.

A moda sempre pautou a “Página Feminina” redigida por Anita Ramos no *Correio Paulistano*, que chegou a ter duas edições semanais a partir de 1936, sendo publicada todo domingo e toda quinta-feira. Para termos ideia dos textos publicados na página, selecionamos um trecho de uma crônica veiculada no dia 07 de outubro de 1934, em que Anita Ramos faz, de forma romântica, uma analogia da moda com o humor da mulher e o clima das ruas da cidade:

As ruas de uma cidade, principalmente, de uma grande metropole, varia muito de aspecto conforme a hora: a rua fica antipathica ou sympathica, triste ou alegre, agradável ou desagradável, no entanto é tudo uma questão de hora de um pouco de sol, de uns angulos de luz, das pessoas que passam. A rua Direita, tem pela manhã um ar ingenuo, um tanto triste, mas sem asperesa lembra uma menina romantica, toda ilusões, sonhando ao vêr as andorinhas e o céu. As tres horas é desagradável, cheia de sol, inclemente, empoeirado, tem o geito de quem andou a pé por estradas transitadas por automóveis e recebe todo o pó. A’s seis e meia ella é deslumbrante como uma mulher bonita que si adorna para um baile com braceletes, colares, pulseiras, cravejadas de perolas e brilhantes... Tem um aspecto de mysterio e fascinação.¹⁰³

Figura 30 - Primeira edição da “Página Feminina” no *Correio Paulistano*



Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional, jornal “Correio Paulistano”. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_08&PagFis=5062. Acesso em: 20 ago. 2012.

¹⁰³ RAMOS, A. Variações sobre a moda. *Correio Paulistano*. São Paulo, 07 out. 1934. Página Feminina p. 10.

Mesmo tendo talento, Anita sempre encontrou barreiras para atuar profissionalmente. Sua saída do *Correio Paulistano*, em 1937, envolve uma controversa história ligada à política paulistana e à alta administração do jornal. Por uma questão de gênero, sofre “*como se um ‘teto de vidro’ (glass ceiling) bloqueasse sistematicamente*” (LIPOVETSKY, 2000, p. 266) seu acesso aos altos postos hierárquicos do jornal.

A constatação é banal: a política continua a ser um assunto de homens. O isolamento das mulheres não é menos manifesto no mundo dos negócios. Se é verdade que o pessoal administrativo feminino das empresas não pára (SIC) de aumentar, os escalões superiores da hierarquia permanecem masculinos. (LIPOVETSKY, 2000, p. 264)

As mulheres finalmente ganham direito ao voto no Brasil em 1932, mas nessa década o governo cria o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), em 1937, responsável por “*cercear a cultura brasileira*” (BUITONI, 2009, p. 77). Nesse momento, a imprensa feminina recebia grande influência cultural francesa e “*se limitara aos assuntos tradicionais: moda, beleza, crianças, etc. No mais, os textos eram literários ou pseudoliterários, beletristas*” (BUITONI, 2009, p. 85).

Em maio de 1937, Anita Ramos passa a integrar a diretoria da Associação Paulista de Imprensa (A.P.I.), como suplente da “*Comissão de Syndicancia*”¹⁰⁴. Ela está no auge da carreira, porém, uma mudança na direção do *Correio Paulistano* ocasiona uma demissão em massa dos redatores. Segundo matéria não assinada publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*¹⁰⁵, em agosto de 1937, os problemas começaram com a chegada de Oliveira Cesar assumindo o posto de gerente do *Correio Paulistano*. O autor dessa matéria se identifica como o mais antigo redator do *Correio Paulistano*, responsável por redigir as crônicas das seções “Vida Social” e “De Relance”, com crítica de “*theatro-prosa*” ou “*lyrico*”, concertos, exposições de arte e outros assuntos, “*enfim, trabalho de quatro redatores no mínimo, e jamais dei uma só falta nem tirei férias. Mesmo doente, ia trabalhar*”¹⁰⁶, além de mostrar sua influência política, ao escrever que Carlos de Campos, Ataliba Leonel e o presidente Washington Luis “*em pessoa*” fizeram convites a lugares de deputado estadual, chefe de polícia e de vereador, os quais ele não aceitou.

¹⁰⁴ “Empossada hontem a nova administração da A.P.I.”. *Correio Paulistano*, 02 mai. 1937, p.6

¹⁰⁵ “Demissão em massa dos redactores do 'Correio Paulistano'”. *O Estado de S. Paulo*, 19 ago. 1937, p.14

¹⁰⁶ “Demissão em massa dos redactores do 'Correio Paulistano'”. *O Estado de S. Paulo*, 19 ago. 1937, p.14

A matéria narra uma série de abusos de autoridade e desrespeito por parte do Oliveira Cesar contra os redatores do *Correio Paulistano*, incluindo Anita Ramos em episódio que ela foi cobrar dinheiro que lhe era devido, por serviços já prestados e, aos berros, foi recebida pelo gerente Oliveira Cesar, que só parou de gritar com a entrada de outro redator na sala, passando então a se fazer de “vítima”. Além de não querer pagar, continuou perseguindo-a, até que ela teve que “se despedir” do jornal. O redator anônimo diz que, diante de tais perseguições e antes de sair, Anita Ramos chegou a recorrer, em vão, para alguns chefes do PRP.

Oswaldo Moles também é citado na matéria. O autor desconhecido relata que ele e Moles foram falar sobre a situação do jornal diretamente com Manuel Pedro Villaboim, então administrador do *Correio Paulistano*, que pediu paciência aos dois e disse que com o tempo corrigiria pessoalmente a situação, porém, ao que parece, os abusos continuaram, gerando demissão em massa, com a saída de grande parte dos redatores do jornal. A matéria chega a chamar Oliveira Cesar de “*Macaco em loja de louças*” e relata que a saída do gerente, de seu antigo emprego, na *Folha da Manhã*¹⁰⁷ foi comemorada com uma “*memorável choppada*”.

Estavam finalmente livres do algoz, embora lastimassem a sorte ingrata reservada aos redactores do "Correio Paulistano", cujo doloroso calvario iria começar, redacção onde sempre reinou a maxima harmonia e fraternidade [...] O indesejavel da "Folha da Manhan" chegou no "Correio"¹⁰⁸

Anita Ramos passa a trabalhar no *Diário da Noite*, onde escreve crônicas sobre assuntos variados. Em entrevista concedida ao jornal *O Estado de S. Paulo*, em 30 de janeiro de 1983, lembra-se de uma crônica de grande sucesso: “*Quando o duque de Windsor renunciou ao trono para se casar com uma plebéia, comentei o fato em uma crônica. Os leitores gostaram muito e recebi muitas cartas de elogio*” (FERNANDES, 1983). Porém, o *Diário da Noite* também passa por uma mudança no seu corpo diretivo e ela é mais uma vez demitida. Na década de 1940, busca estabilidade e passa a trabalhar como censora no Departamento de Imprensa e Propaganda:

O DIP era visto com maus olhos pelos intelectuais, mas lá eu era funcionária do governo e tinha estabilidade. Além do mais, o ambiente era ótimo, haviam pessoas de grande gabarito, como o poeta Péricles Pimentel,

¹⁰⁷ Os jornais *Folha da Manhã* e *Folha da Noite* deram origem ao atual *Folha de S. Paulo*.

¹⁰⁸ Demissão em massa dos redactores do "Correio Paulistano". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 ago. 1937, p.14. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19370819-20818-nac-0014-999-14-not>>. Acesso em: 23 set. 2014.

o historiador Hernani Silva Bruno, dos quais eu fiquei muito amiga. (FERNANDES, 1983)

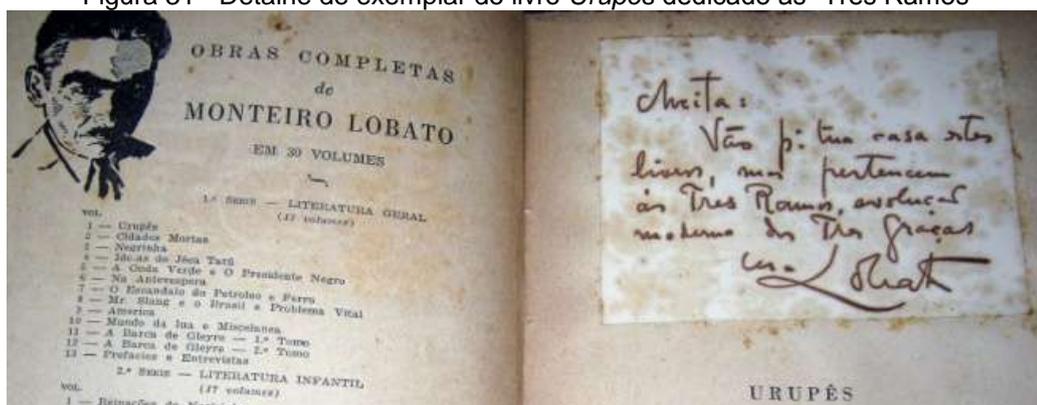
No final do Estado Novo, o DIP é fechado e Anita é transferida para a Secretaria da Fazenda, onde realiza *clippings*, selecionando e recortando artigos de jornais, mas considera o trabalho “*extremamente monótono*” e decide parar de trabalhar. “*Desiludida com a profissão, resolve se dedicar ao casamento e estimular a carreira do marido. Uma decisão que foi definitiva e encerrou por completo o sonho de ser jornalista*” (FERNANDES, 1983).

Mesmo com talento e competência profissional, desiste da profissão de jornalista por questões circunstanciais, ligadas à gestão de empresas e órgãos em que trabalhou (MICHELETTI, 2014c). Apesar do sucesso do marido e do círculo de amizades influentes que fez, estava excluída, o que Lipovetsky (2000) chama de “*redes informais do poder*”. Até na ocasião em que foi nomeada para compor a diretoria da Associação Paulista de Imprensa, exerce cargo como suplente. Maria do Carmo Fernandes (1983) escreve que “*Anita Ramos se considera tímida e frequentou pouco o ambiente artístico. Raros foram os contatos com críticos e artistas*” e, analisando os dados apresentados, entendemos que essa timidez pode ser fruto de uma questão de gênero:

Estranhas à “tribo” masculina da gerência, as mulheres são privadas de modelos de identificação, automaticamente consideradas suspeitas, obrigadas, para estabelecer sua credibilidade, a mostrar-se mais bem sucedidas que seus colegas masculinos. Agindo em um mundo dirigido por homens, as mulheres encontram-se excluídas das redes informais do poder, privadas de informações privilegiadas, despreparadas para os jogos e estratégias políticas da empresa, para o lobbying e a negociação que condicionam o acesso aos postos de direção. Cortadas dos contatos informais de comunicação e de ajuda, as mulheres se beneficiaram mais dificilmente que os homens do apoio de mentores ou de patrocinadores majoritariamente masculinos. Desde há muito tempo, pôde ser mostrado o laço existente entre sucesso profissional e apadrinhamento. (LIPOVETSKY, 2000, p. 270)

Anita Ramos foi amiga de Monteiro Lobato e, na década de 1940, enquanto trabalhava no DIP, ajudou o amigo a fazer o *JB*, jornal que circulava no interior (FERNANDES, 1983). Beatriz Savonitti guarda um exemplar do *O Urupês* autografado por Monteiro Lobato e dedicado às “três Ramos” - Anita, Sarah e Ruth -, carinhosamente chamadas pela família de as “três irmãs”, por estarem sempre juntas.

Figura 31 - Detalhe de exemplar do livro *Urupês* dedicado às “Três Ramos”



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

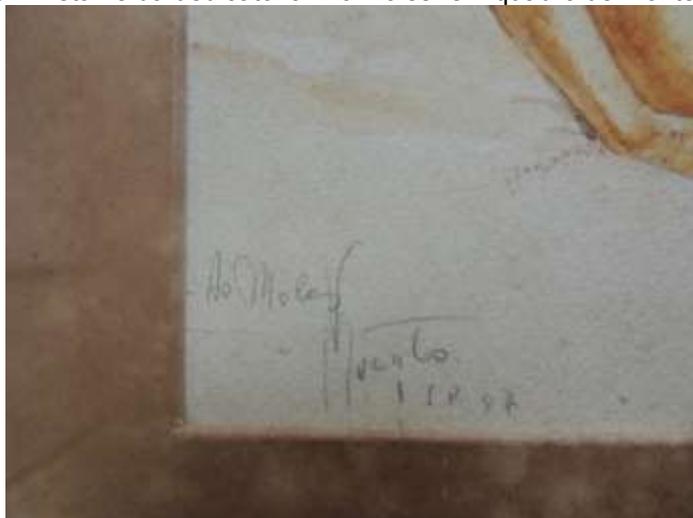
Beatriz também guarda um quadro pintado por Monteiro Lobato, dedicado a Osvaldo Moles.

Figura 32 - Quadro de Monteiro Lobato dedicado “Ao Moles”



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2014.

Figura 33 – Detalhe da dedicatória “Ao Moles” em quadro de Monteiro Lobato



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2014.

Em 1982, Ida Laura, Ivan Gonçalves, José Julio Spiewak e Rubem Biáfora votaram os prêmios da categoria cinema da Associação Paulista de Críticos de Arte – APCA. Curiosamente na lista de premiados póstumos, categoria “votos de pesar”, Adoniran Barbosa e Alberto Cavalcanti eram agraciados (**APCA 50 anos de arte brasileira**, 2006, p. 77). Os dois trabalharam no cinema com Osvaldo Moles, mas naquele ano a principal homenageada era Anita Ramos, que ganhava o “*grande prêmio da crítica*”, por seu pioneirismo na crítica de cinema na imprensa paulista. O prêmio só foi entregue no ano seguinte! No dia 04 de abril de 1983, Anita Moles - como foi anunciada -, subia no palco do *Theatro Municipal de São Paulo* para receber o devido reconhecimento pela importância de sua obra nas páginas da imprensa paulista.

Figura 34 - Detalhe do prêmio da APCA recebido por Anita Ramos em 1982



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

3.2. A Família Ramos e Osvaldo Moles

Nascida na cidade de Franca, interior do Estado de São Paulo, Anita Ramos veio para a capital acompanhada de duas irmãs: Sarah de Oliveira Ramos e Ruth de Oliveira Ramos, mas logo seus pais Oscar Oliveira Ramos e Julieta Fernandes Ramos, além dos irmãos José de Oliveira Ramos, Vicente de Oliveira Ramos e

Julieta Ramos de Castro Lima seguiram a trajetória das “três irmãs”. Segundo depoimento de Thereza Pastore (2012), o patriarca da família, dentista e amante da fotografia e medicina, veio para São Paulo por considerar “um absurdo”, três mulheres viverem sozinhas na capital e também não era muito favorável que suas filhas trabalhassem, mesmo assim, não fez grande objeção. Por pouco tempo morou em uma casa no bairro do Cambuci, seguindo para uma casa maior, localizada no bairro Perdizes, na Rua Cardoso de Almeida, número 872, onde reuniu toda a família para morar sob o mesmo teto, com exceção do filho Vicente, que nunca morou naquela casa. O fato de as filhas trabalharem, ainda mais morando sozinhas na capital, era estranho para Oscar Oliveira Ramos, pois no Brasil da década de 1930, culturalmente poucas mulheres ingressavam no mercado de trabalho, sendo prática comum, serem sustentadas por seus maridos.

Figura 35 - Fotografia antiga da família Oliveira Ramos¹⁰⁹



Fonte: Acervo Pessoal de Thereza Pastore. Pesquisa realizada em 2012.

Thereza Pastore (2012) lembra que na casa da família na Rua Cardoso de Almeida, Julieta¹¹⁰ e Lina¹¹¹ costuravam juntas, cada uma tinha sua máquina de costura. Segundo o relato, Lina era quieta, tímida, não falava muito e frequentou muitas vezes a casa da Thereza. Foi Lina quem fez as roupas para Thereza e para Dora, sua irmã mais velha. Osvaldo Moles e Anita Ramos foram padrinhos de

¹⁰⁹ Na primeira fileira encontramos da esquerda para direita: Ruth, Julieta (Nenê), Anita, Tio Nonote, além das crianças Carlos e Dora. Na fileira atrás encontramos: Oscar, Sarah, Vicente, Julieta (esposa de Oscar) e Altino. Os nomes escritos a caneta foram marcados por Thereza Pastore. Dora e Carlos são seus irmãos, na foto ainda crianças.

¹¹⁰ Julieta Fernandes Ramos, mãe de Anita Ramos.

¹¹¹ Paschoalina Moles, irmã de Osvaldo Moles.

casamento da Thereza e de Flávio, filho da Dora. Com o passar dos anos, Osvaldo Moles comprou um apartamento para a irmã, que continuou morando no mesmo bairro de Perdizes.

Osvaldo Moles manteve boa relação com a família Oliveira Ramos, sendo sempre bem humorado e com uma brincadeira para dizer em momentos inusitados. Thereza lembra que certa vez sua mãe, Julieta (Nenê) estava descendo as escadas com um vestido verde e Osvaldo Moles falou: "*Nenê, nunca mais vista outra cor, assim você nunca ficará madura!*" (PASTORE et al., 2012). Para a sogra, que também chamava Julieta, deu um exemplar do livro *Piquenique Classe C*, no Natal de 1962, e assinou com a seguinte dedicatória:

Para
Dona Julieta
tão luminosa que chamá-la sogra seria deslustra-la e a quem Deus manda inclusive a penitência de ler este livro.
do Moles
Natal-62¹¹²

Figura 36 - Fotografia antiga da família Oliveira Ramos 2¹¹³



Fonte: Acervo Pessoal de Maria Isabel. Pesquisa realizada em 2012.

¹¹² Reprodução de dedicatória no livro *Piquenique Classe C* preservado no acervo pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

¹¹³ Começando pelo Tio Nonote ao fundo da foto, depois temos Julieta (Nenê), Ruth, Anita, Sarah e Vicente.

Além do senso de humor, vários depoimentos relatam que Osvaldo Moles não era apegado a coisas materiais. Laerte Natel (2012), sobrinho do ex-governador e presidente do São Paulo Futebol Clube, Laudo Natel, que manteve uma relação quase diária com Osvaldo Moles na década de 1960, o descreve como um “gênio”, com quem se poderia conversar sobre qualquer assunto, pois sempre sabia algo a respeito. Uma pessoa aparentemente “desapegada” das coisas materiais, nunca ouviu do amigo que ele queria comprar um carro, trocar de apartamento ou investir em algum outro negócio. No entanto, “*tudo que Osvaldo Moles fazia virava dinheiro*” (PASTORE et al., 2012) e ele acumulou alguns imóveis ao longo de sua carreira. Certa vez, uma empregada doméstica furtou um anel da Anita Ramos e Osvaldo Moles chamou um amigo que se passou por policial para ir até a casa da jovem e resgatar a peça. No entanto, quando chegou frente à residência simples na periferia, a empregada devolveu o anel chorando e demonstrando arrependimento. Esse fato, segundo Thereza (2012), deixou Osvaldo Moles sensibilizado, fazendo com que ele tirasse todo dinheiro que tinha na carteira para dar à empregada, que ainda permaneceu trabalhando para o casal, sem que estes percebessem a falta de mais nada.

Entre os depoimentos coletados, surgem algumas lendas, as quais não podemos comprovar, como a possibilidade de Osvaldo Moles ter composto várias letras de músicas para o Adoniran Barbosa sem que a autoria lhe fosse creditada (CAMPOS JR., 2012; PASTORE et al., 2012; HOMEM DE MELO, 2013), ou o relato de Maria Isabel (2012) de que Osvaldo Moles teria inventado a palavra “oi” como cumprimento, inserindo-as nas falas de seus personagens nos programas radiofônicos:

Em um domingo qualquer da década de 1940, a família Ramos reunia-se a mesa para almoçar, aguardando a chegada de Moles, que por dormir até mais tarde, estava atrasado. Quando chegou, Moles da porta falou “Oi!”... e sentou-se para com todos, iniciar a refeição. Então começaram os cochichos, “*que coisa feia, ele chega e não cumprimenta ninguém*”, “*senta e já vai comendo*”... Até que um deles falou “- *Poxa Moles, que falta de educação é essa? Chega atrasado, não fala com ninguém... Senta e já vai comendo?*” e então Moles respondeu:
- *Como não? Eu falei “Oi” e este, é o cumprimento do futuro!* (MICHELETTI, 2012b, pp. 164–165)

Em entrevista por nós realizada, Zuza Homem de Melo¹¹⁴ (2013) relata que

¹¹⁴ Zuza Homem de Melo é um musicólogo brasileiro. Em 1957, passa um ano morando nos Estados Unidos, onde estuda música e literatura inglesa. De volta ao Brasil, trabalha em 1959 na TV Record,

ouviu dizer que muitas vezes Osvaldo Moles escrevia a primeira página de um programa, levava para o estúdio e, enquanto os radioatores começavam ao vivo, ele voltava à máquina de escrever para preparar as páginas seguintes:

Uma das características era que ele era muito rápido. Ele escrevia com uma tal velocidade que ele tinha um programa na hora do almoço de uma crônica. Uma crônica por dia. E dizem, não sei se é verdade, que ele escrevia a primeira página entregava no estúdio e voltava para completar a segunda página enquanto a primeira já estava no ar. Se isso é verdade eu não sei, mas eu não duvido que fosse por que ele era extraordinário. (HOMEM DE MELO, 2013)

Osvaldo Moles e Anita Ramos mudaram-se da casa na Rua Cardoso de Almeida ainda na década de 1940, embora muito frequentassem o local. Os relatos de amigos e familiares revelam que, apesar do humor e das constantes brincadeiras, Moles era reservado. Thereza (2012) relata que o apartamento do casal era frequentado por amigos artistas de rádio da época, como Blota Jr. e Sonia Ribeiro, Hervé Cordovil e Miriam Batucada. A casa na Rua Cardoso de Almeida também foi frequentada por artistas. Thereza (2012) lembra-se da presença do maestro Hervé Cordovil lá tocando no piano. Segundo ela, a música *Fiz a cama na varanda*, interpretada por Inezita Barroso, foi feita naquela casa. Ainda na Cardoso de Almeida, Osvaldo Moles reunia os irmãos da Anita Ramos e seus filhos em volta de uma mesa grande na casa e fazia um “*verdadeiro show*”. Em novembro de 1949, durante o aniversário de 18 anos de Thereza, Osvaldo Moles levou o comediante Pagano Sobrinho¹¹⁵ na festa: “*um humorístico, fazia piada... Mas foi tão bom! A festa foi bonita, né? Ele era gordinho, alto. Muito engraçado! E ele deu um show lá, tio Moles quem levou!*” (PASTORE et al., 2012).

Osvaldo Moles fumava cigarros da marca *Lucky Strike* e vestia-se muitas vezes com ternos de linho branco. Andava sempre alinhado, sempre bem vestido! Não raro trabalhava até alta madrugada, “*tocando piano na máquina de escrever*” ou mesmo acompanhando os programas que iam ao ar de noite, diretamente dos estúdios da PRB-9 Rádio Record (PASTORE et al., 2012). Antonio Rizzo (2012),

permanecendo por cerca de 10 anos como engenheiro de som e *booker* na contratação de artistas internacionais. Trabalhando no Teatro Record, Zuza presta serviços para os programas de televisão que ali eram gravados e para alguns programas de rádio que utilizavam esse teatro. Nesse período foi técnico de som do programa *História das Malocas*, além de ser amigo pessoal de Osvaldo Moles, com quem conversava sobre cavalos de corrida. Na década de 1980 comanda o *Programa do Zuza*, com grande audiência na Rádio Jovem Pan. Com vasto currículo, Zuza também é jornalista, escritor e produtor musical, atuando nos bastidores de importantes momentos do cenário musical brasileiro.

¹¹⁵ Conceituado humorista paulista, trabalhou em diversas emissoras, dentre elas a Difusora, a Record, a Bandeirantes e a Tupi.

que foi superintendente do São Paulo Futebol Clube (SPFC), descreve que Osvaldo Moles costumava, ao sentar frente à máquina de escrever, ajustar os óculos e começar a criar seus textos como quem está “catando milho”, ou seja, utilizando apenas os dedos indicadores de cada mão. Segundo relato do radialista Raul Duarte, registrado na biografia de Adoniran Barbosa escrita por Celso de Campos Jr. (2009), Osvaldo Moles utiliza simultaneamente três máquinas de escrever na sua mesa da PRB-9 Rádio Record.

Moles, como me contava Raul Duarte, outro gênio da radiofonia paulista, mantinha em sua mesa de trabalho, na antiga Rádio Record, três máquinas de escrever, devidamente municiadas de papel. E, ao mesmo tempo, se utilizava das três para, num vertiginoso e hipnótico batuque, produzir dois ou três programas que, minutos depois, entrariam no ar. Era um prodígio. (HELENA JR., 2009, p. 9)

Figura 37 - Máquina de escrever pessoal, da marca *Remington*, de Osvaldo Moles



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012. Foto Bruno Micheletti.

Osvaldo Moles também gostava de jogos de azar, frequentando cassinos, jogando aos sábados à noite na casa de amigos ou mesmo apostando em cavalos de corrida no *Jockey Club*.

Aos sábados era de lei que acontecesse a jogatina! Osvaldo Moles adorava uma boa madrugada com os amigos, o baralho e o cigarro Lucky Strike. As

apostas corriam solta no "buraco" ou no "pif-paf", mas como diria Thereza de Castro Lima Pastore¹¹⁶, "*O dinheiro era pouco, só para não jogar à 'leite de pato'*"¹¹⁷! Os cassinos, por Moles, também foram frequentados, senão fosse nos famosos do Rio de Janeiro, contentava-se com os da baixada santista ou das estâncias turísticas localizadas no interior do estado de São Paulo. Um desses lugares era o Grande Hotel São Pedro, que permitia aos seus hóspedes desfrutar das águas ricas em minerais durante o dia e o glamour do jogo nas noites de passeio. É certo que Osvaldo Moles e Anita Ramos passaram algumas noites por lá, viajavam sempre! (MICHELETTI, 2012b, pp. 143–144)

Figura 38 - À Esquerda o casal Osvaldo Moles e Anita Ramos jogando cartas com amigos



Fonte: Acervo Pessoal de Maria Isabel. Pesquisa realizada em 2012.

No entanto, o Marechal Eurico Gaspar Dutra, enquanto presidente do Brasil assina o decreto lei nº 9.215¹¹⁸, de 30 de abril de 1946, que proíbe os jogos no país promovendo o fechamento dos cassinos, mas esse fato não impediu que Osvaldo Moles parasse de jogar. O carteadado na casa dos amigos continuou, assim como as apostas em cavalos no *Jockey Club* e ele chegou a viajar algumas vezes até Buenos Aires, na Argentina, para frequentar seus cassinos.

¹¹⁶ Depois de adulta e casada, a casa de Thereza era um dos locais em que acontecia a jogatina.

¹¹⁷ Leite de Pato: gíria que designa algo que não tem grande valor, de valor inexistente.

¹¹⁸ Alguns historiadores acreditam que essa lei foi decretada por influência da esposa do presidente, Carmela Teles Leite Dutra, que muito religiosa foi apelidada de "Dona Santinha" e sua redação contém pelo menos uma consideração questionável partindo do princípio que o estado é laico: "Considerando que a tradição moral jurídica e religiosa do povo brasileiro é contrária à prática e à exploração e jogos de azar". Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del9215.htm>. Acesso em 19 fev. 2015.

Depois da lei, Osvaldo Moles não poderia mais descer a serra acompanhado do sogro - Oscar Oliveira Ramos -, para depois subir o Monte Serrat e passar a noite jogando no Cassino Atlântico, onde hoje, ainda permanece o hotel luxuoso e o bondinho que sobe 150 metros acima do nível do mar. As águas termais também não teriam a mesma graça sem as noitadas! Logo, percebeu que se quisesse jogar, precisaria cruzar as fronteiras brasileiras e cumprimentar nossos *hermanos* argentinos. Coisa que fez algumas vezes. Sua sobrinha neta, Beatriz Savonitti, conta que ouvia histórias em que Osvaldo Moles comprava a passagem de ida, volta e todas as alimentações no hotel escolhido. No bolso levava dinheiro vivo, reservado para suas apostas, se o dinheiro acabasse antes do previsto, passava os dias folgados no hotel, se sobrasse... ele jogava mais! A emoção de ganhar ou perder existia, mas para ele, o que contava mesmo era a diversão. Não jogava por vício e sempre calculava o prejuízo! No entanto, Beatriz lembra que sua tia Anita contou que, certa vez, Moles se empolgou na jogatina e ficou sem dinheiro para retornar ao Brasil, a solução foi uma carta bem humorada, pedindo para a esposa mandar dinheiro pelo "arame", pois estava "pendurado". (MICHELETTI, 2012b, p. 147)

Em 1951, no mesmo ano que Osvaldo Moles passa a trabalhar na PRH-9 Rádio Bandeirantes, sua sobrinha Thereza viaja com a família para Londres, na Inglaterra. A viagem de navio foi um prêmio que Altino de Castro Lima ganhou da *Cia. City*¹¹⁹, empresa em que ocupou o cargo de gerente geral. No domingo, dia 2 de setembro daquele ano, Thereza (2012) conta que acordou preocupada depois de um sonho em que perguntava do “tio Moles” para a “tia Anita” dizendo que precisava vê-lo e esta respondia que ele estava bem. No entanto, como estava na Europa, não conseguiu saber notícias do tio e acabou se acalmando. Nessa mesma noite, Osvaldo Moles tinha trabalhado até de madrugada na PRH-9 Rádio Bandeirantes e, como de costume, já que não dirigia, foi embora de táxi, porém, no percurso sofreu um acidente conforme noticiou a seção “Camara e Camarotes” da revista *O Governador*.

¹¹⁹ Por volta de 1910, Edouard Fontaine de Laveleye, banqueiro belga que morava na França, conheceu o arquiteto Joseph Bouvard, então diretor honorário da Prefeitura do Sena e ex-diretor dos serviços de arquitetura da viação e da planta de Paris. Juntos vieram para São Paulo e Joseph Bouvard começa a prestar consultoria para a Prefeitura de São Paulo. Era o início da *Cia City* que, com sede na Inglaterra, existe até os dias atuais, sendo responsável, ao longo da história, por cerca de quinze milhões de metros quadrados construídos da cidade de São Paulo. Logo após a primeira Guerra Mundial (1914-1918) o urbanista Barry Parker, responsável por construir as cidades jardim na Inglaterra estava disponível no mercado, sem emprego, devido aos conflitos europeus. Bouvard, que conhecia o trabalho de Parker, oferece emprego ao urbanista na Prefeitura de São Paulo. Parker então desenvolve o projeto do bairro do Pacaembu, o primeiro da cidade a ter suas características naturais, a topografia, drenagem e elementos naturais da vegetação incorporados ao projeto urbanístico. Foi um grande desafio para a época. As terras que pertenceram aos jesuítas receberam o nome Pacaembu - que em Tupy-Guarani quer dizer "Terras Alagadas" - por ser uma região montanhosa com muita água. Onde atualmente existe a Avenida Pacaembu, antes havia um córrego que foi canalizado. A *City* também trouxe para o Brasil terminologias como sala de estar, "*Living Room*", "*Dinner Room*", etc., além de ser responsável por diversos outros bairros da capital paulista como o Jardim América (1915), Anhangabaú (1917), Butantã (1918), Alto da Lapa (1921), Alto de Pinheiros (1925) e Pacaembu (1925).

Oswaldo Moles, nosso querido colega de imprensa e um dos maiores cartazes do rádio brasileiro, foi vítima de um grave desastre, na madrugada de domingo último, quando viajava num carro de aluguel. Felizmente, apesar da gravidade do choque, o popular radialista e jornalista está passando bem. Aí, Moles, mostre ser um sujeito duro...¹²⁰

As edições de outubro de 1951 da *Revista do Rádio* também noticiaram o acidente. A revista veiculada no dia 2 daquele mês desejava os “votos de imediato restabelecimento”:

Nos primeiros dias deste mês, Oswaldo Moles sofreu um desastre de automóvel, mas felizmente não houve nada de grave, estando já inteiramente fora de perigo. Moles, que é muito estimado, tem sido bastante visitado, e o público ouvinte aguarda com interesse o seu retorno. A REVISTA DO RÁDIO, que sempre teve em Oswaldo Moles um grande amigo, aqui deixa os seus melhores votos de imediato restabelecimento.¹²¹

A edição veiculada no dia 23 de outubro traz uma nota informando que Oswaldo Moles já havia retornado ao trabalho: “*Completamente restabelecido, está firme no batente, outra vez, o notável radialista Oswaldo Moles, atualmente pertencendo à Bandeirantes.*”¹²²

Uma década depois, no ano de 1961, Oswaldo Moles ganhou um carro *Renault Dauphine*, em um sorteio durante a premiação *Roquette Pinto*, mas como não dirigia optou pela venda do veículo¹²³. Segundo a seção de fofocas da revista, “*Clarice Amaral*¹²⁴, que dirige automóvel com muita perícia, ofereceu-se ao Oswaldo Moles para dar-lhe lições de como pôr em movimento o *Dauphine* que ele ganhou num concurso. Mas, Oswaldo está com um medo terrível...”¹²⁵

Na década de 1960, encontramos o interesse de Oswaldo Moles por yoga e hipnotismo, junto a uma corrente ligada ao misticismo. Sua sobrinha Maria Isabel (2012) lembra que chegou a ser hipnotizada pelo tio:

¹²⁰ Notas em formações. *O Governador*, São Paulo, 6 set. 1951, p.2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=104795&PagFis=1155>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

¹²¹ Oswaldo Moles Acidentado. *Revista do Rádio*. Rio de Janeiro, 2 out. 1951, p.45. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=5380>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

¹²² Voltou Oswaldo Moles!. *Revista do Rádio*. Rio de Janeiro, 23 out. 1951, p. 45. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=5536>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

¹²³ Mexericos de São Paulo. *Revista do Rádio*. Rio de Janeiro, 1961, ed. 621, p.19. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=35648>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

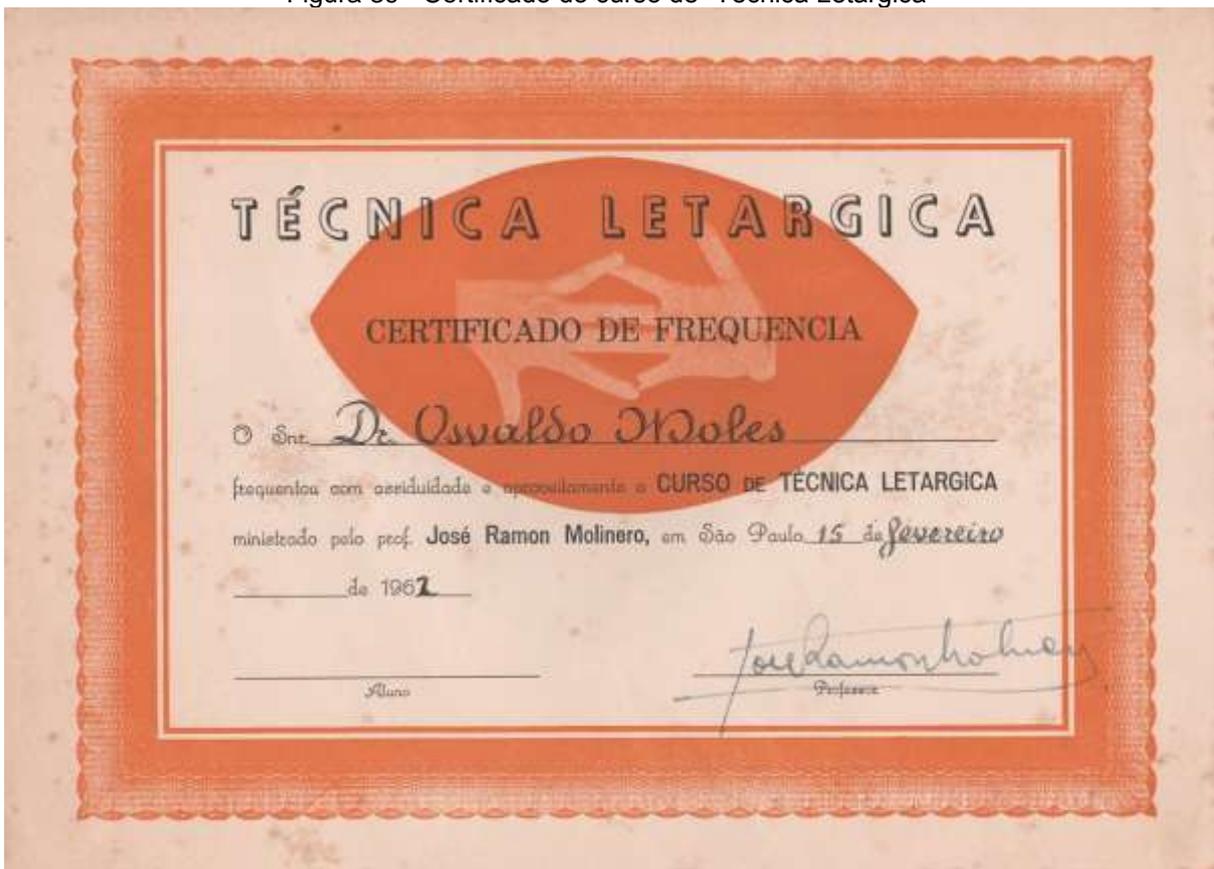
¹²⁴ Clarice Amaral foi garota propaganda e apresentadora de televisão. Disponível em: <<http://www.museudatv.com.br/biografias/Clarice%20Amaral.htm>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

¹²⁵ Mexericos de São Paulo. *Revista do Rádio*. Rio de Janeiro, 1961, ed. 603, p.19. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=34716>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

- "PAPAI!!! PAPAI!!! TIO MOLES QUER ME HIPNOTIZAR!" - falava um pouco assustada a menina Maria Izabel, enquanto corria de encontro ao pai, Vicente de Oliveira Ramos na casa da rua Cardoso de Almeida. A menina tinha cólicas horríveis nos seus quinze anos e quando Moles entrou na casa, logo percebeu a cara de dor que Maria Izabel fazia sentada no sofá sala. Vicente que era médico, foi para sala e autorizou o procedimento. Moles então tirou um pendulo de seu bolso e começou a conduzir a moça, pediu que fechasse os olhos e a partir deste momento Maria Izabel, diz não lembrar-se de mais nada. *"Depois eles (Vicente e Moles) contaram que eu levantei, fui até a janela, que eu sentei novamente... Disseram que eu punha a mão na barriga e o tio Moles perguntava: - Ta doendo? Eu dizia: - Não! Tá doendo? Não! E aí..., a hora que eu acordei já estava sem a dor."* - relata Maria Izabel ao lembrar do tio.

Na década de 1960, Osvaldo Moles começa a ter uma preocupação maior com questões místicas e a espiritualidade. Entre seus documentos o *"Programa para um curso em quinze aulas sobre: hipnotismo, magnetismo e radiestesia"* deve tê-lo ensinado a hipnotizar a sobrinha. Além disso, foi nesta época que Osvaldo Moles conheceu o professor José Ramon Molinero - o guru Yogakrisnanda - com quem fez os cursos de "parapsicologia e filosofia yoga"¹²⁶, onde obteve o nome místico de Arul-Gad, formando-se em 11 de janeiro de 1962 e de "Técnica Letárgica" com diploma datado de 15 de fevereiro de 1962. (MICHELETTI, 2012b, p. 250)

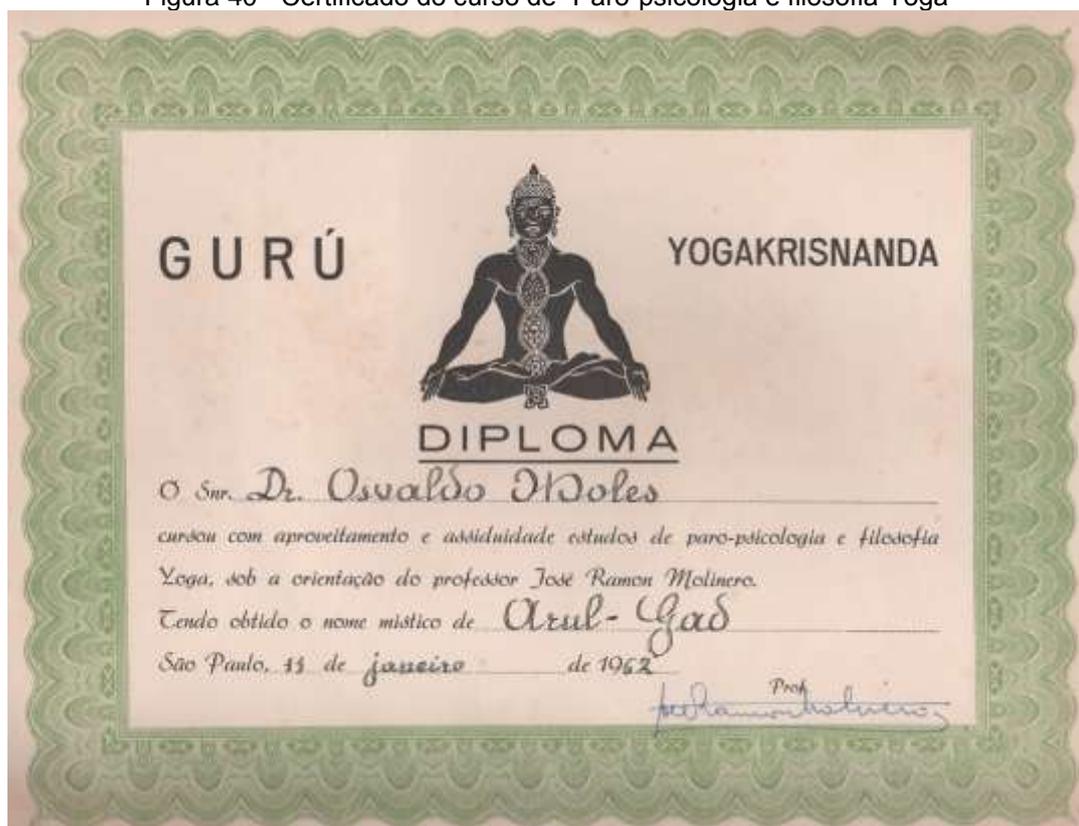
Figura 39 - Certificado do curso de "Técnica Letárgica"



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

¹²⁶ No verso do diploma desse curso existe a frase: "Que tiene la gloria de ser locuaz".

Figura 40 - Certificado do curso de “Paro-psicologia e filosofia Yoga”



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

3.3. Aproximações com a Primeira e a Segunda Guerra Mundial: *Tenho fome e A epopeia dos Apeninos*

Em 1944 a editora Flama publica no Brasil o livro *Tenho Fome* (1944) com tradução de Osvaldo Moles. Escrito originalmente em alemão por Georg Fink¹²⁷ e publicado no ano de 1929¹²⁸ pela editora Bruno Cassirer, o livro conta o drama social vivenciado pela sociedade alemã na época da Primeira Guerra Mundial¹²⁹ em

¹²⁷ Georg Fink é o pseudônimo de Kurt Munzer (1879-1944), escritor alemão, judeu, que alcançou sucesso literário ainda jovem. Entre 1905 e 1930 escreveu mais de 20 livros, além de peças teatrais. Com a ascensão dos nacionalistas em 1933, suas obras são censuradas e queimadas em praça pública. Nesse mesmo ano, Kurt Munzer se refugia na Suíça, país em que permanece até o fim da sua vida. Em sua obra, encontramos temas como a identidade judaica, a relação entre a arte e a vida, alienação interpessoal e a miséria do proletariado na cidade de Berlim. Disponível em: <http://de.wikipedia.org/wiki/Kurt_M%C3%BCnzer>. Acesso em 20 fev. 2015.

¹²⁸ *Tenho fome*, cujo título original é *Mich hungert*, foi traduzido para mais de 13 idiomas e, em 2014, ano do centenário da Primeira Guerra Mundial, ganha nova edição, retornando ao mercado alemão pela editora Metrolit.

¹²⁹ A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) começou devido ao assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono austro-húngaro, por um militante sérvio. O incidente apenas antecipou o conflito generalizado que vinha sendo alimentado desde o século XIX, com tensões de ordem política entre grandes nações do mundo todo. No confronto, Áustria-Hungria se uniu a Alemanha, Turquia e Bulgária para enfrentar França e Inglaterra que receberam apoio da Rússia e mais 18

um romance familiar. Embora a fome pela ausência de comida devido à extrema pobreza esteja presente no livro, este retrata a fome por amor, educação, vida digna em uma Alemanha devastada pelo conflito.

A história de um garoto pobre, meio judeu, que vive com certo conforto até o fim da herança de sua mãe, com as conseqüentes adversidades que sua família passa a enfrentar, como um pai violento, alcoólatra e ausente; uma mãe cansada que trabalha lavando roupas por poucos trocados; a irmã que, na necessidade, passa a se prostituir, ultrapassa o registro de um drama familiar particular para retratar com sensibilidade as dificuldades enfrentadas por toda uma geração naquele país. O livro começa com estes parágrafos:

Tenho fome!

Com êste imperativo começa minha vida consciente. Esta é a minha primeira lembrança e a minha primeira sensação: tenho fome.

Vegetara na inconsciência, bafejado pela proteção materna. Só hoje completo o meu nascimento - surpreendo-me nascido de todo - e saio para a existência clara e palpável. Sinto que tenho fome... e, assim, abro os olhos para a realidade da vida.

Naquele tempo morávamos num quarto andar do Gartenstrasse, junto à estação de Stettin e próximo à rua dos Inválidos, o enorme boulevard do distrito Norte, no bairro pobre. Nossas três janelas olhavam para o bulício da estação e para as paralelas dos trilhos que se perdiam entre os telhados e construções ferroviárias. Os apitos estridentes, o pesado e barulhento roar dos trens não se interrompia nem de dia nem de noite. Por isso minha mãe sofria de uma constante dor de cabeça, e vivia com um pano úmido à frente. Ela dormia numa das salas da frente. Minha irmã, meu irmão e eu, tínhamos um quarto nos fundos, pegado a cozinha.

Então, vivíamos folgadamente. Mamãe recebera de minha avó a parte que lhe correspondia numa pequena herança, o que nos permitia viver com relativo conforto. Sem dúvida, na noite que acordei para a existência, o último centavo desse pobre legado já havia desaparecido. Desde esse instante passei a ocupar um lugar no espaço, assumi um posto na vida. Aí começam minhas recordações. (FINK, 1944, p. 7)

Segundo os relatos dos familiares (ISABEL, 2012; PASTORE et al., 2012), Osvaldo Moles foi um poliglota autodidata, no entanto, nenhum parente confirma a fluência no idioma alemão, o que nos leva a crer que a tradução foi realizada não do original, mas de outra tradução. Também acreditamos, até pelo ano em que a edição brasileira é publicada, que Osvaldo Moles teve acesso, ou pelo menos interesse pelo livro por causa de seu cunhado, José de Oliveira Ramos, médico militar que foi com a Força Expedicionária Brasileira (FEB) para a Itália durante a Segunda Guerra Mundial e dessa experiência escreve o livro *A epopeia dos Apeninos* (1947).

Diferente da Primeira Guerra Mundial, em que o Brasil não participa do confronto, a Segunda Guerra Mundial causa desconforto para o governo brasileiro representado pelo Presidente Getúlio Vargas que mantinha relações comerciais e diplomáticas com Alemanha e Estados Unidos. Diante da eclosão do conflito, em 1939, o governo brasileiro declara neutralidade na Conferência do Panamá realizada em setembro. Internamente Getúlio Vargas mantinha um regime ditatorial nacionalista, com uma política protecionista à indústria nacional, que ideologicamente tinha maior aderência ao estado alemão do que o regime democrático neoliberal pregado pelos Estados Unidos, contudo, no ano seguinte, na convenção realizada em Havana, Cuba, o Brasil, com outras nações, afirma “a solidariedade continental em face de uma agressão externa a qualquer país do continente”¹³⁰. O governo estadunidense, preocupado com a influência germânica presente em toda América Latina, inicia forte campanha de propaganda política, oferecendo inclusive recursos financeiros para os países subdesenvolvidos. Nesse processo o governo brasileiro conseguiu¹³¹, por exemplo, um empréstimo no valor de US\$ 20 milhões com o Eximbank, destinado à criação da Companhia Siderúrgica Nacional¹³².

Visando especificamente ao apoio brasileiro, o presidente Roosevelt favoreceu a ida aos Estados Unidos da Missão Aranha e a assinatura de uma série de acordos, que previam a concessão de créditos ao Brasil em troca do compromisso do governo brasileiro de regularizar o pagamento das dívidas e das remessas de lucros. Além disso, Washington iniciou ferrenha batalha contra a forte presença germânica no continente latino-americano em geral, e no Brasil em particular, através de uma ofensiva político-ideológica sem precedentes na história das suas relações. Na expressão cunhada pelo historiador Gerson Moura, era o Tio Sam que chegava ao Brasil para fazer frente ao fantasma do Eixo.

Até que o alinhamento do Brasil aos Estados Unidos se consolidasse, entretanto, Vargas procurou obter financiamento para a criação da Companhia Siderúrgica Nacional, assim como para o reequipamento e modernização das Forças Armadas. Os Estados Unidos, por seu lado, reivindicavam permissão para o estacionamento de tropas norte-americanas bases do Nordeste e o fornecimento de materiais estratégicos. Esse processo de negociação do alinhamento chegou ao fim com a entrada dos Estados Unidos na guerra após o ataque japonês à base norte-americana de Pearl Harbor, em dezembro de 1941. A partir de então, e tendo em vista os compromissos assumidos pelo Brasil desde a Conferência de Havana,

¹³⁰ O Brasil na guerra. CPDOC-FGV. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/OBrasilNaGuerra>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

¹³¹ Ressaltamos que o Brasil conseguiu outras vantagens nesse período, porém após o fim da guerra, houve diversas promessas não cumpridas por parte do governo dos Estados Unidos.

¹³² Criação da Companhia Siderúrgica Nacional. CPDOC-FGV. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EstadoEconomia/CSN>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

tornou-se inevitável o rompimento de relações diplomáticas do Brasil com os países do Eixo.¹³³

O capítulo que inaugura o livro escrito por José de Oliveira Ramos é destinado a explicar os motivos que levaram o Brasil a entrar na guerra. Entre estes, talvez o principal tenha sido o abate de navios civis brasileiros, dentro da costa brasileira, por submarinos alemães. Após descrever o abatimento do primeiro navio, o *Buarque*, em 15 de fevereiro de 1942, o autor escreve:

Assim foi o afundamento do “Buarque”, o primeiro navio brasileiro atingido pelos traiçoeiros torpedos nazistas. Estava iniciada a longa série de criminosos atentados contra a navegação brasileira. A princípio, embora em zona fora do bloqueio alemão, longe de nossas costas. Mais tarde, em agosto de 1942, os submarinos alemães vieram buscar suas vítimas dentro das águas brasileiras, junto de nossas costas, nas linhas de cabotagem, entre portos nacionais. Os navios Olinda, Arabutan, Cairú, Parnaíba, Comandante Lira, Gonçalves Dias, Alegrete, Pedrinhas, Tamandaré, Barbacena, Piave, Lages, Osório, Anial, Benévolo, Baependí, Itagiba, Araraquara, foram, um a um, seguindo o mesmo destino do Buarque. Torpedeados, canhoneados, metralhados, pelos submarinos alemães, sem aviso prévio, traiçoeira e covardemente, nossos navios iam sendo destruídos, levando para o fundo do oceano, no bojo de seus cascos dilacerados pelas explosões, preciosas vidas e carregamentos de valor. (RAMOS, 1947, p. 20)

Diante dos naufrágios, diversas entidades, incluindo a União Nacional dos Estudantes (UNE)¹³⁴, fizeram campanha para que o Brasil entrasse na guerra. Os jornais também noticiavam os acontecimentos, no entanto, sob a censura do DIP, muitas vezes eram silenciados, como relata José de Oliveira Ramos, no caso do naufrágio do *Taubaté*:

Naquela época a imprensa vivia sob o controle absoluto do D.I.P., o que mostra claramente a influência de elementos oficiais germanófilos, que procuravam encobrir o atentado do “Taubaté”, dando excepcional relêvo às violações britânicas.

Aos inúmeros torpedeamentos de navios nacionais, em águas estrangeiras, nosso governo, seguindo os impulsos pacíficos do povo, que não desejava a guerra, apenas respondeu confiscando parte dos bens de súditos do Eixo, aqui residentes.

Praticamente não foram tomadas medidas eficientes para evitar novos torpedeamentos. Os navios continuaram corajosamente a enfrentar o perigo, com despreendimento e fatalismo. E os afundamentos se sucediam, dois a três por mês. (RAMOS, 1947, p. 23)

O Brasil só declara guerra em agosto de 1942, mesmo assim, as tropas

¹³³ O Brasil na guerra. CPDOC-FGV. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/OBrasilNaGuerra>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

¹³⁴ O Brasil na guerra. CPDOC-FGV. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/OBrasilNaGuerra>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

brasileiras permanecem no país até o embarque do primeiro escalão no dia 29 de junho de 1944, desembarcando na cidade de Nápoles no dia 16 de julho do mesmo ano. Simpatizantes da causa alemã, chamados de “germanófilos”, inclusive dentro do governo brasileiro, transmitiam informações noticiadas no mesmo dia pela Rádio Berlim, por isso, sob a liderança do Gal. Mascarenhas de Moraes, muitas ações da FEB foram realizadas de maneira sigilosa. O próprio episódio do embarque das tropas brasileiras citado acontece sem que os soldados soubessem antecipadamente o dia do embarque. Para José de Oliveira Ramos, o posicionamento de Getúlio Vargas era ambíguo, antes da declaração de guerra:

O Presidente Getúlio Vargas, que na política internacional conservava os mesmos métodos de sua política interna, manhosos e indeciso, à procura sempre de uma corrente mais forte para seguir, tateando daqui e dali; chefe de um governo que se dizia democrático, mas na realidade era de francas tendências nazi-facistas; criador do Estado Novo, que nunca chegou a ser claramente explicado, mas inegavelmente era totalitário, Getúlio Vargas (e com êle todo o Govêrno, já se vê) não oferecia ao povo brasileiro um ambiente psicológico favorável a uma reação mais rápida e intensa contra o Eixo. (RAMOS, 1947, p. 27)

O livro apresenta documentos importantes reproduzindo cartas do alto escalão, fotos e até mapas da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. Partindo da preparação, treinamento, vacinação e soldo dos soldados brasileiros, José de Oliveira Ramos reproduz com grande fidelidade os dados anotados em seus diários de viagem, descrevendo inclusive como as tropas brasileiras foram bem recebidas pelos civis italianos. O fim da Segunda Guerra Mundial no ano de 1945, coincide com o fim do governo de Getúlio Vargas, que durou 15 anos.

4. A MUDANÇA DE MEIO: OSVALDO MOLES FAZ SUA ESTREIA NO RÁDIO PAULISTA

Neste capítulo retomamos a sequência da carreira profissional de Osvaldo Moles em paralelo ao desenvolvimento da cidade de São Paulo e os meios de comunicação em que ele atua. Veremos sua estreia no rádio, na PRG-2 Rádio Tupi de São Paulo no ano de 1937 e depois a passagem para a PRB-9 Rádio Record de São Paulo, no ano de 1941, veículo no qual permanece trabalhando ao longo de toda sua vida, com exceção dos anos de 1951 até 1955, em que atua na PRH-9 Rádio Bandeirantes. Sobre a produção radiofônica de Osvaldo Moles, apresentamos no “Apêndice III” uma listagem com os programas de rádio criados pelo radialista, assim como informações de elenco, personagens, ano, etc., sempre que estas estiverem disponíveis nas bases de dados consultadas. Com isso, faremos menções pontuais a poucos programas, apenas quando necessário para contextualizar a obra de Osvaldo Moles ou exemplificar determinado fato ocorrido.

4.1. Afinidades carnavalescas entre Osvaldo Moles e Adoniran Barbosa na década de 1930

Voltando a 1935, encontramos significativas alterações no Carnaval da cidade de São Paulo por parte do poder público. Com Fabio Prado frente à prefeitura da cidade, foi criada a Comissão Oficial do Carnaval Paulista (COCP) integrada por membros da prefeitura e do *Touring* Clube do Brasil, sendo que este recebe aporte financeiro via patrocínio da “*Associação Comercial, Federação das Indústrias, estações de rádio, imprensa, sociedades carnavalescas e esportivas*” (SILVA, 2008, p. 152). Até então, o elitizado Carnaval paulistano era bem visto em bailes luxuosos dos clubes e reprimido em suas manifestações populares, com entrudos proibidos e cordões enfrentando confusões com a polícia, sendo que, somente a partir do ano de 1935, os festejos da programação oficial trazem espaços para a participação da população em geral.

A programação oficial sinaliza, portanto, para a mudança de postura dos poderes públicos e de participação diferenciada na organização desse evento, abandonando a conotação acentuadamente repressora que marcara sua atuação nesses festejos. Outro aspecto dessa parceria – entre a iniciativa privada e o poder público na organização desses folguedos – era a garantia de muitos negócios para a iniciativa privada e o retorno aos

cofres oficiais de alguns recursos empenhados. Assim o programa oficial – organizado pelo Touring Club e aprovado pela prefeitura – trata de diferentes dimensões da preparação dessas festividades (SILVA, 2008, p. 152).

Entre os eventos oficiais programados estava o “Primeiro Concurso Oficial de Músicas Carnavalescas da Cidade de São Paulo” realizado no Teatro Boa Vista, que teve na categoria samba, o primeiro e o segundo lugar destinados ao cantor Paraguassu¹³⁵, com as músicas *Vagabundo* e *Saberei me vingar*, enquanto na categoria marchas, o segundo lugar foi para a dupla Alvarenga e Ranchinho¹³⁶, com a marchinha *Sae, Feia* e o primeiro lugar para Adoniran Barbosa, com a marchinha *Dona Boa*, composta pelo sambista paulista em parceria com J. Aimberê¹³⁷. Lembrando que, em 1935, Adoniran Barbosa ainda não era conhecido pelo grande público e tentava sem sucesso a carreira de cantor de sambas. Ficava andando pelos bares do Centro e fazia amizades com locutores e artistas das rádios, mas ninguém lhe dava uma oportunidade. A primeira delas, veio um ano antes, em 1934, quando o *speaker* Jorge Amaral, cansado da insistência do João Rubinato¹³⁸ abre os microfones da PRA-5 Rádio São Paulo em seu programa de calouros, mas ao final da apresentação declara: “*Sua voz é boa para acompanhar defunto*” (CAMPOS JR., 2009, p. 31). No entanto, em 1935, Adoniran Barbosa ganha o “Primeiro Concurso Oficial de Músicas Carnavalescas da Cidade de São Paulo” representando a mesma PRA-5 Rádio São Paulo, a convite do próprio Jorge Amaral, que se viu sem opção, já que todos os cantores da época tinham fechado contrato com outras emissoras de rádio em São Paulo ou no Rio de Janeiro.

Foi no início do ano seguinte, em 1935, que a próxima oportunidade apareceu e em estúdio pouco provável. A mesma rádio São Paulo que o dispensou, chamava-o de volta na rua 7 de Abril, para entrar nos modernos estúdio iluminados com gás neon e animar o carnaval daquele ano. O

¹³⁵ Roque Ricciardi tinha contrato de exclusividade com a PRB-6 Rádio Cruzeiro do Sul. Seu nome artístico era Paraguassu, mas também era chamado pelas alcunhas de “italianinho do Brás” ou “cantor das noites enluaradas”.

¹³⁶ Dupla formada por Murilo Alvarenga e Diésis dos Anjos Gaia. Além das apresentações nas rádios, a dupla fazia um *show* com músicas e piadas, apresentando-se em circos e teatros por todo o Estado de São Paulo.

¹³⁷ José Aimberê de Almeida foi maestro em diversas companhias de teatro de revista, além de ter composições gravadas por nomes de peso da radiofonia nacional como Francisco Alves, Gastão Formenti, Arnaldo Pescuma e Otilia Amorim.

¹³⁸ No ano de 1934, Adoniran Barbosa ainda não tinha adotado seu nome artístico e foi anunciado na PRA-5 Rádio São Paulo com o nome de João Rubinato. Segundo Campos Jr. (2009, pp. 30–32), foi após o fracasso dessa primeira experiência no rádio, que ele atribuiu ao seu nome, acreditando que João Rubinato não era nome de sambista, que ele decidiu adotar a alcunha de Adoniran Barbosa, inspirado no amigo Adoniran Alves, funcionário da Empresa de Correios e Telégrafos e no cantor e compositor Luiz Barbosa.

convite foi do mesmo Jorge Amaral, que não sofreu nenhum tipo de deficiência auditiva, apenas se viu sem alternativa diante do avassalador progresso, o mesmo que estava transformando a cidadezinha de Piratininga na poderosa metrópole dos dias atuais. (MICHELETTI, 2012b, pp. 32–34)

A estratégia de Jorge Amaral era:

Já que rapidamente, todos os cartazes¹³⁹ da época tinham sido capturados pelas emissoras concorrentes, a rádio São Paulo se viu quase sem escolha. O jeito era chamar um jovem animado, disposto, - e rezar para o povo abençoar. Para as semanas que antecediam o evento, a rádio São Paulo contava com o cartaz do carioca Lamartine Babo¹⁴⁰, mas durante os três dias de festa, quando "Arlequim, Pierrot e Colombina" estivessem soltos na avenida, o cantor iria para o Rio de Janeiro, fazer shows antecipadamente programados.

Com a escassez de cantores no mercado, Jorge Amaral remanejou a dupla de comediantes Alvarenga e Ranchinho, que puxavam algumas marchinhas para divertir os ouvintes e convidou Adoniran Barbosa, que aceitou na hora, formando o trio que ficaria conhecido como "Os Mosqueteiros da Garoa". Passando a se apresentar diariamente, como coadjuvantes do programa comandado por Lamartine Babo, Jorge Amaral esperava que o trio conquistasse carisma suficiente para cativar os ouvintes e manter a audiência durante os dias de folia. (MICHELETTI, 2012b, p. 35)

Diante da conquista da premiação, o que era para ser um paliativo tornou-se grande destaque no Carnaval de 1935, garantindo o sucesso da audiência da emissora que tinha a "Estação que cresce com São Paulo" como *slogan*. No jornal *Folha da Noite*, uma publicidade da época informava: "*O baralho tem um ás de ouro, mas a PRA-5 tem três ases de ouro. Alvarenga, Ranchinho e Adoniran Barbosa. Os vencedores do concurso de marchinhas para o Carnaval de 1935*"¹⁴¹.

"Componentes dos "Mosqueteiros da Garôa", Adoniran Barbosa, Ranchinho e Alvarenga, demonstraram, numa prova pública, o que sabem fazer para o Carnaval. "Dona Bôa" e "Sae, Feia!" nasceram na Radio S. Paulo. E seus autores também nasceram na Radio S. Paulo.

A victoria de seus "azes", no concurso de composições da PR - A 5, Radio S. Paulo, no Carnaval Paulista de 1935. "Dona Bôa" e Sae, feia!" venceram numa verdadeira consagração publica, que foi uma consagração aos reis deste Carnaval."¹⁴²

¹³⁹ Os artistas de rádio famosos também eram chamados por "cartazes".

¹⁴⁰ Lamartine de Azeredo Babo (Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1904 — Rio de Janeiro, 16 de junho de 1963) foi um dos mais importantes compositores populares do Brasil.

¹⁴¹ *Folha da Noite*, São Paulo, 14 fev. 1935, p. 3. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fdn/1935/02/14/1//4676178>>. Acesso em: 17 mai. 2013.

¹⁴² *Folha da Noite*, São Paulo, 14 fev. 1935, p. 3. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fdn/1935/02/14/1//4676178>>. Acesso em: 17 mai. 2013.

Figura 41 - Detalhe da publicidade em que Adoniran Barbosa aparece como um dos três “azes” da PRA-5 Rádio São Paulo



**Os vencedores do concurso de marchinhas para o
CARNAVAL DE 1935**

Fonte: *Folha da Noite*, São Paulo, 14 fev. 1935, p.3. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fdn/1935/02/14/1//4676178>. Acesso em: 17 mai. 2013.

Com o término das festividades, a PRA-5 Rádio São Paulo efetua os pagamentos combinados e dispensa Adoniran Barbosa que continua sem êxito, na sua busca por um espaço definitivo como profissional do rádio paulista.

Oswaldo Moles por sua vez passa a ter uma relação próxima com o Carnaval paulista, segundo registro que encontramos, na posse da diretoria do “Centro Paulista de Chronistas Carnavalescos” (CPCC), realizada às 16h do dia 24 de outubro de 1936, em que ele passa a compor a “Comissão de Syndicancia” da entidade¹⁴³.

Durante o periodo que precede aos folguedos momisticos e quando Rei Momo impera em nossa Capital, o Centro Paulista de Chronistas Carnavalescos tem uma acção importante, orientando o publico e contribuindo para que as festas obtenham ruidoso exito.

Foliões incansaveis, os rapazes da chronica "barulhenta" dominam a cidade com seus ditos jocosos, fazendo humorismo fino em torno dos figurões dos grandes clubes e das pequenas sociedades.

A nova directoria do C.P.C.C., eleita recentemente, reúne a maioria dos chronistas e, em boa hora, conta também com os rapazes das nossas emissoras, o que sem duvida fará que o carnaval de 1937 tenha uma propaganda mais intensa¹⁴⁴.

¹⁴³ Nova directoria do Centro Paulista de Chronistas Carnavalescos. *Folha da Manhã*, São Paulo, 24 out. 1936, p. 4. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fdm/1936/10/24/1//4600013>>. Acesso em: 17 mai. 2013.

¹⁴⁴ A entidade que orienta os folguedos momísticos em nossa capital elegeu sua nova diretoria.

Em 17 de janeiro de 1937, o CPCC promovia a criação do “Dia do Chronista Carnavalesco”¹⁴⁵, com uma ceia em comemoração, realizada à meia noite no restaurante Carlino e o *Correio Paulistano* informava que “a data será oficialmente consagrada por meio de uma grande ceia, ao estylo das bacchanaes romanas, porém uma bacchanal modernizada e sincronizada”, referindo-se ao Centro Paulista de Chronistas Carnavalescos como “o heroico batalhador do carnaval popular, conseguindo o milagre de arrancar o povo paulistano de suas casas e trazelo á rua”. A essa ceia estavam presentes representantes da “Associação Paulista de Imprensa, do Departamento de Cultura da Municipalidade, da Cia. Antarctica Paulista, da Rhodia Brasileira”¹⁴⁶, entre outras entidades, evidenciando que a iniciativa de promover um Carnaval popular no ano de 1935 teve sequência nos anos consecutivos, com a festa crescendo a cada ano e com patrocínios maiores por parte da iniciativa privada.

A matéria acompanhava a caricatura de alguns dos fundadores do C.P.C.C. apelidando os jornalistas: Balakubako era Dsv. Silveyra; Rick-Fife era o Ricardo Romera, diretor-gerente da *Revista de São Paulo*; Buridan era o Gumercindo Fleury, presidente honorário da *Gazeta*; Carlito Jr. era o Francisco Synesio Filho; Pintamonos era Rubens de Assis, o antigo diretor do *O Dia*; Bate-Bate era Alvaro Vieira, tenista por índole, carnavalesco por paixão, “Ministro da Fazenda” do C.P.C.C., “cozinheiro” do *Correio Paulistano* e funcionário da Federação dos Industriais; e Tamborim era Osvaldo Moles, “um noviço, mas um carnavalesco de raça. É um dos bambas da 5ª e do domingo do 'Bandeirante' - sim, do 'Bandeirante da Imprensa Paulista’.”¹⁴⁷

Correio Paulistano, São Paulo, 20 nov. 1936, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_08&PagFis=15328>. Acesso em: 17 mai. 2013.

¹⁴⁵ O dia do chronista carnavalesco. *Correio Paulistano*, São Paulo, 17 jan. 1937, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_08&PagFis=16340>. Acesso em: 18 mai. 2013.

¹⁴⁶ Os rapazes do C.P.C.C. reunir-se-ão hoje, á meia noite, no restaurante carlino. *Correio Paulistano*, São Paulo, 17 jan. 1937, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_08&PagFis=16340>. Acesso em: 18 mai. 2013.

¹⁴⁷ O dia do chronista carnavalesco. *Correio Paulistano*, São Paulo, 17 jan. 1937, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_08&PagFis=16340>. Acesso em: 18 mai. 2013.

Figura 42 - Caricatura de Osvaldo Moles e outros diretores do C.P.C.C.



Fonte: O dia do chronista carnavalesco. *Correio Paulistano*, São Paulo, 17 jan. 1937, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_08&PagFis=16340. Acesso em: 18 mai. 2013.

4.2. PRG-2 Rádio Tupi de São Paulo, “a mais poderosa emissora paulista”

Em 1936, com o propósito de inaugurar a emissora de rádio mais potente do continente, na cidade de São Paulo, Assis Chateaubriand consegue com Iman Greenwood, da General Electric (GE), o capital necessário para o projeto. Contudo, dentro da administração dos *Diários Associados*, parte do dinheiro foi destinada para compra de novos equipamentos e pagamento de dívidas de jornais e revistas pertencentes ao conglomerado. Sem o dinheiro necessário para a abertura da emissora, Chateaubriand reúne famílias tradicionais de São Paulo como os Martinelli, os Penteados, os Guinle, o Abrahão e Samuel Ribeiro, além dos condes

Modesto Leal e Matarazzo, nomeando-os, em seus artigos, como “*os novos reis de Espanha, patrocinadores da aventura em que se meteram esses modestos Colombos do século XX que são os rapazes dos Associados*” (MORAIS, 1994, p. 367) e dessa forma consegue o dinheiro de que precisa.

Fernando Morais (1994), biógrafo de Assis Chateaubriand, escreve que apesar de a emissora ser inaugurada na cidade do Rio de Janeiro, o endereço jurídico estava registrado na cidade de São Paulo e a emissora não foi a mais potente do continente, perdendo nesse quesito para a Rádio Farroupilha, de Porto Alegre. Apesar dessas circunstâncias, a emissora “Tupi, o Cacique do ar”, podia ser ouvida em todo o país e teve grande inauguração com a presença do maestro Heitor Villa-Lobos e de Guglielmo Marconi, considerado o inventor do rádio e ganhador do *Prêmio Nobel de Física* no ano de 1909 ao lado de Fernando Karl Braun, em reconhecimento às contribuições para o desenvolvimento da telegrafia sem fio.

No ano seguinte o projeto de uma emissora paulista obtém êxito e, no dia 03 de setembro de 1937, a PRG-2 Rádio Tupi de São Paulo é inaugurada:

“...É São Paulo que se liga espiritualmente não mais as incultas tribos vizinhas ou ao primeiro farol civilizado de S. Vicente, mas às nações irmãs da América do Sul e, principalmente, ao Brasil inteiro que, neste instante nos pôde ouvir...” Essa era a voz do prefeito Fábio Prado que irradiava para além das fronteiras brasileiras no discurso inaugural da PRG-2, Rádio Tupy de São Paulo no dia 03 de setembro de 1937. No ano seguinte a inauguração da primeira emissora de rádio dos Diários Associados, a versão paulista da rádio Tupi ultrapassava a potência da emissora carioca, sendo considerada a mais potente emissora da América Latina. Com 26 quilowatts em seu transmissor, a Rádio Tupi de São Paulo podia ser ouvida, em ondas curtas, mesmo nos países vizinhos de nossa extensa fronteira.

Os três estúdios e o grande auditório da emissora paulista de Chateaubriand ficavam localizados no edifício Guinle, situado a rua 7 de Abril, e além do prefeito de São Paulo, Fabio Prado, o governador Cardozo de Mello Neto e Chateaubriand pronunciaram seus discursos na audição inaugural. O primeiro programa da emissora - após os discursos - foi comandado pelo speaker Ricardo Mascarenhas, que veio do Rio de Janeiro para a ocasião. A orquestra sinfônica da Rádio Tupi, regida pelo maestro Souza Lima, o Orpheon da Brigada Militar de Pernambuco e até o cantor internacional Pedro Vargas também fizeram suas apresentações no decorrer da programação daquele dia. (MICHELETTI, 2012b, pp. 91–92)

Sobre a entrada de Osvaldo Moles na PRG-2 Rádio Tupi de São Paulo, ouvimos relatos de que este teria participado da fundação da emissora, sendo o único redator da casa, o que é possível, já que sua saída do *Correio Paulistano* acontece em agosto de 1937¹⁴⁸ e a Rádio Tupi é inaugurada no mês seguinte.

¹⁴⁸ Demissão em massa dos redactores do "Correio Paulistano". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19

Segundo depoimento coletado por Celso de Campos Jr. (2009), Osvaldo Moles, com seu humor característico declarou certa vez que começou a trabalhar no rádio porque odiava o meio:

A quem lhe perguntasse o motivo da mudança, o sempre espirituoso Moles jurava ter sido obra de um vizinho fanático pelo Vicente Celestino. “Ele ligava o rádio tão alto que aquilo era instrumento de suplício, ecoando nas tardes quietas do domingo. Então, para me livrar do rádio do vizinho, resolvi entrar para o rádio. E me liberei mesmo. Nunca mais ouvi rádio.” (CAMPOS JR., 2009, p. 116)

Em outro depoimento, colhido da *Revista do Rádio*, Osvaldo Moles explica como entra para o meio e quais foram seus primeiros trabalhos:

- Como foi que V. entrou no rádio?
- A porta era pequena demais... o porteiro queria cartão de visita pra botar na bandeja. Eu não tinha. Então, meti a cara na porta dos fundos... e comecei como locutor.
- Quem é esse perna de pau que está falando aí? (disse o Antônio Hermann Dias Menezes). O Perna de Pau era eu.
- E depois?
- Daí, fui para a redação. Minha primeira grande obra radiofônica foi um programa da então Casa Alemã, em que eu tinha de falar liricamente de tapetes e da baterias de cozinha. Ora, botar adjetivos em alumínio é duro. Tenho a impressão de que fracasei, porque o Mota Neto, que era o locutor, não ia muito com a cara dos meus “scrits” e mudava sempre... Não me restava nada a tentar no rádio... Então, me lembrei de fazer um programa de Carnaval. Fêz sucesso, porque eu cantava também. E a turma reconheceu que “o pior cantor do rádio” tinha talento para escrever humorismo.¹⁴⁹

Na mesma entrevista, quando questionado sobre qual seu primeiro programa, Osvaldo Moles relembra o primeiro roteiro que escreveu e fez algum sucesso:

- O primeiro programa seu, qual foi?
- Eu estava, assim, tentando me libertar da pecha de organizador de programas de carnaval, porque me disseram que “não era coisa para gente séria”. Vai daí, escrevi o primeiro programa montado, em que havia um cidadão mexicano que tinha vindo ver Pedro Vargas. Ora, o Pedro Vargas cantava logo depois do meu programa. Vai daí, por questão de osmose, de vizinhança excelente no horário, meu programa fêz sucesso. Mas, um dia, quando o Pedro Vargas se foi... a audição redundou num fracasso, porque ninguém entendia nada. Nem eu. Nem o diretor da estação de rádio, que me botou outra vez para escrever sobre as doces qualidades dos tapetes da casa Alemã.¹⁵⁰

ago. 1937, p. 14. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19370819-20818-nac-0014-999-14-not>>. Acesso em: 23 set. 2014.

¹⁴⁹ Osvaldo Moles conta a sua história. *Revista do Rádio*. Rio de Janeiro, 17 fev. 1953, p. 47. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=9121>>. Acesso em: 04 fev. 2015

¹⁵⁰ Osvaldo Moles conta a sua história. *Revista do Rádio*. Rio de Janeiro, 17 fev. 1953, p. 47. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=9121>>.

De acordo com a catalogação que fizemos dos programas criados e/ou roteirizados por Osvaldo Moles¹⁵¹ (APÊNDICE III), para a PRG-2 Rádio Tupi de São Paulo, encontramos apenas *Programa de Natal*, *Cocktail Musical*, irradiado vários dias da semana, sempre após às 17h¹⁵² e um especial para o concurso *Cinquentenário R. Monteiro*.

Fundada em 1889, as lojas R. Monteiro & Cia. - "*a tradição no commercio de tecidos*" - preparou um grande concurso envolvendo todas as estações de rádio de São Paulo para comemorar o cinquentenário de suas lojas. Em "*uma brilhante disputa entre todas as Emissoras Paulistanas*" com os jurados Bastos Barretto, Brazil Falcão, Milciades Porchat, Origenes Lessa e o jornalista Monteiro Lobato, o concurso estreava com o programa da rádio Tupi de São Paulo, irradiado às 21h30 de domingo, dia 4 de junho de 1939. Sempre no ar às 21h30, o jornal O Estado de São Paulo anunciava os dias em que cada emissora paulista transmitiria seu programa participante da disputa que durou uma semana. Na segunda-feira, dia 5 era a vez da rádio Diffusora e assim sucessivamente as rádios Excelsior, Record, Cruzeiro do Sul, São Paulo, Bandeirantes e no domingo seguinte, no dia 11 de junho a rádio Cultura completava as irradiações dos programas. (MICHELETTI, 2012b, p. 103)

Para esse concurso, Osvaldo Moles aproveitou a parceria que Assis Chateaubriand formou com Joaquim Rolla¹⁵³, proprietário do Cassino da Urca no Rio de Janeiro para juntar no mesmo programa três atrações internacionais e uma orquestra brasileira, assim, o programa da PRG-2 Rádio Tupi para o concurso contou com a participação de Josephine Baker¹⁵⁴, com a orquestra de Francisco

Acesso em: 04 fev. 2015

¹⁵¹ Ressaltamos que Osvaldo Moles não menciona o nome dos programas para a Casa Alemã, e os programas de Carnaval citados na entrevista para *Revista do Rádio*, portanto, estes não aparecem na listagem apresentada no Apêndice III desta dissertação.

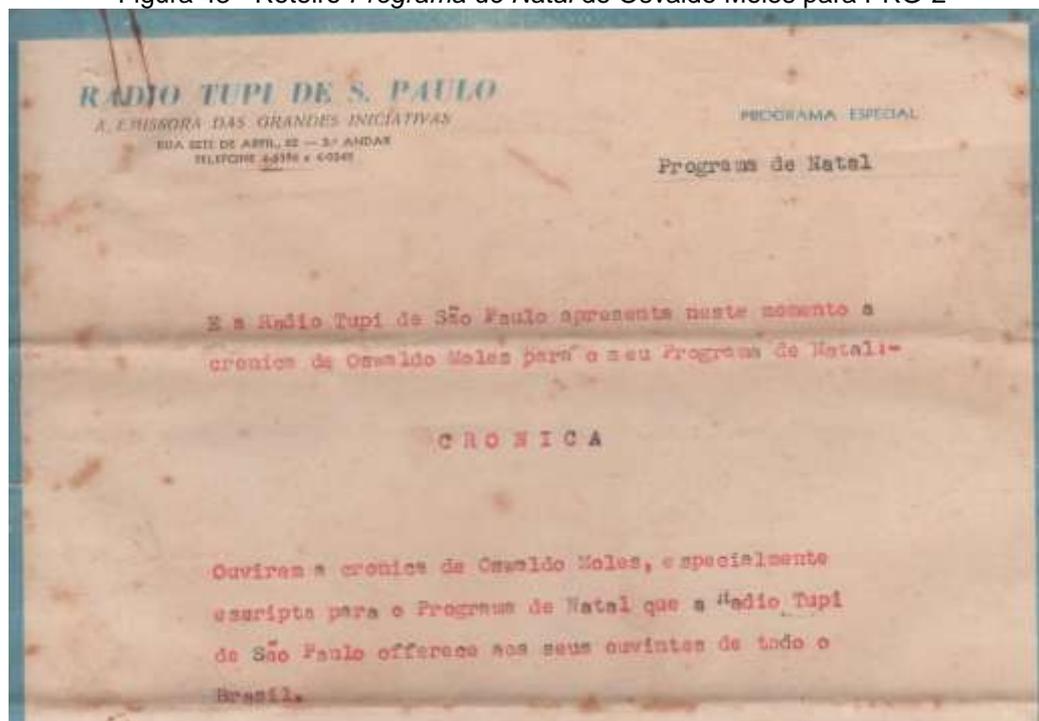
¹⁵² Encontramos nos periódicos da *Folha de São Paulo* diversas chamadas contendo a informação de que as crônicas eram de Moles. Além disso, nas diversas chamadas, a data e o horário do programa variavam, sendo na maioria das entradas entre às 17h e 18h.

¹⁵³ Segundo João Perdigão e Euler Corradi (2012) antes de se conhecerem pessoalmente Assis Chateaubriand e Joaquim Rolla, já haviam trocado afrontas em seus artigos publicados nos jornais da época. No entanto, os dois, que apoiaram a ascensão de Getúlio Vargas em 1930, haviam ficado contra o presidente durante a Revolução em 1932, fato que os transformou em presos políticos, no presídio do Méier, no Rio de Janeiro. Foi na cadeia, dividindo a mesma cela, que os dois se conheceram pessoalmente e, a partir dali, fortaleceram uma grande amizade. Nos negócios, dividiram muitas vezes os cachês de artista internacionais, que durante o dia cantavam na Rádio Tupi e à noite faziam *shows* no cassino da Urca.

¹⁵⁴ Josephine Baker, a "Vênus de Ébano"! A atriz americana com descendência indígena e africana; de infância pobre e que a oportunidade de substituir uma dançarina na peça *Revue Negre*, em 1925, em Paris, na França tornou-a famosa, estava no Brasil para temporada de um mês no Cassino da Urca. Joaquim Rolla contratou a diva - que veio a bordo do Alsina - direto de uma temporada de Montevideú, no Uruguay, e sua estreia na baía de Guanabara aconteceu numa terça-feira, durante o jantar beneficente em prol da Sociedade Pestalozzi de Belo Horizonte em Minas Gerais, organizado pela primeira dama Darcy Vargas. Noite que, a pedido de Rolla, não apresentou seus números mais sensuais, mas nas noites posteriores ao evento, ela subia aos palcos vestindo apenas sua famosa minissaia de bananas e se apresentava com os seios nus para delírio do público masculino.

Canaro¹⁵⁵, com Pedro Vargas¹⁵⁶ e com a orquestra de Cyro Rimac¹⁵⁷, sendo consagrado campeão do concurso *Cinquentenário R. Monteiro*, pelo voto popular dos ouvintes¹⁵⁸. As lojas R. Monteiro & Cia ainda sortearam para os ouvintes da época "*50 cortes da casimira imperial cincoentenário*" (MICHELETTI, 2012b, p. 105).

Figura 43 - Roteiro *Programa de Natal* de Osvaldo Moles para PRG-2



Fonte: Acervo pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Embora não tenhamos tido acesso a grande parte da produção de Osvaldo Moles para a PRG-2 Rádio Tupi, sabemos que este começa a fazer sucesso e a se destacar na equipe da emissora o que chama a atenção do amigo e radialista

¹⁵⁵ Direto da Argentina, a orquestra de Francisco Canaro com seus tangos já apresentados nos quatro cantos do mundo, também subiam - naquele ano - no palco da Urca, dividindo inclusive, o *show* com a Vênus de Ébano, em apresentações conjuntas.

¹⁵⁶ Outro artista internacional que estava com os pés no país em 1939, era o mexicano Pedro Vargas, que apesar do sobrenome, não tinha nenhum parentesco com o presidente. Emocionando a plateia e fazendo grande sucesso com público romântico, Pedro Vargas interpretava boleros, canções rancheiras e temas líricos. Este veio em seu próprio iate, que permaneceu ancorado na enseada da Urca durante seu período no país.

¹⁵⁷ A orquestra de Cyro Rimac, conforme matéria publicada no *O Estado de São Paulo* de 03, de setembro de 1939, sobre apresentação realizada no anfiteatro da PRE-4 Rádio Cultura - no dia anterior -, tinha um vasto e variado repertório, provando que Rimac era *um "sincero conhecedor da musica popular de muitas regiões da terra."* Durante a apresentação - que contou com a participação das cantoras-bailarinas Juanita e Conchita - a orquestra tocou "*melodias tipicamente centro-americanas*"; a rumba, o bolero e la conga, foram interpretadas de maneira singela "*tal como supomos as festas características dos povos da America Central*"; a música mexicana veio impregnada de "*alegria e vivacidade*"; e até as canções populares norte-americanas, com *fox* e *blues* faziam parte do repertório da orquestra.

¹⁵⁸ Os ouvintes das rádios precisavam enviar uma carta para a Rua 25 de Março, nº 533, respondendo a pergunta: "*Qual será a estação vencedora?*".

Octávio Gabus Mendes, que no início dos anos 1940, ocupa o cargo de diretor na PRB-9 Rádio Record de São Paulo e passa a fazer constantes propostas para o radialista. A notícia era corriqueira entre os boatos radiofônicos da época e, em 1941, Osvaldo Moles sede às propostas de Octávio Gabus Mendes e passa a compor a equipe da “Maior”¹⁵⁹, com um “*polpudo salário*”, conforme descreve Celso de Campos Jr.:

Octávio Gabus Mendes foi responsável por levar no primeiro semestre de 1941 outro profissional para a Rádio Record. Este, porém, um reforço na acepção da palavra, com contrato assinado e um polpudo salário a que fazia jus como um dos nomes mais importantes rádio à época: Osvaldo Moles. Com apenas 28 verões nas costas, o redator, diretor, produtor e programador tinha status de veterano na PRB-9. E não era para menos. Estrela da Rádio Tupi desde a sua fundação, em setembro de 1937, Moles despontara como uma espécie de garoto prodígio do mundo cultural paulistano. (CAMPOS JR., 2009, p. 115)

4.3. PRB-9 Rádio Record de São Paulo, “A Maior”, “A que é porque é”

A PRB-9 Rádio Record de São Paulo, que como vimos tem forte ligação com a cidade de São Paulo graças ao apoio que prestou à Revolução Constitucionalista de 1932, foi pioneira em diversas frentes da radiofonia paulista.

No ano de 1933, por exemplo, a emissora contrata Oduvaldo Vianna e a Companhia Sonoarte de Revistas e Comédias Musicadas para dinamizar suas transmissões de “*radiopeças*”. Também é neste ano que começa a transmitir reportagens esportivas aos domingos, fato que consagra Romeu Tuma como o “*speaker metralhadora*”, graças à velocidade nas palavras e à precisão com que este conseguia narrar os jogos de futebol (CAMPOS JR., 2009, p. 112). A PRB-9 Rádio Record de São Paulo foi responsável por trazer grandes cartazes do Rio de Janeiro, para cantar em São Paulo, modificando o cenário do *show business* brasileiro.

Nos início dos anos 30, artista com fama no Brasil só existia no Rio de Janeiro, frequentava o Café Nice e subia ao palco do cassino da Urca e do Copacabana Palace para cantar. Até as poucas gravadoras existentes - RCA Victor, Columbia e Odeon - tinham sua sede localizada na capital federal. A história do show business só começa a mudar quando Paulo Machado de Carvalho decide contratar Carmen Miranda para tocar nos estúdios da PRB-9 Rádio Record. Era julho de 1934 e a “Pequena Notável” só aceitou sair do Rio caso estresse na capital paulista em uma quarta-

¹⁵⁹ “A Maior” e “A que é porque é” eram *slogans* utilizados pela PRB-9 Rádio Record de São Paulo.

feira - segundo ela, dia de sorte para suas estreias. Condição aceita, o empresário paulista inovou também na maneira de comercializar os ingressos para o show - realizado no majestoso teatro Santana -, cobrando preços diferenciados de acordo com a localização do assento na plateia. Assim, em uma ação pioneira, Paulo Machado de Carvalho conseguiu aumentar os lucros para pagar o altíssimo cachê e outros caprichos necessários, porque para que os artistas do Rio aceitassem fazer a longa e cansativa viagem de trem, era necessário hotel cinco estrelas, jantares e outros mimos. O dono da Record era um bom anfitrião e logo, com a indicação da própria Carmen, outros nomes de peso como Francisco Alves e Orlando Silva vieram cantar nos estúdios da emissora. O sucesso entre os ouvintes era garantido, haja visto a estreia de Orlando Silva, em 1937, que levou uma multidão para o centro de São Paulo, obrigando Paulo Machado de Carvalho a contratar seguranças para que o cantor pudesse passar pelo corredor polonês formado frente aos estúdios da "maior". Mesmo assim, uma fã conseguiu marcar, com um beijo de batom, a calça do artista que cantava ao microfone "*Lábios que beijei / Mãos que eu afaguei / Numa noite de luar assim...*" (MICHELETTI, 2012b, p. 109)

O *casting* da emissora era invejável e além de grandes artistas, a rádio Record contava com produtores experientes como Raul Duarte, Octávio Gabus Mendes, Gilberto Martins, Armando Rosas, Blota Jr., Osvaldo Moles e outros. Em nossas pesquisas catalogamos 43 programas¹⁶⁰ criados por Osvaldo Moles para a PRB-9 Rádio Record de São Paulo, sendo 16 destes com a participação de Adoniran Barbosa e acreditamos haver muitos outros. É na emissora do Dr. Paulo Machado de Carvalho que nasce a parceria entre Osvaldo Moles e Adoniran Barbosa, chamados respectivamente de o "*milionário criador de programas*" e o "*milionário criador de tipos*" pela *Revista It* (CAMPOS JR., 2009, p. 162).

Figura 44 - Osvaldo Moles e Adoniran Barbosa



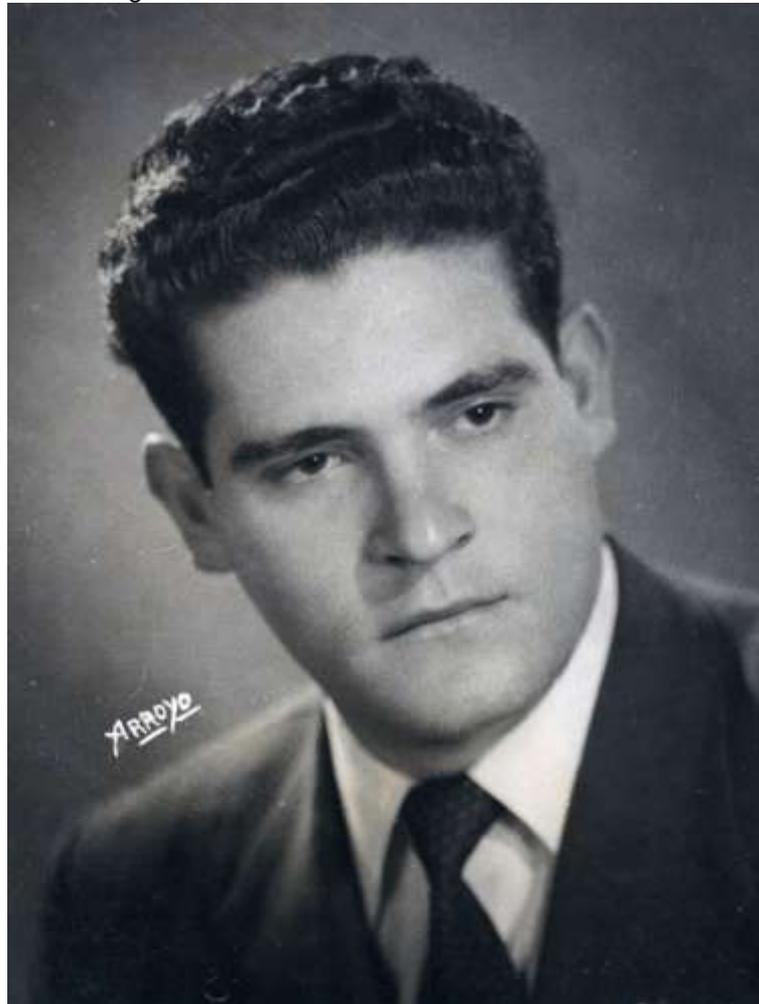
Fonte: Acervo pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

¹⁶⁰ A listagem completa está apresentada no Apêndice III desta dissertação, contendo além do nome dos programas, informações sobre elenco, horário e ano das transmissões, sempre que estas estiverem disponíveis.

4.3.1. Octávio Gabus Mendes investe no talento de Adoniran Barbosa

Octávio Gabus Mendes¹⁶¹ está entre os grandes nomes do rádio brasileiro. Com passagens por diversas emissoras como a Rádio Sociedade e Rádio Nacional no Rio de Janeiro; e nas paulistas Cruzeiro do Sul, Record e Excelsior, Octávio Gabus Mendes passa a trabalhar na PRH-9 Rádio Bandeirantes no final da década de 1930. Nesta emissora, ele assume o cargo de diretor artístico em janeiro de 1939 e em março do mesmo ano é novamente promovido, ocupando a função de superintendente, “*atrás apenas do presidente Domingos Pires, no organograma da empresa*” (CAMPOS JR., 2009, p. 101).

Figura 45 - O radialista Octávio Gabus Mendes



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Com liberdade para criação de novos programas e poder de contratação de

¹⁶¹ Octávio Gabus Mendes também atuou no cinema. Trabalha na Cinédia e assina a direção dos filmes *Mulher* (1931) e *Onde a Terra acaba* (1932).

novos artistas, Octávio Gabus Mendes convida Adoniran Barbosa para estrear no programa *Só... Riso*. Após o sucesso momentâneo do Carnaval de 1935, Adoniran Barbosa continuava sua busca por um lugar definitivo nas emissoras paulistas. No entanto, apesar de seus esforços, não alcançava o sucesso. Em 1937, por exemplo, suas músicas *Adeus Escola*¹⁶² e *Malandro triste*¹⁶³ foram gravadas pelo *Grupo X* e pela cantora Marli; em 1938 Januário de Oliveira gravava outras duas composições dele, assinadas em parceria com Raymundo Chaves: *Você é a melhor do mundo* e o samba *A canoa virou*. Mas nenhuma dessas músicas alcançou grande expressão na época. Apesar de frequentar os bares do Centro de São Paulo e conhecer muitos radialistas e produtores de diferentes rádios paulistas, Adoniran Barbosa só consegue contrato fixo como radioator, através do convite do Octávio Gabus Mendes no ano de 1939:

Para abrir as irradiações da emissora, pela manhã, o novo chefe idealizara o *Só... Riso*, um programa leve e bem-humorado, com curiosidades, crônicas e rápidos esquetes divertidos. Para apresentá-lo, uma surpresa: Adoniran Barbosa. Muita gente não entendeu, mas, antes de qualquer outro produtor, Octávio enxergou no cantor de sambas já um tanto frustrado uma veia cômica que não havia ainda sido explorada por completo - suas participações humorísticas no rádio haviam se limitado a pontas nos quadros do Teatro Alegre. Muito provavelmente, Adoniran não sabia se daria conta do recado, mas não era bobo de desperdiçar tamanha oportunidade. Assim, na manhã de 7 de janeiro de 1939, foi ao ar pela primeira vez na Rádio Bandeirantes o programa *Só... Riso*, escrito por Octávio Gabus Mendes e apresentado por Adoniran Barbosa, com a colaboração de Luiz Quirino dos Santos.

Não foram necessárias muitas semanas para que a aposta de Gabus Mendes se provasse uma jogada genial. Usando e abusando com maestria de tiradas cômicas e imitações, Adoniran Barbosa surpreendeu até mesmo os mais otimistas - claro que eles não eram muitos. *Só... Riso* virou uma das grandes atrações da rejuvenescida emissora da rua São Bento, que emplacava êxito atrás de êxito graças ao talento de Octávio Gabus Mendes (CAMPOS JR., 2009, pp. 100–101)

Com o sucesso do programa *Só... Riso*, a PRA-6 Rádio Educadora Paulista, oferece a Adoniran Barbosa a apresentação do programa *Brincando no ar*, irradiado às 21h, horário nobre do rádio na época e este muda de emissora no mês de agosto de 1939. No ano seguinte, outra proposta leva Adoniran Barbosa para a PRE-7 Rádio Cosmos, com contrato fixo como cantor.

Com a popularização do Carnaval de São Paulo, as festas nos bairros também cresceram, no entanto, os meios de comunicação paulista, em especial as emissoras de rádio, ainda concentravam as coberturas para as festividades

¹⁶² A letra da música *Adeus escola* é assinada por Adoniran Barbosa, Ari Machado e Nilo Silva.

¹⁶³ A letra da música *Malandro triste* é assinada por Adoniran Barbosa e Mário Silva.

ocorridas no Centro da cidade. Mas no Carnaval do ano de 1940, a PRE-7 Rádio Cosmos, com o apoio do Centro Paulista dos Cronistas Carnavalescos, decide enviar seus radialistas para os bairros do Belém, Lapa, Brás e Barra Funda, chamando a realização de “Carnaval do Povo”.

Para cada bairro, seguiria um profissional da emissora, responsável por animar a festa e transmitir os relatos ao microfone; se revezariam nessas funções os radialistas Blota Jr., Ricardo Dias, José Cruz, Sylvino Filho e Adoniran Barbosa. (CAMPOS JR., 2009, p. 103)

No ano seguinte, em 1941, a Prefeitura de São Paulo apoia a iniciativa do “Carnaval do Povo” da PRE-7 Rádio Cosmos, que amplia a cobertura para os bairros de: Pinheiros, Vila Mariana, Santana, Penha e Pari. Com patrocínio da Cervejaria Caracu, das Casas Pernambucanas e do Expresso Transportes Brasileiro, a Cosmos trouxe do Rio de Janeiro os cantores Heitor dos Prazeres, Cartola e Paulo da Portela, além de contar com a participação dos paulistas Castro Barbosa e Dalva de Oliveira. Na cobertura dos bairros Adoniran Barbosa e Blota Jr. mais uma vez foram os destaques da emissora (CAMPOS JR., 2009).

Octávio Gabus Mendes, apesar da promoção na PRH-9 Rádio Bandeirantes, retorna à trabalhar na PRB-9 Rádio Record de São Paulo em 1939, e nesta emissora faz novo convite a Adoniran Barbosa em 1941, oferecendo participação no programa *Serões Domingueiros*, dessa vez sem contrato fixo com a emissora e para receber apenas 20 mil réis por participação. Mesmo nessas condições, Adoniran Barbosa aceita a proposta.

A popularidade do artista chamou novamente a atenção de Octávio Gabus Mendes, que havia voltado à Rádio Record no final de 1939 após sua fenomenal passagem pela Bandeirantes. O produtor ofereceu a Adoniran uma vaga no programa humorístico *Serões Domingueiros*, irradiado nos fins de semana pela PRB-9. Apesar de Octávio não prometer salário fixo, a exemplo daquele que o cantor tinha na Cosmos, valia a pena tentar um lugar ao sol na “Maior”, como rezava o humilde *slogan* da Record. Em sua ambiciosa lógica subvertida, mais valiam dois pássaros voando do que um na mão. Ainda no primeiro semestre de 1941, Adoniran bateu as asas em direção à potência radiofônica da rua Quintino Bocaiúva.

Lá, seus tempos de cigano do rádio finalmente chegariam ao fim. (CAMPOS JR., 2009, p. 105)

Celso de Campos Jr. (2009) explica que:

Com o histórico e a estrutura da Record, é compreensível que Adoniran Barbosa tenha trocado o certo pelo duvidoso. Apesar de já ter alcançado sucessos razoáveis ao microfone, o artista perambulava pelas rádios havia mais de seis anos sem nunca ter se firmado em uma emissora - fosse como cantor, apresentador ou intérprete humorístico. Muito desse zigue-zague

podia ser creditado a uma dose de afobação, é certo, mas também era óbvio que, a cada mudança, Adoniran saía com a esperança de algo mais. E se havia algum veículo que poderia oferecer tal diferencial, era justamente aquele comandado pelo dr. Paulo Machado de Carvalho. Além do pulso firme e da visão do chefe, a habilidade de produtores como Octávio Gabus Mendes, Raul Duarte, Armando Rosas e Gilberto Martins oferecia o ambiente e o suporte necessários para a solidificação de uma carreira profissional – ainda que o aspirante a cartaz chegasse sem ao menos ter um salário (CAMPOS JR., 2009, pp. 113–114).

Logo Adoniran Barbosa amplia sua participação na grade da emissora, sempre de maneira voluntária, tentando conquistar seu espaço na busca pelo reconhecimento do seu trabalho. Segundo Campos Jr. (2009, p. 114), Adoniran Barbosa passa a ajudar na discoteca da rádio, participa de programas noturnos e Octávio Gabus Mendes insere o radialista em duas novelas matutinas. Adoniran Barbosa passa a trabalhar todos os dias na Record, mesmo assim, continua sem salário fixo. Reclamando com Teófilo de Almeida Sá¹⁶⁴, este propõe que Adoniran Barbosa peça para Barreto Machado¹⁶⁵ - que trabalha na emissora apenas aos domingos, para participar do mesmo *Serões Domingueiros* – divida seu salário de um conto de réis com ele. Barreto Machado se solidariza com o colega do programa e aceita a proposta conforme depoimento de Adoniran Barbosa:

No fim de 1941 fui para a Rádio Record, levado pelo Otávio Mendes. Trabalhava com ele fazendo novela e radio-teatro. O programa de rádioteatro se chamava *Serões Domingueiros*. Então eu funcionava como ator. Acabei ficando só na Record, onde fiquei amigo de Osvaldo Moles, Raul Duarte, Teófilo de Almeida Sá. No ano seguinte encontrei o maior sujeito do mundo. O Barreto Machado. Era Rádio-ator e ganhava 1 conto de réis por mês e só fazia um programa. Eu trabalhava todos os dias e recebia 30 mil réis por programa. Me queixei pro Teófilo de Almeida Sá, na Record, e ele me disse: “Fala com o Barreto, vê se ele quer dividir o dele com você”. Fumo os dois falá com o Barreto. Ele nem discutiu: “Vamos dividir sim, é justo, num tem nada, ta dividido”. Nessa época eu já estava morando na Aurora (MACHADO; LIMA, 1978)

Adoniran Barbosa só é registrado como funcionário da PRB-9 Rádio Record de São Paulo, com salário mensal de 500 mil réis, no dia 1 de janeiro de 1942, conforme carimbo da emissora na sua carteira profissional, “*número 82842, série 2ª*” (CAMPOS JR., 2009, p. 121). Sobre Barreto Machado, Adoniran Barbosa declarou mais tarde: “*Grande sujeito, espetacular. Sujeito lindo*” (BARBOSA apud. CAMPOS JR., 2009, p. 120). Lembramos que Adoniran Barbosa começa a trabalhar muito cedo. Ainda na cidade de Valinhos, trabalha com o pai como carregador de vagão

¹⁶⁴ Teófilo de Almeida Sá foi diretor de programação da PRB-9 Rádio Record de São Paulo.

¹⁶⁵ Barreto Machado era funcionário público e participava das irradiações da PRB-9 Rádio Record de São Paulo apenas nas horas vagas, durante os finais de semana.

em estrada de ferro, entrega marmitas para o Hotel Central e passa um período como varredor em uma fábrica de tecidos, quando sua família muda-se para Santo André. Em São Paulo ele ainda é tecelão, pintor, encanador, serralheiro, mascate, garçom, metalúrgico-ajustador e vendedor de tecidos para a loja do cunhado na Rua 25 de Março. Diante de tantos percalços, Blota Jr.¹⁶⁶ certa vez escreve:

um artista de rádio, cujo sucesso, se foi repentina explosão de luz, foi construído apesar de todas as caneladas que levou da vida. Hoje, ele é "alguém", mas, meu Deus, as caneladas foram abundantes e variadas, conscientes e inconscientes.¹⁶⁷

Blota Jr. finaliza o texto dizendo o quanto aprendeu com Adoniran Barbosa. Não sobre o “fazer” no rádio, mas sobre a política e os jogos de poder presentes no meio. Quando Adoniran Barbosa começa a busca pelo espaço no meio radiofônico, este passa a conhecer as disputas, elencando assim as pessoas em que pode e que não pode confiar. Acreditando no seu talento, mesmo quando muitos diziam que ele não tinha nenhum, vai construindo sua carreira conforme segue construindo as relações com pessoas ligadas ao meio, enquanto frequenta os botecos do Centro de São Paulo.

Ele é um exemplo de tenacidade, que venho acompanhando desde que entrei no rádio, quando seus conselhos eram os melhores dentro da espontaneidade de que se vestiam. Enquanto todo mundo teimava em me ensinar a falar, a respirar no microfone, a irradiar futebol, a ler textos, ele apenas me ensinava a compreender os homens do rádio, os invejosos, os ferinos, os inconscientes. Ele tinha uma larga escola, e quando às vezes olho para os degraus que já subi, ainda o vejo lá embaixo, com o chapéu Humphrey Bogart de lado, a larga mão espalmada, sacudindo níqueis, me ensinando a viver num ambiente em que a erudita e decantada “struggle for life” é mais pronunciada que em qualquer outro. Depois, ele subiu todos os degraus com facilidade, porque tinha esperado anos. Hoje ele é Adoniran Barbosa. Cartaz. E os evangelhos diriam: bem-aventurados os que confiam nos homens, porque um dia encontrarão um homem que os descobrirá...¹⁶⁸

4.3.2. Osvaldo Moles o “pai” de Adoniran Barbosa no rádio

Na PRB-9 Rádio Record de São Paulo, Osvaldo Moles faz sua estreia trabalhando com Octávio Gabus Mendes no programa *A Semana em Revista*, mas

¹⁶⁶ A íntegra do texto “Um artista que esperou” assinado por Blota Jr. para o jornal *Folha da Noite* encontra-se no Anexo IV desta dissertação.

¹⁶⁷ Um artista que esperou. *Folha da Noite*, São Paulo, 15 abril. 1944, p. 4. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fdn/1944/04/15/1//246669>>. Acesso em: 25 mai. 2013.

¹⁶⁸ Um artista que esperou. *Folha da Noite*, São Paulo, 15 abril. 1944, p. 4. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fdn/1944/04/15/1//246669>>. Acesso em: 25 mai. 2013.

logo passa a ficar responsável integralmente por esses roteiros e começa a expor suas facetas criativas elaborando novos programas na emissora. Na “Era de Ouro” da rádio Record, os dois produtores se configuram entre os principais nomes da emissora. Octávio Gabus Mendes era um homem considerado culto. Entre seus programas de maior sucesso está o *Cinema em Casa*, no qual ele prepara adaptações radiofônicas sobre filmes que estavam em cartaz no cinema. Já Osvaldo Moles tinha nas pessoas sua principal fonte de inspiração, grande observador, passeava pelas ruas do Centro de São Paulo, ouvia conversas de esquina, prestava atenção nos jeitos, costumes, sotaques e gírias das pessoas oriundas de diversas regiões do país e do mundo que habitavam a cidade de São Paulo: italianos, espanhóis, portugueses, nordestinos, negros, japoneses, sírio libaneses, etc. Segundo Zuza Homem de Melo, Osvaldo Moles era detentor de uma vasta “cultura popular”:

Além do Moles, outro produtor que eu admirava, que eu não conheci pessoalmente chamava-se Octávio Gabus Mendes, que foi anterior ao Osvaldo Moles. Que foi também um elemento muito importante na Rádio Record. Porque ele tinha uma cultura extraordinária, não tão ligada a cultura popular que o Moles tinha. Era uma cultura mais... eclética. O Octávio Gabus Mendes era um fã de cinema e foi pai do Cassiano Gabus Mendes que foi diretor da TV Tupi anos depois, mas também começou no rádio, ainda garoto.

Então você vê que o Moles tinha essa percepção que pouca gente tinha. E era uma percepção muito voltada para tipos populares. Coisa que o Octávio Gabus Mendes não fazia. Ele tinha duas características notáveis: uma das características era que ele era muito rápido. (...) E a outra coisa era a inteligência. O Osvaldo Moles era uma pessoa extraordinária, por trás daquelas lentes que ele usava. Usava umas lentes de óculos muito grossas. A gente percebia o olhar de quem tava vendo tudo e tava imaginando através daquilo que ele via, de que maneira aquilo poderia ser transformado em um programa de rádio, numa atração.

De maneira que essas duas figuras, claro que haviam outras figuras importantes na rádio Record, vários de grande importância, mas no meu modo de ver as coisas. Os dois maiores produtores de rádio, durante a fase áurea da rádio Record foram sucessivamente o Octávio Gabus Mendes e o Osvaldo Moles. (HOMEM DE MELO, 2013)

Celso de Campos Jr. (2009) escreve que é Octávio Gabus Mendes quem apresenta Adoniran Barbosa para Osvaldo Moles, que então cria o “Zé Conversa”, primeiro personagem fixo de Adoniran Barbosa na rádio Record. Na sequência, Osvaldo Moles cria a personagem “Catarina”, interpretada por Mariamélia, para ser a namorada do “Zé Cunva”. Logo “Zé Conversa” e “Catarina” fazem grande sucesso e são chamados de “Os dois *Black-out* da Record”. Os personagens, além de terem suas participações ampliadas em *A Semana em Revista*, ganham um programa

exclusivo, chamado *Boquejo*, irradiado diariamente, com duração de 15 minutos.

Figura 46 - Adoniran Barbosa, Osvaldo Moles e amigos nas ruas de São Paulo



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Depois vieram outros personagens criados por Osvaldo Moles para Adoniran Barbosa: “Gijo Manhagato”, “Barbosinha”, “Moisés Rabinovich”, “Richard Morris”, “Don Segundo Sombra”, “Dr. Sinésio Trombone”, “Charutinho”, “Pernafina” e muitos outros. Além de dezenas de programas, que em sua maioria têm forte ligação paulista, representam as rápidas mudanças urbanas da capital metropolitana como aponta Matos (2001), ao analisar o desenvolvimento da cidade representado na voz de Adoniran Barbosa e, conseqüentemente, na obra de Osvaldo Moles.

A cidade de São Paulo transformava-se incessantemente. Adoniran, um observador atento, captava, com um sotaque próprio (ítilo-paulistano-caipira), os flashes do cotidiano, as experiências de muitos que viveram esse processo, nos cortiços, malocas e bairros como Brás, Bexiga, Barra Funda, Casa Verde. Esse observar a cidade implicava o exercício de caminhar a pé (de dia e de noite), aproximar-se, conversar, ouvir, atentar para as entonações, sintaxes, sonoridades e também se distanciar, buscando a inspiração-reprodução concretizada nas composições. (MATOS, 2001, p. 51)

Conforme Blota Jr. escreve, apesar de Adoniran Barbosa ter recebido várias “caneladas” no início da sua carreira, a partir de 1941, quando passa a trabalhar com Osvaldo Moles, sua carreira segue de maneira ascendente e finalmente ele pôde ser considerado um “cartaz” do rádio paulista. Mesmo suas músicas, que fazem sucesso nas interpretações do grupo *Demônios da Garoa*, muitas vezes são compostas em parceria com Osvaldo Moles.

Tabela 2 - Lista de músicas compostas por Adoniran Barbosa e/ou Osvaldo Moles gravadas pelos *Demônios da Garoa*

Música	Compositores		
<i>Casamento do Moacir</i>	Adoniran Barbosa	Osvaldo Moles	
<i>Chora na Rampa</i>	Adoniran Barbosa	Osvaldo Moles	
<i>Conselho de Mulher</i> ¹⁶⁹	Adoniran Barbosa	Osvaldo Moles	J. Belarmino
<i>Dor de Catuvelo</i>	Adoniran Barbosa	Osvaldo Moles	
<i>Mimoso Colibri</i>	Osvaldo Moles	Hervé Cordovil	
<i>Mulher, Patrão e Cachaça</i> ¹⁷⁰	Adoniran Barbosa	Osvaldo Moles	
<i>Pafunça</i>	Adoniran Barbosa	Osvaldo Moles	
<i>Prova de Carinho</i>	Adoniran Barbosa	Hervé Cordovil	
<i>Tiro ao Álvaro</i>	Adoniran Barbosa	Osvaldo Moles	

Fonte: Livro *Pascalíngundum - os Eternos Demônios da Garoa* (ASSIS, 2009)

Em suas músicas, Adoniran Barbosa - assim como nas interpretações dos personagens criados por Osvaldo Moles para os programas radiofônicos -utiliza frases de maneira “errada”, com o objetivo de se aproximar do linguajar utilizado nas ruas, o que muitas vezes foi alvo de críticas, como se Adoniran Barbosa não soubesse falar corretamente. Frases como: "De tanto levar frechada do teu olhar"¹⁷¹, "Dim dim donde nós passemos os dias feliz de nossa vida"¹⁷² ou “Nós voltermos com uma baita de uma reiva”¹⁷³ eram muitas vezes criticadas, porém faziam sucesso junto ao grande público. Sobre essa linguagem, o professor de literatura Antonio Candido escreve em defesa do seu uso e explica a relação próxima de Adoniran Barbosa com a cidade de São Paulo. Esse texto de Antonio Candido é publicado na contracapa do LP *Adoniran Barbosa*, lançado pela Odeon no ano de 1974:

Adoniran Barbosa é um grande compositor e poeta popular, expressivo como poucos; mas não é Adoniran, nem Barbosa, e sim João Rubinato, que adotou o nome de um amigo funcionário do Correio e o sobrenome de um compositor admirado. A ideia foi excelente, porque um artista inventa antes de mais nada a sua própria personalidade; e porque, ao fazer isto, ele exprimiu a realidade tão paulista de cerne que exprime a sua terra com a força da imaginação alimentada pelas heranças necessárias de fora.

Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português. Não concordo. Da mistura, que é o sal de nossa terra, Adoniran colheu a flor e produziu uma obra radicalmente brasileira, em que as melhores cadências do samba e da canção, alimentadas inclusive pelo terreno fértil das Escolas, se aliaram com naturalidade às deformações normais de português

¹⁶⁹ Conselho de Mulher é Subtítulo de *Progrêssio*.

¹⁷⁰ Música escrita por Adoniran Barbosa após o falecimento de Osvaldo Moles. Uma homenagem póstuma de Adoniran Barbosa para Osvaldo Moles.

¹⁷¹ Música *Tiro ao Álvaro*.

¹⁷² Música *Saudosa Maloca*.

¹⁷³ Música *Samba do Arnesto*.

brasileiro, onde Ernesto vira Arnesto, em cuja casa nós fumo e não encontremo ninguém, exatamente como por todo esse país. Em São Paulo, hoje, o italiano está na filigrana.

A fidelidade à música e à fala do povo permitiram a Adoniran exprimir a sua cidade de modo completo e perfeito. São Paulo muda muito, e ninguém é capaz de dizer aonde irá. Mas a cidade que nossa geração conheceu (Adoniran é de 1910) foi a que se sobrepôs à velha cidadezinha caipira, entre 1900 e 1950; e que desde então vem cedendo lugar a uma outra, transformada em vasta aglomeração de gente vinda de toda parte. A nossa cidade, que substituiu a São Paulo estudantil e provinciana, foi a dos mestres de obras italianos e portugueses, dos arquitetos de inspiração neoclássica, floral e neocolonial, em camadas sucessivas. São Paulo dos palacetes franco-libaneses do Ipiranga, das vilas uniformes do Brás, das casas meio francesas de Higienópolis, da salada da avenida Paulista. São Paulo da 25 de março dos sírios, da Caetano Pinto dos Espanhóis, das Rapaziadas do Brás – na qual se apurou um novo modo cantante de falar português, como língua geral na convergência dos dialetos peninsulares e do baixo contínuo vernáculo. Esta cidade que está acabando, que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, o Triângulo, as cantinas do Bixiga, Adoniran não a deixará acabar, porque graças a ele ela ficará, misturada vivamente com a nova mas, como o quarto do poeta, também “intacta, boiando no ar”.

A sua poesia e a sua música são ao mesmo tempo brasileiras em geral e paulistanas em particular. Sobretudo quando entram (quase sempre discretamente) as indicações de lugar, para nos porem no Alto da Mooca, na Casa Verde, na avenida São João, na 23 de Maio, no Brás genérico, no recente metrô, no antes remoto Jaçanã. Quando não há esta indicação, a lembrança de outras composições, a atmosfera lírica cheia de espaço que é a de Adoniran, nos fazem sentir por onde se perdeu Inês ou onde o desastrado Papai Noel da chaminé estreita foi comprar Bala Mistura: nalgum lugar de São Paulo. Sem falar que o único poema em italiano deste disco nos põe em seu âmagô, sem necessidade de localização.

Com seus firmes 65 anos de magro, Adoniran é o homem da São Paulo entre as duas guerras, se prolongando na que surgiu como jiboia fuliginosa dos vales e morros para devorá-la. Lírico e sarcástico, malicioso e logo emocionado, com o encanto insinuante da sua antivoz rouca, o chapeuzinho de aba quebrada sobre a permanência do laço de borboleta dos outros tempos, ele é a voz da Cidade. Talvez a borboleta seja mágica; talvez seja a mariposa que senta no prato das lâmpada e se transforma na carne noturna das mulheres perdidas. Talvez João Rubinato não exista, porque quem existe é o mágico Adoniran Barbosa, vindo dos corredores de café para inventar no plano da arte a permanência de sua cidade e depois fugir, com ela e conosco, para a terra da poesia, ao apito fantasmal do trenzinho perdido da Cantareira. (CANDIDO apud. CAMPOS JR., 2009, pp. 486–489)

Antonio Candido não cita a participação de Osvaldo Moles na criação de Adoniran Barbosa, contudo, Zuza Homem de Melo (2013) não faz uma separação distinta entre as músicas e os programas radiofônicos como obras diferentes, sendo categórico ao afirmar “*que havia uma figura que criava aquilo que o Adoniran interpretava. Essa figura era Osvaldo Moles*”. Zuza acredita que existam “*músicas do Adoniran com o Osvaldo Moles e a músicas de ambos, assinadas só pelo Adoniran Barbosa*”. Nossa análise é que este fato não causa nenhum demérito para Adoniran Barbosa e segundo depoimento de familiares de Osvaldo Moles, este pode mesmo ter presenteado Adoniran Barbosa com algumas letras, sem fazer questão de

assinar essas composições¹⁷⁴ (PASTORE et al., 2012). Compreendemos que na PRB-9 Rádio Record de São Paulo a obra de um era complementar a do outro. Sem Adoniran Barbosa, os programas de rádio criados por Osvaldo Moles não teriam tanta repercussão e adesão por parte dos ouvintes que, muitas vezes, se identificavam com as situações irradiadas. Sem Osvaldo Moles, Adoniran Barbosa não teria os personagens de sucesso. Lembramos que Osvaldo Moles tinha todo o elenco de radioteatro da rádio Record a sua disposição, contudo os programas de maior sucesso tiveram a participação de Adoniran Barbosa. Este por sua vez, participou de programas de outros produtores, mas seus personagens memoráveis foram criados por Osvaldo Moles. Zuza reconhece o talento de interpretação e o controle vocal “*admirável*” que Adoniran Barbosa possui:

Percebe-se nitidamente, que havia uma figura que criava aquilo que o Adoniran interpretava. Essa figura era Osvaldo Moles. Consequentemente, tudo que era criado pelo Osvaldo Moles, tinha vida, quando o Adoniran interpretava. E é evidente, como acontecia sempre, que as pessoas associavam as músicas ao intérprete e não ao compositor. A música do Orlando Silva, a música Angela Maria, etc. e nenhum dos dois era autor. O Adoniran era um grande radioator e comediante. Não era cantor. Ele teve a veleidade de começar como cantor, mas não aconteceu nada. Ele na verdade era um extraordinário comediante. Ele tinha um domínio vocal fora de série, apesar de ter uma voz muito marcante, mas ele adaptava com tal sabedoria, que ele conseguia encarnar o tipo como ninguém. Por isso que as músicas dele não eram cantadas por ele. Músicas dele, tendo por trás, não tenha a menor dúvida, a inspiração e em grande parte a participação do Osvaldo Moles. Há músicas do Adoniran com o Osvaldo Moles e a músicas de ambos assinadas só pelo Adoniran Barbosa. Isso aí é um ponto, que naturalmente pode causar uma certa "espécie" entre os fãs do Adoniran Barbosa que acham que ele foi o maior compositor paulistano, mas é uma verdade que precisa ser dita. Tanto é que a fama, a ligação do Adoniran Barbosa como compositor de sambas de São Paulo, não é por coincidência, que começa a existir depois da morte do Osvaldo Moles. Essa coincidência não é fortuita. Eu não estou dizendo que o Adoniran se aproveitou daquilo. Não! Mas ele foi beneficiado, com esse fato. E como ele era a figura muito mais conhecida, que se projetava, por ter sido radioator. Fantástico! por ter participado do cinema e por ter um grupo que cantava as músicas que ele criava, que eram os Demônios da Garoa é claro que a figura dele começou a se projetar de uma maneira muito maior do que a figura que criou grande parte daquilo e que havia morrido (HOMEM DE MELO, 2013).

Zuza não descarta a possibilidade de, após o falecimento do Osvaldo Moles, Adoniran Barbosa ter registrado, sozinho, músicas feitas em parceria. Embora não desacreditamos por completo nessa possibilidade, achamos difícil que isso tenha acontecido, pela amizade entre os dois. Sabemos inclusive de um fato inverso: a música *Mulher, patrão e cachaça*, registrada em nome dos dois, na verdade foi

¹⁷⁴ Outros entrevistados, quando questionados, não declaram que isto é verdade, no entanto, acreditam que era perfeitamente possível.

composta depois da morte de Osvaldo Moles, sendo uma homenagem póstuma de Adoniran Barbosa para o amigo. Esta foi apresentada ao público pela primeira vez na *I Bienal do Samba*, interpretada pelos *Demônios da Garoa*, mas não foi classificada¹⁷⁵. Celso de Campos Jr escreve que:

a primeira canção inscrita na competição fora "Mulher, patrão e cachaça", registrada como parceria de Adoniran Barbosa e Osvaldo Moles. Na verdade, a composição fora lapidada apenas por Adoniran, que aproveitou para homenagear o velho mestre, fonte de inspiração post-mortem. "É só inspiración dele, sabe, sabe, sabe. Inspiracións que eu tirei dum livro dele. Mas ficou sendo dele. São as minhas homenagens porque ele foi um grande amigo", declarou Adoniran ao Última Hora. (CAMPOS JR., 2009, p. 426)

Na voz do próprio Adoniran Barbosa, encontramos palavras que demonstram amizade entre os dois e o reconhecimento da criação de Osvaldo Moles para o seu sucesso:

Conheci o Moles no Correio Paulistano, na Rua Libero Badaró, no Correio Paulistano. Esse foi meu "graaande" amigo. Morreu coitado! Esse... esse cara não existiu outro igual. Nunca mais vai aparecer outro igual ao Osvaldo Moles. O cara é 100%! Crio tipos pra mim, crio... ele crio... Não, ele via em mim uma coisa pra ele, entendeu? Que era reci... recíproco. Então eu dizia uma coisa e ele achava graça, então ele fez pra mim Moisés, judeu. O Moisés Rabinovich, da rua José Puzinho. Rua José Puzinho (risos). Sabe como era a fala: "Senhora compra agora! Senhora dá... Custa cem merréis, senhora da 100 agora, o resto paga um pouco por mês, não tem importância". Judeuzinho que eu fazia. É! O professor de inglês. Richard Morris, a tradução. Se vê, eu já não lembro, faz tempo isso. (???): "Sabe a gente precisa viver para que isso, para que essas coisas que... vai lá, vai aqui, vai o que? Sabe precisemo é..." Aí vem o Charutinho, que foi o famoso, das Malocas, né? Charutinho criou muita coisa engraçada. Também do Osvaldo Moles. Tudo do Osvaldo Moles. Pensa que é meu não. Só criação minha. Charutinho dizia "dispois qui nós vai, dispois qui nós vorta", "Chora na rampa negrão", "aqui Gerarda", né? (hehe) "Chora na Rampa negrão, vem aqui, que que há?" Essas coisas... um negrão, negrão mesmo que fazia. Negrão bom, sabe? Isso foi nas Malocas. ("Programa Ensaio: Adoniran Barbosa," 1972)

Em 1950, quando Osvaldo Moles deixa a PRB-9 Rádio Record de São Paulo para trabalhar alguns anos na PRH-9 Rádio Bandeirantes, a emissora de Paulo Machado de Carvalho sofre com as alterações na sua programação e Adoniran Barbosa mais ainda, preocupando-se com seu futuro na rádio. Para Celso de Campos Jr. (2009), Osvaldo Moles foi imprescindível para o sucesso de Adoniran

¹⁷⁵ Quando os jurados apresentaram as quatro músicas selecionadas para o festival, o público começou a criar um alvoroço, pedindo para que *Mulher, patrão e cachaça* integrasse a lista das classificadas. Segundo Celso Campos Jr (CAMPOS JR., 2009, pp. 426–434), na ocasião, o público só se acalmou um pouco quando na saída do grupo *Demônios da Garoa*, estes pararam no saguão do teatro e começaram a tocar a música, emocionando Adoniran Barbosa, que estava ali presente vendo no público o reconhecimento que não obteve dos jurados naquela ocasião.

Barbosa, enquanto interprete cômico e, em seu livro, ao descrever a saída de Moles da emissora, cita um texto de Blota Jr., que diz que Osvaldo Moles é o “pai” de Adoniran Barbosa, segundo a lei do rádio.

Nas bandas da Rádio Record, a saída de Osvaldo Moles era um desfalque colossal. Sim, a emissora continuaria a contar com o trabalho de produtores de peso, como Raul Duarte, Blota Jr., Armando Rosas, Otávio Mendes Cajado, Thalma de Oliveira e Sônia Ribeiro, para citar alguns. Contudo, Moles, mais do que todos os outros, tinha o toque de Midas. Seus sucessos de audiência eram um tranquilizante perene do sempre irrequieto departamento comercial. Entretanto, como Inês já era morta, restava a Paulo Machado de Carvalho e companhia limitada comandarem um rearranjo no organograma a fim de substituir o "milionário criador de programas". Mexendo aqui e ali, e contando com um tantinho de sorte, o prejuízo podia ser minimizado — afinal, o show tinha de continuar.

Em contrapartida, para Adoniran Barbosa, a saída de Osvaldo Moles era simplesmente devastadora. Tutor, mestre, padrinho, mentor: qualquer que seja o termo empregado para designar o produtor em sua relação com o pupilo, ainda não é suficiente para retratar a real dimensão da importância de Moles na carreira de Adoniran como Interpretador cômico. Talvez um trecho de um texto de Blota Jr. publicado em sua coluna "Rádio" na Folha da Noite seja mais significativo. Falando sobre as dificuldades de Adoniran Barbosa no início de sua passagem da Rádio Record, Blota coloca Moles como mais que um mestre ou padrinho.

Osvaldo Moles, que fecha um olho quando a inspiração aparece, achou que Adoniran podia ser artista. Fechou um olho, e criou Zé Conversa, Pernafina, tipos imensos. O pai de Adoniran é Osvaldo Moles. No registro civil é Fernando Rubinato, que a lei de deus mandar honrar. A lei do rádio manda honrar Osvaldo Moles.

Realmente, não há como tirar o fecundo produtor da fórmula que fez de Adoniran um sucesso popular na Rádio Record. Mas agora a receita havia de mudar. Órfão dos geniais textos de Moles, especialmente confeccionados para sua glória, Adoniran sabia que o rádio iria se tornar um porto inseguro demais para seu veleiro da apoteose, O Interpretador precisaria alçar novos vãos, sob pena de descer novamente ao ostracismo artístico - inferno que por várias vezes experimentara no início da carreira. Era o tipo do momento que pedia um pacto com o diabo. Ou com os demônios. (CAMPOS JR., 2009, pp. 220–221)

4.3.3. Osvaldo Moles na “Maior”

Após uma década na PRB-9 Rádio Record, Osvaldo Moles queria diminuir sua produção de programas humorísticos para criar um gênero de programas que denomina como “rádio adulto”. Alguns desses programas, como *Retrato de Minha Terra*¹⁷⁶ e *Nossa Cidade* chegam a ser irradiados, mostrando o “romantismo que pairava sobre São Paulo”. *Nossa Cidade*, com narração de Raul Duarte, conduzia os ouvintes a percorrerem diversos acontecimentos como: “as serenatas do Brás”, “o

¹⁷⁶ *Retrato de Minha Terra* foi um programa que buscava retratar as raízes brasileiras, através de cartas dos leitores, que contavam as maravilhas de sua terra.

carteado”, “a nostalgia da rua Tabatinguera” e “até os taxi-girls”¹⁷⁷ eram lembrados nesses roteiros. Vejamos uma das introduções criadas para o programa:

"Já uma lua redonda, de cenário de ópera, está enfeitando, como um clip, a cabeleira negra da noite. É um revólver de duco¹⁷⁸ que vai prateando a carroceria paralisada de nossa cidade. Os sons agora têm surdinas e caminham pelas ruas feito irmãs de caridade em corredores de hospitais. Alguém já disse que o céu, nessa hora, é a caixa registradora do crepúsculo, que já recolheu o moedão de ouro do sol e está devolvendo o troco nas moedinhas prateadas das estrelas." (MOLES apud. CAMPOS JR., 2009, pp. 204–205)

Mesmo que essas poucas experiências resultassem em boa audiência, a direção da PRB-9 Rádio Record relutava em colocar as novas ideias de Osvaldo Moles no ar, já que haviam conseguido “fórmula” de produção radiofônica que dava certo há anos e garantia o respaldo comercial da emissora. Segundo depoimento do próprio Osvaldo Moles, ao perceber a saída iminente do radialista, a direção da Record tentou negociar e ele diz que até houve um “*entendimento*”, mas, mesmo assim, decide deixar a emissora.

O colunista Mário Júlio publicaria em 08 de abril de 1952, na coluna "Rádio de São Paulo", da "Revista do Rádio", que Moles "*continua(va) declarando que tem ressentimento de nunca haver alcançado sucesso com seus programas de sátira à podridão reinante*".

Em uma entrevista para o Radar, datada de fevereiro de 1951, Moles fala sobre a "*morte das idéias que nunca foram aquilatadas nem avaliadas naquilo que elas procurariam ter de eminentemente radiofônicas. Semeei sempre no terreno da indiferença*". Segundo o radialista, durante sete meses ele tentou ter a atenção da direção da Record, que não lhe deu ouvidos, já que seus programas seguiam fazendo sucesso. Só quando os dirigentes da Record perceberam que Moles - após trabalhar por uma década na emissora - resolve mesmo sair, é que eles foram atender suas reivindicações, porém na mesma entrevista para o Radar, Moles diz que "*houve até o que se pode chamar de entendimento, mas achei que já era muito tarde e saí. Pode crêr que isso me custou mais do que se pensa*." Fora da poderosa PRB-9 rádio Record, Osvaldo Moles recebe propostas de todas as emissoras paulistanas e torna-se assunto especulativo dos boatos radiofônicos. Sem precipitação, Moles termina o ano de 1950 sem contrato definido com nenhuma rádio. Em 1951, é claro, haveria novidades... (MICHELETTI, 2012b, p. 172)

Permanecendo fora da PRB-9 Rádio Record de São Paulo entre os anos de 1950 e 1955, Osvaldo Moles retorna para emissora que passa por dificuldades em sua programação. Com a estreia da TV Record¹⁷⁹ em 1953, o elenco da rádio fica,

¹⁷⁷ *Taxi Girls* era o nome dado a antigos e extintos locais onde homens pagavam apenas para dançar com as damas da casa. Toda valsa era computada em um cartão perfurado e o cliente pagava a conta no final da noite.

¹⁷⁸ Em 1920, a DuPont criou uma linha de produtos para pintura automotiva com o nome Duco.

¹⁷⁹ A primeira emissora de televisão do Brasil foi a TV Tupi, inaugurada em 1950, sob o comando de

de certa forma, desacreditado do seu potencial, além do mais, havia certa frustração por parte de alguns artistas, que achavam que passariam a compor o elenco da televisão, o que não acontece. A Record sempre manteve núcleos separados dos artistas do rádio e da televisão. Tanto que, quando questionamos Zuza Homem de Melo se Osvaldo Moles havia produzido programas para televisão, ele responde que acredita que não.

Pelo que eu me lembro daquela época. O Osvaldo Moles não foi produtor de televisão. Ele foi produtor de programas de rádio que eram transmitidos no teatro Record, e alguns iam para televisão, mas os programas de televisão que haviam naquela época, eram programas musicais. Por exemplo: programa da Angela Maria, era meia hora... tinha um programa da Maysa. O time da TV, dos produtores da TV era outro. A orquestra da Record, era outra, o maestro da Record era outro. Eu to falando de televisão. Havia dois elencos separados. (HOMEM DE MELO, 2013)

Frente a essa situação, Osvaldo Moles chama Luiz Carlos Passos que, responsável pela programação noturna da PRB-9 Rádio Record de São Paulo, pede demissão de um emprego público para dedicar-se em tempo integral à emissora e assessorar Osvaldo Moles. Entre suas primeiras ações, Osvaldo Moles elabora um documento de sete páginas com um questionário distribuído para todos os funcionários da emissora, além de verificar a audiência de todos os programas no Ibope, cancelando atrações e modificando a grade de horário da emissora em uma operação que chamou de “*initium*” (CAMPOS JR., 2009). Nesse documento, Osvaldo Moles fala em orgulho de ser “recordiano” e lembra que a emissora é a “Maior”, conforme diz o *slogan* da emissora.

Mas o autor destas mal traçadas linhas esteve três meses ouvindo, manhã e noite, o rádio de todo o Brasil. E, principalmente, a Record - sua estação. No seu coração de benovista e no seu orgulho de recordiano faz força para considerá-la a maior... a Maior (CAMPOS JR., 2009, p. 309)

O documento termina questionando o que os funcionários da Record vão fazer para sair do ramerrão¹⁸⁰ em que a rádio se encontra:

A luta pela conquista do mercado radiofônico com televisão-desligados-concorrência e outros inimigos da Record deve chamar a gente à meditação, ao pensamento, à ação.

Assis Chateaubriand. A TV Record é a segunda emissora de televisão do país. Apesar da preocupação dos artistas de rádio e de certa animosidade frente à euforia da entrada do novo meio, a televisão engatinharia por muitos anos no Brasil antes de incomodar a audiência do rádio no país.

¹⁸⁰ Segundo o *Dicionário online de português* (Dicio), Ramerrão significa: "Barulho monótono e que se repete consecutivamente. Designação de uma ação que se repete de maneira enfadonha. Maneira de viver definida pela mesmice de seus acontecimentos, que ocorrem da mesma maneira dia após dia; rotina." Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/ramerrao/>>. Acesso em 23 jan. 2015.

Temos a impressão de que fugindo à batalha, a Record entrou no ramerrão. E quem não livrá batalha, não ganha - diria Conselheiro Acácio. Apenas a obsessão de renovar para não morrer me obrigou a escrever estas linhas, que devem ser interpretadas, em suas indagações, como um impulso de colaboração. Que vamos fazer para sair do ramerrão? (CAMPOS JR., 2009, p. 310)

As modificações estruturais na emissora são realizadas com grande êxito e Osvaldo Moles retoma a produção de roteiros que permanecem até hoje na lembrança de muitos ouvintes e ficarão eternizados pela história do rádio. Sua relação com a política paulista também aparece em produções de sátiras sobre os políticos da época. Personagens inspirados em figuras públicas do governo aparecem em programas como *Dose das doze*, irradiado diariamente.

Na hora do almoço, Moles usava toda sua criatividade e habilidade no ramo humorístico para criticar a política da época no programa "Dose das Doze". Nele, os candidatos e figuras importantes do governo ganhavam apelidos e eram satirizados pelas ondas do rádio. Adhemar de Barros foi apelidado de Dotô Vardemá, o promessinha ; Jânio passou a ser Janho Quadro. No dia 1 de março de 1958, Osvaldo Moles passa a responsabilidade do programa para o também talentoso redator Geraldo Blota. (MICHELETTI, 2012b, p. 212)

No espólio de Osvaldo Moles encontramos muitas fotos de artistas da época, algumas autografadas com dedicatórias ao radialista. Moles tinha livre acesso entre esses artistas e uma foto que nos chama atenção é a do cantor americano Nat King Cole, que esteve no Brasil em 1959. Zuza Homem de Melo, técnico de som responsável dos *shows* do artista no Brasil, comprova a veracidade do autógrafo, pois o cantor costumava distribuir para os fãs convencionais uma fotografia com sua assinatura em um carimbo verde, mas na foto para Osvaldo Moles, sua assinatura está em azul, evidenciando a escrita em próprio punho. Zuza relata que Nat King Cole esteve no Brasil em

abril de 1959 e não foi no teatro Record, o teatro Record estava em reforma, então a Record alugou o teatro Paramount, que hoje em dia é o teatro abril¹⁸¹. E é lá que foi realizada a temporada do Nat King Cole. Quem trouxe o Nat King Cole pro Brasil, foi o próprio empresário, chamado Carlos Gastel. O Carlos Gastel é que foi o criador daquela série de três discos do Nat King Cole, cantando em espanhol. Então ele estava interessado em expandir o Nat King Cole no território latino. Do México para baixo. "South of the border" como os americanos dizem. E por isso Carlos Gastel estava no Rio de Janeiro, reunido com o diretor artístico do Copacabana Palace. O Paulinho Machado de Carvalho foi para o Rio de automóvel para assinar a temporada do Nat King Cole no Rio e em São Paulo. Depois ele fez temporadas em Buenos Aires, Montevideú e no Chile. E eu fui o técnico de som de todos esses shows e portanto trabalhei

¹⁸¹ Atual Teatro Renault.

diretamente com o Nat King Cole. Em São Paulo teve uma astronômica repercussão por que ele estava no auge com aquelas músicas "Catito" essas coisas todas... Inclusive, a ideia do Carlos Gastel era tão incisiva, que ele gravou um disco no Rio de Janeiro. O terceiro dos três discos "Nat King Cole canta em espanhol", foi gravado no Rio de Janeiro e por isso que tem canções brasileiras, cantadas em português. Foi gravado em um dia. Em um dia ele gravou o disco e ainda fez o show de noite. Isso da uma ideia da capacidade dele como cantor. Gravou o disco inteiro! E a noite foi dar o show.

Se essa foto tem o nome do Osvaldo Moles. Então, de fato, essa foto foi escrita pelo Nat King Cole. Por que o esquema dele era extraordinário, ele tinha uma série de fotos, todas elas já autografadas. Era um carimbo em verde. Em letra verde. Nat King Cole... Tinha "My love" ou qualquer coisa assim... "All the best", uma frase assim e assinado Nat King Cole. E ele distribuía as fotos para os fãs. No caso do Osvaldo Moles, se tinha a letra dele, então ele fez especialmente pro Moles. Na verdade, eu acho perfeitamente natural. Todos nós que estávamos no Brasil, ficamos alvoroçados com a vinda do Nat King Cole, e depois de termos ficado alvoroçados, ficamos embevecidos com a personalidade do Nat King Cole. O Nat King Cole na sua temporada ficou uma das pessoas mais queridas em São Paulo. Depois do show, ele ia nas boates. Principalmente numa boate na Av. 9 de Julho. Sentava no piano e tocava pelo prazer de tocar... depois de ter feito o show. E toda noite ele saía. Toda noite ele ia em algum lugar. De maneira que essa uma semana que ele passou em São Paulo, ele se tornou a principal figura noturna e do show business em São Paulo. Ninguém falava noutro assunto, além do Nat King Cole (HOMEM DE MELO, 2013).

Figura 47 - Foto autografada de Nat King Cole para Osvaldo Moles



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Em meio ao seu acervo também encontramos um convite do Cassiano Gabus Mendes endereçado a Osvaldo Moles e amigos da rádio Record para a estreia do seu programa na rádio Cruzeiro do Sul. Cassiano era filho de Octávio Gabus Mendes.

Figura 48 - Convite de Cassiano Gabus Mendes para Osvaldo Moles



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

4.3.4. Programa *História das Malocas*: uma década no ar

Da segunda fase na PRB-9 Rádio Record de São Paulo, a partir de 1955, destacamos dois programas de grande sucesso com roteiros de Osvaldo Moles. O primeiro é *O Crime não Compensa*¹⁸², versão de um programa homônimo nos Estados Unidos patrocinado pela Colgate-Palmolive. Na versão brasileira, o delegado Artur Leite de Barros Júnior retira histórias do arquivo policial para serem transformadas, inicialmente por Osvaldo Moles e depois por Thalma de Oliveira nos roteiros a serem irradiados. O curioso é que nesse programa Adoniran Barbosa deixe de ser um radioator cômico para protagonizar, de maneira séria e dramática, os vilões das histórias baseadas em fatos reais (MICHELETTI; SOUZA, 2012).

¹⁸² Com o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, o mercado das revistas de histórias em quadrinhos (HQs) deixa de ter foco nos super-heróis para trabalhar a temática dos vilões. Surge a revista *Crime does not pay* e na sequência um programa de rádio homônimo, que patrocinado pela Colgate-Palmolive, vai ao ar pela MGM. Com o sucesso nos Estados Unidos, a Colgate-Palmolive decide trazer a fórmula para o Brasil. A PRB-9 Rádio Record é escolhida para a transmissão do programa *O Crime não Compensa*.

Figura 49 - Reconhecemos o delegado Barros Jr. no microfone e Adoniran Barbosa ao fundo



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

O segundo, acreditamos que seja o programa mais conhecido do Osvaldo Moles: *História das Malocas*, que fez sua estreia em 1956, com o nome de *Bangalôs e Malocas* e permaneceu no ar por cerca de uma década¹⁸³. Responsável pela produção e roteiro do programa, Osvaldo Moles confere ao maestro Hervé Cordovil a parte musical. Este escolhe Esterzinha de Souza, como cantora exclusiva do programa. A baiana, que veio para São Paulo ainda criança e se mostrou um grande talento musical, recebendo prêmios em diversas emissoras, fica responsável por dar voz a composições originais, com letras de Osvaldo Moles e melodias de Hervé Cordovil, produzidas exclusivamente para o episódio do dia. As músicas fizeram tanto sucesso que acabaram sendo gravadas em LP pela Chantecler, de nome homônimo ao programa, o disco, no entanto, não alcançou números expressivos de vendagem. Ao todo, dez músicas foram selecionadas e incluídas no LP:

¹⁸³ Algumas fontes dizem que o programa só acabou com a morte de Osvaldo Moles no ano de 1967, enquanto outras dizem que acabou um pouco antes, talvez um ou dois anos do falecimento do radialista. Celso Campos Jr. escreve que o programa permaneceu no ar até Osvaldo Moles falecer.

Tabela 3 - Listagem das músicas gravadas no LP *História das Malocas*

Listagem das músicas gravadas no LP <i>História das Malocas</i>
01. <i>Benedita de Oliveira</i>
02. <i>Chico Linguíça</i>
03. <i>Mormaço</i>
04. <i>Pé de chinelo</i>
05. <i>Letra se samba</i>
06. <i>Nastacinho</i>
07. <i>Fiinho de preto</i>
08. <i>Uma esmolinha</i>
09. <i>Céu</i>
10. <i>Joãozinho</i>

Fonte: LP *História das Malocas* gravado pela Chantecler.

Antes de cada música há um breve diálogo entre os personagens do “Morro do Piolho” sobre a história. A música *Mormaço* apresenta um mulato que só encontra descanso depois de falecer. Apesar do tema fúnebre, Osvaldo Moles consegue criar diálogos bem humorados, despido de preconceitos sobre o personagem e seu triste fim, como podem ver no diálogo que reproduzimos abaixo entre Charutinho (Adoniran Barbosa) e Terezoca (Maria Tereza Fróes):

TEREZOCA: Charutinho. Acorda Negô! / Ta na hora de tira os zóio do quador.

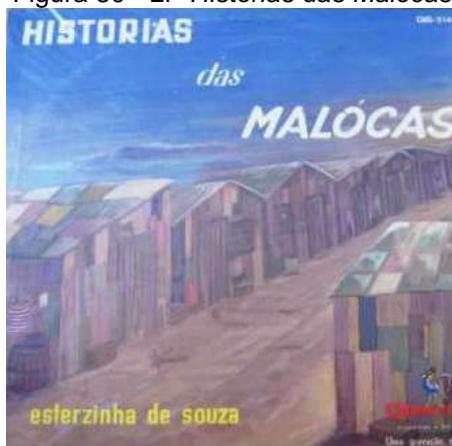
CHARUTINHO: Ah véia. Véia ingrata num acorda ieu assim. Eu sonhei qui tava trabaiano numa frabrica.

TEREZOCA: Farbrica do que hein? Di fumaça?

CHARUTINHO: Não. Fábrica de feriado Nacional.

TEREZOCA: Se parece o Mormaço. Aquele tisiu que gostava tanto de drumi que inté morreu pra pode drumi mais muito.

CHARUTINHO: Oh nego sabidão aquele véia! Óia veia. Nu dia em que eu estica. Que eu ponha o broco na rua pra acumpanha eu. Eu quero durmi no hotel de São Benedito. A terceira estrela a direita de quem vai.¹⁸⁴

Figura 50 - LP *Histórias das Malocas*

Fonte: Acervo Pessoal de Bruno Micheletti. Pesquisa realizada em 2014.

¹⁸⁴ Esquete gravada na faixa *Mormaço* do LP *História das Malocas*, gravado pela Chantecler. A transcrição completa com a letra da música encontra-se no Anexo V desta dissertação.

Figura 51 - Esterzinha de Souza junto ao espólio de Ciro Pereira, seu marido e também maestro da Rádio Record



Fonte: Acervo Pessoal de Bruno Micheletti. Pesquisa realizada em 2014.

O programa de grande sucesso teve sua versão para televisão transmitida pelo Canal 7, a TV Record. Osvaldo Moles era responsável pelo programa na televisão, mas Randal Juliano assumia a direção. O elenco contava com radioatores da Record, incluindo a dupla Adoniran e Mariamélia. Maria Tereza, Djalma Amaral, Osvaldo Barros e Nair Belo completavam o elenco. Porém, assim como ocorre com grande parte das adaptações radiofônicas para a televisão, os personagens do rádio, como eram descritos, não se pareciam fisicamente com quem os interpretava na televisão. Se no rádio a identidade do personagem é sua voz, na televisão passa a ser sua imagem. Charutinho, descrito no rádio como um mulato “*ágil e lépido, na flor da idade de golpista*” (CAMPOS JR., 2009, p. 339) aparecia nas telas como um homem de quase 50 anos, branco. Pafunça, descrita como mulher “*de corpo sensual e provocante*” se mostrava, na imagem de Mariamélia, uma mulher de 40 anos, acima do peso. Randal Juliano tentou utilizar artifícios de maquiagem e figurino a seu favor, porém era visível ao telespectador que os atores tinham suas caras pintadas. O programa não teve sucesso na versão televisiva, com baixos índices de audiência, mas permanece no ar por aproximadamente dois anos. Já no rádio, continuava a surpreender e, em 1963, Adoniran, além de atuar como protagonista, ganha cargo de diretor dos ensaios.

Figura 52 - Maria Tereza Fróes, a Terezoca no programa *História das Malocas*



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Apesar do humor contido no programa, Osvaldo Moles utilizou esse espaço para fazer denúncias sobre as mazelas que atingiam a população mais carente, os moradores da periferia da cidade. Assuntos como preconceito racial, desigualdade, criminalidade e corrupção policial eram abordados com frequência nos programas. Mesmo residindo em zonas nobres da capital paulista, Osvaldo Moles conhece de perto a vida nos bangalôs, nas malocas, transitando nessas áreas ao lado de Adoniran Barbosa. Só assim pôde transmitir aquela “realidade” dos subúrbios em seus roteiros radiofônicos.

Zuza Homem de Melo ressalta a capacidade de observação de Osvaldo Moles e como este se mantém o tempo todo alerta para, a partir de um gesto, de uma frase, de um flagrante observado, criar mais um personagem. “*Ele tava em permanente ebulição. A cabeça dele funcionava como uma usina*” e seus tipos eram sempre uma “*figura, com quem você cruza sem perceber, que aquilo tem um certo conteúdo que pode ser o veio de um tipo, de um personagem, de uma criação*” (HOMEM DE MELO, 2013).

Era uma pessoa muito acima da média. A sensação que eu tenho é que a qualquer momento que você estivesse com o Osvaldo Moles, ele estava ligado, pensando de que maneira ele podia criar alguma coisa naquele instante. Das palavras que você dissesse ou de qualquer coisa. Ele tava em permanente ebulição. A cabeça dele funcionava como uma usina e pra mim, o que eu me lembro da expressão dele muito nitidamente, por causa

daqueles óculos, às vezes ele olhava por cima dos óculos para você. E era um olhar, desses. perscrutador... quer dizer, uma pessoa que esta indo além da superficialidade.

E ele era uma pessoa que admirava as pessoas mais profundas, as pessoas mais... Embora ele convivesse num meio onde essa profundidade não existisse, de maneira tão flagrante, era um meio relativamente superficial. Meio radicalístico. Tinha um nível, relativamente inferior ao do teatro por exemplo. Mas ele tinha como principal marca, a facilidade de perceber de que maneira um traço qualquer de uma figura que ele visse, poderia se transformar num personagem. As vezes era um modo de falar, as vezes era uma frase, as vezes era uma palavra, as vezes era uma coisa. E essa figura inspiradora para ele, era, sem dúvida e sempre, uma figura do povo. Uma figura da rua. Não era uma figura de projeção. Era uma figura, com quem você cruza sem perceber, que aquilo tem um certo conteúdo que pode ser o veio de um tipo, de um personagem, de uma criação. Ele tinha essa percepção. Então muitos dos personagens que ele criou, eu tenho certeza que foram criados assim. Ao sabor dessa percepção que ele tinha constantemente, dessa espécie de lanterna acesa, e que era iluminada quando ele saia na rua para ir atrás de pessoas das quais pudessem ajudá-lo a criar alguma coisa. E ele agia com uma rapidez, ele não era uma pessoa de ficar refletindo... aquilo vinha instantaneamente. Já vinha pronto o negócio. Era uma capacidade de criar personagens, criar tipos, criar coisas, com uma rapidez fora do comum (HOMEM DE MELO, 2013).

Mario Fanucchi, que trabalhou em uma equipe liderada por Osvaldo Moles para uma campanha política, fala que os programas de Moles são “*referência para o que de melhor o rádio brasileiro produziu na chamada ‘Era de Ouro’*” (FANUCCHI, 2013)

Revivê-los é, mais do que um prazer, um dever de ofício. E aí vai um exemplo:

“Bangalôs e Malocas” era o título de uma notável série, com apresentações semanais, ao vivo, no auditório, com a participação de um elenco de que faziam parte Adoniran Barbosa, a orquestra, sob a direção de Hervê Cordovil, e um intérprete da música que fechava cada audição. Convido-os a analisar a construção da cena (com música incidental e tudo!), a autenticidade de seus personagens, a força do diálogo (na bem manejada linguagem dos excluídos!), tudo a demonstrar a rica imaginação do autor, além do inteligente uso dos melhores recursos do rádio à época (FANUCCHI, 2013).

4.3.5. Moles, Adoniran e o Corinthians

Quando Osvaldo Moles segue para a PRH-9 Rádio Bandeirantes, o número de participações de Adoniran Barbosa em programas da PRB-9 Rádio Record de São Paulo diminui consideravelmente. Nessa época ele também trabalha na Cinédia, gravando alguns filmes. Adoniran Barbosa lembra que quando Osvaldo Moles retornou para a rádio Record, ele já havia gravado a música *Saudosa Maloca* e afirma que Moles se inspirou na letra para criar o *História das Malocas*. O

personagem Charutinho foi um presente do programador para Adoniran Barbosa que era corintiano, daqueles fanáticos. O presidente do clube era o Alfredo Ignacio Trindade¹⁸⁵, sempre visto em público fumando charutos, daí o nome.

Aí o Moles saiu da Record e foi para a Bandeirantes. E eu fui fazer cinema. Trabalhei prá Cinédia, com o Adhemar Gonzaga: Pif-Paf e Caídos do Céu, com a Dercy Gonçalves. Em 1952 fiz O Cangaceiro e fumo premiado em Cannes. A filmagem foi em Vargem Grande. Quando voltei o Moles estava de novo na Record e tinha escrito prá mim a História das Malocas. Eu já tinha gravado o samba em 1950, e ele escreveu em cima da música e criou o personagem Charutinho, não porque eu fumasse charuto, mas porque eu era corintiano – e ainda sou – e na época o Corinthians estava pras cabeça. O presidente do Corinthians fumava charuto e daí o nome. Esse programa era apresentado sexta-feira à noite e reprisado no domingo às 11 horas. Foi sucesso total e ficou dez anos no ar. Acabou em 1965¹⁸⁶ (MACHADO; LIMA, 1978).

Outro fato interessante é que Osvaldo Moles, apesar de trabalhar para o São Paulo Futebol Clube, como veremos adiante, também tem seu nome marcado na história do Corinthians. Segundo reportagem especial, dedicada ao time, na *Folha de S. Paulo*¹⁸⁷, em abril de 1976, Osvaldo Moles esteve sentado à mesa junto a Lauro D'Ávila, quando este escreve o hino oficial do clube em um restaurante na Av. São João. A reportagem ainda afirma que Osvaldo Moles colaborou na criação da letra e conseguiu de graça os estúdios da PRH-9 Rádio Bandeirantes para que o hino fosse gravado no ano de 1951.

Altino de Castro Lima - o pai de Thereza - brincava dizendo que Osvaldo Moles era palmeirense, este, se dizia são paulino, mas em 1951, Moles ajudou mesmo foram os corintianos. Fundado em 1910, o Sport Club Corinthians Paulista teve diversas músicas compostas para enaltecer suas vitórias. Fossem elas marchinhas de carnaval como a famosa "*Doutor eu não me engano / Meu coração é Corinthiano*", "*Amor em branco e preto*" do grupo os Mutantes, "*Coríntia (Meu amor é o Timão)*" de Adoniran Barbosa ou os recentes versos "*Aqui tem um bando de louco / Louco por ti Corinthians*", todas faziam sucesso e eram entoadas na "boca do povo". Mas o hino oficial, aquele que atravessa gerações e nunca saí de moda foi escrito pelo compositor Lauro D'Ávila, durante um jantar no restaurante Papai, localizado na avenida São João para comemorar a vitória no Campeonato Paulista de 1951.

"*Salve o Corinthians / o campeão dos campeões / eternamente, dentro dos nossos corações...*" foi composto no jantar e Osvaldo Moles, além de participar da criação, ainda conseguiu o auditório da PRH-9 rádio Bandeirantes para gravação da música. Depois, nos estúdios do são paulino José Scatena - onde também aconteciam as gravações dos jingles publicitários veiculados na rádio - a mixagem foi feita. A prensagem ficou

¹⁸⁵ Trindade foi presidente do Corinthians entre os anos de 1949 até 1958.

¹⁸⁶ Encontramos aqui mais uma divergência sobre até que ano o programa *História das Malocas* permanece no ar.

¹⁸⁷ Num jantar, surge o hino: "Salve ...". *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 05 dez. 1976, p. 71. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/1976/12/05/20//4270539>>. Acesso em: 18 ago. 2012.

sob a responsabilidade da gravadora Continental (MICHELETTI, 2012b, pp. 181–182).

4.4. PRH-9 Rádio Bandeirantes – *Ritorno da Rua Paula Souza*

No dia 8 de março de 1951 Osvaldo Moles faz sua estreia na PRH-9 Rádio Bandeirantes. Com patrocínio do "*Sabão Tesouro - O sabão que vale ouro*", o programa "*Ritorno da Rua Paula Souza - Este é o programa que marca a estréia de Osvaldo Moles na Rádio Bandeirantes!...*"¹⁸⁸ é transmitido pela emissora. *Jingles* e sons da orquestra chamam a atenção do ouvinte e os radioatores Darcio, Maristela, Amaro Cesar, Fernando, Gessy Fonseca e Aramis Dalla Torres participam da irradiação.

EU SOU O PROLOGO! E ser o prólogo é sofrer a angustia de estar fora da tragédia, sem poder fugir dela! É ser como um prometeu no Caucaso do Palco! Ser prólogo é ficar á margem do drama, padecendo padecendo! Mas o espetáculo vai começar e todos querem rir...

(GARGALHADA DRAMATICA)

Sim! Hoje temos espetáculo

(NO RITMO)

COM RISOS COM LAGRIMA

TRAGEDIA OU COMEDIA

TRISTEZA ALEGRIA

COM MORTE COM VIDA

SIM! RESPEITAVEL PUBLICO! VAI COMEÇAR O ESPETACULO!

(ORQUESTRA GLISSANDO QUE EMENDA COM "SOMOS DA RUA PAULA SOUZA")

Darcio: Muita gente diz que a Paula Souza é apenas uma Broadway dos cereais. É uma Wall Street das lentilhas e do sabão.

Mas, senhores e senhoras, essa gente está muito enganada. A rua Paula Souza tem feijão... mas também tem sonho.

Reparem bem se não é humana – humaníssima – uma rua que tem destino de gente: - vive, palpita, cresce, sofre, vibra... E quando a gente pensa que ela vai virar santa – SANTA ROSA = ela se suicida atirando-se ao Rio Tamanduatei. Não. Nem só de batatas vive esta rua temperamental. Ela também vive de dramas, de comedias, de tragédias, de romancécos cotidianos... Por isso é que ...

Maristela: ... a esta tresloucada rua que se atira ao rio, no desespero de sua ultima curva, é que dedicamos um programa de radio.¹⁸⁹

¹⁸⁸ Em 2012 o radialista Marcelo Abud teve acesso comigo aos roteiros originais do Osvaldo Moles preservados por Beatriz Savonitti e esse programa foi escolhido para ser adaptado e ir ao ar ao vivo no bloco "Interferência" do programa "Você é curioso?" apresentado por Marcelo Duarte e Sílvia Alves na "Rádio Bandeirantes". Na ocasião também foi ao ar um áudio onde eu falo mais sobre o Osvaldo Moles e sua trajetória profissional. Disponível em: <http://radiobandeirantes.band.uol.com.br/player/?LNK=http://www.radiobandeirantes.com.br/audios_rb/12_09/120901_cur_podcast.mp3>. Acesso em: 15 jan. 2013.

¹⁸⁹ Trecho do programa "Ritorno da Rua Paula Souza - Este é o programa que marca a estréia de Osvaldo Moles na Rádio Bandeirantes!...". Fonte: Acervo pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Na PRH-9 Rádio Bandeirantes, Osvaldo Moles pode experimentar novas fórmulas em seus programas radiofônicos. É isso que ele anuncia nos jornais da época, declarando que os antigos modelos de programas deveriam ser esquecidos, "*deixados para traz, na poeira do passado*" e que os dirigentes e funcionários da emissora tinham como objetivo em comum "*fazer bom rádio*".

O Jornal de Notícias, datado de 22 de fevereiro de 1951, trazia na coluna Rádio, sob o título de "Ronda dos prefixos", a informação que Osvaldo Moles assinara contrato de dois anos com a PRH-9, rádio Bandeirantes, mas sua estreia tinha sido adiada "*impreterivelmente*" para o dia 8 de março. Segundo o jornal, o programa inaugural teria início as 20 horas e ofereceria "*ao público ouvinte o trailer de três programas que já estão prontos para iniciar a sua carreira no ar*". No dia seguinte, no mesmo jornal, Mário Julio conta que ao chegar na redação, recebeu um telefonema de Osvaldo Moles convidando-o para ir até os estúdios da PRH-9, localizado na rua Paula Souza. "*Moles, quando está disposto é um conversador que domina e absorve a atenção da gente e logo de chofre ele foi dizendo: 'A Bandeirantes é uma estação que me parece uma das mais avançadas de S. Paulo, principalmente porque os seus dirigentes e os seus dirigidos querem uma coisa acima de tudo: - fazer bom rádio'*", escreve Mario Julio. A reportagem continua com Moles explicando que naquela emissora era possível fazer "*qualquer tipo de programa, desde a radiofonização da bíblia até o diálogo pitoresco da rua*" e que os programas da Bandeirantes serão "*rigorosamente novos*". Segundo Moles, os antigos modelos de programas deveriam ser "*deixados para traz, na poeira do passado*". Ele ainda disse que as fórmulas radiofônicas deveriam ser estudadas para que os ouvintes pudessem apreciar um espetáculo "*agradável e proveitoso*". (MICHELETTI, 2012b, p. 175)

Na listagem apresentada no Apêndice III, catalogamos 24 programas criados por Osvaldo Moles para a PRH-9 Rádio Bandeirantes de São Paulo. Programas como um *show* musical comandado pelo maestro Silvio Mazzuca e *Largo do Paissandu* - este, que Osvaldo Moles brinca ao declarar que fez "*para provar que posso, também, escrever coisas fraquinhas*" - são programas populares, que nas mãos de Moles são sucesso garantido de audiência. No entanto, outros programas que ele cria para essa emissora e que, a princípio são vistos com desconfiança pela qualidade do conteúdo a ser irradiado, merecem nossa atenção nesta dissertação. Vamos nos concentrar em descrever três dessas atrações: *Terra dos Bandeirantes*, *Museu do Ipiranga* e *História da Literatura Brasileira*.

4.4.1. Terra dos Bandeirantes: uma São Paulo lírica e romântica

Terra dos Bandeirantes figura entre os primeiros programas que Osvaldo Moles produz na Bandeirantes em sintonia com a proposta inovadora de

experimentar novas maneiras de fazer rádio. Os quadros do programa contam costumes antigos e contemporâneos de São Paulo, denunciando o desenvolvimento da cidade e apresentando variedades que a coluna “Ronda” da *Revista do Rádio* diz conduzir “sempre para o alto nível que caracteriza o rádio adulto”¹⁹⁰. Segundo a revista, *Terra dos Bandeirantes* representa “o que melhor se pode desejar em matéria de rádio”¹⁹¹, com “conteúdo elevado, substanciosos e acentuadamente culturais, aqueles programas que fogem por completo da vulgaridade e que costumam satisfazer em tudo e por tudo o paladar mais exigente do público ouvinte.”¹⁹² Como exemplo, transcrevemos um trecho do programa:

- Como é que vocêalaria então, dessa chegada da lua que o grande almoço do dia incluiu no menu. Numa fatia larga de melão de prata, despertando apetite daqueles que sonham.
- Eu diria que, às 8 horas da noite, a lua parece um remendo branco na calça azul do céu.
- Isso é porque não conhece a praça da República. Venha comigo e eu vou dizer pra você o que é a floresta dos homens esquecida. É ali que Álvares de Azevedo acorda depois da meia noite:
'Descansem o meu leito solitário / Na floresta dos homens esquecida, / À sombra de uma cruz! E escrevam nela: Foi poeta, sonhou e amou na vida.'
- Sem dúvida, essa é a voz de Álvares de Azevedo, que já morreu em seus últimos ecos nessa selva de cimento armado que se chama A Terra dos Bandeirantes.
- Não, Álvares de Azevedo deixou seu espírito palpitando em cada galho de árvore, em cada mourão de cerca, em cada jardim da cidade. Até mesmo nas ruas novas que se abrem para os Cadilacs 51.
- Bem, eu quero ver essa cidade carregada de Lirismo. Quero ver se a noite é possível silenciar as máquinas registradoras que batem no coração dos homens de negócios.
- Pois pegue na minha mão, como quem pegasse na mão de uma estrela da constelação de Aldebarã. Veja agora, veja lá em cima as Três Marias em fila.
- De certo as Três Marias estão na fila da via láctea, esperando o leite que a mão da noite vai ordenhando.
- E olhe agora para esta rua Tabatinguera que sai da Glória. As casas todas tem mais de cinquenta anos. E a cinquenta anos...
(musica)
A cinquenta anos por aqui passavam ainda os seresteiros que iam acordar Adalgizas, cantando cantigas mornas na noite cheia de frio
[...]
- Mas então a rádio patrulha é o cinto de castidade nessa cidade que você diz lírica?
- Mas em todas as épocas foi a mesma coisa na terra de Piratininga. Veja

¹⁹⁰ Ronda. *Revista do Rádio*, Rio de Janeiro, 22 mai. 1951, p. 37. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&PagFis=4386>>. Acesso em: 18 ago. 2014.

¹⁹¹ Ronda. *Revista do Rádio*, Rio de Janeiro, 22 mai. 1951, p. 37. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&PagFis=4386>>. Acesso em: 18 ago. 2014.

¹⁹² Ronda. *Revista do Rádio*, Rio de Janeiro, 22 mai. 1951, p. 37. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&PagFis=4386>>. Acesso em: 18 ago. 2014.

por exemplo o que o Farol Paulistano publicava em 1863:

'Os casais de namorados que passeiam pela Várzea do Carmo tem sido o escárnio e o escândalo das populações ribeirinhas. Todas as noites para lá vão parzitos líricos que arrulham à luz da lua. E as famílias que passam já ao crepúsculo tem que levar tapa olhos ou observar todo o escândalo. Hoje uma providência.'

- Era essa então a época em que os bardos amavam e cantavam a luz do luar, e em que ainda os jornais pediam providências para assassinar romances.

- A polícia sempre assassinou romances. Antigamente eram os guardas municipais. Hoje o ponto final do romance vem motorizado e com antena de rádio.

- Mas sempre houve o mesmo candor. A mesma espiritualidade de mel quando a noite fazia murchar a luz do sol. Era então que as jovens da cidade, nos serões do chá de eucalipto começavam a cantar...¹⁹³

4.4.2. *Museu do Ipiranga: Aulas de história irradiadas de maneira divertida*

Também lançado no ano de 1951, o *Museu do Ipiranga*¹⁹⁴, conta com a participação de Sérgio Buarque de Holanda¹⁹⁵ na supervisão dos dados apresentados na atração.

Se o Museu do Ipiranga é até hoje um dos mais importantes da cidade de São Paulo, Sérgio Buarque de Holanda, seu diretor no início dos anos 50 não era menos importante para o entendimento da moderna historiografia e ciências sociais brasileiras. Sua primeira obra, "Raízes do Brasil", publicada em 1936, revela através do método de análise e da sensibilidade para escolha dos temas, uma nova maneira de ver o Brasil. Inclusive, para muitos, as ciências sociais brasileiras não poderiam existir como é hoje - não se pode pensar o Brasil - sem esta obra de Sérgio Buarque de Holanda e outras duas: "Casa-Grande & Senzala" (1933), de Gilberto Freyre e "Formação do Brasil Contemporâneo" (1942), de Caio Prado Júnior.

Talvez o encontro mais simbólico entre essas obras e o pensamento contemporâneo da formação do Brasil esteja registrado no livro "O mistério do samba", do antropólogo Hermano Vianna, que fala da primeira visita de Gilberto Freyre ao Rio de Janeiro, para conhecer Sérgio Buarque de Holanda no ano de 1926. Na noite do encontro, um bar foi fechado para que Pixinguinha mostrasse aos intelectuais o verdadeiro samba, ainda pouco

¹⁹³ Transcrição nossa de um episódio do programa *Terra dos Bandeirantes*. Áudio gentilmente cedido pelo Prof. Marcelo Abud.

¹⁹⁴ O nome oficial do Museu do Ipiranga é Museu Paulista. Localizado no bairro do Ipiranga, tem seu acervo pertencente à Universidade São Paulo (USP) desde 1989 e atualmente sua coleção abriga mais de 125 mil objetos com enfoque na história da Independência do Brasil - que aconteceu naquele mesmo local, às margens do Rio Ipiranga em 7 de setembro de 1822 - e na história de São Paulo, tendo inclusive o Museu Republicano "Convenção de Itu" como uma extensão da entidade no interior de São Paulo.

¹⁹⁵ Sérgio Buarque de Holanda foi docente em diversas universidades e autor, entre outros, dos livros *Cobra de vidro* (1944), *Caminhos e Fronteiras* (1956), *Visão do Paraíso* (1958), além de *Livro dos Prefácios* e *O Espírito e a Letra*, ambas obras póstumas, lançadas pela editora Companhia das Letras em 1996. Amigo pessoal de Vinícius de Moraes e de diversos artistas e intelectuais de sua época, Sérgio Buarque de Holanda faleceu em 1982 e sua biblioteca pessoal, composta por 8513 livros, 227 títulos de periódicos, 600 obras raras e 74 rolos de microfilme, faz parte da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp.

difundido no Brasil, em uma época que começava-se a falar em uma ideia de brasilidade. Caio Prado Junior não participou deste encontro, nem por isso sua obra pode ser considerada de menor valor. (MICHELETTI, 2012b, pp. 184–185)

Para o programa, Osvaldo Moles escreve dramatizações de fatos marcantes da história de São Paulo, do Brasil e por vezes do Mundo. Para interpretação dos acontecimentos, os principais radioatores da Bandeirantes eram convocados. Gessy Fonseca, Aramis Dalla Torres, Lucília Freire, Amaro Cesar, Dulcemar Vieira, entre outros, protagonizavam a história que tinha o maestro Benjamin Silva Araújo no comando da parte musical. Patrocinado por uma fábrica de Ribeirão Preto, o programa teve o oferecimento do Conhaque Ipiranga e entrava na grade de programação todas as quintas-feiras às 20h30. Quando o enredo navegava por áreas mais clássicas, sopranos e barítonos como Airton Farias e Aida Salermo participam do programa. Foram quase dois anos no ar, até que em 1953 acaba, devido à mudança de Sérgio Buarque de Holanda para a Itália, convidado a trabalhar na Universidade de Roma. Vejamos um trecho transcrito do áudio gravado de um programa *Museu do Ipiranga*:

NARRADOR 1: E o Cicerone do Museu do Ipiranga anuncia agora.

NARRADOR 2: UM POUCO DA CRONICA PITORESCA DA CIDADE DE SÃO PAULO!

(Barulho de pessoas na rua)

VOZ DE AMBULANTE: Água, água, água.

(música)

NARRADOR: Hoje em dia, quando a senhora abre a torneira de sua casa e...

VOZ DONA DE CASA: Mas o que é isso? Nem um pingo d'água na torneira outra vez. Mas já é o terceiro dia!

NARRADOR: Mais a senhora sabe, sabe que o povo de São Paulo certo dia se recusou a ter água encanada em casa? Ouça o que diz a voz da história:

NARRADORA: Naquele tempo, quando São Paulo estava amanhecendo para o progresso. Toda água era fornecida gratuitamente pelos chafarizes da cidade. Ali na rua Quirino de Andrade, ainda há um chafariz daqueles tempos, devidamente reconstituído. Surgiu então, a Companhia da Cantareira que se obrigava a fornecer água a todos os moradores da capital, em suas próprias casas e com encanamento. O povo dizia:

VOZ SR. VELHO: Isto são artes do Demo!

VOZ DONA DE CASA 2: Imagine, dentro de casa uma coisa que se abre da qual sai água!

VOZ SR. VELHO: Não... O pior é que temo que pagar até a água que bebemu.

NARRADORA: Não! Ninguém queria água. Apesar dos anúncios, dos (???), da amostra grátis que a Companhia da Cantareira forneceu a alguns. Ninguém arredava o pé da resolução. Até que a prefeitura mandou.

VOZ PREFEITO: Destruam todos os chafarizes da cidade!

(barulho construção)

NARRADORA: O povo... Protestou! E um dia, os operários iam para destruir um chafariz no Largo do Rosário, hoje Praça Antonio Prado. Quando...

VOZ HOMEM INDIGNADO: POVO DE SÃO PAULO. É UMA VERGONHA!

QUEM QUER QUE ELES DESTRUAM TAMBÉM ESSE CHAFARIZ? PARA NOS IMPOREM A ÁGUA ENCANADA!

(Barulho protestos)

NARRADORA: E quando o povo tentava linchar os operários. Chegaram os guardas municipais para garantir a destruição do chafariz.

VOZ HOMEM INDIGNADO: A ELES! AOS GUARDAS!!!

(Barulho de pessoas enfurecidas)

NARRADORA: Houve um verdadeiro conflito. E por muitos anos. A Companhia Cantareira não conseguiu dominar a situação. O seu povo... Era teimoso! Não queria a água do município.

NARRADOR: Vejam só como os tempos mudam. E dizer-se que a Companhia da Cantareira cobrava naquela época pelo fornecimento de água. A taxa trimestral de 500 réis.

(música)¹⁹⁶

Nesse trecho do programa Osvaldo Moles lembra mais um momento de progresso na cidade de São Paulo, com a chegada da água encanada nas casas, evidenciando como os moradores da cidade inicialmente rejeitaram a ideia, pois tinham água gratuitamente fornecida por chafarizes. Osvaldo Moles cria tipos com diálogos que parecem reais, como o senhor conversando com a dona de casa, ou nos manifestantes na voz de um homem indignado com a destruição dos chafarizes da cidade. São programas que ensinam e ao mesmo tempo divertem o público ouvinte.

4.4.3. *História da Literatura Brasileira: versões radiofônicas de clássicos da literatura*

Seguindo a linha dos grandes programas culturais, Osvaldo Moles reúne amigos modernistas para estrear no ano de 1952, pela PRH-9 rádio Bandeirantes, o programa *História da Literatura Brasileira*. Com supervisão literária¹⁹⁷ de Sergio Milliet, Jamil Almansur Haddad, Oswald de Andrade e orientação de Mario da Silva Brito o programa estreia na segunda-feira, 11 de agosto de 1952¹⁹⁸, às 21h com o tema "o ambiente pré-romântico". A parte musical fica sob a responsabilidade do maestro Renato de Oliveira.

Uma das dificuldades que o programa encontrou para ir ao ar foi a questão do patrocínio, pois poucos acreditavam que um programa sobre história da literatura pudesse ter êxito, contudo, o banco da Caixa Econômica Estadual de São Paulo

¹⁹⁶ Transcrição nossa de um episódio do programa *Museu do Ipiranga*, através do áudio do programa que nos foi gentilmente cedido pelo professor de história Romney Lima.

¹⁹⁷ Nos roteiros Osvaldo Moles utiliza a expressão "supervisão intelectual".

¹⁹⁸ Notinhas do Eter. *Folha da Noite*, 08 ago. 1952, p. 6.

aceitou investir no projeto.

Acostumado com os sucessos dos humorísticos populares, os anunciantes olhavam com certa desconfiança aquele programa duvidando do seu sucesso, porém com a boa audiência do programa "Museu do Ipiranga", Osvaldo Moles conseguiu convencer os diretores da Caixa Econômica Estadual de São Paulo a financiar a literatura transmitida via broadcast. Desde a primeira peça da literatura brasileira, a carta de Pedro Vaz de Caminha até escritores do modernismo, o programa trabalhou grande autores como Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo. Quando falou de Castro Alves "O navio negreiro" foi adaptado para o rádio. Na segunda-feira, 15 de junho de 1953¹⁹⁹, no ar estava José de Alencar, no dia 16 de novembro de 1953, era a vez de Euclides da Cunha²⁰⁰ ganhar destaque no programa que toda segunda-feira trazia um autor novo. Segundo depoimento do radialista Henrique Lobo, gravado para o Arquivo de Múltiplos do Centro Cultural São Paulo, O "História da Literatura Brasileira" não teve audiência, porém "*foi das coisas mais sérias que se fez no rádio*". Porém, a Folha da Manhã de 16 de junho de 1953, trazia na página 6 do caderno Assuntos Gerais que o programa continuava a registrar elevado índice de audiência. Em entrevista para o jornal "O Tempo"²⁰¹, publicada na edição de 31 de março de 1953, Osvaldo Moles declarava que "*o programa está agora adquirindo corpo e alma e que vai penetrando nos lares dos radiouvintes já sem limpar os pés no capacho e sem pedir a cerimoniosa licença. Já não está, como no princípio, ocupando os lugares mais distantes nas pesquisas de audiência. O último boletim do IBOPE, por exemplo, o coloca em terceiro lugar, o que equivale dizer, levando-se em conta o número de outros programas do mesmo horário - uns doze mais ou menos - que essa audição está num dos primeiros lugares no sentido de números de ouvintes.*" (MICHELETTI, 2012b, pp. 200–201)

Segundo os depoimentos registrados na citação acima, acreditamos que o programa *História da Literatura Brasileira* conseguiu superar o desafio de apresentar textos clássicos da literatura brasileira para a massa, também mostrando-se viável do ponto de vista comercial.

4.4.4. Sistema RB-55: Introdução dos blocos comerciais no Brasil

Como a grande maioria dos radialistas de sua época, Osvaldo Moles sempre contribuiu para o departamento comercial das emissoras em que trabalha. No entanto, na PRH-9 Rádio Bandeirantes, participa de uma mudança que entra para a história da publicidade brasileira. Em 1955, o psicólogo argentino Carlos Pedregal, também conhecido como Prof. Baskaran, reúne uma equipe composta por Osvaldo Moles, Júlio Atlas e Henrique Lobo para criar o *Sistema RB-55*, responsável por incorporar blocos comerciais na grade de programação da emissora. O novo sistema

¹⁹⁹ Conforme jornal *Folha da Manhã* de 16 de junho de 1953 – caderno Assuntos Gerais – p. 6

²⁰⁰ Conforme jornal *Folha da Manhã* de 12 de novembro 1953 – caderno Assuntos Gerais – p. 7

²⁰¹ Não tivemos acesso ao periódico, mas encontramos a citação no livro *Adoniran, uma biografia*, escrito por Celso de Campos Jr.

propõe rápidos diálogos, de curta duração, para divulgar os anunciantes.

Ferramentas e ferragens, eu compro em Ferreira Gonçalves. / Agora em novas instalações, Ferreira Gonçalves e Cia estão oferecendo artigos de sua importação exclusiva. / Florencio de abreu, 288.

(Vinheta)

Champagne / Moseli / Moseli / A ultima palavra em champagne / Humm! Esta goiabada foi feita em casa? / Não, é goiabada marca Cica / Ah! Se a marca é Cica, bons produtos indica.

(Vinheta)

J. Araujo e cia apresenta / Tuiti / Tecidos Tuiti, tipo esporte em belas padronagens. / J araujo e Cia. / Avenida Casper Libero, 79

(Vinheta)

Não sei o que faço hoje pro almoço. / Você sabe que os cereais do Moinho Santa Rosa dão quitutes deliciosos / Fuba mimoso, canjica, flor de milho, produtos do Moinho Santa Rosa.

(Vinheta)

O senhor tem fósforo ai? / Eu tenho fósforo, cálcio, ferro / Ah! Então o senhor é Toddy?²⁰²

Mensagens criativas eram preparadas para serem interpretadas pelo elenco de radioatores da emissora e iam ao ar de meia em meia hora. Com uma vinheta musical marcando a passagem entre uma publicidade e outra, a rádio Bandeirantes veiculava até 10 anúncios com apenas 10 segundos cada. A operação ousada deixa a rádio de um dia para o outro sem anunciantes, mas poucos meses depois, as agências de publicidade enfrentam filas para que seus clientes pudessem ser divulgados. Surgem no Brasil blocos comerciais, conforme explica Marcelo Abud, "*o impacto da novidade é enorme e dá origem ao que hoje chamamos corriqueiramente de bloco comercial, em qualquer emissora de rádio e de televisão no Brasil*" (ABUD, 2012). Até hoje, os comerciais veiculados em todas as emissoras de rádio e televisão do país são baseados nesse sistema.

4.5. Osvaldo Moles e a sétima arte

A primeira participação de Osvaldo Moles no cinema acontece no ano de 1946, quando viaja para a cidade do Rio de Janeiro para, com Herivelto Martins, colaborar com a criação do argumento do filme *Caídos do Céu*, produzido pela Cinédia. Com direção e roteiro do ex-produtor do Cassino da Urca, Luiz de Barros, o filme conta com a participação de quase todo elenco da PRB-9 Rádio Record de São Paulo, incluindo Adoniran Barbosa que interpreta um porteiro, realiza um

²⁰² Transcrição nossa de áudio com propagandas veiculadas pelo *Sistema RB-55*, gentilmente cedido pelo Prof. Marcelo Abud.

número musical e ainda encena o judeu Moisés Rabinovich, este último, personagem criado por Osvaldo Moles para os programas de rádio na Record. Em 1948, Osvaldo Moles é autor dos diálogos do filme *Noites de Copacabana*, produzido nos estúdios de Adhemar Gonzaga, com direção de Léo Martem.

No ano seguinte, em 1949, Páolo Antônio cede o espaço de sua coluna "Cinemice", publicada no semanário *Cine Repórter*, para uma crônica de Osvaldo Moles sobre os filmes brasileiros:

O cinema nacional não é uma indústria, uma instituição ou uma organização. Os entendidos dizem que é uma aventura integral. Tenho visto vários rapazes com o aspecto de iluminados, de barba crescida, falando em "play-back" e em "long shot", que já se consideram genios incompreendidos do cinema. O cinema brasileiro não tem artistas, diretores e escritores. Tem mártires. São sonhadores que substituíram as tripas por celulóide e que criaram uma realidade cinematográfica distante do público e dos capitalistas.

É o caso do Osvaldo Sampaio, de Talma de Oliveira, de Lima Barreto, de Adhemar Gonzaga e de muitos outros homens de grande talento, que só fazem cinema nos livros que lêem, nos cenários que traçam e nas esquinas. A prova de que o cinema nacional é uma verdadeira mina de dinheiro, foi dada pelo film "O Ebrio", com aquela garganta siderurgica de Vicente Celestino, que rendeu nada menos de 30 milhões de cruzeiros até hoje, segundo dados ainda não positvados.

Oduvaldo Viana também demonstrou, há pouco tempo, que fita de cinema é como batata. É só botar no balcão e todo mundo vem comprar. Uma produção nacional razoavel dá, pelo menos mil por cento de lucro, que é a base de trabalho dos produtores americanos. O lucro mínimo de mil por cento não é obtido em sonhos, mas nas bilheterias do cinema de acordo com o calculo antecipado dos produtores.

Dizem agora que Cavalcanti vai dar uma injeção de hemoglobinas no organismo anêmico do cinema brasileiro. Tudo é possível, se se conseguir o dinheiro exato para uma produção honesta.

Se o lucro de mil por cento não atraiu até agora os capitalistas, é porque ninguém se capacitou ainda de que o cinema é uma industria exatamente igual a qualquer fabrica de calçados, de capachos ou de meias de nailon. Não adianta nada querer fugir à realidade das bilheterias, para desprezar a produção nacional. Os films nacionais rendem bem mais do que qualquer "superprodução" americana. E se isso não basta para animar êsse pessoal que pensa que dinheiro foi feito só para ser empregado em fabriquinhas, basta dizer-se que "Este mundo é um pandeiro" deu quase 2.000 por cento de lucro.

Vamos, portanto, empregar nosso dinheiro no cinema nacional que rende mais do que gasolina em cambio negro. Podem contar com meus nove cruzeiros.²⁰³

Analisando a crônica aqui exposta, fica claro que Osvaldo Moles vê o cinema como um negócio lucrativo e acredita na produção nacional, que apesar de geralmente receber duras críticas dos jornais na época, gera bons lucros. Como

²⁰³ CINEMICE. *Cine Repórter*. São Paulo, 17 dez. 1949, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=085995&PagFis=1196>>. Acesso em: 07 jun. 2014.

exemplo reproduzimos um trecho da crítica direcionada ao filme *Caídos do Céu* veiculada no jornal *O Estado de S. Paulo*²⁰⁴:

Custa acreditar que neste país de censura cinematografica - que se diz defensora dos bons costumes, da qualidade moral, intelectual e tecnica do cinema brasileiro - possa haver projeção pública de uma fita de que não se salva nem mais o celuloide que lhe serve de suporte, denegrado e imprestavel doravante pelos trapos da fotografia que ali se imprimia e pela cacofonia pornografada que ali se gravou.²⁰⁵

4.5.1. *Simão, o Caolho e Mulher de Verdade*: dois roteiros de Osvaldo Moles e Miroel Silveira filmados por Alberto Cavalcanti

Diante o interesse pelo cinema nacional, Osvaldo Moles junta-se a Miroel Silveira para escrever o roteiro de dois filmes: *Simão, o Caolho* (1952) e *Mulher de Verdade* (1954), ambos dirigidos por Alberto Cavalcanti e produzidos respectivamente pela Maristela Filmes e pela Kino Filmes.

Simão, o Caolho é baseado na obra homônima de Galeão Coutinho²⁰⁶. Publicado originalmente em formato de folhetim, pelo jornal *A Gazeta*, é editado e lançado em livro em 1937. A adaptação da obra para o cinema foi filmada em 1951 e ganha mercado no ano seguinte. No filme é possível perceber as mudanças urbanas de São Paulo, com imagens que mostram uma cidade calma e tranquila nos anos de 1930 e depois, uma cidade cheia de pessoas, carros e bondes elétricos, na década de 1950.

Película pronta, no dia 27 de outubro daquele ano (1952), o presidente Getúlio Vargas assistia a apresentação oficial no Palácio do Catete junto a diversos artistas do filme, como Raquel Martins e Carlos Araujo. Logo estava nas salas de cinema do Rio de Janeiro e ainda no mês de novembro, mais precisamente no dia 28, o "avant-première" de "Simão, o Caôlho" - que coincidiu com a abertura da I Mostra Retrospectiva de Cinema - estreava no Cine Paramount, o "*primeiro a ter aparelho sonoro na capital bandeirante*". Com a sala lotada - muita gente não conseguiu entrar - o diretor Cavalcanti e a dupla de protagonistas Mesquitinha e Raquel subiram ao palco e após realização de breve discurso, receberam os aplausos e carinho da plateia. Para inauguração, uma placa homenageava Alberto Cavalcanti e Galeão Coutinho, o autor do livro que não chegou a ver o filme pronto, faleceu em

²⁰⁴ A crítica do *O Estado de S. Paulo* atribui a direção do filme a Guilherme Teixeira, mas no site da Cinédia confirmamos a direção, roteiro e montagem feita por Luíz de Barros. Disponível em: <http://www.cinedia.com.br/Caidos%20do%20CeU.html>. Acesso em: 15 jun. 2014

²⁰⁵ CINEMA. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 27 fev. 1946, p. 5. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19460227-21717-nac-0005-999-5-not/tela/fullscreen>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

²⁰⁶ Salisbury Galeão Coutinho não chegou a ver o filme *Simão, o Caolho* pronto, pois morreu em um acidente de avião que aconteceu na Serra do Parati em 17 de setembro de 1951.

um desastre aéreo que aconteceu na Serra do Parati em 17 de setembro de 1951.

No elenco, também participam Carlos Araujo, Sonia Coelho, Claudio Barsotti, Mauricio de Barros, Carmen Torres, Isaura Bruno, Iara Aguiar, Armando Peixoto e Silvana de Alencar. No filme, Simão é um corretor de negócios que sonha em deixar de ser caolho, até que um dia seu amigo Santos - que era inventor - lhe coloca um olho no rosto. Simão tinha encontrado o olho enquanto concertava o galinheiro e se no mundo tem tanta gente sem olho, por que não se pode ter um olho sem gente? Mas este, não era um olho comum, dava a Simão o poder de ficar invisível, poder que nosso protagonista soube muito bem aproveitar chegando ao cargo de presidente da república, não sem antes provocar muita confusão... Outro detalhe do filme é que ele mostra o desenvolvimento da pacata cidade de São Paulo do ano de 1932, até a agitada vida cotidiana com os bondinhos lotados na década de 50 (MICHELETTI, 2012b, pp. 191–192).

No ano seguinte à sua estreia, em 22 de dezembro de 1953, o jornal *O Estado de S. Paulo* entrega o *Prêmio Saci*, representado por uma estatueta em bronze esculpida por Victor Brecheret para Alberto Cavalcanti pela direção e para Galeão Coutinho, Miroel Silveira e Osvaldo Moles, pelo argumento e adaptação do livro homônimo ao filme.

Figura 53 - *Prêmio Saci* pelo roteiro do filme *Simão, o Caolho*



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Em julho de 1954 foi entregue o Prêmio Governador do Estado referente ao ano de 1953 que premiou os filmes de produção nacional exibidos em São Paulo em 1952. Por esse prêmio, Alberto Cavalcanti ganha 70 mil cruzeiros como melhor diretor, Osvaldo Moles e Miroel Silveira dividem o valor de 40 mil cruzeiros pelo roteiro e os herdeiros de Galeão Coutinho recebem 30 mil cruzeiros pela criação da história.

Figura 54 - Prêmio Governador do Estado pelo roteiro do filme *Simão, o Caolho*



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Mulher de verdade estreia no ano de 1954, sendo protagonizado por Inezita Barroso. O filme

conta a história de Amélia, uma enfermeira que ao cuidar do malandro Bamba, acaba se envolvendo e casando com ele. Porém, para não infringir o regulamento do hospital onde trabalha e perder o emprego, Amélia esconde o casamento. Não satisfeita, aproveita-se do horário desregado da profissão para casar com outro. A vida dupla parece dar certo até que acontece um incêndio e Bamba salva sua amada. Uma festa é preparada para enaltecer Bamba e este, torna-se um momento decisivo para Amélia...

Por esse trabalho, Inezita Barroso ganha dois prêmios na categoria de melhor atriz no ano de 1955: o Saci e o Governador do Estado.

5. FUTEBOL, POLÍTICA E UM TRÁGICO FIM

Nosso último capítulo apresenta os trabalhos de Osvaldo Moles na publicidade, comunicação organizacional, marketing político e assessoria de imprensa, tendo como exemplo a campanha para venda das cadeiras cativas do “Estádio do Cícero Pompeu de Toledo” e a assessoria prestada a Laudo Natel, quando este entra para a política. Por último falaremos da sua morte no ano de 1967 e como o assunto torna-se um tabu na família Ramos, não sendo noticiado nos meios de comunicação da época, fato que acreditamos ter contribuído para um “esquecimento” da obra de Osvaldo Moles, deixando sua obra em “segundo plano” até os dias de hoje.

Em entrevista que realizamos, Antonio Rizzo (2012) acredita que, para além de Laudo Natel, Osvaldo Moles tenha promovido a campanha de outros políticos, por intermédio do Dr. Paulo Machado de Carvalho. Sobre estes, não sabemos quem são, mas Mario Fanucchi (2013), comprova a existência dessas campanhas, afirmando que assim conheceu Osvaldo Moles pessoalmente.

Meu contato pessoal com Osvaldo Moles se deu na década de 1950, não dentro do rádio, em que ele era um expoente e eu, recém-chegado a São Paulo, reencetava minha carreira iniciada havia cinco anos. É que eu tinha sido convidado a fazer parte de uma equipe, liderada por Moles, responsável pela produção da propaganda de um candidato. Pude, assim, conviver por um breve período com alguém cuja trajetória eu conhecia, na condição de simples ouvinte, e, depois, continuei a acompanhar mesmo quando trabalhava numa emissora concorrente. (FANUCCHI, 2013)

Osvaldo Moles, que não tinha o costume de praticar esportes físicos, nem de assistir às partidas de futebol, com Mario Nadeu²⁰⁷, seu sócio na Morumbi Publicidade, e outros amigos participam da fundação do “Anhembi Tênis Clube”²⁰⁸, localizado no bairro de Pinheiros, ativo até os dias de hoje. Beatriz Savonitti (2012) diz que o salão social de eventos do clube leva o nome de Osvaldo Moles.

²⁰⁷ Em nossas pesquisas também encontramos o nome de Mario Nadeu com a seguinte grafia: “Mario Naddeo”.

²⁰⁸ Além de Osvaldo Moles e Mario Nadeu, os outros fundadores do Anhembi Tênis Clube são: Antonio Gouveia, Walter Albanezi, Henrique Basano, José Sábato, Leonardo Barros Carvalho, Nelson Neves e Nicolau Marmo. Disponível em: <<http://www.clubeanhembicom.br/2014/portal/?module=content&page=texto&id=2>>. Acesso em: 27 ago. 2014.

Figura 55 - Mario Nadeu, sócio de Osvaldo Moles na Morumbi Publicidade



Fonte: Acervo Pessoal de Antonio Rizzo Filho. Pesquisa realizada em 2012.

5.1. A venda das cadeiras cativas do “Estádio do Morumbi”

Após atravessar a década de 1940 conquistando diversos títulos, o São Paulo F.C. começa a década de 1950 com dívidas crescentes. É nesse momento que a diretoria do clube cria a comissão "Pró Estádio"²⁰⁹, responsável pela construção do atual estádio “Cícero Pompeu de Toledo”, mais conhecido como “Estádio do Morumbi”²¹⁰. Laudo Natel²¹¹ ingressa na comissão “Pró Estádio” no ano de 1952 e após analisar as despesas do clube, propõe algumas intervenções radicais (VIVEIROS, 2010, p. 18). A primeira delas foi a venda do Canindé²¹² para quitar as

²⁰⁹ A comissão “Pró-Estádio” foi formada por Cícero Pompeu de Toledo na presidência, Piragibe Nogueira como vice-presidente, Luís Cássio dos Santos Werneck como secretário e Amador Aguiar - fundador do Bradesco - como tesoureiro. Entre os membros também estavam o gerente geral da *City*, Altino de Castro Lima - pai de Thereza; Carlos Alberto Gomes Cardim, José Fernando de Macedo Soares Junior, Luís Campos Aranha, Manoel Raimundo Paes de Almeida, Osvaldo Artur Brakte, Roberto Gomes Pedroza, Roberto Barros Lima, Marco Gasparian, e Pedra França Filho e Paulo Machado de Carvalho, dono da Rádio Record. Ainda nesse mesmo ano, Laudo Natel entra para a comissão.

²¹⁰ Com a Copa do Mundo realizada em 2014 e a polêmica sobre o dinheiro público destinado ao financiamento da construção do “Itaquerão” (Estádio Arena Corinthians), houve quem acusasse o São Paulo F.C. de também ter recebido dinheiro público para a construção do estádio. No entanto, o montante doado não chegou a 5% do valor da obra. Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,morumbi-recebeu-dinheiro-publico-imp-,749131>>. Acesso em 31 mai. 2013.

²¹¹ Em 1958 Laudo Natel assume a presidência do São Paulo F.C., onde permanece por seis eleições consecutivas.

²¹² Atual “Estádio da Portuguesa”. Na época, apenas um terreno e parte dele foi negociado com a prefeitura para que se construísse aquele trecho da Marginal Tiête, a negociação envolve a concessão para construção do estádio do clube no bairro do Morumbi, em terreno doado pela

dívidas do clube e iniciar o caixa para a construção do estádio, que fica independente do caixa do clube (LUSO JR.; CASTRO, 1971; VIVEIROS, 2010).

O local para construção do novo estádio foi conquistado por Luís Aranha, Cícero Pompeu de Toledo e Breno Caramuru que após terem o pedido para construir o estádio no lugar onde atualmente encontra-se o Parque do Ibirapuera negado pelo então prefeito Armando de Arruda Pereira - que segundo dizem foi influenciado a tomar a decisão por pressão do então vereador Jânio Quadros -, mudaram de estratégia apostando suas fichas em um longínquo bairro que ainda estava sendo loteado. Em 1951, amparados pela lei de loteamentos do município de São Paulo, iniciam uma negociação com a Imobiliária e Construtora Aricanduva, pleiteando que a área que seria destinada para parques e jardins, fossem doadas ao São Paulo F.C. para construção de um novo estádio. Compreendendo uma área de quase 100 mil metros quadrados, o São Paulo F.C. recebe a doação do terreno. (MICHELETTI, 2012b, pp. 206–207)

Laudo Natel (2012) acredita que o primeiro tijolo do bairro do Morumbi foi assentado pelo São Paulo F.C., o que pode ser verdade. Ao observarmos a vista aérea do estádio (FIGURA 56), podemos ver as divisões dos loteamentos, mas sem nenhuma construção no entorno do “Estádio do Morumbi”.

Figura 56 - Vista aérea do Estádio do Morumbi na década de 1950



Fonte: Acervo Pessoal de Antonio Rizzo Filho. Pesquisa realizada em 2012.

imobiliária Aricanduva, que destinou a área verde por lei obrigatória na construção dos bairros fosse então destinada para construção do Estádio do Morumbi. Lembramos que a imobiliária Aricanduva pertencia ao governador Adhemar de Barros. Este, anos antes, tinha comprado a “PRH-9 Rádio Bandeirantes”, mas acabou “doando” para seu genro, João Jorge Saad, pois como político não poderia ser proprietário de nenhum meio de comunicação. A expressão “rouba mas faz” foi originalmente atribuída a Adhemar de Barros e não para Paulo Maluf como muitos acreditam. Polêmico, Adhemar de Barros tinha um fervoroso coro eleitoral, chamados na época de “adhemaristas”.

O clube inicia uma série de campanhas para arrecadação de fundos, como a “Campanha do Cimento” ou o lançamento da pedra fundamental da obra, ocasião em que o clube consegue um quilo de terra de cada município do Estado de São Paulo para plantar um pé de Jequitibá. Outra medida foi a venda das cadeiras cativas, com uma proposta inicial de concessão por 20 anos. É a partir desse momento que Osvaldo Moles participa da história do clube.

Apesar de Paulo Machado de Carvalho estar na comissão “Pró Estádio”, Antonio Rizzo Filho (2012), que foi superintendente do São Paulo F. C. e Jerson da Costa Ramos (2012), funcionário do “Arquivo Histórico do SPFC” acreditam que Osvaldo Moles foi trabalhar para o clube por intermédio do advogado Luiz Cássio dos Santos Werneck, um dos diretores da PRH-9 Rádio Bandeirantes.

Figura 57 - Sentado à mesa está Antonio Rizzo e à sua direita está o Dr. Paulo Machado de Carvalho na sede do São Paulo F.C.



Fonte: Acervo Pessoal de Antonio Rizzo Filho. Pesquisa realizada em 2012.

Figura 58 – Em destaque temos Laudo Natel e Antonio Rizzo na sede do São Paulo F.C.



Fonte: Acervo Pessoal de Antonio Rizzo Filho. Pesquisa realizada em 2012.

Nessa década Osvaldo Moles forma sociedade com Mario Nadeu, na Morumbi Publicidade. A agência teve sua primeira sede no bairro do Pacaembu e depois no Conjunto Nacional, sendo responsável por grande parte da capitalização do clube no empreendimento de construção do estádio. Laudo Natel afirma que o “Estádio do Morumbi” foi construído com a “*venda de ideias*” e que Osvaldo Moles foi o grande responsável para que estas fossem colocadas em prática.

Se o Estádio que hoje homenageia o saudoso Cícero Pompeu de Toledo tivesse um sobrenome, este seria Fé e Perseverança. O Morumbi foi feito com a venda de ideias e Osvaldo Moles foi o responsável por organizar estas ideias e tirá-las do papel, transformando sonhos em realidade. (NATEL, LAUDO, 2012)

Entre os primeiros trabalhos que Osvaldo Moles participa em prol do clube, está o LP *Bola no Barbante*²¹³, com as músicas: *Bola no Barbante* e *Salve o São Paulo*.

²¹³ *Bola no Barbante* é uma marcha-toada, composta por Osvaldo Moles e Sylvio Mazzuca e *Salve o São Paulo* é uma marcha composta por Antonio Bruno e Rubens do Amaral. As duas únicas faixas do LP *Bola no Barbante* foram interpretadas pelos Titulares do Samba e Dircinha Costa, com a orquestra do Sylvio Mazzuca. Este foi maestro na PRH-9 Rádio Bandeirantes.

Figura 59 - LP Bola no Barbante



Fonte: Acervo Histórico do São Paulo Futebol Clube. Pesquisa realizada em 2012.

Quando Osvaldo Moles assume a campanha para venda das cadeiras cativas do “Estádio do Morumbi”, estas passam a ter concessão perpétua, sendo repassadas aos herdeiros do titular. O pagamento foi facilitado em até 20 meses e as ações de venda foram divididas em duas frentes:

- 1) Campanha publicitária lançada por Osvaldo Moles nos meios de comunicação;
- 2) Captação direta, com venda ativa por parte dos funcionários do clube e jogadores, de maneira comissionada.

No “Acervo Histórico do São Paulo Futebol Clube”, a primeira propaganda que encontramos data do ano de 1953 e foi publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, com os dizeres:

*Você será
um dos construtores
 deste monumento!”
 “SEJA PROPRIETÁRIO no magnífico estádio que o São Paulo F.C. dará à
 nossa cidade!
 Compre agora a sua CADEIRA CATIVA e pague em 20 meses! para você
 não haverá filas, aumento de preços e nem cambistas! E além disso, note
 bem: a sua cadeira será perpétua, transferindo-se geração após geração.
 Com apenas mil cruzeiros mensais você adquirirá um verdadeiro patrimônio
 para sua família.²¹⁴*

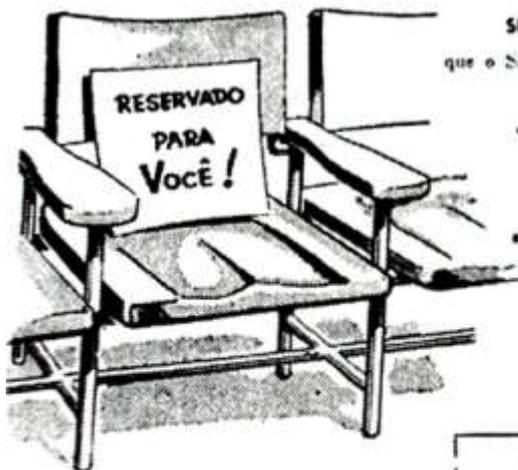
²¹⁴ Fonte: Publicidade preservada pelo Acervo Histórico do São Paulo Futebol Clube.

Figura 60 - Publicidade para venda das cadeiras cativas do Estádio do Morumbi (1953)

58



**Você será
um dos construtores
dêste monumento!**



SEJA PROPRIETÁRIO no magnífico estádio que o São Paulo F. C. dará à nossa cidade!

Compre agora a sua **CADEIRA CATIVA** e pague-a em 20 meses! Para você não haverá filas, aumento de preços e nem cambistas! E além disso, note bem: a sua cadeira será perpétua, transferindo-se geração após geração. Com apenas mil cruzeiros mensais você adquirirá um verdadeiro patrimônio para sua família.

Se você reside no interior remeta o cupom ao lado para o sede do São Paulo F. C., Av. Ipiranga, 1.267, 13.º andar - S. Paulo - e pelo valor do correio você receberá assim os detalhes para adquirir sua cadeira cativa.

Solicito detalhes, sem compromisso, sobre como adquirir uma cadeira cativa no novo estádio do São Paulo F. C.

NOME _____

RUA _____ N.º _____

CIDADE _____ ESTADO _____

**RESERVE AGORA SUA CADEIRA CATIVA PELOS TELEFONES
34-8167 ou 34-6315**

LUX JORNAL	Estado de São Paulo São Paulo	11 DEZ 1953
----------------------	---	--------------------

Fonte: Acervo Histórico do São Paulo Futebol Clube. Pesquisa realizada em 2012.

O anúncio traz um cupom para que os leitores do jornal pudessem preencher seus dados, solicitando uma visita “sem compromisso” por parte dos funcionários do São Paulo F.C.. A imagem da cadeira também será uma presença

constante e, nos anúncios seguintes, surge o “S.O.”: “Sócio Olímpico”; ou posteriormente, o “Sentadinho de Oliveira”. Os anúncios foram veiculados principalmente nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *A Gazeta* e na segunda fase da campanha, antes de divulgar quem é o “S.O.”, Osvaldo Moles lança publicidades com os dizeres: “*Você não quer ser um S.O.?*”; *Seu S.O. está com tudo!*”; *S.O. tem 3 piscinas para NATAÇÃO*”; entre outros.

Figura 61 - Croqui publicitário original montado por Osvaldo Moles para a campanha de venda das cadeiras cativas do Estádio do Morumbi



Fonte: Acervo Histórico do São Paulo Futebol Clube. Pesquisa realizada em 2012.

Na edição nº 97 da *Revista São Paulo Notícias*, encontramos a explicação de por que “Sócio Olímpico” ter sido chamado também de “Sentadinho de Oliveira:

Osvaldo Molles com seu espírito humorístico, possuía vários cacoetes, entre eles o de achar que TUDO E TODOS ERAM QUALQUER COISA DE OLIVEIRA. Quando a campanha já estava na fase de oferecimento do produto (cadeira cativa), a curiosidade e expectativa daqueles que cercavam o publicitário era saber onde e quando apareceria o seu cacoete. No meio do sucesso das vendas, companheiros de Molles se divertiam ao constatar que na propaganda de vendas onde o Sócio Olímpico já estava definido com S.O., Molles colocou um bonequinho sentado numa cadeira e com estes dizeres embaixo: SENTADINHO DE OLIVEIRA. A este personagem, na época, foi atribuída carinhosamente, a imagem de vários membros da Comissão Pró-Estádio.²¹⁵

Para efetivar as vendas, Osvaldo Moles aposta nos jogadores do time. “*Afinal, quem não gostaria de receber em sua casa um ídolo do futebol?*” (RAMOS,

²¹⁵ FATO PITORESCO. *São Paulo Notícias*. São Paulo, ed. 97, p.50. Fonte: Acervo Histórico do São Paulo Futebol Clube. Pesquisa realizada em 2012

2012), mas outros funcionários do São Paulo F. C. também podiam efetuar as vendas. Jerson relata que Osvaldo Moles ministra treinamentos, que vão desde o agendamento de visitas com potenciais compradores até o fechamento da venda, em que eram oferecidas cadeiras adicionais para esposa e filhos. Osvaldo Moles mostrava

o melhor caminho pro cidadão ir de encontro aquela pessoa interessada em cadeira cativa, a explanação que você tinha que fazer, o que dizer, era um mestre! Ele te dava as dicas pra colorir aquilo, enfeitar mais o pavão, entende? (RAMOS, 2012)

Durante a entrevista com Jerson Ramos, pedi para que ele me explicasse passo a passo como era feito um atendimento e, baseado nas orientações transmitidas por Osvaldo Moles, ele faz o seguinte relato:

Primeiro eu ia fazer um cadastro "*Que horas que o Senhor pode me atender, por que eu não quero tomar seu tempo.*", pra começar por aí, porque se eu chegar lá, e ele está numa reunião e eu disser:

- "*O senhor pode me atender?*"

- "*Ah, eu tenho cinco minutos!*"

Cinco minutos não dá nada. Então nós dávamos a liberdade, você entendeu?

- "*Que horas o senhor pode me atender?*"

- "*Olha, o senhor pode tá aqui às onze horas?*"

- "Tudo bem, onze horas estarei aí."

- "Porque é a hora que eu encerro depois, meio dia eu vou almoçar."

Então você ia. Começava a falar assim, seguinte:

- "Qual é o estádio de futebol que hoje o senhor assiste futebol? É na Rua Jaguari, no Parque Antártica, Pacaembu, certo? O senhor vai ter uma cadeira com seu nome, certo, e o senhor não precisa pedir favor pra ninguém pra comprar ingresso. Não precisa telefonar: 'Olha, me arruma ingresso pra mim e isso e aquilo' ou cair na mão de camelô. O senhor não precisa de nada disso. O senhor tem a sua cadeira, a sua carteira! O senhor entra ali, só pagar aquele ingresso mais barato e se o senhor não for, o senhor pode emprestar a sua cadeira pro seu filho, pra sua senhora, sua filha, seu amigo, que ele tem o livre acesso pra sentar na sua cadeira."

- "Ah Eh?"

- "É sim! É garantido por documento. Sua cadeira está lá com seu nome. E tem um porém... Eu tenho certeza que o senhor não vai no estádio sozinho. O senhor tem filhos não tem?"

- "Ah tenho um filho de 4 anos."

- "Quando o estádio estiver pronto ele vai estar com 10 anos. O senhor não gostaria de levar seu filho? O senhor não gostaria de levar sua senhora? Num ambiente, não é um ambiente de geral, é um ambiente selecionado".

Então nessa conversa, se você notasse que a pessoa tinha poder, você vendia 4, 5 cadeiras para uma pessoa só. Você saía com o intuito de ele pedir uma cadeira, você chega lá, convence o cidadão, porque você vendia pra família toda (RAMOS, 2012).

Apesar de as vendas serem comissionadas, Jerson Ramos lembra que em geral os jogadores não gostavam muito de sair para vender, com exceção do goleiro Poy, que "*estava sempre disposto, ele saía do treino e ia para as casas das*

peessoas, conforme as visitas agendadas". Os jogadores na década de 1950 não tinham os salários milionários de hoje, daí Jerson Ramos afirmar que Poy ganhou muito dinheiro com a venda das cadeiras cativas: *"foi assim que ele fez seu 'pé-de-meia"*, *"Só ele vendeu cerca de 8 mil cadeiras cativas"*²¹⁶ (RAMOS, 2012).

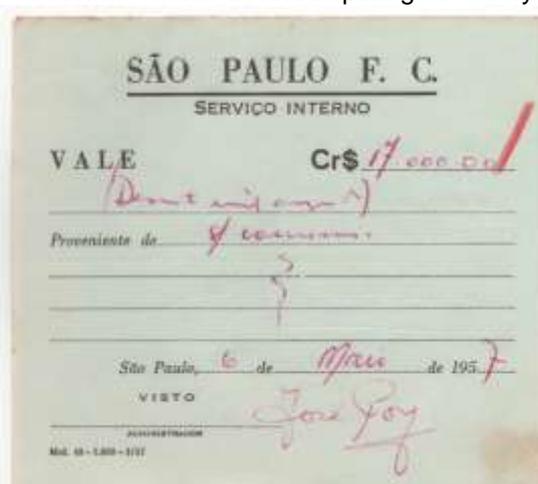
No total foram 12 mil cadeiras cativas vendidas e, com o dinheiro arrecadado, principalmente na campanha, o São Paulo F.C. inaugura a primeira parte do "Estádio Cícero Pompeu de Toledo", no dia 2 de outubro de 1960 em jogo que vence por 1 x 0 contra o Sporting C.P., time de Portugal. O público presente foi superior a 56 mil pessoas.

Figura 62 - Recibo pela comissão da venda de cadeiras cativas assinado por Jerson Ramos



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Figura 63 - Recibo pela comissão da venda de cadeiras cativas assinado pelo goleiro Poy



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Outra importante fonte de renda para a construção do "Estádio do Morumbi" foi o contrato com Companhia Antártica Paulista que obtém exclusividade na venda de bebidas por dez anos, renováveis por mais cinco anos. Com parte do estádio inaugurado, era possível a realização de jogos, o que começava a gerar receita para o clube.

Para fechar a área que ainda não estava construída, Osvaldo Moles tem a ideia de um muro com placas aproveitadas como espaços publicitários e ele, pela Morumbi Publicidade, ganha o direito de comercializar. Osvaldo Moles é responsável por toda a comunicação do São Paulo F.C., exercendo inclusive o serviço de assessoria de imprensa. Em seu acervo, encontramos uma foto com uma grande fila

²¹⁶ Embora o número de 8 mil cadeiras cativas pareça um exagero, o site oficial do São Paulo F.C. confirma a venda pelo goleiro Poy. Disponível em: <<http://www.saopaulofc.net/spfcpedia/a-historia-do-spfc/morumbi/>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

de carros em direção ao estádio para assistir ao jogo entre o São Paulo F.C. e o Palestra Itália²¹⁷.

No verso da foto encontramos os seguintes dizeres:

CLUBES ESPORTIVOS - SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE - ESTÁDIO DO MORUMBI

PROCOPIO E GERALDO I COMANDARAM A SUPERIORIDADE DAS DEFENSIVAS. O Morumbi recebeu um público numeroso para presenciar o tradicional clássico de football, entre o São Paulo F.C. e a S.E. Palmeiras. Nelson Jurno apanhou este bellissimo fralgrante em que se vê o Estádio "Cícero Pompeu de Toledo" (Morumbi), em sua parte já construída, totalmente lotado. Foto colhida na tarde de 20/8/961 quando da realização da partida São Paulo F.C. 0 X S.E. Palmeiras 0, pelo Campeonato Paulista de Futebol de 1961.

DN., 1ª Ed., 21/8/961 acf²¹⁸

Figura 64 - Foto utilizada para divulgação na imprensa do jogo entre São Paulo F.C. e S.E. Palmeiras no "Estádio do Morumbi" em 1961



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Outra importante campanha para captar recursos para a construção do estádio foi o lançamento do "Carnê Paulistão", mas desta, Osvaldo Moles não participa. No total, a construção do "Estádio Cícero Pompeu de Toledo" dura 18 anos e sua inauguração definitiva acontece em 25 de janeiro de 1970, com o

²¹⁷ Palestra Itália é o atual clube do Palmeiras.

²¹⁸ Dizeres no verso da foto apresentada na Figura 64. Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

amistoso internacional, que termina empatado, entre o São Paulo F.C. e o Futebol Clube do Porto. Nesse dia o público foi superior a 107 mil pessoas. O estádio e seu clube anexo tornam-se na época o maior complexo esportivo do mundo. Osvaldo Moles não chega a ver o estádio pronto, pois falece no ano de 1967. Sobre ele, Laudo Natel presta o seguinte depoimento:

Eu diria que [Osvaldo Moles] foi um homem eclético. Foi jornalista, foi radialista, foi publicitário, foi letrista, foi compositor, foi escritor... Enfim, foi um homem eclético! Um homem de várias atividades e uma figura marcante. Eu diria até que foi uma das figuras mais marcantes que eu conheci na vida. Eu conheci Osvaldo Moles quando eu era presidente do São Paulo Futebol Clube e principalmente naquela fase de lançamento do Estádio do Morumbi. Todos sabem que o Morumbi foi uma obra, que eu considero como se fosse uma obra de igreja. Eu digo sempre que o Estádio do São Paulo tem o nome do saudoso "Cícero Pompeu de Toledo", mas se tivesse um sobrenome seria: "Fé e Perseverança". Por que foi produto da fé e da perseverança. E foi Osvaldo Moles, quem colocava na prática as ideias que foram surgindo para a construção do estádio. Venda de cadeira cativa; títulos patrimoniais; campanha do cimento; colocando ao alcance da torcida esportiva, e principalmente ao são paulino, aquelas ideias que foram surgindo, que possibilitaram, ao longo de 18 anos, a construção do estádio. Osvaldo Moles portanto, foi uma figura ímpar! Foi um programador de rádio e de televisão. Foi um homem muito interessante. Foi uma figura que deixou saudade. Eu só lamento, às vezes, e não entendo até hoje o fim que teve Osvaldo Moles. Ele que foi na essência também um humorista. Ele era um homem bem humorado. Um homem que vendia as ideias de otimismo, não é verdade? E cujo a companhia... era muito agradável! Tanto que no plano pessoal, eu considero que ele foi um grande amigo. Convivemos durante muito tempo (NATEL, LAUDO, 2012).

Figura 65 - Foto de Osvaldo Moles com terno branco alinhado, ainda jovem, caminhando pelo centro de São Paulo



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

5.2. “O Nome é Laudo Natel”: A eleição do governador caipira

Em 1962, os votos para governador e vice eram independentes, fato que impulsiona Laudo Natel a aceitar o convite do Partido Republicano (PR) para se candidatar como vice-governador do Estado de São Paulo. O convite era uma velha insistência, sempre com respostas negativas, pois como diretor do Bradesco, Laudo Natel receava que um posicionamento político pudesse interferir em seu trabalho. No entanto, como a proposta era para que ele se candidatasse ao cargo de vice de maneira independente, sem apoiar ou ser apoiado por nenhum outro candidato, recebe o incentivo de Amador Aguiar²¹⁹, que coloca à sua disposição um avião do banco para percorrer o Estado de São Paulo, alguns funcionários para trabalhar na campanha e o patrocínio necessário para impressos e outros gastos de campanha. *“O Bradesco foi o meu partido”*, declara Laudo Natel (VIVEIROS, 2010).

Laerte Natel, convidado a ajudar o tio na campanha, lembra que eles não tinham nenhuma experiência no assunto: *“Não sabíamos como começar aquela campanha, então fomos para um baile de debutante em Franca. Foi naquela festa que iniciamos a campanha”* (NATEL, LAERTE, 2012). No entanto, logo Osvaldo Moles assume a coordenação do pleito. Sua primeira ação foi realizar uma pesquisa para saber qual nome seria melhor, “Laudo” ou “Natel”. Então ele segue numa tarde de domingo, com jogo do São Paulo F.C. no Estádio do Pacaembu e na portaria começa a perguntar para os são paulinos: *“Qual é o nome do presidente do seu clube?”* A resposta era sempre *“Laudo Natel”* e, com isso, Osvaldo Moles decide adotar o nome composto para a campanha (VIVEIROS, 2010; NATEL, LAUDO, 2012). Com o nome definido ele inicia um trabalho junto às emissoras de rádio e televisão para divulgar apenas a frase: *“O nome é Laudo Natel”*.

Quem me conhecia achava estranho e me perguntava por que meu nome aparecia na televisão. Quem não me conhecia, não sabia do que se tratava, poderia ser o lançamento de um novo produto. Sabonetes Laudo Natel (risos)! (NATEL, LAUDO, 2012).

Pouco tempo depois a frase: *“PARA VICE-GOVERNADOR, O NOME É LAUDO NATEL”*, passa a ser divulgada. Logo Osvaldo Moles posiciona Laudo Natel como o *“vice de todos”*, em uma campanha independente, mas que, ao mesmo tempo, cria a imagem de que ele era o vice-governador certo para qualquer um dos

²¹⁹ Amador Aguiar foi o fundador do Banco Brasileiro de Descontos (BRADESCO).

candidatos que fosse eleito governador. *"Eu era o vice de todos, poderia ser o vice de qualquer um!"* (NATEL, LAUDO, 2012). Outra peculiaridade dessa campanha é que Laudo Natel não sobe em palanque para fazer comícios. Prefere percorrer diversas cidades do interior paulista, visitando as rádios e redações de jornais locais; além de promover pequenas reuniões entre 20 e 50 pessoas nos bairros da capital (VIVEIROS, 2010). Algumas publicidades de época previam a criação de *"dez mil comitês domiciliares"* e a formação de *"núcleos de voluntários"*, denominados por Osvaldo Moles como *"Seleção dos Bons Administradores Públicos"*. Tais publicidades contêm informações de telefones e endereços para os voluntários retirarem material de campanha e faixas para fixarem frente a suas casas.

Enquanto isso, Jânio Quadros e Adhemar de Barros trocam insultos nos comícios e a briga se estendia entre seus vices: Faria Lima e Teotônio Monteiro de Barros trocavam insultos e acusações em cima dos palanques. Sem vínculo com outros candidatos e sem atacar ou ser atacado, Laudo Natel começa a alcançar expressivos índices no Ibope. Segundo pesquisas realizadas em outubro de 1962, tinha 34,6% do prognóstico dos votos, contra apenas 28,6% de Faria Lima (VIVEIROS, 2010). Diante de números tão expressivos, Adhemar de Barros e Jânio Quadros buscam o apoio de Laudo Natel, que se mantém independente na disputa.

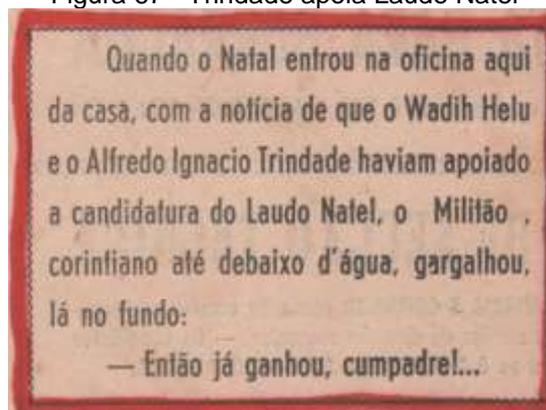
O único ataque que Laudo Natel (2012) se lembra durante a campanha parte do Adhemar de Barros que, para incentivar os votos ao seu vice Teotônio, chama de maneira pejorativa Laudo Natel de *"Candidato da Bola"*, fato que Osvaldo Moles se aproveita, criando um *botton* (FIGURA 67) com uma bola de futebol como peça de campanha e amplia a busca de votos por torcedores de outros times paulistas. Ao divulgar notas bem humoradas para a imprensa, destaca o apoio de dirigentes de clubes rivais, como por exemplo o Trindade, presidente do Corinthians (FIGURA 68).

Figura 66 - Botton "O Candidato da Bola"



Fonte: Acervo Pessoal de Laudo Natel.
Pesquisa realizada em 2012. Foto: Bruno Micheletti.

Figura 67 - Trindade apoia Laudo Natel



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti.
Pesquisa realizada em 2012.

Para dissociar a imagem de banqueiro, posição conquistada em uma longa carreira no Bradesco por Laudo Natel, Osvaldo Moles reforça a imagem de "caipira"²²⁰ nas viagens que este promove pelo interior do Estado. Novas peças publicitárias são divulgadas, ressaltando as qualidades do candidato como bom administrador. "*Laudo não é político, é administrador*" passa ser a frase utilizada na campanha, que divulga realizações do candidato como a construção do Estádio do Morumbi, anunciada como a maior praça de esportes do mundo construída pela iniciativa particular; o Grupo Escolar Cidade de Deus, obra social do Bradesco; "33" obras e campanhas beneficentes. Laerte Natel (2012) conta que questionou como Osvaldo Moles havia contabilizado essas "33" campanhas, tendo como resposta que ele não tinha, mas que esse era um número "mágico", por isso estava sendo usado na campanha.

No dia das eleições, em 1962, Osvaldo Moles manda fazer e distribuir pequenos cartões com os dizeres "*Bom dia Laudo Natel, as criancinhas de São Paulo estão rezando por você*", em referência a um cartão que Laudo Natel ganha durante a campanha, em ocasião que visita um orfanato na Vila Matilde. Finalizada a contagem de votos, Adhemar de Barros foi eleito governador e Laudo Natel foi eleito ao cargo de vice-governador do Estado de São Paulo, com 1 milhão e 200 mil votos dos paulistas.

²²⁰ Lembramos que Laudo Natel nasce na cidade interiorana de Mirassol.

5.2.1. “Quem Elege?”: A Campanha de 1964

Dois anos depois - em 1964 - Laudo Natel volta a disputar uma eleição, dessa vez concorrendo ao cargo de prefeito na cidade de São Paulo contra o Brigadeiro Faria Lima. Depois de ele ter sido eleito vice-governador, Osvaldo Moles prepara um documento para fortalecer sua imagem para as próximas campanhas eleitorais. Praticamente um ensaio político que analisa o perfil dos eleitores brasileiros da época e os efeitos “psicológicos” das mensagens transmitidas durante uma campanha. O documento estabelece a criação da *“turma do bate-papo”* que deveria ser multiplicada exponencialmente durante um plano de ação com duração mínima de 18 meses.

Figura 68 - Slides de Laudo Natel para a campanha de 1964



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

A pergunta *“Quem elege?”* começa o ensaio em forma de tópico, no qual Osvaldo Moles cita que as classes intelectualizadas se preocupam em fornecer um discurso através da *“frieza da cultura e da linguagem técnica-pedagógica-impermeável de pronunciamentos elevados”*, explicando que embora essas classes dominem o *status* pelo poderio econômico financeiro, ou pela capacidade de discernimento e de cultura, elas representam apenas “5,6% dos eleitores”, não conseguindo dominar nenhuma organização estatal moderna, pois jamais conseguem aprofundar no coração das massas populares - *“embora muitas vezes o ‘lunpen-proletariat’ ou a ‘mediana cultura’ se eleve para admirá-la em seus homens e em seus conceitos”*.

“Todos os homens que subiram ao poder, neste século, não representam essa classe, eleitoralmente”, escreve Osvaldo Moles, dando sequência a exemplos de grandes líderes mundiais como Churchill, Kennedy e outros. Ele explica que, embora alguns tivessem poder econômico ou alto nível de erudição, todos falavam a língua do povo, subiram ao poder porque representavam, de uma maneira ou de

outra, o anseio, o ideal e o espelhamento das massas em regiões e países em que a "fourteen years mental old age" representa sempre cerca de "87% do eleitorado ou da massa total das populações".

Adaptando essas ascensões ao estudo de caso no Brasil, Osvaldo Moles cita que levantamentos psicológicos concluem que o brasileiro vota sempre em si próprio, em sua mãe, em seu pai ou em seus irmãos.

Se êle encontrar de contacto anímicos, espirituais e, inclusive, materiais no candidato - dará, sim, uma opinião fora das urnas para inglês ver. Mas, no momento em que se dirige à cabine indevassável, quando vai ficar a sós com sua consciencia, quando chega a hora de sua verdade íntima, êle vota sempre nêle mesmo.

O ensaio esclarece ainda que todas as personalidades eleitas na época para cargos majoritários eram discrepantes da "Imagem Classe A" e que tanto no Brasil como em São Paulo o chamado "populacho" pelas classes intelectualizadas representava cerca de "94% do eleitorado" e, nos termos psicológicos, vota no candidato que transmita a mensagem que satisfaça os seguintes pontos:

- a) Vingança contra o estabelecido;
- b) Luta contra os que, supostamente, fazem o povo sofrer;
- c) Instinto de defesa, de conservação, de melhoria;
- d) Capacidade de espelhamento;
- e) Igualdade em causas populares: luta em favor das crianças e dos necessitados - mensageiros de simpatia radiofônica ou televisiva - futebol, etc etc.
- f) Liberdade de não ter medo;
- g) Ataque aos parasitas;
- h) Conhecimento FÍSICO e AMIZADE: sentimentalismo e possibilidade de arrumação.

Logo, que é que eleger? O INSTINTO.

Para comprovar o documento "Quem Eleger?", Osvaldo Moles escreve que teve acesso a "levantamentos psicológicos" feitos por "grupos altamente especializados", que chegaram às conclusões acima citadas e dá os seguintes exemplos:

P - Por que vai votar em JK?

R - Porque, sim.

P - É porque ee fala "bonito" no rádio, no comício e na TV?

R - Tmbém. E, principiamnete, porque êle é mineiro."

P - O que o levou a escolher Jânio?

R - Por que a "turma de cima" não gosta dêle andar mal vestido

P - Perdão, mas por quê Adhemar?

R - Porque ele é o sujo mais limpo do Brasil

Após os exemplos, conclui que: *"De tudo isso depreendemos- e configuramos certo - de que o homem não vota em ninguém: vota em si próprio"*. Outro dado interessante apontado nesse ensaio fala que a categorização da escolha dos candidatos por classes sociais é feita da seguinte maneira:

- Classe A (intelectualizada): tende a se dividir e já tem opinião, não sobre o homem (candidato), mas sobre a figura intelectual do homem que vai escolher para votar;

- Classe B: que é erroneamente chamada de *"Classe Média"*, em geral composta por bancários e comerciários, encontra-se próxima da Classe C, já que costumam ler apenas um livro, per capita, por ano, e geralmente é o *"FBI, os policiais, os detetivescos, os 'divertissements'"*.

Esse antagonismo de classes apresentado, segundo Moles, é exemplificado com o livro *Muito poucos admiram o gerente*, *best-seller* americano da época, que ele descreve como:

O livro, que é livresco, mostram como vendedoras e datilógrafas, transportadores e estoquistas caçôam, odeiam ou são indiferentes à figura que os conduz na empresa e de cuja orientação dependem seus próprios e vitais interesses: os da continuidade do emprego preservando-se a subsistência da firma.

Após citar o livro, adverte que esse pensamento não entra no *"surrado"* tema da luta de classes, mas lembra que a campanha promocional para eleger Laudo Natel nas próximas eleições deve travar a luta pela conquista da maioria.

É maioria mansa, crédula, tranquila, mas capaz de inflamar-se com uma mensagem ou a figura de um homem que consiga levar-lhe o impacto, o que, antigamente, se chamava *"toque de Azuero"* ou *"Estocada na alma"*.

Destacamos que todas as citações feitas nesta seção (5.2.1) têm origem no documento *"Quem elege?"* elaborado por Osvaldo Moles e preservado no espólio do radialista sob os cuidados de Beatriz Savonitti²²¹. Apesar desse trabalho, o prefeito eleito em São Paulo no ano de 1964 foi o Brigadeiro Faria Lima. Laudo Natel permanece no cargo de vice-governador até a metade do ano de 1966, quando recebe um telefonema do presidente Castelo Branco, convocando sua presença no Palácio do Catete, sede do governo nacional no Rio de Janeiro.

Na visita, Laudo Natel conta que o presidente lhe falou *"Eu preciso que você assuma o governo do Estado de São Paulo, veja isto!"* Faltando apenas oito

²²¹ Ressaltamos ainda que nesse acervo existem dezenas de discursos para formaturas escritos por Osvaldo Moles para que Laudo Natel os pronunciasse nas ocasiões em que foi paraninfo de formaturas; Análises sobre candidatos concorrentes a Laudo Natel; Roteiros de programas para propaganda política na televisão (*Video Tape*) abordando várias frentes de campanhas entre outros.

meses para o governo de Adhemar de Barros chegar ao fim, Laudo Natel preparava-se para concorrer ao cargo de governador nas eleições de 1966, quando leu o Diário Oficial do dia seguinte: ADHEMAR DE BARROS ESTAVA CASSADO! Passado o susto da notícia vinda de supetão, o presidente Humberto de Alencar Castelo Branco disse que a decisão estava tomada e que caso Laudo não aceitasse assumir o governo ele seria obrigado, mesmo que a contra gosto, realizar uma intervenção militar no estado de São Paulo. O jeito foi aceitar o desafio e Laudo Natel fez um curto governo exemplar, assumindo a cadeira de governador no dia 3 de junho de 1966, e lá permanecendo por apenas oito meses. Na década seguinte durante o regime da ditadura militar do general Emílio Garrastazu Médici, em período sem eleições diretas, Laudo Natel é nomeado ao cargo de governador do Estado de São Paulo, desta vez cumprindo um mandato completo de quatro anos - 1971 até 1975. (MICHELETTI, 2012b, pp. 246–247)

Figura 69 - 1964 – Laudo Natel em campanha contra a poliomielite



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Durante seu primeiro mandato como governador, em que permanece no poder por apenas oito meses, Laudo Natel contrata Osvaldo Moles como assessor do governo. Segundo depoimento de Laerte Natel (2012), setores da imprensa paulista, em especial *O Estado de S. Paulo*, não gostavam de Laudo Natel, principalmente por ele não ser de família tradicional e “assumir” o papel de “*governador caipira*”, com isso, o principal trabalho de Osvaldo Moles, foi realmente se relacionar com a imprensa e cuidar da imagem do governo.

Figura 70 - Carteira funcional de Osvaldo Moles como assessor do Governo do Estado de São Paulo



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

5.3. Osvaldo Moles no hotel São Benedito: Terceira estrela à “dereita” de quem vai...

Em 1967, Osvaldo Moles comete suicídio. Os motivos ainda são desconhecidos, mas um homem com tanta história e criatividade deixa como causa algumas lendas: uma dívida de jogo impagável; um amor impossível; o fracasso no rádio com o advento da televisão; problemas de alcoolismo; e até entrevistado que jurou ter trabalhado com ele na década de 1970. De todas essas hipóteses, nenhuma me parece certa, sendo desconstruídas no decorrer da nossa pesquisa: dívida não havia, pelo contrário, há relatos que, após sua morte, amigos procuraram a família e fizeram questão de pagar dinheiro por ele emprestado; sobre o amor, um dos que vieram com essa história foi o amigo Adoniran Barbosa, mas sabemos de sua forte ligação com Anita Ramos e a relação com sua família; no rádio, ele sempre fez sucesso, tinha o toque de “Midas” como escreve Celso de Campos Jr.; sobre a bebida, não encontramos nenhum relato em que ele estivesse embriagado e, quanto à entrevista... o entrevistado me ligou dias depois confirmando que houve, da sua parte, o engano: uma pequena confusão de anos.

O fato que sabemos é que Osvaldo Moles e Anita Ramos estavam no apartamento em que moravam no bairro de Higienópolis, quando ele cometeu suicídio. O primeiro a chegar no local para prestar socorro foi Laudo Natel, pouco

antes dos bombeiros. A morte não foi instantânea e ele seguiu com o resgate para o Hospital das Clínicas, onde viveu por mais algumas semanas. Nesse período Laudo Natel o visitou quase que diariamente e em uma das visitas pôde olhar nos olhos abertos de Osvaldo Moles, que recobrou por um instante a consciência, mas não a fala. Laudo Natel nos conta que perguntou: "*Moles, o que aconteceu com você?*" e a resposta veio por mímica, com o radialista estendendo a mão com os dedos em formato de "L", apontando para sua cabeça e puxando um dedo, como quem dispara o gatilho de uma arma de fogo. Sua irmã, Paschoalina Moles, inconformada com a notícia, acusa Anita Ramos pelo assassinato do marido, aumentando ainda mais o desconforto na família, mas sua acusação se mostra infundada, conforme registra o inquérito policial 318/67 que descreve a causa *mortis* de Osvaldo Moles:

IRACEMA CARVALHO NASCIMENTO, ESCRIVÃ DO CARTÓRIO DO SEGUNDO OFÍCIO DO JÚRI, DESTA COMARCA DA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, ETC.,

CERTIFICA,

atendendo a pedido verbal feito por pessoa interessada, que, revendo em o cartório a seu cargo, os autos de Inquérito Policial de nº 318/67, em que figura como Autora a Justiça Pública e como vítima OSWALDO MOLES, brasileiro, natural de Santos, Estado de São Paulo, filho de Antonio Moles e de d. Emilia Prisco., dêles verificou constar, às fls. 21, a Discussão e Conclusão do Laudo de Exame de Corpo de Delito (Exame Necroscópio), no seguinte teor: "DISCUSSÃO E CONCLUSÃO: - Do visto e relatado, concluímos que - OSWALDO MOLES - apresentou lesões corporais resultantes de instrumento pérfuro-contundente - projétil de arma de fogo, que conduziram a morte pelo mecanismo de "traumatismo crânio-encefálico", que foi a causa mortis. O disparo pelas características assinaladas configura tiro a curta distância, denominado "queima-roupa". A direção geral do projétil foi de fora para * dentro, num plano praticamente horizontal, e ao logo da borda anterior da porção petrosa do osso temporal direito. O projétil, constituído por amalgama de chumbo, foi encontrado em estilhaços pequenos, em meio as esquirolas ósseas que sua ação vulnerante produziu na base do crânio."²²²

A conclusão de que foi suicídio fica clara neste trecho do documento:

Inquérito 318/67. MM. Juiz: Conforme se verifica das provas existentes nos autos, ocorreu, na verdade, suicídio. Nêsse sentido a farta prova testemunhal e pericial, especialmente os depoimentos da esposa (fls. 39) e irmã da vítima (fls. 44). Dessa maneira, inexistindo indícios da ocorrência de crime ou * de responsabilidade de terceiros pelo evento, requeiro o arquivamento do inquérito. São Paulo, 25 de setembro de 1967. (a) Alberto Carlos de Saboia e Silva, Promotor Público.²²³

²²² Cópia da "Certidão de Arquivamento" do inquérito 318/67 que atribui suicídio à causa da morte de Osvaldo Moles. Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

²²³ ²²³ Cópia da "Certidão de Arquivamento" do inquérito 318/67 que atribui suicídio à causa da morte de Osvaldo Moles. Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Apesar da acusação e de certo rompimento quanto à amizade entre Paschoalina e a família de Anita Ramos, esta continuou por toda vida depositando uma quantia mensal para a cunhada. Na ocasião do falecimento, a família Ramos conta com amigos da imprensa e com o apoio de Laudo Natel para evitar a repercussão da tragédia e o desgaste emocional das notícias. Em nossas buscas a única matéria sobre o assunto que encontramos foi veiculada na *Folha de S. Paulo*:

O radialista e jornalista Osvaldo Moles faleceu, aos 54 anos, sábado à noite, no Hospital das Clínicas, onde se encontrava hospitalizado há várias semanas. Deixa viúva a sra. Maria de Lurdes Ramos Moles e uma irmã solteira Pascoalina Moles. Não tinha filhos. O enterro foi realizado às 16 horas de ontem no cemitério da Quarta Parada.

Osvaldo Moles iniciou sua carreira na Radio Tupi, ingressando posteriormente nas Emissoras Unidas, onde trabalhou até o fim da vida. Entre os programas mais famosos que escreveu estão "Histórias da Maloca" e "Crítica da Semana". Foi premiado 11 vezes com o "Roquette Pinto", além de ter recebido os seguintes prêmios: "Governador do Estado", "Paulo Machado de Carvalho", "Saci", "Medalha de Ouro" da Revista do Rádio, "Cidade de Salvador", "Governador de São Paulo", "Índio" e "Medalha do Mérito Jornalístico".²²⁴

Figura 71 - Faleceu Osvaldo Moles: única notícia de sua morte



O radialista e jornalista Osvaldo Moles faleceu, aos 54 anos, sábado à noite, no Hospital das Clínicas, onde se encontrava hospitalizado há várias semanas. Deixa viúva a sra. Maria de Lurdes Ramos Moles e uma irmã solteira, Pascoalina Moles. Não tinha filhos. O enterro foi realizado às 16 horas de ontem, no cemitério da Quarta Parada. Osvaldo Moles iniciou sua carreira na Radio Tupi, ingressando posteriormente nas Emissoras Unidas, onde trabalhou até o fim da vida. Entre os programas mais famosos que escreveu estão "Histórias da Maloca" e "Crítica da Semana". Foi premiado 11 vezes com o "Roquette Pinto", além de ter recebido os seguintes prêmios: "Governador do Estado", "Paulo Machado de Carvalho", "Saci", "Medalha de Ouro" da Revista do Rádio, "Cidade de Salvador", "Governador de São Paulo", "Índio" e "Medalha do Mérito Jornalístico".

Fonte: Faleceu Osvaldo Moles. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 mai. 1967, p. 5. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/1967/05/15/402//4462812>. Acesso em: 25 ago. 2012.

²²⁴ Faleceu Osvaldo Moles. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 mai. 1967, p.5. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/1967/05/15/402//4462812>. Acesso em: 25 ago. 2012.

Oswaldo Moles morre no dia 13 de maio de 1967. Na sessão de obituários, a *Folha de S. Paulo* do dia 17 de maio de 1967 publica dois anúncios - um da família e outro da Morumbi Publicidade - convidando os amigos para a missa de Sétimo Dia a ser realizada às 8h30 da manhã do dia 19 na Catedral Metropolitana de São Paulo - Praça da Sé. Um mês após o ocorrido, o jornal *O Estado de S. Paulo*, na edição de 13 de junho, convida os amigos para celebrarem a missa de 30 dias, a ser realizada às 10h na Igreja da Consolação. A corrente de orações continua e, no jornal *O Estado de S. Paulo* de 12 de maio de 1968, a missa de um ano do falecimento do radialista era anunciada para o dia seguinte, às 18h30 na capela da Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP.

Laerte Natel - o sobrinho de Laudo Natel - lembra que apesar do bom humor, via uma certa tristeza melancólica no olhar de Oswaldo Moles. Com certo saudosismo, ele conta que não consegue explicar bem... não consegue definir o que era... Laerte considera Oswaldo Moles como sendo uma das pessoas mais inteligentes com quem teve o prazer de conversar e diz que muitas noites dava-lhe carona até sua casa - nesta época, Moles morava em um apartamento no bairro de Higienópolis. Ali na frente do apartamento, por vezes ficavam conversando horas, não tinha assunto sobre o qual Moles não soubesse falar com propriedade, desde fofocas do rádio, matérias publicadas em jornais, livros de assuntos diversos e até grandes pensadores (MICHELETTI, 2012b, pp. 253–254).

5.3.1. “As três irmãs” se reúnem na casa em Pinheiros

Anita Ramos logo se muda do apartamento em Higienópolis. Foi morar com as irmãs Ruth e Sarah em uma casa que Oswaldo Moles havia comprado da *Cia. City*, mas como o bairro de Pinheiros ainda era pouco habitado na época, nunca morou lá. O assunto do suicídio torna-se um tabu dentro da família e ninguém nunca mais comenta o caso. Mesmo falar sobre Oswaldo Moles e sua carreira era assunto proibido. Apesar disso, os móveis no estilo colonial, sua *Remington*²²⁵ de estimação, objetos pessoais, livros e discos que compunham seu escritório em casa foram preservados junto a caixas de roteiros radiofônicos, fotos e trabalhos em diferentes frentes da comunicação. Beatriz Savonitti tinha apenas cinco anos quando o tio-avô faleceu, mesmo assim, ainda lembra um pouco de Oswaldo Moles brincando com ela. Mas a memória é mais viva quando sente saudades dos dias em que apoiava os cotovelos na almofadinha de areia que ficava na "janelona" do apartamento em São

²²⁵ Máquina de escrever da marca *Remington*.

Vicente e ouvia as histórias que Anita Ramos contava, em segredo, sobre os áureos tempos de Osvaldo Moles no rádio, enquanto olhavam para o mar. Para o lanche da tarde, Anita Ramos adorava bolo *Pullman* de chocolate, bolo de laranja e frapê de chocolate. “*Era muito legal, porque de frente pro mar tinha a janelona de vidro e uma almofadinha de areia. A gente ficava assim, “debruçadinha” assim, vendo o mar, contando história. Passamos muitos carnavais...*” (SAVONITTI, 2012)

Beatriz Savonitti é quem cuida das “três irmãs” e com grande carinho lembra que Anita Ramos era uma mulher “*a frente do seu tempo*”, que ficou inconformada quando sua mãe a proibiu de fazer um intercâmbio aos 13 anos de idade com amigas de escola. Já próxima dos 80 anos, Beatriz Savonitti conta que Anita Ramos ainda frequentava *shows*, como do Julio Iglesias, Roberto Carlos e do Milton Nascimento, este último “*ela foi com a minha irmã que era adolescente e voltou toda animada dizendo: - Ai! Agora não se bate mais palmas assim! [Gesto de palmas como se canta parabéns] Agora bate palma assim, com as mãos pro alto.*” (SAVONITTI, 2012). Outra curiosidade é que, em fevereiro de 1986, quando a atriz Yoná Magalhães, com seus 50 anos de idade, pousa para revista masculina *Playboy*, Anita Ramos faz questão de comprar o exemplar, mesmo com a família toda achando um “*absurdo*”. Nunca deixou de ler e, assim como Osvaldo Moles, também não dirigia, chamava um motorista que a levava duas ou três vezes por semana para uma livraria localizada na Rua Teodoro Sampaio, ou, às vezes, até a Livraria Cultura do Conjunto Nacional.

Figura 72 – Anita Ramos

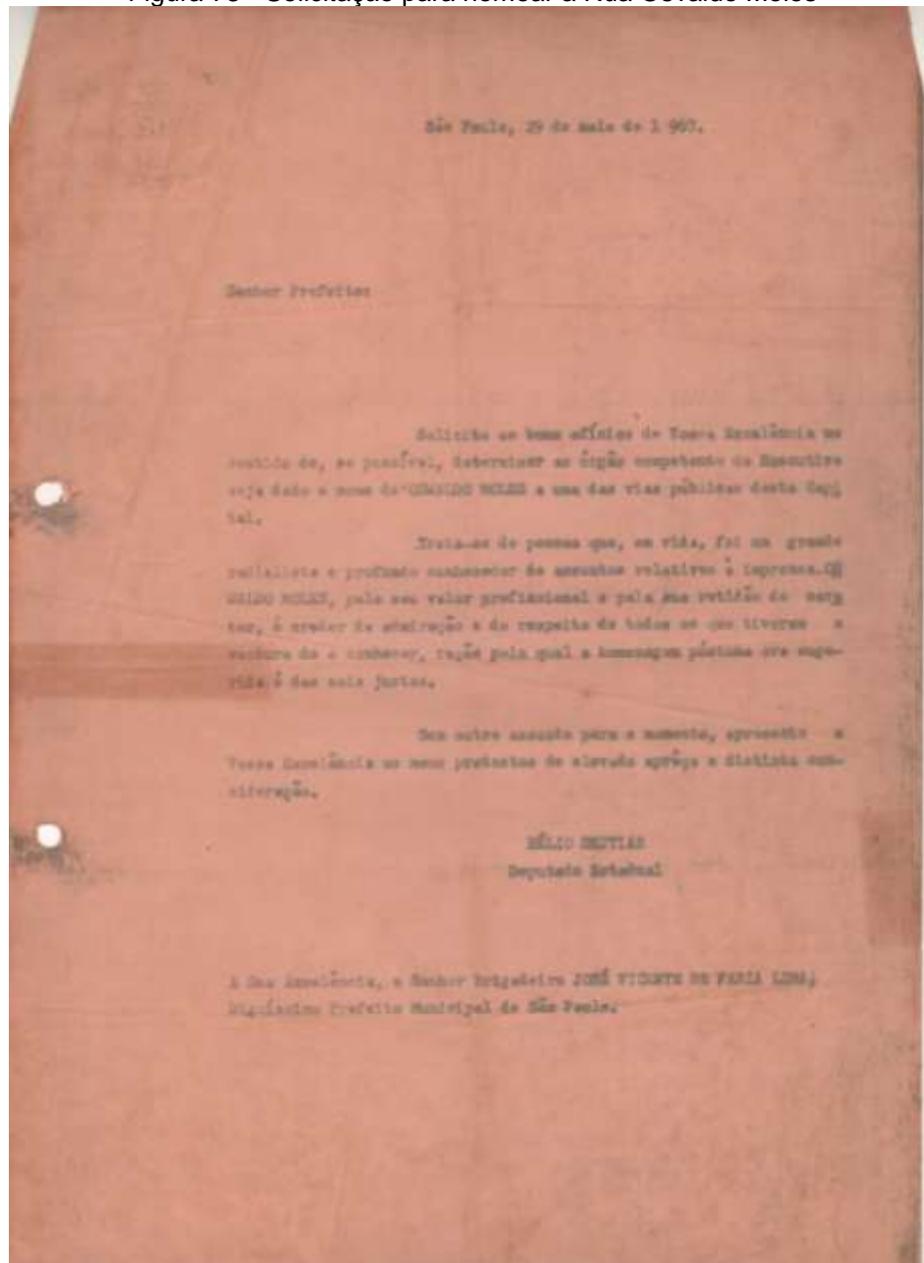


Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

5.3.1. Virando nome de rua

Lá na Vila Leopoldina, entre a "Marginal Pinheiros" e a avenida "Dr. Gastão Vidigal", registrada como "Rua Oswaldo Moles" no '*Dicionário de Ruas*' da Prefeitura de São Paulo e como "Rua Oswaldo Moles" no *Google Maps*, um quarteirão de rua homenageia o radialista. A indicação foi feita em 29 de maio de 1967, pelo então deputado estadual Hélio Dejtiar que encaminhou o pedido diretamente a José Vicente de Faria Lima, prefeito de São Paulo naquele ano.

Figura 73 - Solicitação para nomear a Rua Oswaldo Moles



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

No documento, o deputado Dejtiar ressalta a importância do seu pedido em homenagear Osvaldo Moles *"pelo seu valor profissional e pela sua retidão de caráter, é credor da admiração e do respeito de todos os que tiveram a ventura de o conhecer, razão pela qual a homenagem póstuma ora sugerida é das mais justas."*

Figura 74 - Osvaldo Moles em momento descontraído



Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

6. CONCLUSÕES

Com o objetivo de produzir um documento memorialista sobre a vida e a obra de Osvaldo Moles, concluímos que este se torna um profissional multimeios, que integra seu trabalho às novas tecnologias, conforme estas passam a ser utilizadas e, deste modo, traz contribuições significativas para o campo da comunicação dentro das áreas em que trabalha: jornalismo, rádio, literatura, cinema, publicidade e marketing político.

Demonstramos como desde o início de sua carreira, Osvaldo Moles tem contato com a elite política e intelectual de São Paulo, haja visto que trabalha em periódicos ligados a partidos políticos como o *Diário Nacional* e o *Correio Paulistano*, além de dividir a redação com nomes do modernismo brasileiro como Mário de Andrade e Sérgio Milliet, convivência esta que vai se renovando com o passar das décadas, permitindo o contato com outros intelectuais, como Sérgio Buarque de Holanda por exemplo e com políticos para quem presta serviços em campanhas, com destaque para a aproximação com Laudo Natel, que quando assume o cargo de governador em junho de 1966, chama Osvaldo Moles para trabalhar na comunicação do Governo do Estado de São Paulo. Estas experiências somadas a sua infância pobre e a viagem que realiza pelo interior do país até fixar residência na cidade de Salvador, permite que Osvaldo Moles escreva crônicas sobre a vida das pessoas que moram na cidade de São Paulo (seus costumes, jeitos, sotaques, etc.), assim como os lugares da cidade (as praças, as fábricas, os bairros) que vão se transformando ao longo das décadas, devido a chegada do progresso. Essa experiência vivida, aliada a uma grande capacidade de observação permite que Osvaldo Moles seja considerado o sucessor de Antônio de Alcântara Machado na literatura paulista. Outro aspecto relevante desta pesquisa está na comprovação da importância que Osvaldo Moles tem na carreira de Adoniran Barbosa e neste ponto concluímos que é o trabalho em parceria, que faz grande sucesso no rádio entre as décadas de 1940 e 1960, com as criações de Moles e as interpretações vocais de Adoniran. Osvaldo Moles também contribui para a carreira musical de Adoniran Barbosa, tendo inclusive assinado letras em parceria com o sambista. Seja em suas crônicas ou nos programas radiofônicos, concluímos que a obra de Osvaldo Moles integra a cultura popular paulista, permanecendo na memória paulistana até hoje na

figura de Adoniran Barbosa, reconhecida pelo grande público.

A partir deste trabalho é possível a produção de uma série de pesquisas futuras com recortes para produções específicas de Osvaldo Moles e suas contribuições para o campo da Comunicação no Brasil. Diante essas possibilidades, destacamos, por exemplo, a necessidade da análise sonora de sua produção; o aprofundamento dos estudos no campo da publicidade evidenciando sua contribuição para o desenvolvimento da área; ou mesmo pesquisas que estão à margem deste trabalho, como a relação entre o surgimento do rádio e o movimento modernista brasileiro que, de certa forma, parecem ter alterado a identidade nacional e a identidade paulistana, conforme estamos trabalhando em pesquisas paralelas, com os primeiros resultados apresentados em trabalhos publicados no XI LUSOCOM (MICHELETTI, 2014a) e no congresso da INTERCOM em 2014 (MICHELETTI, 2014b).

Concluimos que esta dissertação é um trabalho introdutório que contribui para uma apresentação holística da produção do pesquisado em diversas frentes comunicacionais, evidenciando o legado que Osvaldo Moles deixa para o campo da Comunicação no Brasil, sendo pioneiro e inovador em diversos meios e, em especial, na história do rádio paulista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABUD, M. **Rádio Bandeirantes: Sistema RB-55**. São Paulo, 07 fev. 2012. Entrevista concedida à Bruno Micheletti
- ADAMI, A. **Explode a guerra civil no Brasil: O rádio nas trincheiras constitucionalistas de 1932**. In: M. F. Sande; A. Adami (orgs.); Panorama da comunicação e dos meios no Brasil e Espanha / Panorámica de la comunicación y de los medios en Brasil y España. São Paulo: INTERCOM, p. 370–401, 2012a..
- ADAMI, A. **La industria de los medios de comunicación en Brasil, la cultura y los nuevos desafíos económicos y comunicacionales**. In: Anuário de la comunicación 2012. Madrid: Dircom, 2012b.
- ADAMI, A.; BOLL, A.; MARCELO, P. DE O. **Proposição para o uso da metodologia da história oral na pesquisa em Folkcomunicação**. In: 7ª Conferência brasileira de folkcomunicação: Lajeado, 2004.
- ADDUCI, C. C. **O reforço da “mística paulista” nas páginas do Diário Nacional**. In: Lutas sociais: Estado, nação e transnacionalização. São Paulo, v.7, p 101-114, 2001.
- AMOROSO, M. **Os sentidos da etnografia em Câmara Cascudo e Mário de Andrade**. In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, n,54, p. 177–182, 2012.
- ANDRADE, M. DE. **Táxi e crônicas no Diário Nacional: estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez**. São Paulo: Duas Cidades; Secretariada Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976a.
- ANDRADE, M. DE. **O turista aprendiz: estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez**. São Paulo: Duas Cidade; Secretariada Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976b.
- ANITA Malfatti**, Personalidades. In: Acervo do jornal Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/noticias/personalidades,anita-malfatti,529,0.htm>>. Acesos em: 08 out 2014.
- APCA 50 anos de arte brasileira**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- ASSIS, A. **Pascalíngundum - os eternos Demônios da Garoa**. São Paulo: Angelo Assis, 2009.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 24. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- BIANCO,N.R.. O tambor tribal de McLuhan. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.
- BOAS, S. V. **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida**. São Paulo: UNESP, 2008.
- BITONI, D. **Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Summus, 2009.

CAMPOS JR., C. DE. **Adoniran: uma biografia**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2009.

CAMPOS JR., C. DE. **Informações sobre o livro “Adoniran: uma biografia” e indicações para novas entrevistas**. São Paulo, 07 fev. 2012. Entrevista concedida a Bruno Micheletti

CARDOSO, T.; ROCKMANN, R. **O Marechal da Vitória: uma história de rádio, TV e futebol**. São Paulo: A Girafa Editora, 2005.

CARMO, Eduardo Benzatti do. **A obra ficcional e jornalística do escritor Antônio de Alcântara Machado: letras e imagens**. São Paulo, 2004. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CASALECCHI, J. Ê. **O Partido Republicano Paulista: política e poder (1889-1926)**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO. **O rádio paulista no centenário de Roquette Pinto 1884-1984**. São Paulo: CCSP, 1984.

CLAUDIO, J. **Os bichos da roda: álbum de 25 xilogravuras e texto de José Cláudio**. nº 445/500, ed. Recife, 1966.

CLAY, V. **O Negro em O Estado da Bahia: de 09 de maio de 1936 a 25 de janeiro de 1938**. 2006. Faculdade de Comunicação - UFBA. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/pex/viniciusclay.doc>>. Acesso em: 23 nov. 2012.

CONVERSANI, Â. A. B. A. B. **Teledramaturgia Brasileira: as minisséries**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-teledramaturgia-altamir.pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2014.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DETONI, M.; PIOVESAN, A. **Rádio cidadã: um guia para ação**. São Paulo: EDICON, 2013.

DINES, A. **Roda Viva**. São Paulo: TV Cultura, 19 mar 2012. Programa de Tv

DUARTE, J. **Entrevista em profundidade**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, p. 62-81, 2006.

FANUCCHI, M. **Oswaldo Moles**. São Paulo, 14 jun. 2013. Entrevista concedida a Bruno Micheletti

FERNANDES, G. M. **Folkcomunicação e os estudos culturais: em busca de aproximações**. Caxias do Sul, 2010.

FERNANDES, M. DO C. **Anita Ramos, uma pioneira da crítica paulista**. O Estado de S. Paulo, p. 36, 1983. São Paulo. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19830130-33098-nac-0036-999-36-not/>>. .

FINK, G. **Tenho fome**. São Paulo: Flama, 1944.

FLORES, J. G. **Análisis de datos cualitativos: aplicaciones a la investigación educativa**. Barcelona: PPU, 1994.

GOBBI, M.C. **Método biográfico**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, p. 82-97, 2006.

GONÇALVES, M. A. **1922 - A semana que não terminou**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HALL, S. **Da diáspora**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. 11th ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HAUSSEN, D. F. **Rádio e política: tempos de Vargas e Perón**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

HELENA JR., A. **Prefácio: Depois que nós vai, depois que nós volta**. In: CAMPOS JR., C. DE. Adoniran: uma biografia. 2. ed. São Paulo: Globo, p 7-11, 2009.

HOHLFELDT, A. **Rádio e imprensa: como as duas mídias se encontraram e se fortaleceram em Moçambique**. In: Conferência Internacional Império Português . Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa , 2013.

HOMEM DE MELO, Z. **Programa História das Malocas; Rádio; Músicas e músicos da época**. São Paulo, 2013. Entrevista concedida a Bruno Micheletti.

HOMEM, M. C. N. **Antônio da Silva Prado, prefeito da cidade de São Paulo: 1899-1910**. In: V Seminário de história da cidade e do urbanismo: "Cidades: temporalidades em confronto," 1998. PUC-Campinas. Disponível em: <<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/584>>. Acesso em: 14 abr. 2013.

ISABEL, M. **Vida Pessoal de Osvaldo Moles, Anita Ramos e Família**. São Paulo, 02 out. 2012. Entrevista concedida a Bruno Micheletti.

JOÃO PERDIGÃO, E. C. **O rei da roleta: a incrível jornada de Joaquim Rolla**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

KLAXON em revista. ed. fac-similar. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

LAFETÁ, J. L. **1930 a crítica e o modernismo**. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

LAGE, N. **Linguagem jornalística**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LOBATO, M. **A propósito da exposição Malfatti**. Disponível em: <<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/educativo/paranoia.html>>. Acesso em: 29 jun. 2014.

LONGHI, C. R. **Mãos que fizeram São Paulo: a história da cidade contada em recortes biográficos**. São Paulo: Celebris, 2003.

LOPEZ, T. P. A. **Mário de Andrade no Diário Nacional**. In: ANDRADE, M. DE. Táxi e crônicas no Diário Nacional. São Paulo: Duas Cidades; Secretariada Cultura, Ciência e Tecnologia, p. 15-20, 1976a

LOPEZ, T. P. A. **"Viagens Etnográficas" de Mário de Andrade**. In: ANDRADE, M. DE. Táxi e crônicas no Diário Nacional. São Paulo: Duas Cidades; Secretariada Cultura, Ciência e Tecnologia, p. 15-23, 1976a

LUNA, S. V. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução, elementos para uma análise metodológica. São Paulo: EDUC, 2007.

LUSO JR., J. DE A.; CASTRO, J. V. DE. **Laudo Natel**: biografia do governador. São Paulo, 1971.

MACHADO, L. T. **Antônio de Alcântara Machado e o modernismo**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1970.

MACHADO, P. S.; LIMA, C. **Adoniran Barbosa e Paulo Vanzolini**. Nova história da música popular brasileira. São Paulo: Abril, 1978.

MARQUES DE MELO, J. **A esfinge midiática**. São Paulo: Paulus, 2004.

MARQUES DE MELO, J. **Teoria do jornalismo**: identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.

MARQUES DE MELO, J. **Mídia e cultura popular**: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MATOS, M. I. S. DE. **A cidade que mais cresce no mundo**: São Paulo território de Adoniran Barbosa. In: São Paulo Perspec, São Paulo,. vol.15, n.3, pp. 50–57, 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000300008>>. Acesso em: 14 ago. 2012.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do Homem**. São Paulo: Cultrix, 1996.

MICHELETTI, B. D. **Oswaldo Moles**: pioneiro do rádio paulista. 2012a . Iniciação Científica - Instituto de Ciências Sociais e Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2012a.

MICHELETTI, B. D. **Oswaldo Moles - o intelectual que falou com o povo**: a trajetória de um pioneiro no rádio paulista. 2012b. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais e Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2012b.

MICHELETTI, B. D. **1922 - O rádio e a semana de arte moderna**: notas sobre a identidade cultural brasileira e paulistana. In: XI LUSOCOM, Pontevedra, 2014a.

MICHELETTI, B. D. **1922 – Rádio e modernismo**: influências na identidade cultural brasileira e na identidade cultural paulistana. In: Intercom 2014, Foz do Iguaçu, 2014b.

MICHELETTI, B. D. **Anita Ramos e a página feminina do Correio Paulistano** - Uma pioneira jornalista do cinema e da imprensa feminina Paulista. In: Revista CoMtempo, São Paulo , Vol. 6, nº 1, 2014c.. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/anita-ramos-e-a-pagina-feminina-do-correio-paulistano-uma-pioneira-jornalista-do-cinema-e-da-imprensa-feminina-paulista/>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

MICHELETTI, B. D. **“Piquenique classe C” y “Brás, Bexiga e Barra Funda”**: Oswaldo Moles como sucesor de Antônio de Alcântara Machado. In: XV Congreso Internacional de Literatura Española Contemporánea, Madrid, 2014d.

MICHELETTI, B. D.; SOUZA, K. C. C. DE. **“O crime não compensa”, histórias da crônica policial paulista transmitidos pela PRB-9 Rádio Record com roteiros de Osvaldo Moles e Thalma de Oliveira.** In: M. F. Sande; A. Adami (orgs.); Panorama da comunicação e dos meios no Brasil e Espanha / Panorámica de la comunicación y de los medios en Brasil y España. São Paulo: INTERCOM, 2012.

MOLES, O. **Repto de honra.** In: Folha da Manhã, São Paulo, p. 11, 31. Jan. 1932.. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fdm/1932/01/31/1//4545218>>. Acesso em: 27 jun. 2014 .

MOLES, O. **Piquenique classe C:** Crônicas e flagrantes de São Paulo. São Paulo: Boa Leitura, 1962.

MONTEIRO Lobato, Personalidades. In: Acervo do jornal Estado de São Paulo .Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/noticias/personalidades,monteiro-lobato,1023,0.htm>>. Acesso em: 13 mar. 2013.

MORAIS, F. **Chatô:** o rei do Brasil. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOREIRA, S. V. **O rádio no Brasil.** Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2000.

MOREIRA, S. V. **Análise documental como método e como técnica.** In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.* 2. ed. São Paulo: Atlas, p. 269-279, 2006.

MOURA, F.; NIGRI, A. **Adoniran Barbosa:** Se o senhor não tá lembrado. São Paulo: Boitempo, 2002.

NAPOLITANO, M. **Cultura brasileira:** utopia e massificação (1950-1980). 3rd ed. São Paulo: Contexto, 2008.

NATEL, L. **Moles no Morumbi; Campanha para Vice-Governador em 1962; Relacionamento Moles-Laudó; Morte de Osvaldo Moles.** São Paulo, 09 mai. 2012. Entrevista concedida a Bruno Micheletti

NATEL, L. **Moles no Morumbi; Campanha para Vice-Governador em 1962; Relacionamento Moles-Laudó; Morte de Osvaldo Moles.** São Paulo, 9 e 11 abr. 2012. Entrevista concedida a Bruno Micheletti

OLIVEIRA, J. DE. **O Rádio no Brasil.** Londres: BBC, 1989. CD

OLIVEIRA, M. **Na frequência do riso:** dos programas de humor nas rádios portuguesas à sociedade do espetáculo. In: Anais do IX Congresso LUSOCOM. São Paulo: Universidade Paulista, 2011.

PASTORE, T. DE C. L.; PASTORE, J.; SAVONITTI, B. H. R. DE A. **Vida Pessoal de Osvaldo Moles, Cia City, Anita Ramos e Família.** São Paulo, 22 ago. 2012. Entrevista concedida a Bruno Micheletti

PENA, F. **Teoria da biografia sem fim.** Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

POUPART, J.; DESLAURIERS, J.-P.; GROULX, L.-H.; et al. **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

PRADO, E. **Eduardo Prado**: textos escolhidos. Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=484&sid=356>>. Acesso em: 19 nov. 2013.

PROGRAMA Ensaio: Adoniran Barbosa. São Paulo: Tv Cultura. Disponível em: <<http://youtu.be/GO9aljsEY4>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

R.R. **Cultura continua firme na velha briga pelo Ibope**. In: Folha de São Paulo, Caderno Ilustrada, São Paulo, 5 fev. 1982. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/1982/02/05/136//4175406>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

RAMOS, J. **Estádio do Morumbi; Venda de Cadeiras Cativas; Morumbi Publicidade; Como era Osvaldo Moles**. São Paulo, 18 mai. 2012. Entrevista concedida a Bruno Micheletti

RAMOS, J. DE O. **A epopeia dos Apeninos**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1947.

RAMOS JR., J. DE P. **A fortuna crítica de Macunaíma**: Primeira Onda (1928-1936). USP, 2006. Tese de Doutorado (Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-24082007-140504/pt-br.php>>. Acesso em: 22 mai. 2013.

RAMOS JR., J. DE P. **A identidade brasileira**: mito e literatura. Café Filosófico. São Paulo: CPFL Cultura / Tv Cultura, 18 nov. 2009. Disponível em: <<http://www.cpflcultura.com.br/2009/11/30/integra-a-identidade-brasileira-mito-e-literatura-jose-de-paula-ramos-jr/>>. Acesso em: 25 mai. 2013.

RIZZO FILHO, A. **Antônio Rizzo e Moles; São Paulo antiga; Morumbi; Trabalhos de Moles; Campanha das Cadeiras Cativas**. São Paulo, 18 abr. 2012. Entrevista concedida a Bruno Micheletti.

ROCHA, G. **Folclore**. In: Enciclopédia INTERCOM de comunicação. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010, p.536–537.

SALEME.R. **Guerra do Uruguai**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/guerra-do-uruguai/>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

SANTANA, M. I. **Guerra contra Aguirre**. Info Escola. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/guerra-contra-aguirre/>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

SANDE, M. F. **Prólogo**. In: Osvaldo Moles - o intelectual que falou com o povo: a trajetória de um pioneiro no rádio paulista. 2012b. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais e Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, p. 16-21, 2012b

SAVONITTI, B. **Vida Pessoal de Osvaldo Moles; Anita Ferri Moles; Família**. São Paulo, 22 ago. 2012. Entrevista concedida a Bruno Micheletti.

SILVA, Z. L. DA. **Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo**: metamorfoses de uma festa (1923-1938). São Paulo: UNESP, 2008.

THALASSA, Â. **Correio Paulistano**: o primeiro diário de São Paulo e a cobertura da Semana de Arte Moderna. 2007. Mestrado (Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

TOTA, A. P. **A locomotiva no ar**: rádio e modernidade em São Paulo, 1924-1934. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/PW, 1990.

VIVEIROS, R. **Laudó Natel**: um bandeirante. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

ZUMTHOR, P. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

ANEXOS

ANEXO I – Transcrição de carta amorosa de Osvaldo Moles para Anita Ramos 1

Minha maravilhazinha

Tudo que ha de bom aqui, não paga o preço de estar um minuto longe de você. É verdade que eu ando te vendo nas cordilheiras da serra da Mantieueira, na brisa que sopra do lado dos descampados, nos silencios das tardes que se deitam tranquillamente e nas manhãs de sol que são bem typicas da terra mineira. Poderia repetir outra vez que eu te ando vendo vestida de estrellas nas noites mornas. E, até nas pastagens de uma verdura sem socio em todo o Brasil, eu te vejo sempre. Isto, no dicionario da lingua portugueza, tem um nome que se encontra sempre na letra S: SAUDADE. E na verdade, Anita, não posso pintar a saudade que ando sentindo de você neste São Lourenço das Aguas Virtuosas - a cidade das conversinhas molles e sem consequencia, onde se bebe agua, se dorme e se come queijadinha e cangica.

Se você estivesse aqui, talvez que tudo me parecesse bem melhor. A agua tem gosto de perda de trem, as conversas molles convidam ao somno e o somno meu aqui é sempre superpovoado de você. Ainda não passou uma noite, das duas que estou aqui, que eu não tivesse sonhado com a minha noiva que, para mim, e o principio e o fim do mundo e cujos beijos são muito mais virtuosos, mams doces e mais queridos do que as aguas de S. Lourenço para os que soffrem de colicas hepaticas.

Em todo logar só se fala e se bebe agua. Parece uma multidão de nordestinos, assolados pela secca, que tivesse encontrado um riacho no mem da planicie escarpada. Todos bebem, E - coisa interessante 0 todoss andam embriagados plas aguas.

De resto, Minas Geraes não é apenas um grande e verde pasto onde se criam, mal, bois e vaccas. Se não estivesse muito surrada esta citação eu diria que daqui é que foram expulsos os nossos prcariadores pais bibliocos. Ha, na quietude das tardes, uma infinita docçura - um inenarravel gosto de assuçar candy. Ha, no

ruminar rythmado dos bois, o silencio das coisas primitivas. E, na grane tristeza da fala de shewinggumm dos mineiros, existe a mistura das raças que aqui se fundiram e que se tornaram essa gente pacata e sem ambições, que guia charrette e fornece queijo ao Brasil inteiro. Tudo é diferente de S. Paulo. Não ouvi, por estas bandas, nenhuma pronuncia de napolitano ou de hespanhol. Nenhuma chaminé manda para o céu o despedicio do trabalho incessante.

Ninguem luta. Ninguem aggride a existencia com trabalho arduo. Mas, em compensação, todos sonham, ou melhor, tudo sonha. Tudo sonha neste imenso territorio das Geraes, que é tão rico... e tão pobre.

Esse é o panorama da terra em que me encontro e não me acho. Não me acho bem, nem satisfeito porque estou longe de você. E, longe de você, minha amada movel, não pode haver coisa que preste.

Essa é a conficção que sempre andou comigo e que cada vez mais ganha raizes no meu estomago. - Você conhece essa sensação de aperto, no estomago, quando a saudade aperta? É uma coisa interessante... eu tenho andado com o estomago tão apertado que quasi não posso nem tomar café, de tanta saudade.

Vou ficar aqui no maximo até o dia 2. Estou estudando um logar para que, quando for a hora, nós possamos passar aqui algumas semnas. Quero ardentemente voltar para aqui, mas com você, porque - como muito bem o explica o samba - sem você não vivo bem, sem você não sou ninguem, sem você a minha vida é um HORROR!

E aqui fico, morrendo de saudades de você, ouvindo as conversinhas molles e monotonas e bebendo agua.....

Um grande, empolgante, sensacional, um abraço de primeira pagina para você

Osvaldo Moles²²⁶

²²⁶ Ressaltamos que mantivemos a ortografia da época, assim como os erros de digitação para sermos o mais fiel possível ao documento original.

ANEXO II – Transcrição de carta amorosa de Osvaldo Moles para Anita Ramos 2

Minha querida Maravilhazinha, Gatinha, Preciosidadezinha, Gardeniazinha e Orchidiazinha.

Prezada senhora (é mais serio)

Saudações affectuosas.

Recebi hontem a sua carta pejada de pensamentos sérios e de coisas muito serias. Você não se deve preocupar (repare como o pronome esta bem collocado) com essas nossas briguinhas sem a mais minima significação nem importancia. O grande amor que eu sinto por você não morreris mesmo que você passasse as vinte e quatro horas do sia me insultando. É rochoso, monolytico, alicerçado em rocha e em granito, mais poderosamente indemolivel do que a muralha da China e mais seguro do que a mais segura das pyramides do deserto egypcio.

Estou com uma saudade immensuravel de você, das suas mãos, dos seus pulsos, dos seus olhos e dos seuscabellos manchados e onde já começam a florecer alguns determinantes de falso funcionamento das glandulas de pigmentação. Amo tudo isso com uma força extraordinaria e viva, muito mais viva do que um desenho animado do marinheiro Poppey. Estou com você em tudo que me disse na carta menos no que é concernente á separação. Somos duas pessoas degenio... brando e podemos perfeitamente viver harmoniozamente. Não precisaos de separações. Amamo-nos e basta.

Devo seguir para Santos Amanhã, onde permanecerei até á proxima quarta feira. Estava quasi esperando até sexta para vel-a, mas o Bueno telephonou rouco de raiva e me perguntando pelas razões da minha demora. Por isso é que sigo amanhã. De lá escreverei para você com mais vagar e esplanarei os planos que engendrei nestes ultimos dias.

Parece-me que o "nosso negocio" se dará muito antes do que eu esperava. Tenho razões de ordem serias para chegar a esta conclusão. E ademais, não fora a ciscuntancia de que se reveste esse "avanço" nem elle se verificasse "eu preciso de você" o mais depressa possível e não sinto animo para esperar muito tempo, embora, eu sei, apesar das suas "blagues" de "aproximar" você não quer que isto se realize enquanto não tivermos a base. Essa base, se os factos não dictarem o contrario, vira brevemente e nós estaremos a salvo de mais duvidas.

--- --- --- ---

Vou repetir: - estou com profunda saudade de você e não tenho vivido lá muito bem nestes dias de distancia. A minha vida soffre, quando nos separamos por uma ou outra razão, uma seria solução de continuidade. Meu pensamento, na ocasião em que recebi a sua cartinha, estava enroscado, minha filha, na cor dos teus olhos bons como a alma de um pegureiro.

Tenho, também, grande saudade de tudo o que é você, pois que (ia repetir a forma por que eu te amo mas isso não ficaria bem numa carta).

Mando a você um abraço apertadissimo e um beijo terno e morno como a vespera de Natal num solar aquecido da Noruega.

Do seu Gladiador

Oswaldo²²⁷

P.S. - O Baroni deverá entregar a você, na sexta-feira, os clichés que mandei fazer. Já está na officina a matéria para a pagina feminina com um cliché magnifico em cinco columnas. Você só terá que collocar legendas nos clichéés e fazer a correspondencia.²²⁸

D'elle mesmo²²⁹

²²⁷ "Oswaldo" esta escrito a lápis na carta.

²²⁸ Ressaltamos que mantivemos a ortografia da época, assim como os erros de digitação para sermos o mais fiel possível ao documento original.

²²⁹ "D'elle mesmo" esta escrito a lápis na carta.

ANEXO III – Transcrição de roteiro: Programa de Natal de Osvaldo Moles para PRG-2 Rádio Tupi

E a Radio Tupi de São Paulo apresenta neste momento a cronica de Osvaldo Moles para o seu Programa de Natal:-

C R O N I C A

Ouviram a cronica de Osvaldo Moles, e specialmente escripta para o Programa de Natal que a Radio Tupi de São Paulo oferece aos seus ouvintes de todo o Brasil.

Havia uma grande placidez no deserto em que a tarde já se fazia velha velha e ia, tropegando quasi, se esconder por detraz das montanhas de desenho suave que foravam um diorama ameno e repousante para a vista... Baltazar, o mais silencioso dos trez resi magos, com os olhos cansados de tanto ver areia sem fim, estendeu o cabaz de agua a Belchior e murmurou, na sua fala doce de tamara:-

---Tenho a impressão de que elle já nasceu...

Belchior abanou a cabeça, quasi com inquietude e não respondeu.

Quando a noite cahiu de borco sobre o deserto parado, um céu sem nuvens, baixo e luminoso, mostrou sua face cheia de variola das estrellas... mas ainda não tinha aparecido a grande estrellas, aquella que havia de mostrar aos trez Magos o caminho para a mangedoura sublime, onde se deitaria o Rei dos Reis...

De repente, um clarão veio vind do sul, tomou corpo, ganhou forma, uma grande estrella se instalou na abobada cinzento-azulada, com sua cauda de luz, feita toda de ouro...

Baltazar, o mais silencioso dos trez Magos, acordou deslumbrado e os seus olhos ganharam brilho, perderam a atitude cansada ao espiar a grande estrella que caminhava, caminhava para o Norte.

Era o grande aviso do Céu, aos trez reis que largaram seus aposentos de ouro e azul, para levar ouro, incenso e mirrha ao grande Deus pequenino.

Isto foi, precisamente, no dia 25 de Dezembro de anno Primeiro de nossa Éra.

Agora, todos os annos, no mesmo dia, a estrella não aparece mais no firmamento... mas alli brilha algo mais espiritual, mais scintillante, mesmo, brilha o astro sem jaça do Christianismo - a grande salvação de todos os povos, a sublime e humana palavra de Jesus, qe convida á irmandade, á fé, á esperança, á fraternidade universal.

ANEXO IV – Transcrição de texto de Blota Jr. elogiando Adoniran Barbosa na Folha da Noite

Um artista que esperou

O rádio tem esplêndidas lições de força de vontade, de paciência, de longa e inalterável esperança no futuro e no destino, através das vicissitudes, dos obstáculos e das desilusões proporcionadas pelos homens e coisas do mundo. De vez em quando, nos livros de formação moral, nessas histórias atualmente tão clássicas, "De como me tornei milionário", "O aleijado que foi campeão de corridas" e outras tantas, a gente encontra exemplos assim. Nenhum, entretanto, me parece mais sugestivo nestes últimos tempos que um artista de rádio, cujo sucesso, se foi repentina explosão de luz, foi construído apesar de todas as caneladas que levou da vida.

Hoje, ele é "alguém", mas, meu Deus, as caneladas foram abundantes e variadas, conscientes e inconscientes. O amigo ouvinte liga o rádio e pode até ficar uma hora ouvindo uma porção de gente, e ouvindo só ele. Primeiro, pernóstico, sestroso, Zé Conversa, campeão da vida e da mordida, a gíria em forma de preto. E quando o cordão continua, feito seleção de futebol que entra em fila indiana na cancha, vem Pernafina, o chofer das Pizza napolitana, dos conceitos magistras, da voz com lixa de aço nº 4. "Evem" Ervilha Riso, a mulher labareda, Sinésio Trombone, o popularíssimo gostosão da Vila Matilde, o impressionante Professor Percival Redegondolo Sabinchas de Alcoforado, Don Segundo Sombra, a sombra viva de Carlito Gardel, e toda uma coleção de vozes, de trejeitos, de micagens, de mutações doces, melífluas, rascantes, terminando nessa criação do Moleque Barbosinha, ídolo de urna multidão de guris, que diariamente se acotovela talvez apenas para vê-lo nas suas trapalhadas.

Ele é um exemplo de tenacidade, que venho acompanhando desde que entrei no rádio, quando seus conselhos eram os melhores dentro da espontaneidade de que se vestiam. Enquanto todo mundo teimava em me ensinar a falar, a respirar no microfone, a irradiar futebol, a ler textos, ele apenas me ensinava a compreender os homens do rádio, os invejosos, os ferinos, os inconscientes. Ele tinha uma larga escola, e quando às vezes olho para os degraus que já subi, ainda o vejo lá

embaixo, com o chapéu Humphrey Bogart de lado, a larga mão espalmada, sacudindo níqueis, me ensinando a viver num ambiente em que a erudita e decantada “struggle for life” é mais pronunciada que em qualquer outro. Depois, ele subiu todos os degraus com facilidade, porque tinha esperado anos. Hoje ele é Adoniran Barbosa. Cartaz. E os evangelhos diriam: bem-aventurados os que confiam nos homens, porque um dia encontrarão um homem que os descobrirá...²³⁰

²³⁰ Um artista que esperou. Folha da Noite, São Paulo, 15 abril. 1944, p.4. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fdn/1944/04/15/1//246669>>. Acesso em: 25 mai. 2013.

ANEXO V – Transcrição da música “Mormaço” gravada no LP História das Malocas

(DIÁLOGO)

TEREZOCA: Charutinho. Acorda Negô! / Ta na hora de tira os zóio do quador.

CHARUTINHO: Ah véia. Véia ingrata num acorda ieu assim. Eu sonhei qui tava trabaiando numa frabrica.

TEREZOCA: Farbrica do que hein? Di fumaça?

CHARUTINHO: Não. Fábrica de feriado Nacional.

TEREZOCA: Se parece o Mormaço. Aquele tisiu que gostava tanto de drumi que inté morreu pra pode drumi mais muito.

CHARUTINHO: Oh nego sabidão aquele véia! Óia veia. Nu dia em que eu estica. Que eu ponha o broco na rua pra acumpanha eu. Eu quero durmi no hotel de São Benedito. A terceira estrela a direita de quem vai.

(MÚSICA)

Mormaço,
que sente cansaço
na perna e no braço
não tem pra onde ir.

Mormaço que coram dinheiro
sonhando com a gorda
pra poder dormir.

Mormaço,
vai pagoniando
de olhos cansados
sem poder dormir.

Vai mulato
sonolento
vai andando ao relento
sem ter pra onde ir.

Em noite de julho
o cessar do barulho
da vida que tenta pular.

Mormaço,
mulato sem pulso
encontrou repuoso
pra não mais despertar

Mormaço,
achou um regaço
em cama de estrelas
e foi descansar.

Mormaço,
agora ja dorme
seu último sono
não pode acordar.

Mormaço,
vai paguniando
de olhos cansados
sem poder dormir.

Vai mulato
sonolento
vai andando ao relento
sem ter pra onde ir.

Mormaço,
esta la em cima
esta la em cima
no infinito
Deitado no colchão de estrelas
do hotel de São Benedito.

Letra: Osvaldo Moles
Música: Hervé Cordovil
Interprete: Esterzinha de Souza

ANEXO VI – Transcrição nossa de um episódio do programa “Museu do Ipiranga”

(Jingle)

Venha ouvir o museu do Ipiranga,
onde há história,
onde há teatro,
ideologia.
Onde há divertimento e alegria.
ANTROPOLOGIA
FILOSOFIA
EGITOLOGIA
TEOLOGIA
ANATOMIA
Museu do Ipiranga,
onde há história, filosofia,
antropologia, anatomia, arqueologia
Onde há ensinamentos, de ALEGRIA!

NARRADOR:

Atenção amigo ouvinte.
Vamos assinalar a hora certa.
São precisamente 24 horas.
Meia noite.

VOZ 1: É mais um dia que se finda com as suas 24 horas redondas.

VOZ 2: Não! Não é verdade. (???) é que o senhor Hebert (???), de 46 anos, que trabalha no observatório de Greenwich. E que a mais de 10 anos fornece a hora certa a toda Europa. Declara:

VOZ FUNC. GREENWICH: O dia que acreditamos ter 24 horas é 2 milésimos de segundo mais longo em maio e novembro.

VOZ 1: Bem, para o homem comum, este fenômeno não tem importância nenhuma. Mas para aqueles que devem fazer cálculos como este...

FUNC. GREENWICH: TA TUDO ERRADO! Se a velocidade da luz é de 300 mil quilômetros por segundo. Estão me faltando 20 mil quilômetros.

VOZ 1: E o homem que perdeu 20 mil quilômetros, como se perde na loteria acabara dizendo.

VOZ FUNC. GREENWICH: Precisamos convocar uma reunião internacional de peritos para determinar como é que se devem regular os relógios do mundo, a fim, de evitar esse inconveniente.

NARRADORA: Essa questão de hora. Sempre preocupou muito o homem. Sabe-se por exemplo que Edson quando telefonava para sua esposa costumava dizer:

VOZ EDSON: Meu bem, espere 20 minutos. Que daqui a duas horas estarei aí viu?

NARRADOR: E contam que certa vez, em tempo de guerra, a pontualidade britânica foi posta a prova. É que todas as tardes.

(BARULHO DE CANHÃO DISPARANDO)

NARRADOR: Um canhão disparava, marcando 6 horas da tarde. A hora de recolher. E o General que inspecionava:

VOZ GENERAL: Diga-me uma coisa artilheiro... Dispara todas as tardes exatamente na mesma hora?

VOZ SOLDADO: É sim senhor, pelo meu relógio que acerto todos os dias, com o relógio do relojoeiro da esquina.

NARRADOR: Alguns dias depois, o mesmo general entrou na relojoaria e começou a conversar com o seu proprietário.

VOZ GENERAL: Bonito relógio, esse na vitrine.

VOZ RELOJOEIRO: E além disso MUITO BOM! Há anos que não atrasa, nem adiante 1 minuto. É que eu acerto este relógio, pelo tiro de canhão da fortaleza as 6 horas em ponto!

(risos)

(música)

NARRADOR 1: E o Cicerone do Museu do Ipiranga anuncia agora.

NARRADOR 2: UM POUCO DA CRONICA PITORESCA DA CIDADE DE SÃO PAULO!

(Barulho de pessoas na rua)

VOZ DE AMBULANTE: Água, água, água.

(música)

NARRADOR: Hoje em dia, quando a senhora abre a torneira de sua casa e...

VOZ DONA DE CASA: Mas o que é isso? Nem um pingo d'água na torneira outra vez. Mas já é o terceiro dia!

NARRADOR: Mais a senhora sabe, sabe que o povo de São Paulo certo dia se recusou a ter água encanada em casa? Ouça o que diz a voz da história:

NARRADORA: Naquele tempo, quando São Paulo estava amanhecendo para o progresso. Toda água era fornecida gratuitamente pelos chafarizes da cidade. Ali na rua Quirino de Andrade, ainda há um chafariz daqueles tempos, devidamente reconstituído. Surgiu então, a Companhia da Cantareira que se obrigava a fornecer água a todos os moradores da capital, em suas próprias casas e com encanamento. O povo dizia:

VOZ SR. VELHO: Isto são artes do Demo!

VOZ DONA DE CASA 2: Imagine, dentro de casa uma coisa que se abre da qual sai água!

VOZ SR. VELHO: Não... O pior é que temo que pagar até a água que bebemu.

NARRADORA: Não! Ninguém queria água. Apesar dos anúncios, dos (???)

da amostra grátis que a Companhia da Cantareira forneceu a alguns. Ninguém arredava o pé da resolução. Até que a prefeitura mandou.

VOZ PREFEITO: Destruam todos os chafarizes da cidade!

(barulho construção)

NARRADORA: O povo... Protestou! E um dia, os operários iam para destruir um chafariz no Largo do Rosário, hoje Praça Antonio Prado. Quando...

VOZ HOMEM INDIGNADO: POVO DE SÃO PAULO. É UMA VERGONHA! QUEM QUER QUE ELES DESTRUAM TAMBÉM ESSE CHAFARIZ? PARA NOS IMPOREM A ÁGUA ENCANADA!

(Barulho protestos)

NARRADORA: E quando o povo tentava linchar os operários. Chegaram os guardas municipais para garantir a destruição do chafariz.

VOZ HOMEM INDIGNADO: A ELES! AOS GUARDAS!!!

(Barulho de pessoas enfurecidas)

NARRADORA: Houve um verdadeiro conflito. E por muitos anos. A Companhia Cantareira não conseguiu dominar a situação. O seu povo... Era teimoso! Não queria a água do município.

NARRADOR: Vejam só como os tempos mudam. E dizer-se que a Companhia da Cantareira cobrava naquela época pelo fornecimento de água. A taxa trimestral de 500 réis.

(Música)²³¹

²³¹ Transcrição nossa de um episódio do programa “Museu do Ipiranga”, através do áudio do programa que nos foi gentilmente cedido pelo professor de história Romney Lima.

APÊNDICE

APÊNDICE I – Listagem de Prêmios Recebidos por Osvaldo Moles

Apresentamos abaixo a listagem de prêmios com seus respectivos anos, que integram o espólio de Osvaldo Moles preservado por Beatriz Savonitti. Acrescentamos que além destes, encontramos em periódicos, sites e livros a menção aos seguintes prêmios: "Medalha de Ouro" da Revista do Rádio, "Cidade de Salvador", "Índio", "Medalha do Mérito Jornalístico", "Prêmio Castro Alves", "Cidade do Rio de Janeiro" e provavelmente outros prêmios que ainda não foram catalogados.

1950

Roquette Pinto - Programador
Roquette Pinto - Redator Humorístico

1952

Prêmio "Saci" de Cinema - Melhor Argumento
Roquette Pinto - Programador Popular

1953

Prêmio Governador do Estado - por Roteiro de "Simão, o caolho"

1955

Roquette Pinto - Programador Geral
Os melhores paulistas de 55 - Manchete RJ, Categoria Rádio.

1956

Roquette Pinto - Programador Geral

1957

Prog. Alegria dos Bairros de J. Rosemberg - 04/08/1957 - Produtor Rádio Record.
PRF3-tv Os Melhores da Semana - 20/05/57 - homenagem dos revendedores Walita

1958

"Tupiniquim" - Produtor
Dr. Paulo Machado de Carvalho - Associação Paulista de Propaganda - Melhor programa.

1959

Revista RM Prêmio Octávio Gabus Mendes – Produtor (Rádio)
Grau de Comendador da Honorífica Ordem Acadêmica de São Francisco
"Tupiniquim" - Prod. Rádio
Roquette Pinto - Prog. Hum. Rádio
Diploma de Burro Faculdade São Francisco

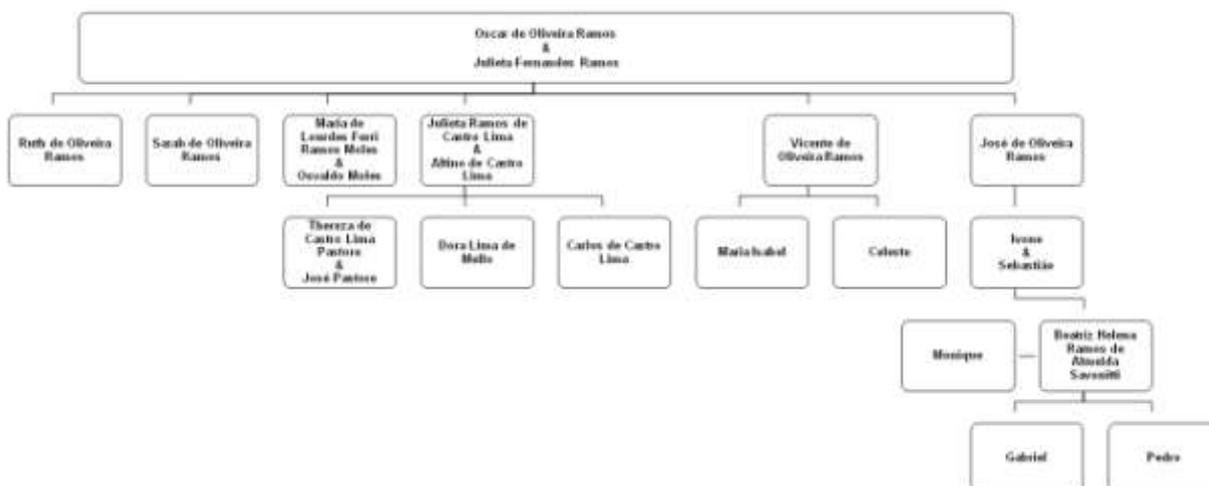
1960

Roquette Pinto - Especial

1964

Jubileu de Prata (Associação dos profissionais de imprensa de São Paulo em seu 25º aniversário)

APÊNDICE II – Árvore Genealógica parcial da família Oliveira Ramos



Oscar de Oliveira Ramos e Julieta Fernandes Ramos:

O patriarca Oscar de Oliveira Ramos e sua esposa Julieta Fernandes Ramos moraram muitos anos na rua Cardoso de Almeida, 872, no bairro das Perdizes na cidade de São Paulo. Os dois nasceram na cidade de Franca, interior do estado de São Paulo. Moravam na praça central ao lado da igreja matriz, onde hoje existe a paróquia dos padres. A casa continua lá! Julieta sempre foi dona do lar. Oscar cursou a escola de *Pharmacia*²³² e prestou os exames para a "arte dentaria" em julho de 1901. Dentista por profissão, Oscar também foi amante da medicina e da fotografia, registrando suas imagens no antigo processo das chapas de vidro. Para capital paulista vieram ainda na década de 30, quando as "três irmãs" Ruth, Sarah e Maria de Lourdes (Anita) resolvem trabalhar. Julieta, Vicente e José, completam os seis filhos que o casal teve. Antes da casa na Cardoso de Almeida, a família morou por pouco tempo em uma casa no bairro do Cambuci.

Ruth de Oliveira Ramos:

²³² Escola de Pharmacia. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 05 jul. 1901, p.3. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19010705-8257-nac-0003-999-3-not/busca/Oliveira+Oscar+Ramos>>. Acesso em: 23 set. 2012.

Ruth Oliveira Ramos tem em sua profissão uma ligação direta com o bairro das Perdizes. Paisagista do parque da Água Branca²³³ contribuiu para a beleza dos 137 mil metros quadrados que a área abrange. Quase 80 mil só de área verde e 27 mil de construções que são um espetáculo a parte nos projetos de Mário Whately em estilo normando. Os vitrais do portal de entrada - em art déco - desenhados por Antonio Gomide são outro detalhe para apreciar. O parque não é uma reserva de mata nativa, sua vegetação foi planejada e atualmente é composta por aproximadamente três mil espécies arbóreas, utilizadas para fins paisagísticos e de alimentação dos 800 animais, entre aves, anfíbios e mamíferos que vivem por lá.

Sarah de Oliveira Ramos:

A outra filha do casal era Sarah Oliveira Ramos. Ela foi sanitarista e ocupou o cargo de secretária na superintendência do Hospital dos Servidores Públicos Municipais, localizado próximo a rua Vergueiro.

Maria de Lourdes Oliveira Ramos (Anita Ramos):

Anita Ramos foi jornalista, exercendo um trabalho pioneiro no “Correio Paulistano”, com a seção “Cinematographia” e a “Página Feminina”, primeira página dedicada a mulher em um jornal de grande circulação de São Paulo. No ano de 1982 é eleita pela Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA) para receber o prêmio de crítica de cinema, um reconhecimento pelo seu trabalho realizado na década de 1930.

Julieta Lima (Tia Nenê) e Altino de Castro Lima:

Julieta Lima, que tinha o mesmo primeiro nome da mãe, recebeu o apelido de Nenê e casou com Altino de Castro Lima, gerente geral da Companhia City, sendo um dos engenheiros responsáveis pelos bairros do Alto da Lapa e Alto de Pinheiros. Altino e Julieta foram os pais de Thereza de Castro Lima Pastore, Carlos de Castro Lima e Dora Lima de Mello. Segundo relatos da família (PASTORE et al.,

²³³ O nome oficial do local é Parque Dr. Fernando Costa.

2012), Altino e Moles tornaram-se bons amigos e até chegaram a trabalhar juntos em algumas ocasiões.

José de Oliveira Ramos:

José de Oliveira Ramos foi médico militar. Enviado à Segunda Guerra Mundial, ao retornar escreve “A Epopeia dos Apeninos”, livro que conta em detalhes a participação da FEB²³⁴ nesta guerra. Após se aposentar muda-se para a cidade de Jacareí, mas ainda manteve um apartamento em São Vicente. Ele e Osvaldo Moles foram fundadores do “Anhembi Tennis Clube” na cidade de São Paulo.

Vicente de Oliveira Ramos:

Em 1951, o general José de Oliveira Ramos e o seu irmão Vicente de Oliveira Ramos - médico pediatra -, participam da diretoria do Instituto Paulista de Pesquisa sobre o Câncer (I.P.C.C.)²³⁵, o primeiro como secretário, o segundo ocupa o cargo de tesoureiro. Presidida pelo Dr. Juvenal Ricardo Meyer, o IPCC iniciou suas pesquisas no laboratório particular do engenheiro "eletro-técnico" Jorge Erdeiyi, localizado na rua Rouxinol, 205. O local abrigava um biotério com capacidade para mais de 600 ratos (cobaias), usados para pesquisa sobre cânceres artificiais.

A iniciativa reuniu um grupo de médicos, engenheiros e bioquímicos que formaram uma iniciativa da sociedade civil, sem fins lucrativos, para realização das pesquisas e tinham a cooperação de industriais, comerciantes e banqueiros, interessados em contribuir para as investigações científicas sobre o câncer. Em junho de 1953 o IPCC conquista junto ao poder público, através do projeto de lei - PL 146 05/06/1953, processo nº 2782/1953 - proposto por Horacio Berlinck Cardoso, uma nova sede, situada na esquina da avenida Indianópolis com a rua França Pinto, no bairro da Vila Mariana. O imóvel foi cedido em comodato e o Instituto pôde usufruir do local, sem a preocupação do custo do aluguel, pelos próximos 30 anos. Todos os filhos de Oscar e Julieta, com exceção do Vicente - que morava em Perus - viveram algum período na casa da rua Cardoso de Almeida.

²³⁴ *Força Expedicionária Brasileira*

²³⁵ Instituto paulista de pesquisas sobre o cancer. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 30 dez. 1951, p.9. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19511230-23507-nac-0009-999-9-not/busca/Vicente+Oliveira+Ramos>>. Acesso em: 25 set. 2012.

Thereza Pastore e José Pastore:

Thereza que casou-se com José Pastore, é filha de Julieta Lima (Nenê) e Altino de Castro Lima. Teve como padrinhos de casamento Osvaldo Moles e Anita Ramos, sendo uma de nossas entrevistadas durante nossas pesquisas.

Maria Isabel e Celeste:

Filhas de Vicente de Oliveira Ramos. Entrevistamos Maria Isabel durante nossas pesquisas.

Ivone, e Beatriz Savonitti, Gabriel e Pedro:

Ivone é filha de José de Oliveira Ramos e Beatriz é sua filha, portanto, neta de José. Beatriz é quem guarda até hoje o espólio de Osvaldo Moles. Gabriel e Pedro são seus filhos.

Monique:

Monique foi sogra de Beatriz Savonitti, e foi em seu apartamento, na Alameda Joaquim Eugenio de Lima que tivemos acesso ao espólio de Osvaldo Moles.

APÊNDICE III – Catalogação dos programas radiofônicos com roteiros criados por Osvaldo Moles

Neste apêndice apresentamos uma listagem dos programas radiofônicos criados por Osvaldo Moles em suas passagens pela “PRG-2 Rádio Tupi”, onde encontramos dois programas, na “PRB-9 Rádio Record de São Paulo” com 43 programas, sendo 16 destes com a participação de Adoniran Barbosa e na “PRH-9 Rádio Bandeirantes”, em que catalogamos mais 24 criações do radialista. As bases de dados consultadas foram os livros “Osvaldo Moles – O intelectual que falou com o povo” (MICHELETTI, 2012b) e “Adoniran: uma biografia” (CAMPOS JR., 2009); além do acervo da “Revista do Rádio” disponível na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Sabemos que esta listagem não está completa, tendo em vista que muitos programas eram criados e irradiados no mesmo dia, dentro da grade de programação, sem que estes fossem registrados nos periódicos da época. Contudo, esta tabela apresenta um panorama geral da produção de Osvaldo Moles no rádio paulista.

TABELA DE PROGRAMAS

Rádio	Nome do programa	Ano de Veiculação	Participação de Adoniran	Personagens	Fonte	Observação
PRG-2 Tupi	Cinquentenário R. Monteiro	1939	não		MICHELETTI, 2012, P.103	Foi ao ar entre 04 e 11 de junho de 1939 às 21:30h; Elenco: Bastos Barretto; Brazil Falcão; Milciades Porchat; Origenes Lessa; Monteiro Lobato; Josephine Baker; Orquestra Francisco Canaro; Pedro Vargas; Orquestra Rimac
PRG-2 Tupi	Programa de Natal				Acervo pessoal de Beatriz Savonitti	Roteiro transcrito do ANEXO III
PRG-2 Tupi	Cocktail Musical	1938	não		MICHELETTI, 2012, P.94	la ao ar após as 17h
PRB-9 Record	A ópera pela tripa	1941			CAMPOS JR., 2009, p. 118	Elenco: Geraldo Mendonça
PRB-9 Record	A semana em revista	1941	sim		CAMPOS JR., 2009, p. 118	Elenco: Mariamélia e Adoniran Barbosa
PRB-9 Record	Casa da Sogra	1941	sim	Zé Conversa; Don Segundo Sombra; Giuseppe Pernaфина; Catarina	CAMPOS JR., 2009, p. 118	la ao ar aproximadamente 12h. Elenco: Mariamélia e Adoniran Barbosa
PRB-9 Record	É São Paulo	1941			CAMPOS JR., 2009, p. 118	
PRB-9 Record	Boquejo	1941	sim	Zé Conversa; Catarina	CAMPOS JR., 2009, p. 139	Elenco: Mariamélia e Adoniran Barbosa
PRB-9 Record	Barbosadas do Barbosa	1946	sim	Zé Conversa; Barbosinha; Moisés Rabinovich; Richard Morris; Gijo Manhagato	CAMPOS JR., 2009, p. 177	la ao ar quinta às 20h. Música: Dircinha Costa e o Regional do Armandinho. Elenco: Mariamélia; José Rubens; Ivo de Freitas; Adoniran Barbosa

PRB-9 Record	Maltema no Lar				CAMPOS JR., 2009, p. 180	
PRB-9 Record	Retrato de minha terra	1946/47	sim	Barbosinha;	CAMPOS JR., 2009, p. 180	Música: Gabriel Migliori. Elenco: Randal Juliano; Janete Ribeiro; Adoniran Barbosa
PRB-9 Record	O crime não compensa	1948	sim		CAMPOS JR., 2009, p. 191	Elenco: Azevedo Neto; Randal Juliano; Diva Lobo; Gastão do Rego Monteiro; Manuel Durães; Borges de Barros; Osvaldo de Barros; Mário Sena; Alfredo Gramani; Paulo Pereira; Maria Consuelo; Pádua Muniz; Mendes Neto; José Rubens; Mariamélia; Osmano Cardoso; Chico Paca; Ruy Lemos; Daniel Magalhães; César Medeiros; Leonor de Abreu; Moncha Rios; Santiago Neto; Nair Belo; Adoniran Barbosa
PRB-9 Record	Seleções do Riso	1948	sim		CAMPOS JR., 2009, p. 195	la ao ar terça. Música: Hervé Cordovil e Neide Fraga
PRB-9 Record	Show Variedades	1948	sim	Pernafina	CAMPOS JR., 2009, p. 196	la ao ar Terça. Música: Gabriel Migliori; Orquestra Cigana Aymoré; Haydée Brasil com a Grande Orquestra Record. Elenco: Chico Paca; Osvaldo de Barros; Adoniran Barbosa
PRB-9 Record	Banho de Alegria	1949	sim		CAMPOS JR., 2009, p. 198	la ao ar sábado. Música:Hervé Cordovil. Elenco:Isaura Garcia; Adoniran Barbosa; Zé Rubens; Mario Sena;

						Mariamélia; Genésio Arruda;
PRB-9 Record	Curiosidades Minerva	1949			CAMPOS JR., 2009, p. 200	1a ao ar terça. Música: Gabriel Migliori. Elenco: Randal Juliano
PRB-9 Record	Nossa Cidade	1949	sim		CAMPOS JR., 2009, p. 201	1a ao ar segunda às 20:30h. Música Hervé Cordovil. Elenco: Adoniran Barbosa; Mario Sena; Celina? Raul Duarte(narrador)
PRB-9 Record	Universidade Record	1949	sim	Richard Morris e Richard Morris (prof. de inglês); Maximilien Robespierre (prof. de francês); Chanfé da praça; pizzaiolo do Braiz; Nego Tabuleta da Barra Funda;	CAMPOS JR., 2009, p. 206	1a ao ar segunda às 21h. Música Hervé Cordovil. Elenco: Blora Jr; Mário Sena; Jose Rubens; Ivo de Freitas; Armando Peixoto; Iara de Aguiar; Vicente Leporace; Raul Duarte; Mariamélia; Carmem Silva
PRB-9 Record	Os milagres da fé				CAMPOS JR., 2009, p. 223	

PRB-9 Record	História das Malocas (Bangalôs e Malocas)	1956/67 ²³⁶	sim	Ozébio; Pé de Chinelo; Charutinho; Pafunça; Dona Terezoca; Panela de pressão; Mata-Borrão; seu Dija; Marmelada; Trabucão; Maria foguetão;	CAMPOS JR., 2009, p. 224	la ao ar sexta às 21h com reprise domingo às 12h. Música: Hervé Cordovil e Esterzinha de Souza Elenco: Adoniran Barbosa; Mariamélia; Maria Tereza; Paulo Augusto; Osvaldo de Barros; Pirilo Magalhães; Léa Camargo; Djalma Amaral; Jorge de Magalhães(narrador); Virgínia de Moraes(narradora);
PRB-9 Record	Dicionário da Gíria	~ final dos anos 50	sim		CAMPOS JR., 2009, p. 225	la ao ar terça às 20h. Elenco: Mariamélia; Maria Tereza; Mariângela; Alfredo Gramani; Paulo Augusto; Perilo Guimarães; Adoniran Barbosa
PRB-9 Record	Farmácia do Xandico		sim		CAMPOS JR., 2009, p. 226	la ao ar quarta às 20h. Elenco: Pagano Sobrinho (estrelado por); Adoniran Barbosa; Maria Amélia; Alzira de Oliveira; Maria Angela;

²³⁶ Algumas fontes dizem que o programa só acabou com a morte de Osvaldo Moles no ano de 1967, enquanto outras dizem que acabou um pouco antes, talvez um ou dois anos do falecimento do radialista. Celso Campos Jr. escreve que o programa permaneceu no ar até Osvaldo Moles falecer.

PRB-9 Record	Vale quanto pesa				CAMPOS JR., 2009, p. 227	
PRB-9 Record	Aqui Gerarda	1959			Revista do Rádio ⁱ	
PRB-9 Record	História da Imigração	1950			Revista do Rádio ⁱⁱ	
PRB-9 Record	PR Gessy - a "Estação Mais Sorridente do Brasil	1946	sim	Osvaldo Luiz das Gardêneas Lilases; Totó Mindinho de Azevedo Aranha Fonseca Pires Ramalho; Antônio Augusto Alcântara Alves de Assunção Almério; William Shakespeare; Richard Morris; Giuseppe Pernaфина ;Amélia Zoraide Braz Martins dos Guimarães Penteadado da Silva Lima e Pentecostes ;Cleópatra; Cabral; Noé (chauffer)	MICHELETTI, 2012, P.136	Música: Hervé Cordovil; Vagalumes do Luar; Trio Brasil Moreno; Neide Fraga; Demônios da Garoa; Elenco:Raul Duarte; Blota Jr.; Sônia Ribeiro; Vicente Leporace; Osvaldo de Barros; Mário Sena; José Rubens; Mariamélia; Caco Velho; Chico Paca; Ivo de Freitas; Randal Juliano Adoniran Barbosa
PRB-9 Record	Sétimo Dia	1950			Revista do Rádio ⁱⁱⁱ	la ao ar domingo às 22h

PRB-9 Record	Do mundo nada sem eva	1955			Revista do Rádio ^{iv}	
PRB-9 Record	Histórias que eu achei na rua	1956			Revista do Rádio ^v	
PRB-9 Record	Viagem por São Paulo	1956			Revista do Rádio ^{vi}	la ao ar quinta às 21h. Música: Hervé Cordovil
PRB-9 Record	Record dá a nota	1956			Revista do Rádio ^{vii}	Elenco: Geraldo Blota
PRB-9 Record	O sal da Semana	1956			Revista do Rádio ^{viii}	la ao ar quinta às 21h.
PRB-9 Record	Lotação para o sonho	1956			Revista do Rádio ^{ix}	la ao ar sexta às 21h
PRB-9 Record	Isto não é Biscoito	1956			Revista do Rádio ^x	la ao ar diariamente. Elenco: Jorge Magalhães
PRB-9 Record	O Crime da Semana	1957			Revista do Rádio ^{xi}	la ao ar sexta às 21h
PRB-9 Record	Campeonato de Anedotas	1958			Revista do Rádio ^{xii}	
PRB-9 Record	Térreo, Térreo	1958			Revista do Rádio ^{xiii}	la ao ar sexta às 20:30h
PRB-9 Record	Brasiliana	1950			Revista do Rádio ^{xiv}	
PRB-9 Record	O negócio é o seguinte	1959			Revista do Rádio ^{xv}	

PRB-9 Record	Conversa sem Compromisso	1950			Revista do Rádio ^{xvi}	
PRB-9 Record	Pobre é como capim	1961			Revista do Rádio ^{xvii}	1a ao ar quinta às 21h
PRB-9 Record	Segure o apito	1963			Revista do Rádio ^{xviii}	1a ao ar terça às 21h
PRB-9 Record	A crítica da Semana	1964			Revista do Rádio ^{xix}	1a ao ar domingo às 19:30h. Antônio Alexandre como Narrador.
PRB-9 Record	A grande melodia	1952			Revista do Rádio ^{xx}	Música: Gabriel Migliori
PRB-9 Record	Processos da História	1952			Revista do Rádio ^{xxi}	
PRB-9 Record	Dose das Doze	final dos anos 50	sim			1a ao ar de segunda à sexta às 12h. Elenco: Geraldo Blota; Paulo Augusto; Adoniran Barbosa
PRH9 - Rádio Bandeirantes	Ritornelo da Rua Paula Souza	1951	não		CAMPOS JR., 2009, p. 220 / MICHELETTI, 2012, p.201	Elenco: Darcio; Maristela; Amaro Cesar; Fernando; Gessy Fonseca; Aramis Dalla Torres;
PRH9 - Rádio Bandeirantes	Museu do Ipiranga	1952/53	não		CAMPOS JR., 2009, p. 221	1a ao ar quinta às 20:30. Música: Maestro Benjamin Silva Araújo. Elenco: Gessy Fonseca; Aramis dalla Torre; Lucília Freire; Amaro Cesar; Dulcemar Vieira;
PRH9 - Rádio Bandeirantes	História da Literatura Brasileira	1952	não		CAMPOS JR., 2009, p. 222	Música: Renato de Oliveira
PRH9 - Rádio Bandeirantes	Museu de Arte	1951	não		Revista do Rádio ^{xxii}	Música:Evaldo Rui

PRH9 - Rádio Bandeirantes	Marco Zero	1953/54	não		Revista do Rádio ^{xxiii}	la ao ar quarta às 21h. Elenco: Dircinha Costa
PRH9 - Rádio Bandeirantes	Lotação para a música	1954	não		Revista do Rádio ^{xxiv}	
PRH9 - Rádio Bandeirantes	Terra dos Bandeirantes	1951	não		MICHELETTI, 2012, P.178	
PRH9 - Rádio Bandeirantes	Largo do Paissandu	1951	não		MICHELETTI, 2012, P.181	la ao ar segunda às 20h
PRH9 - Rádio Bandeirantes	Carrousell	1951	não		MICHELETTI, 2012, P.181	la ao ar sexta às 20:30h
PRH9 - Rádio Bandeirantes	Expressinho	1951	não		MICHELETTI, 2012, P.181	
PRH9 - Rádio Bandeirantes	Secção de Crítica	1952/56	não		Revista do Rádio ^{xxv}	
PRH9 - Rádio Bandeirantes	O estalo de São Paulo	1955	não		Revista do Rádio ^{xxvi}	
PRH9 - Rádio Bandeirantes	Em cima da Hora	1951	não		Revista do Rádio ^{xxvii}	
PRH9 - Rádio Bandeirantes	Que boa história	1951	não		Revista do Rádio ^{xxviii}	
PRH9 - Rádio Bandeirantes	Os Sertões	1951	não		Revista do Rádio ^{xxix}	la ao ar quarta às 20:30h
PRH9 - Rádio Bandeirantes	A resenha do ridículo	1952	não		Revista do Rádio ^{xxx}	
PRH9 - Rádio Bandeirantes	História da Cadeia Pública de São Paulo	1952	não		Revista do Rádio ^{xxxi}	
PRH9 - Rádio Bandeirantes	Beco da Felicidade	1952	não		Revista do Rádio ^{xxxii}	Música: Silvio Mazzuca; Mary Duarte; Dircinha Costa; Olga Silvia; Titulares do Rítmo; Mário Martins; Elenco: Amaro Cesar; Aramis Dala Torre; Zezinho Cotulo;

						Rute Schela; Henrique Lobo;
PRH9 - Rádio Bandeirantes	A vida através do Para-Brisa	1952	não		Revista do Rádio ^{xxxiii}	Elenco: Iaiá Vasconcelos
PRH9 - Rádio Bandeirantes	A Farmácia da Minha Rua	1952	não		Revista do Rádio ^{xxxiv}	
PRH9 - Rádio Bandeirantes	História de Cangaceiros (Os cangaceiros)	1952	não		Revista do Rádio ^{xxxv}	
PRH9 - Rádio Bandeirantes	Alameda do Sorriso	1952	não		Revista do Rádio ^{xxxvi}	la ao ar terça às 21:30h
PRH9 - Rádio Bandeirantes	Nossa luta por uma escola de samba	1953	não		Revista do Rádio ^{xxxvii}	
PRH9 - Rádio Bandeirantes	O expresso da Alegria	1953	não		Revista do Rádio ^{xxxviii}	

-
- ⁱ Revista do Rádio, São Paulo, edição 531, 1959. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=30207> . Acesso em: 23 jul 2013
- ⁱⁱ Revista do Rádio, São Paulo, edição 27, 1950. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=1179> . Acesso em: 18 mar 2013
- ⁱⁱⁱ Revista do Rádio, São Paulo, edição 35, 1950. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=1580> . Acesso em: 18 mar 2013
- ^{iv} Revista do Rádio, São Paulo, edição 329, 1955. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=17284> . Acesso em: 23 jul 2013
- ^v Revista do Rádio, São Paulo, edição 332, 1956. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=17388> . Acesso em: 26 jul 2013
- ^{vi} Revista do Rádio, São Paulo, edição 333, 1956. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=17440> . Acesso em: 18 mar 2013
- ^{vii} Revista do Rádio, São Paulo, edição 343, 1956. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&PagFis=17958> . Acesso em: 23 jul 2013
- ^{viii} Revista do Rádio, São Paulo, edição 352, 1955. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=18426> . Acesso em: 26 jul 2013
- ^{ix} Revista do Rádio, São Paulo, edição 355, 1956. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=18584> . Acesso em: 26 jul 2013
- ^x Revista do Rádio, São Paulo, edição 378, 1956. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=19812> . Acesso em: 5 set 2013
- ^{xi} Revista do Rádio, São Paulo, edição 386, 1957. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=20316> . Acesso em: 23 jul 2013
- ^{xii} Revista do Rádio, São Paulo, edição 459, 1958. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=25303> . Acesso em: 26 jul 2013
- ^{xiii} Revista do Rádio, São Paulo, edição 465, 1958. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=25703> . Acesso em: 18 mar 2013
- ^{xiv} Revista do Rádio, São Paulo, edição 61, 1950. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=2932> . Acesso em: 18 mar 2013
- ^{xv} Revista do Rádio, São Paulo, edição 527, 1959. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=29936> . Acesso em: 23 jul 2013
- ^{xvi} Revista do Rádio, São Paulo, edição 64, 1950. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&PagFis=3086> . Acesso em:

23 jul 2013

^{xvii} Revista do Rádio, São Paulo, edição 638, 1961. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=36551> . Acesso em: 23 jul 2013

^{xviii} Revista do Rádio, São Paulo, edição 710, 1963. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=40367> . Acesso em: 26 jul 2013

^{xix} Revista do Rádio, São Paulo, edição 764, 1964. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=43060> . Acesso em: 23 jul 2013

^{xx} Revista do Rádio, São Paulo, edição 135, 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&PagFis=6780> . Acesso em: 26 jul 2013

^{xxi} Revista do Rádio, São Paulo, edição 135, 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=17284> . Acesso em: 23 jul 2013

^{xxii} Revista do Rádio, São Paulo, edição 81, 1951. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=3970> . Acesso em: 18 mar 2013

^{xxiii} Revista do Rádio, São Paulo, edição 222, 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&PagFis=11316> . Acesso em: 23 jul 2013

^{xxiv} Revista do Rádio, São Paulo, edição 254, 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&PagFis=13012> . Acesso em: 26 jul 2013

^{xxv} Revista do Rádio, São Paulo, edição 268, 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=13825> . Acesso em: 26 jul 2013

^{xxvi} Revista do Rádio, São Paulo, edição 300, 1955. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=15781> . Acesso em: 5 set 2013

^{xxvii} Revista do Rádio, São Paulo, edição 85, 1951. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&PagFis=4178> . Acesso em: 23 jul 2013

^{xxviii} Revista do Rádio, São Paulo, edição 85, 1951. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&PagFis=4178> . Acesso em: 18 mar 2013

^{xxix} Revista do Rádio, São Paulo, edição 85, 1951. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&PagFis=4178> . Acesso em: 18 mar 2013

^{xxx} Revista do Rádio, São Paulo, edição 133, 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&PagFis=6676> . Acesso em: 18 mar 2013

^{xxxi} Revista do Rádio, São Paulo, edição 133, 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&PagFis=6676> . Acesso em: 18 mar 2013

^{xxxii} Revista do Rádio, São Paulo, edição 135, 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=17284><http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&PagFis=6780>

^{xxxiii} Revista do Rádio, São Paulo, edição 141, 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&PagFis=7093> . Acesso

em: 23 jul 2013

^{xxxiv} Revista do Rádio, São Paulo, edição 153, 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=7716> . Acesso

em: 23 jul 2013

^{xxxv} Revista do Rádio, São Paulo, edições 19, 122 e 132, 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&PagFis=829> .

Acesso em: 23 jul 2013

^{xxxvi} Revista do Rádio, São Paulo, edição 166, 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&PagFis=8394> . Acesso

em: 5 set 2013

^{xxxvii} Revista do Rádio, São Paulo, edição 191, 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=9734> . Acesso

em: 5 set 2013

^{xxxviii} Revista do Rádio, São Paulo, edição 195, 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144428&PagFis=9934> . Acesso

em: 5 set 2013